

SOLANGE MENDES OLIVEIRA

**ASPECTOS DA DERIVAÇÃO PREFIXAL E
SUFIXAL NO PORTUGUÊS DO BRASIL**

Tese de Doutorado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Cristina Figueiredo Silva

Florianópolis
Outubro de 2009

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

O48a Oliveira, Solange Mendes
Aspectos da derivação prefixal e sufixal no português
do Brasil [tese] / Solange Mendes Oliveira ;
orientadora, Maria Cristina Figueiredo Silva. -
Florianópolis, SC, 2009.
252 f.: il.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de
Pós-Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Derivação prefixal. 3. Derivação
sufixal. 4. Representação estrutural. 5. Morfologia
distribuída. I. Silva, Maria Cristina Figueiredo. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Linguística. III. Título.

CDU 801

TERMO DE APROVAÇÃO

ASPECTOS DA DERIVAÇÃO PREFIXAL E SUFIXAL NO PORTUGUÊS DO BRASIL

SOLANGE MENDES OLIVEIRA

Tese de Doutorado submetida ao Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de **Doutora em Linguística**. Aprovada pela seguinte banca examinadora:

Orientadora: _____
Prof^a Dr^a Maria Cristina Figueiredo Silva – UFSC

Prof. Dr. Carlos Miotto – UFSC

Prof^a Dr^a Roberta Pires de Oliveira – UFSC

Prof. Dr. Maximiliano Guimarães Miranda – UFPR

Prof. Dr. Alessandro Boechat de Medeiros - USP

Prof^a Dr^a Rosângela Hammes Rodrigues
Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Linguística da UFSC

Florianópolis, 8 de outubro de 2009

A meus pais

À Amanda e Felipe

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, professora Maria Cristina Figueiredo Silva, pela competência, seriedade, gentileza e zelo com que me orientou ao longo do processo de construção desta tese e pela paciência com minhas dificuldades.

Agradeço às professoras Maria José Foltran e Teresa Cristina Wachowicz, da UFPR, que muito gentilmente me cederam seus livros e textos de semântica e aspecto, sem os quais não seria possível tratar das questões semântico-aspectuais abordadas neste trabalho.

Aos professores Miriam Lemle e Carlos Mioto, agradeço as observações e sugestões feitas como membros da banca de qualificação.

SUMÁRIO

RESUMO	13
ABSTRACT	15
INTRODUÇÃO	17

PARTE I – A TEORIA DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

1. INTRODUÇÃO	25
2. POR QUE A MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA	27
3. A TEORIA DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA	29
3.1 A ESTRUTURA DA GRAMÁTICA	29
3.2 A ESTRUTURA MORFOLÓGICA E A FORMA FONOLÓGICA	33
3.2.1 O Estatuto dos Morfemas	34
3.2.2 As Operações Morfológicas	36
3.2.3. Itens de Vocabulário e Inserção Vocabular	39
3.3 REGRAS DE REAJUSTAMENTO FONOLÓGICO	42
3.4 A DERIVAÇÃO MORFOLÓGICA	43
3.4.1 Derivações por Fase	47
3.5 RESUMO	50

PARTE II – ESTRUTURA DE EVENTO

4. ESTRUTURA DE EVENTO	55
4.1 INTRODUÇÃO	55
4.2 TIPOS DE EVENTOS E SUAS REPRESENTAÇÕES SEMÂNTICAS	57
4.3 A REPRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA DE EVENTO NA SINTAXE	66
4.4 DESENHANDO O MODELO	76
4.4.1 Traços Aspectuais dos Afixos	77
4.4.2 A Semântica das Raízes	80
4.4.3 Classificação das Raízes	81
4.4.3.1 Classe I: Raízes que expressam nomeação/designação	82
4.4.3.2 Classe II - Raízes que denotam estados ou propriedades, ou estados psicológicos ou mentais	86
4.4.3.3 Classe III - Raízes que denotam (modos de) atividade	91
4.4.3.4 Classe IV – Raízes que denotam processos	93
4.4.3.5 Classe V - Raízes que denotam eventos de criação, destruição ou de tema incremental	95

4.5 RESUMO	97
------------------	----

PARTE III - A DERIVAÇÃO PREFIXAL E SUFICAL À LUZ DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

5. DERIVAÇÃO PREFIXAL	101
5.1 INTRODUÇÃO	101
5.2 PREFIXO <i>DES-</i>	104
5.2.1 Formações derivadas nominais	105
5.2.1.1 Derivações com nomes que expressam nomeação/designação	105
5.2.2 Formações derivadas adjetivais	108
5.2.2.1 Derivações com adjetivos que denotam estados ou propriedades	108
5.2.3 Formações derivadas verbais	111
5.2.3.1 Derivações com verbos que denotam estados, ou estados psicológicos ou mentais	111
5.2.3.2 Derivações com verbos que denotam (modos de) atividade ..	115
5.2.3.3 Derivações com verbos que denotam processos	119
5.2.3.4 Derivações com verbos que denotam eventos de criação, destruição ou de tema incremental	121
5.2.4 Regras de Reajustamento Fonológico	127
5.2.5 Raízes com semântica não compatível com o traço semântico de <i>des-</i>	128
5.2.6 Resumo	129
5.3 PREFIXO <i>RE-</i>	131
5.3.1 Formações derivadas verbais	131
5.3.1.1 Derivações com verbos que denotam (modos de) atividade ..	132
5.3.1.2 Derivações com verbos que denotam processos	137
5.3.1.3 Derivações com verbos que denotam eventos de criação, destruição ou de tema incremental	142
5.3.2 Regras de Reajustamento Fonológico	146
5.3.3 Raízes com semântica não compatível com o traço semântico de <i>re-</i>	147
5.3.4 Resumo	148
5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
6. DERIVAÇÃO SUFICAL	151
6.1 INTRODUÇÃO	151
6.2 SUFIXOS NOMINALIZADORES	152
6.2.1 SUFIXO <i>-NTE</i>	153
6.2.1.1 Formações derivadas nominais	153
6.2.1.1.1 Derivações com verbos que denotam (modos de) ativida-	

de	154
6.2.1.1.2 Derivações com verbos que denotam processos	156
6.2.1.2 Formações derivadas estritamente adjetivais	160
6.2.1.2.1 Derivações com verbos que denotam estados psicológicos ou mentais	160
6.2.1.2.2 Derivações com verbos que denotam (modos de) ativida- De	163
6.2.1.2.3 Derivações com verbos que denotam processos	166
6.2.1.3 Regras de Reajustamento Fonológico	172
6.2.1.4 Raízes com semântica não compatível com o traço aspectual de <i>-nte</i>	172
6.2.1.5 Resíduos	173
6.2.1.6 Resumo	174
6.2.2 SUFIXO <i>-DOR/-TOR/-SOR</i>	176
6.2.2.1 Formações derivadas nominais	176
6.2.2.1.1 Derivações com verbos que denotam (modos de) ativida- de	176
6.2.2.1.2 Derivações com verbos de criação, destruição ou de tema incremental	179
6.2.2.1.3 Derivações com verbos que denotam processos	181
6.2.2.2 Formações derivadas adjetivais	183
6.2.2.2.1 Derivações com verbos que denotam estados mentais ou psicológicos	183
6.2.2.2.2 Derivações com verbos que denotam processos	185
6.2.2.3 Regras de Reajustamento Fonológico	194
6.2.2.4 Raízes com semântica não compatível com o traço aspectual de <i>-dor</i>	194
6.2.2.5 Resíduos	195
6.2.2.6 Resumo	195
6.2.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	196
6.3 SUFIXOS VERBALIZADORES	198
6.3.1 SUFIXO <i>-EC(ER)/-ESC(ER)</i>	198
6.3.1.1 Formações derivadas verbais	199
6.3.1.1.1 Derivações com nomes que expressam nomeação/ designa- ção	199
6.3.1.1.2 Derivações com adjetivos que denotam estados, proprieda- des ou atributos	207
6.3.1.2 Regras de Reajustamento Fonológico	212
6.3.1.3 Raízes com semântica não compatível com o traço aspectu- al de <i>-ec(er)/-esc(er)</i>	212
6.3.1.4 Resíduos	213

6.3.1.5	Resumo	213
6.3.2	SUFIXO <i>-IZ(AR)</i>	214
6.3.2.1	Formações derivadas verbais	214
6.3.2.1.1	Derivações com nomes que expressam nomeação/designação	214
6.3.2.1.2	Derivações com adjetivos que denotam eventualidades predicativas ou atributivas	221
6.3.2.1.3	Derivações com adjetivos que denotam eventualidades relacionais	227
6.3.2.2	Regras de Reajustamento Fonológico	230
6.3.2.3	Raízes com semântica não compatível com o traço aspectual de <i>-iz(ar)</i>	230
6.3.2.4	Resumo	231
6.3.3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	232
7.	CONCLUSÃO	235
	BIBLIOGRAFIA	239

RESUMO

Esta tese descreve e analisa, sob uma perspectiva sincrônica, alguns processos de formação de palavras por derivação por meio da interação entre a morfologia e a sintaxe, a semântica e a fonologia, com o intuito de estabelecer formalmente alguns dos princípios que pautam a derivação de um modo geral e as eventualidades que as formações derivadas denotam. O estudo aborda as derivações com os afixos *des-*, *re-*, *-nte*, *-dor/-tor/-sor*, *-ec(er)/-esc(er)* e *-iz(ar)*, usando para descrição e análise o arcabouço teórico da Morfologia Distribuída, proposta inicialmente por Halle e Marantz (1993, 1994) e Marantz (1996, 1997). O trabalho divide-se em três partes. A Parte I trata do quadro teórico no qual a tese se baseia e que dará suporte ao estudo da derivação. A Parte II aborda a teoria de representação sintática da estrutura de evento proposta por Marantz (2005a, 2005b; 2006a; 2007a; 2007b) e por Medeiros (2008) e apresenta a relação e definição dos traços aspectuais que marcam os afixos, assim como uma proposta de classificação para as raízes, que leva em conta os traços semânticos que possibilitam a sua adjunção aos afixos mencionados. A Parte III detém-se no estudo das formações derivadas. A descrição e análise das derivações abordam a representação estrutural, a representação sintática da estrutura de evento e as eventualidades que as formações derivadas expressam. As análises das derivações evidenciaram que a adjunção de um afixo a uma raiz só é possível se houver compatibilidade semântico-aspectual entre os traços de raízes e afixos.

Palavras-chave: derivação prefixal; derivação sufixal; representação estrutural; representação da estrutura de evento; Morfologia Distribuída.

ABSTRACT

This thesis describes and analyses, from a synchronic perspective, some processes of word formation from derivation by means of the interaction among the morphology and the syntax, the semantics and the phonology in order to establish formally some of the principles that broadly rule the derivation and the eventualities that the derivative formations denote. The present study approaches the derivations with the affixes *des-*, *re-*, *-nt(e)*, *-dor/-tor/-sor*, *-ecer/-escer* e *-iz(ar)*, using for the description and analysis the theoretical framework of the Distributed Morphology, initially proposed by Halle and Marantz (1993, 1994) and Marantz (1996, 1997). This work consists of three parts. Part I deals with the theory the thesis is based on, which will support the study in derivation. Part II approaches the syntactic representation theory of the event structure proposed by Marantz (2005a, 2005b; 2006a; 2007a; 2007b) and by Medeiros (2008) and presents the relation and definition of the aspectual features that mark the affixes, as well as a proposition of classification for the roots, which takes into account the semantic features that make possible their adjunction to the mentioned affixes. Part III is concerned with the study of the derived formations. The description and analysis of the derivations approach the structural representation, the syntactic representation of the event structure and the eventualities that the derived formations express. The analyses of the derivations have made evident that the adjunction of one affix to a root is only possible if there is a semantic-aspectual compatibility between the features of roots and affixes.

Key words: prefixal derivation; suffixal derivation; structural representation; representation of the event structure; Distributed Morphology.

INTRODUÇÃO

Este estudo descreve e analisa, sob uma perspectiva sincrônica, alguns processos de formação de palavras por derivação prefixal e sufixal por meio da interação entre a morfologia e a sintaxe, a semântica e a fonologia, com o intuito de estabelecer formalmente alguns dos princípios que pautam a derivação de um modo geral e de representar e descrever as eventualidades que as formações derivadas denotam. Para isso, abordo as formações derivadas com os prefixos *des-* e *re-*; os sufixos nominais *-nte* e *-dor/-tor/-sor*, e os sufixos verbais *-ec(er)/-esc(er)* e *-iz(ar)*, usando para a análise o arcabouço teórico da Morfologia Distribuída, proposta inicialmente por Halle e Marantz (1993, 1994) e Marantz (1996, 1997).

A pesquisa realizada aqui aprofunda o estudo feito anteriormente sobre a prefixação (OLIVEIRA 2004), no qual, em uma abordagem lexicalista, com base em Aronoff (1976), Basílio (1980) e Rocha (1999), descrevi e analisei os prefixos *anti-*, *des-*, *in-*, *re-* e *sobre-*. Verifiquei, nesse estudo, que a derivação prefixal apresenta regularidade e sistematicidade como processo de formação de palavras e tem como característica fundamental veicular noções lexicais de uma certa natureza, pois baseia-se em elementos fixos, que portam propriedades semânticas pré-determinadas. Em termos de estrutura, os prefixos não atuam como formas livres; selecionam a categoria gramatical da base a que se unem (FIGUEIREDO SILVA e MIOTO 2009); apresentam uma identidade fonética, uma identidade semântica e uma identidade funcional (ROCHA, 1999); e ao menos um conjunto de prefixos ditos "genuínos" tem um comportamento previsível, regular e sistemático.

Para ampliar e aprofundar o estudo sobre a derivação, incluo neste estudo a sufixação e procuro estabelecer alguns dos princípios que pautam a derivação prefixal e sufixal. Procuro também descrever as restrições semânticas e morfossintáticas impostas pelas raízes e as restrições semântico-aspectuais impostas pelos afixos na formação de palavras derivadas, além de formalizar o conjunto de propriedades que devem ter as raízes a que prefixos e sufixos se adjungem. Procuro, ainda, descrever as alternâncias que ocorrem no contexto morfossintático das derivações.

O objetivo último é, enfim, caminhar em direção a explicar a formação de palavras derivadas por meio da interação entre a morfologia e a sintaxe, a semântica e a fonologia, e propor, com base em Marantz (2005a, 2005b, 2006a, 2007a, 2007b) e Medeiros (2008), uma

representação sintática da estrutura de evento das formações derivadas com os afixos selecionados e uma descrição das eventualidades que as formações derivadas denotam.

Exploro a hipótese de que nas formações derivadas há critérios de cunho semântico e morfossintático impostos pelas raízes aos afixos, assim como há critérios de cunho semântico-aspectual impostos pelos afixos às raízes, isto é, a adjunção de um afixo a uma raiz só é possível se houver compatibilidade entre as propriedades da raiz e os traços do afixo. Procuo demonstrar que o significado das palavras derivadas é construído composicionalmente na sintaxe, através da *interação* entre os traços semântico-aspectuais dos afixos e as propriedades semânticas das raízes (MARANTZ 2006a, 2007a; BORER 2005; LIN 2004).

A escolha do quadro teórico da Morfologia Distribuída como suporte para aprofundar o estudo sobre a derivação deve-se ao fato de que, em contraste com a morfologia baseada na palavra das Teorias Lexicalistas, na teoria da Morfologia Distribuída os afixos (Itens de vocabulário) são concebidos como núcleos funcionais doadores de categoria morfossintática e portadores de traços semântico-aspectuais. Esta propriedade dos afixos, postulada pela teoria, oferece sustentação para explicar a concatenação de uma raiz a um afixo. Além disso, esse quadro teórico apresenta outras propriedades que dão suporte para explicar a formação de uma palavra derivada, como: a) a subespecificação dos Itens de Vocabulário que competem pela inserção em um nó terminal, que ajudará a explicar o porquê da gramaticalidade de umas formações em vez de outras; b) o fato de a Morfologia Distribuída entender que a sintaxe que rege a frase e a sintaxe que rege a palavra são fundamentalmente a mesma permite entender rearranjos na estrutura argumental de palavras derivadas frente às palavras de base (e de eventos); c) as Regras de Reajustamento Fonológico, que explicam as mudanças morfofonológicas ocorridas no corpo fônico das derivações depois de inseridos os Itens de Vocabulário; d) a representação da estrutura de evento na sintaxe – o modelo de decomposição sintática da estrutura de evento proposto pela teoria, no qual a interpretação semântica é inserida na estrutura sintática; e) a existência de fases – uma idéia tomada do Minimalismo, que dá lastro para a noção de opacidade morfológica. Além disso, como o processo de derivação aponta a existência de fenômenos sintáticos no nível da palavra, uma teoria morfológica que trate a formação de palavras como ocorrendo no componente sintático mostra-se mais adequada para tratar do processo de formação de palavras por derivação.

Por todas essas razões, recorrerei ao quadro teórico formal da Morfologia Distribuída como suporte para a descrição e análise das formações derivadas.

Entendo que uma pesquisa como a que visou a empreender é não só pertinente quanto necessária, pois os conhecimentos que dela possam decorrer ajudarão a estabelecer formalmente os princípios que pautam o processo de formação de palavras por derivação em português, e dos processos morfológicos em geral.

O critério adotado para a escolha dos prefixos a serem examinados neste trabalho levou em conta a inclusão de elementos que estão “vivos” na língua, no sentido de permitirem a formação de novas palavras. Quanto aos sufixos, foram selecionados elementos que formam verbos ou nomes a partir da adjunção a formas nominais ou verbais. Por meio do estudo do comportamento desses formativos, e com base em um arcabouço teórico como o da Morfologia Distribuída, espero construir uma formalização precisa para o conceito de derivação no português brasileiro.

Para alcançar os objetivos a que se propõe, este trabalho baseia-se na pesquisa teórica e na coleta de dados. Os dados que constituem o *corpus* foram colhidos no *Dicionário Aurélio Eletrônico* (2004) e no *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa* (2009). Lançarei mão também de informações constantes em dicionários etimológicos.

O trabalho divide-se em três partes. Na Parte I, *A Teoria da Morfologia Distribuída*, exponho o quadro teórico no qual a tese se baseia e que dará suporte ao estudo da derivação prefixal e sufixal. Este modelo teórico assume uma posição não-lexicalista em relação à estrutura da palavra e da frase e propõe que toda derivação de objetos complexos é sintática. As raízes são desprovidas de categoria e serão categorizadas quando concatenadas com os feixes de traços sintático-morfológicos dos núcleos funcionais doadores de categoria. Os componentes semântico e fonológico interpretam as combinações feitas na sintaxe, ciclicamente, fase a fase. Na derivação de uma palavra, os núcleos doadores de categoria determinam a fronteira de um domínio cíclico ou de uma fase e os núcleos adicionados acima da primeira concatenação contribuem composicionalmente para o significado da expressão resultante (MARANTZ 2001, 2007a).

Na Parte II, *Estrutura de Evento*, no capítulo 4, exponho os tipos de eventos propostos por Vendler (1967) e algumas teorias que trabalham com a idéia de representação da estrutura de evento em uma abordagem lexicalista, descrevendo as propostas de Dowty (1979), Rothstein (2004), Chierchia (2003), Verkuyl (1993) e Levin (1999,

2000). Uma desvantagem dessas abordagens é que os predicados primitivos que constroem o significado de um verbo pertencem ao nível semântico; assim, a representação semântica é feita independentemente da estrutura sintática e os verbos introduzem a representação semântica lexical já completamente formada. De Rothstein, adoto a classificação dos eventos em télicos e atélicos e, de Levin, a descrição dos aspectos verbais.

Exponho, em seguida, a teoria de representação sintática da estrutura de evento proposta por Marantz (2005a, 2005b; 2006a; 2007a, 2007b), e por Medeiros (2008), dentro do modelo teórico da Morfologia Distribuída. Na proposta apresentada por Marantz, a interpretação semântica é inserida na estrutura sintática; o núcleo funcional *v* introduz uma eventualidade e um núcleo de Voz acima do *vP* relaciona o evento ao argumento externo, como proposto por Kratzer (1996). As raízes podem expressar diferentes eventualidades e o núcleo *v* pode denotar uma eventualidade mono-eventiva ou pode fazer referência a uma eventualidade bi-eventiva. Medeiros procura estabelecer a compatibilidade entre a semântica das raízes e as estruturas propostas por Marantz e apresenta uma classificação semântica para as raízes que aparecem nos contextos verbais das formas participiais. De Marantz, adoto, entre outras idéias, os modelos de configuração sintática para expressar as eventualidades mono-eventivas e bi-eventivas. Do estudo de Medeiros, aproveito a idéia de classificação semântica das raízes e adoto os diferentes esquemas para representar a estrutura de evento das formas adjetivais.

Na última seção da Parte II, apresento o modelo que será utilizado no estudo das formações derivadas, com base em Marantz (2005a, 2005b; 2006a; 2007a, 2007b) e Medeiros (2008). Dada a importância de se considerar o traço aspectual inerente a um afixo, relaciono e defino os traços aspectuais que marcam os afixos selecionados para estudo (os prefixos *des-* e *re-*; os sufixos *-nte*, *-dor/-tor/-sor*, *-ec(er)/-esc(er)* e *-iz(ar)*), com base principalmente em Comrie (1976) e Travaglia (1994). Em seguida, proponho uma classificação para as raízes, que leva em conta os traços semânticos e as eventualidades que denotam e que possibilitam a sua adjunção aos afixos acima relacionados. Proponho ainda, a representação sintática da estrutura de evento das formações derivadas, cuja configuração procura conciliar a estrutura formal das derivações, a semântica das raízes, os traços aspectuais dos afixos e as eventualidades que as formações derivadas denotam. Por fim, comento as eventualidades denotadas pelas raízes e afixos que integram as derivações.

A Parte III, *A Derivação Prefixal e Sufixal à Luz da Morfologia Distribuída* apresenta, no capítulo 5, *Derivação Prefixal*, o estudo dos prefixos *des-* e *re-*, que, como já mencionado acima, amplia e aprofunda a pesquisa já realizada sobre esses afixos. A partir de um levantamento de formações derivadas com *des-* e *re-*, agrupo as derivações de acordo com o traço semântico das raízes e as eventualidades que denotam. Apresento, em seguida, propostas para a representação sintática da estrutura de evento das derivações e descrevo a estrutura configuracional e os traços semânticos das raízes que interagem com os traços aspectuais dos afixos, que vão permitir a realização de uma palavra derivada. A seguir, descrevo os processos morfofonológicos relacionados às formações derivadas e as mudanças morfofonêmicas ocorridas no corpo fônico das raízes e afixos. Por fim, comento as restrições, descrevendo as incompatibilidades semânticas entre os traços das raízes e dos afixos, bem como as restrições morfossintáticas que se impõem e restringem a formação de novas palavras.

No capítulo 6, *Derivação Sufixal*, detenho-me no estudo dos sufixos nominalizadores *-nte*, e *-dor/-tor/-sor* e dos sufixos verbalizadores *-ec(er)/-esc(er)*, e *-iz(ar)*, seguindo os mesmos passos e utilizando os mesmos procedimentos adotados para o estudo dos prefixos.

Por último, apresento as conclusões do trabalho.

PARTE I

A TEORIA DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

1. INTRODUÇÃO

Os estudos de morfologia derivacional, numa abordagem gerativa, desenvolveram-se a partir do artigo *Remarks on Nominalization*, no qual Chomsky (1970) propõe que nominais derivados de verbos são inseridos diretamente nas estruturas profundas sob núdulos de sintagmas nominais, e não são mais estruturas derivadas por transformação, como proposto nos primeiros estágios de desenvolvimento da teoria gerativa transformacional. Chomsky conclui que, do ponto de vista da sintaxe, as estruturas produzidas no léxico são essencialmente opacas e chama a atenção para a independência da morfologia face à sintaxe.

A possibilidade de se dar conta de relações entre palavras no âmbito do léxico, aventada a partir de *Remarks on Nominalization*, passou a ser denominada *Hipótese Lexicalista* e provocou o desenvolvimento de estudos sobre a estrutura lexical, com interesse principalmente no problema da produtividade lexical.

Propostas para o tratamento da morfologia derivacional e flexional foram apresentadas, entre outros, por Aronoff (1976) e por Anderson (1992), que adotaram uma organização de gramática que separa a morfologia derivacional da sintaxe: a formação de palavras derivadas ocorre no léxico através de regras de derivação e é pré-sintática; já a flexão ocorre na sintaxe através de regras sintáticas. Essa é a versão fraca da Hipótese Lexicalista. Enquanto a morfologia é responsável pela criação das palavras que ocupam uma posição determinada em uma estrutura sintática, a sintaxe ocupa-se da construção das sentenças com base nos itens lexicais.

O Léxico é concebido como um componente do conhecimento lingüístico (paralelamente à sintaxe e à fonologia), que inclui o conhecimento das palavras pertencentes às classes abertas (nomes, verbos e adjetivos) e às classes fechadas (preposições, conjunções, pronomes, determinantes, quantificadores, partículas modais, auxiliares etc.), como, também, o conhecimento de construções idiomáticas, de palavras irregulares e das propriedades básicas das regras de formação de palavras que governam as formações derivadas dentro do léxico.

A distinção entre flexão e derivação, para a Hipótese Lexicalista Fraca, é atribuída ao fato de que há dois diferentes sistemas de regras que governam a gramática das línguas: há um sistema de princípios que governa a construção de palavras e suas relações dentro do léxico (morfologia), que são as regras lexicais que operam dentro da palavra; e

um sistema diferente que governa a estrutura sintática das frases (sintaxe), que são as regras sintáticas.

Outra proposta para o tratamento da morfologia derivacional foi apresentada por Williams (2004) e Di Sciullo (1997, 2005a, 2005b), que também adotam a separação entre os módulos sintático e morfológico, mas propõem uma relação assimétrica entre eles. A assimetria entre os dois módulos é atribuída ao fato de as propriedades das relações morfológicas não coincidirem com as propriedades das relações sintáticas, pois os elementos morfológicos não podem ser invertidos, diferentemente do que pode ser observado em certos objetos sintáticos, como as estruturas de predicação; além disso, sintagmas e frases são feitos de palavras, nunca o contrário.

Nesse quadro teórico, a morfologia determina o que são e que propriedades têm as palavras de uma língua; a sintaxe determina como se formam frases, com base, entre outras coisas, nas propriedades das palavras. Tanto as palavras como as frases têm sintaxe, isto é, palavras e frases são compostas de partes e há regras e princípios para conectar essas partes e para determinar as propriedades das construções resultantes. As sentenças são formadas de morfemas indiretamente, pois primeiro constroem-se as palavras e depois constroem-se (os sintagmas com os quais se constroem) as sentenças a partir dessas palavras. As partes de uma palavra, presentes em uma palavra derivada, por exemplo, não são acessíveis para a sintaxe – há, portanto, unidades que são opacas para as operações sintáticas (atomicidade). A atomicidade das palavras na sintaxe reporta à atomicidade das sub-unidades dentro da palavra.

O Léxico é a coleção de formas memorizadas com suas respectivas propriedades: contém as palavras ou itens lexicais com sua pronúncia, significado e categoria sintática; contém ainda as palavras compostas, os morfemas, as idiossincrasias e os significados não-composicionais ou expressões idiomáticas.

A configuração canônica de uma palavra é uma estrutura de adjunção ao núcleo, enquanto que a configuração canônica de uma frase é uma estrutura X-barrá assimétrica, isto é, uma estrutura de especificador, núcleo e complemento. A diferença configuracional entre a estrutura da palavra e a estrutura da frase está relacionada ao fato de que a derivação de palavras advém da necessidade conceitual de formar predicados complexos com base em unidades mais elementares – isto pode ser alcançado através da estrutura de adjunção ao núcleo. Já a derivação de frases advém da necessidade conceitual de derivar estruturas de predicado-argumento (DI SCIULLO 1997). Esta versão da

Hipótese Lexicalista foi chamada de *Hipótese Lexicalista Forte (Strict Lexicalist Hypothesis)*.

Uma outra alternativa para o tratamento da morfologia, a Teoria da Morfologia Distribuída, foi apresentada por Morris Halle e Alec Marantz no artigo *Distributed Morphology and the Pieces of Inflection*, em 1993. Neste modelo teórico, tanto a formação de palavras derivadas como a flexão ocorrem na sintaxe, através de regras sintáticas.

Na seção a seguir, exponho as razões que tornam esse quadro teórico o mais adequado para o tratamento da derivação prefixal e sufixal.

2. POR QUE A MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

Em contraste com a morfologia baseada na palavra, no morfema, ou a morfologia “a-morphous” das Teorias Lexicalistas, na Morfologia Distribuída os afixos (Itens de Vocabulário) são portadores de traços semântico-formais que podem ser aspectuais e são inseridos nos núcleos funcionais doadores de categoria – estas propriedades nos ajudam a explicar o porquê da concatenação de um afixo a uma Raiz. Este é apenas um dos motivos de este quadro teórico mostrar-se o mais adequado para o tratamento da formação de palavras por derivação. Outros motivos que me levaram a optar pela Morfologia Distribuída são que esta teoria apresenta o seguinte conjunto de propriedades, não contemplado nos quadros teóricos lexicalistas:

a) a *subespecificação dos Itens de Vocabulário* que competem pela inserção em um nó terminal: esta propriedade dará suporte para se explicar o porquê da realização de determinadas formações derivadas em vez de outras, como *florescer*, e não **florizar*, por exemplo. Além disso, um Item de Vocabulário pode ter variantes (como em *navegante/navegador*), cuja inserção será definida pela informação contextual, o que permite dar conta da alomorfia apresentada por prefixos e sufixos, além de não ser necessário postular sinonímia de afixos;

b) o *núcleo funcional Asp* inserido na projeção sintática, que é compartilhada pela morfologia: permitirá que se explique a compatibilidade semântica entre os traços semântico-aspectuais dos afixos e as propriedades das raízes. A concatenação da raiz $\sqrt{\text{EMPREG}}$ com o morfema sufixal *-dor*, por exemplo, só ocorre porque o morfema *-dor*, inserido no núcleo funcional Asp (responsável pela inserção do sufixo aspectual), porta o traço aspectual [+agentivo/habitual], que é compati-

vel com a propriedade morfossintática e semântica da raiz, que porta o papel de agente.

c) a existência de *fases*: uma idéia tomada do Minimalismo, que dá suporte para a noção de opacidade morfológica. Além disso, como o processo derivacional aponta a existência de fenômenos sintáticos no nível da palavra, uma teoria morfológica que trate a formação de palavras como ocorrendo no componente sintático mostra-se a mais adequada para tratar da formação de palavras por derivação;

d) as *Regras de Reajustamento Fonológico*: estas regras alteram a forma fonológica dos Itens de Vocabulário já inseridos através da aplicação de regras fonológicas específicas e darão suporte para que sejam explicadas as mudanças morfofonológicas ocorridas no corpo fônico das formações derivadas. Por exemplo, uma das alternâncias que ocorrem no contexto morfossintático das formações derivadas com *-nte*, e determinadas pelas Regras de Reajustamento Fonológico, é a *alteração no morfema temático*: a vogal alta /i/, que marca os verbos da 3ª conjugação, passa à vogal média /e/, como pode ser observado em *delinqüir > delinqüente, poluir > poluente etc.*

e) a *representação da estrutura de evento na sintaxe*: o modelo de decomposição sintática da estrutura de evento proposto pela teoria da Morfologia Distribuída permite que se estabeleça a relação entre as estruturas sintática, morfológica e semântica de uma formação derivada, já que o conteúdo aspectual está contido em morfemas que projetam posição sintática para os argumentos. Por outro lado, nas teorias lexicalistas, há a necessidade de regras de link para que os argumentos associados aos operadores aspectuais abstratos DO, BECOME ou CAUSE sejam projetados na sintaxe, nas posições em que ocorrem.

As propriedades da Morfologia Distribuída darão, portanto, subsídios para se atingirem os objetivos deste trabalho: a) descrever as restrições semânticas e morfossintáticas impostas pelas raízes e as restrições semântico-aspectuais impostas pelos afixos na formação de uma palavra derivada; b) formalizar o conjunto de propriedades que devem ter as raízes a que prefixos e sufixos se adjungem; c) descrever os processos morfofonológicos relacionados às palavras derivadas, assim como as mudanças morfofonêmicas ocorridas no corpo fônico de afixos e de raízes.

Na seção 3, a seguir, exponho o arcabouço teórico da Teoria da Morfologia Distribuída.

3. A TEORIA DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

Esta seção é dedicada à exposição do modelo teórico adotado, a Teoria da Morfologia Distribuída, proposta inicialmente por Halle e Marantz (1993), Marantz (1996, 1997), e desenvolvida por Harley e Noyer (1998, 1999), Embick (2000), Embick e Noyer (2004) e Embick e Halle (2004a, 2004b), entre outros. O objetivo aqui é introduzir os axiomas básicos da Morfologia Distribuída e ressaltar aqueles aspectos da teoria que são relevantes para a discussão sobre a formação de palavras por derivação.

3.1 A ESTRUTURA DA GRAMÁTICA

A teoria da Morfologia Distribuída (doravante, MD) propõe uma arquitetura de gramática na qual um único sistema gerativo, a sintaxe, congrega traços que são submetidos a dois outros módulos independentes, a morfologia e a fonologia. Em sua essência, portanto, a abordagem da MD para a morfologia é sintática. A estrutura morfológica tem seu próprio componente, localizado entre a Sintaxe e a Fonologia.

O termo *distribuída*, presente no nome da teoria – Morfologia Distribuída –, aí está para enfatizar o fato de que o que tradicionalmente era chamado de morfologia não está concentrado em um único componente da gramática, mas está distribuído entre diversos componentes; ou seja, o termo *distribuída* refere-se à separação de propriedades que em outras teorias são coletadas no Léxico (HALLE e MARANTZ 1993).

O termo *Léxico* nesse modelo não tem a mesma denotação que nas Hipóteses Lexicalistas, nas quais o Léxico é o depósito de morfemas e palavras com sua pronúncia, significado e categoria sintática. Na teoria da MD não existe um componente do sistema computacional no qual as “palavras” são montadas e armazenadas; o que existe são três listas que fornecem informações diferentes no curso da derivação sintática. A Lista 1 fornece informação gramatical, a Lista 2 fornece informação fonológica e a Lista 3 fornece informação semântica.

Esse quadro teórico propõe que os mecanismos responsáveis por produzir a forma de expressões sintática e semanticamente complexas são separados dos mecanismos que produzem a forma das expressões fonológicas correspondentes. Um dos axiomas dessa teoria é que a sintaxe não manipula os itens lexicais, mas, sim, gera estruturas através

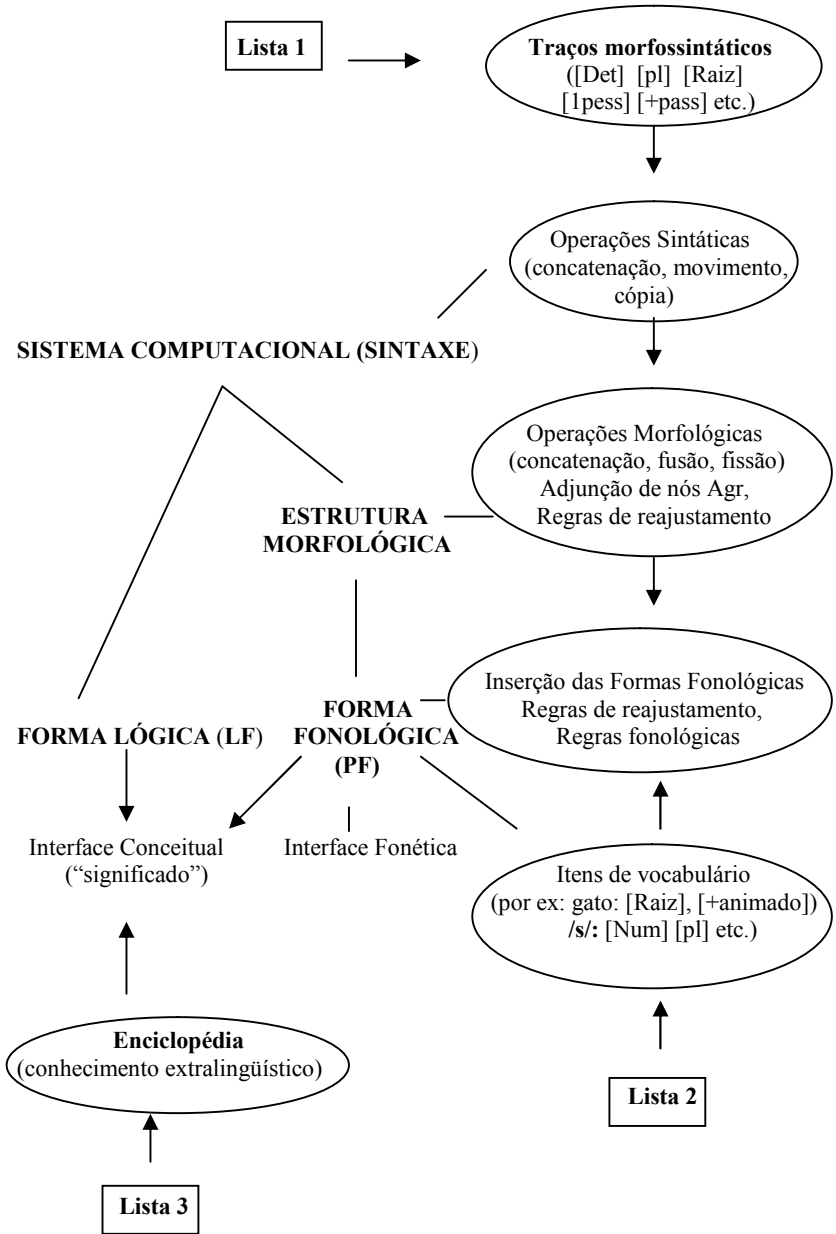
da combinação de traços morfossintáticos – por meio das operações sintáticas *Merge* (concatenar) e *Move* (mover) – selecionados do inventário disponível, sujeitos aos princípios e parâmetros que governam tal combinação (HARLEY e NOYER 1999). Assim, alguns aspectos da formação de palavras surgem de operações sintáticas, enquanto outros aspectos são realizados por operações que ocorrem em PF e LF.

Após a geração de estruturas efetuada pela sintaxe, em PF, as expressões fonológicas, chamadas *Itens de Vocabulário* (cf. sub-seção 3.2.3), são inseridas. Esta inserção é então referida como *Inserção Tardia*. No nível da Estrutura Morfológica, que, como vimos, é entendida como sendo a interface entre a sintaxe e a fonologia, certas operações, como as *Operações Morfológicas* (cf. sub-seção 3.2.2), podem em certa medida mudar ou a estrutura ou o número de nós terminais. Para um dado Item de Vocabulário ser inserido em algum nó terminal em PF, nenhum de seus traços morfossintáticos pode conflitar com um traço morfossintático presente naquele nó terminal. Então, novamente, certas operações, como a *Inserção Vocabular* (cf. sub-seção 3.2.3) e as *Regras de Reajustamento* (cf. sub-seção 3.3), podem-se aplicar neste momento alterando a forma fonológica de itens vocabulares já inseridos (PFAU 2000).

Em suma, a forma que entendemos por “palavra” é criada por processos que ocorrem em vários componentes distintos: na sintaxe (concatenar e mover); na morfologia (concatenar, mover, apagar, acrescentar, fissionar); e na fonologia (inserção de vocabulário e reajustamento fonológico).

O modelo de gramática adotado pela MD está exposto em (1), abaixo (PFAU 2000):

(1) *O modelo de gramática na MD*



Como pode ser observado em (1), a Morfologia Distribuída introduz um conjunto de listas não-computacionais, distribuídas, que substituem o Léxico da visão lexicalista (MARANTZ 1997).

A Lista 1 ou *Léxico Estrito* fornece as unidades com as quais a sintaxe opera: as raízes atômicas e os feixes de traços morfossintáticos (ou gramaticais) que são relevantes para o sistema computacional, tais como [definido], [plural], [1pess], [raiz], além de previsões de pontos para a inserção de raízes. O conjunto de traços morfossintáticos que entram na derivação é determinado pela Gramática Universal e por princípios de línguas particulares. A Lista 1 é gerativa, no sentido de que grupos de traços gramaticais podem ser livremente formados, sujeitos apenas a restrições combinatórias referentes à co-ocorrência de traços (HARLEY e NOYER 1999).

A Lista 2, ou *Vocabulário*, fornece as formas fonológicas para os nós terminais da sintaxe/morfologia, ou seja, para os feixes de traços gramaticais e para as raízes, conexões chamadas de Itens de Vocabulário. O Vocabulário estabelece uma conexão entre conjuntos de traços gramaticais e traços fonológicos, e então determina as conexões entre os nós terminais da sintaxe/morfologia e suas realizações fonológicas. O Vocabulário é não-gerativo, mas expansível. Os Itens de Vocabulário podem ser subespecificados quanto aos traços da posição sintática na qual eles podem ser inseridos. Estes itens competem pela inserção em um dado nó terminal; o item mais especificado que não conflite em traços com a especificação do nó terminal ganha a competição.

A Lista 3, ou *Enciclopédia*, diz respeito à lista de informação semântica, relacionando os Itens de Vocabulário aos significados. A Enciclopédia diz respeito ainda à propriedade semântica de uma Raiz, como, também, à lista de expressões idiomáticas de uma dada língua ou a qualquer expressão (uma única palavra ou parte de uma palavra) cujo significado não seja inteiramente previsível a partir da estrutura morfossintática. Assim como o Vocabulário, a Enciclopédia é não-gerativa, mas pode ser expandida.

As três propriedades-chave que distinguem a teoria da Morfologia Distribuída de outras teorias morfológicas – a) *Inserção Tardia*, b) *Subespecificação*, e c) *Estrutura Sintática Hierárquica* (HARLEY e NOYER 1999) –, já mencionadas na introdução a este quadro teórico, são assim concebidas:

- a) A *Inserção Tardia* refere-se à hipótese de que as categorias

sintáticas são abstratas ou não têm conteúdo fonológico, e apenas depois das operações sintáticas (e morfológicas) as expressões fonológicas, ou Itens de Vocabulário, são inseridas. A expressão “tardia” refere-se então à hipótese de o conteúdo fonológico dos morfemas funcionais ser determinado apenas depois da sintaxe.

b) A *Subespecificação* dos Itens de Vocabulário significa que as expressões fonológicas não precisam estar totalmente especificadas para as posições sintáticas onde podem ser inseridas. Em outras palavras, não há necessariamente um conjunto de traços fonológicos que corresponda exatamente a um conjunto de traços morfológicos: certos Itens de Vocabulário são inseridos quando não houver outra forma mais específica que possa ser inserida naquele contexto, ou seja, os Itens de Vocabulário são em muitos casos sinais *default*.

c) A *Estrutura Sintática Hierárquica All the Way Down* significa que os elementos dentro da sintaxe e dentro da morfologia entram nos mesmos tipos de estruturas de constituintes, normalmente representados em árvore. A MD postula que os nós terminais, nos quais os Itens de Vocabulário são inseridos, estão distribuídos na gramática segundo princípios e operações da sintaxe e que a interação desses nós terminais dentro das palavras obedece aos mesmos princípios sintáticos que a interação dos constituintes na sentença (HALLE e MARANTZ, 1994, p. 287); ou seja, “as ‘palavras’ também são estruturas hierárquicas geradas na sintaxe” (MEDEIROS 2008, p. 17). Para Marantz (2002, p. 4), *Sintaxe All the Way Down* significa que toda formação é sintática, mesmo onde a semântica for opaca, como em *con-ceive, re-ceive, per-ceive*.

3.2 A ESTRUTURA MORFOLÓGICA E A FORMA FONOLÓGICA

No modelo teórico da MD, uma dada expressão obtém pelo menos duas descrições estruturais no curso de sua derivação. Em uma delas, a descrição morfossintática, os morfemas que fazem parte de sua expressão e sua estrutura de constituintes são exibidos (usando os traços da Lista 1). Em uma outra descrição, a descrição morfofonológica, fragmentos fonológicos da expressão (seus Itens de Vocabulário tomados da Lista 2) e sua estrutura de constituintes são revelados, como ilustrado em (2), na expressão *casas*:

- (2) a. Descrição morfosintática: [Raiz [+plural]
 b. Descrição morfofonológica: [kaza + s]

A estrutura morfosintática de uma expressão é gerada por vários mecanismos. Na construção de estruturas morfosintáticas complexas, uma raiz verbal, por exemplo, é movida através de vários núcleos funcionais. Além disso, a teoria da MD postula que mecanismos adicionais atuam na estrutura para dar conta de pequenos desacordos entre a maneira como a sintaxe organiza os morfemas (feixes de traços) em nós terminais e a maneira como se realizam fonologicamente esses nós na língua. Esses mecanismos adicionais, que se aplicam pós-sintaticamente no nível gramatical da Estrutura Morfológica, são as operações morfológicas: *concatenação morfológica*, *empobrecimento*, *fissão* e *fusão* (cf. sub-seção 3.2.2). A tarefa básica do componente morfológico é, enfim, assegurar a boa formação morfológica das palavras e das unidades gramaticais maiores.

No nível da Forma Fonológica, os Itens de Vocabulário são inseridos em estruturas morfosintáticas abstratas e regras de reajustamento fonológico devem alterar contextualmente a estrutura fonológica desses Itens. Neste módulo, está presente apenas a informação relevante para a realização fonética do item vocabular, pois neste nível apenas processos fonológicos podem-se aplicar.

Em suma, o componente morfológico é um nível de representação gramatical com seus próprios princípios e propriedades, entre a sintaxe e a fonologia. A Fonologia ocorre em um único módulo pós-sintático. A estrutura interna das expressões é produzida tanto na sintaxe como no componente Morfológico, por Operações Morfológicas, e, devido à *Estrutura Sintática Hierárquica All the Way Down*, operações dentro da Morfologia manipulam as relações estruturais sintáticas (HARLEY e NOYER 1999).

3.2.1 O Estatuto dos Morfemas

O termo *morfema*, neste quadro teórico, refere-se a um nó terminal sintático/morfológico e ao seu conteúdo de traços morfosintáticos, e não a uma expressão fonológica de um nó terminal. O *morfema* refere-se a um traço da Lista 1: Det, v, Raiz, Pass etc.; é, portanto, a unidade de inserção que está sujeita às operações sintáticas *Merge* e *Move*. O conteúdo fonológico de um morfema só será atribuído via Inserção de Vocabulário (cf. subseção 3.3).

Para Embick e Noyer (2001, 2004), o conteúdo de um morfema ativo na sintaxe consiste não só de traços gramaticais, mas também semânticos. Cada morfema é um complexo de traços e, dependendo da variedade de traços que ele contém, é definido ou como *morfema abstrato* ou como *Raiz*. O *morfema abstrato* é composto exclusivamente de traços não-fonéticos, tais como [Pass] ou [pl], ou de traços que marcam o nó determinante D, como os artigos definidos, por exemplo. Já a *Raiz* consiste de representações fonológicas e inclui itens como $\sqrt{\text{GAT}}$ - ou $\sqrt{\text{SENT}}$ -, por exemplo, que são seqüências de feixes de traços fonológicos e, em alguns casos, de traços diacríticos (distintivos) não-fonológicos, como os traços de classe, ou de índices abstratos para distinguir os homófonos (EMBICK E HALLE 2004b, p. 2).

Neste quadro teórico, os morfemas abstratos e as Raízes compõem os dois tipos de elementos primitivos na gramática que servem como terminais da derivação sintática e, conseqüentemente, como primitivos para a formação de palavras. A Raiz não possui traços gramaticais. Enquanto os traços que compõem os morfemas são universais, as Raízes são combinações (específicas) de sons e significados lexicais específicos das línguas; ou seja, as Raízes pertencem às classes abertas e podem receber as categorias de nomes, verbos e adjetivos e novas Raízes podem ser acrescentadas à gramática individual. Outra distinção entre morfemas abstratos e Raízes é que os expoentes fonológicos dos morfemas podem estar sujeitos às Regras de Reajustamento Fonológico (EMBICK e HALLE 2004a, 2004b).

Já Harley e Noyer (1999) nomeiam esses dois tipos de morfemas *f-morfemas* e *l-morfemas*, correspondendo aproximadamente à divisão convencional entre categorias funcionais e lexicais, ou entre categorias pertencentes às classes fechadas e às classes abertas, respectivamente.

Os *f-morfemas* são definidos como morfemas para os quais o falante normalmente não tem escolha: o *Spell-Out* de um *f-morfema* é determinístico; ou seja, os *f-morfemas* são aqueles cujos conteúdos (definidos por traços sintáticos e semânticos disponibilizados pela Gramática Universal) competem pela inserção em uma expressão fonológica.

Por outro lado, um *l-morfema* é definido como um morfema cujo conteúdo fonológico pode ser escolhido pelo falante; um *l-morfema* é preenchido por um item vocabular que denote um conceito lingüístico específico. Tradicionalmente conhecidos como morfemas lexicais, os *l-morfemas* não podem ser pré-determinados. Ao contrário, o conteúdo fonológico de um morfema-raiz ($\sqrt{\quad}$) pode ser livremente inserido, mas

sujeito a condições de licenciamento; seus licenciadores são tipicamente *f-morfemas* que mantêm certas relações estruturais (sintáticas) com a raiz. Em um *l-morfema* ocupando uma posição sintática definida como nome, só poderiam ser inseridos Itens de Vocabulário como *gat-*, *peix-*, *pedr-*, por exemplo. Os *l-morfemas* são, portanto, acategoriais por natureza; existe um e somente um tipo de *l-morfema*, cujo estatuto categorial é definido por seu contexto (MARANTZ 1997).

Essa hipótese, denominada por Harley e Noyer (1999) *Hipótese do L-Morfema*, defende que os termos tradicionais para os elementos das sentenças, tais como nomes, verbos e adjetivos não têm significância universal e são essencialmente derivados de morfemas mais básicos – um só *l-morfema* ou *Raiz* – que se encontram em certas relações locais com *f-morfemas*, doadores de categoria. Por exemplo, o item vocabular *destroy* é realizado como nome *destruc-(-ion)* quando seu licenciador mais próximo for um Determinante, mas é realizado como um gerúndio *destroy-(-ing)* quando seus licenciadores mais próximos forem *v* e *Aspecto*.

Já para Marantz (1997b, p.4), as Raízes são, por um lado, como signos saussureanos, no sentido de que são identificadas por sua forma fonológica e por seu significado. Por outro lado, diferentemente dos signos saussureanos, as Raízes devem ter significados múltiplos, contextualmente determinados, como, por exemplo, a raiz opaca $\sqrt{\text{CEIVE}}$ em *conceive*, *deceive*, *receive*, *perceive* etc. Para o autor, as raízes pertencem às classes semânticas, entretanto os traços que as compõem são classificatórios, e não constitutivos. Por esta razão, as Raízes não são paradigmáticas e não podem exibir alomorfes supletivos: os alomorfes de raízes devem ser gerados através de regras morfofonológicas. Nesta perspectiva, verbos leves como *ir*, *vir*, *ser* etc., e suas formas verbais *vou/fui/ia*; *venho/vim/veio/vinha*; *sou/fui/era* etc., são realizados como morfemas funcionais e não contêm raízes.

3.2.2 As Operações Morfológicas

A MD analisa a organização dos elementos morfossintáticos (morfemas abstratos) como resultado de processos que manipulam os elementos terminais na Estrutura Morfológica, antes da Inserção do Vocabulário (PFAU 2000). Esses processos de manipulação de terminais são: a) *concatenação morfológica*, b) *empobrecimento*, c) *fusão*, e d) *fissão*:

a) *Concatenação Morfológica* – A concatenação morfológica (*morphological merger*) une nós terminais sob o nó de um núcleo, mas mantém dois nós terminais independentes sob esse nó. Então, com o movimento de núcleo para núcleo, a concatenação morfológica forma uma nova palavra a partir de núcleos de sintagmas diferentes, e esses núcleos independentes permanecem morfemas separados dentro da nova palavra derivada (HARLEY e NOYER 1999). A concatenação do núcleo nominal com o núcleo de número dentro do sintagma determinante é um exemplo desse tipo de operação morfológica (MARVIN 2002).

b) *Empobrecimento* – aplica-se ao conteúdo dos morfemas, em *Spell-Out*, antes da Inserção Vocabular. É uma operação que envolve o apagamento de traços morfossintáticos de morfemas em certos contextos, e tem por função bloquear a inserção de Itens de Vocabulário mais específicos, substituindo-os por itens menos específicos. Ao apagar os valores dos traços antes da Inserção Vocabular, as Regras de Empobrecimento têm o efeito de estender o número de casos nos quais os Itens de Vocabulário menos específicos se aplicam (EMBICK e HALLE 2004a) e, por apagar os traços morfossintáticos de morfemas em certos contextos, as Regras de Empobrecimento são regras de reajustamento morfossintático (HALLE e MARANTZ 1994, p. 282).

Os efeitos da operação de Empobrecimento são vistos quando em circunstâncias particulares houver a ausência de uma categoria específica para exibir o expoente esperado e, em seu lugar, for exibido o expoente *default* (EMBICK e NOYER 2004).

A aplicação dessa regra ocorre, por exemplo, no caso do clítico “espúrio” *se*, do espanhol, que é usado quando um clítico dativo e um clítico acusativo, ambos de 3ª pessoa, co-ocorrerem em uma mesma sentença. Se o clítico acusativo e o clítico dativo aparecerem isolados, eles se realizam como *lo(s)* e *le(s)*, respectivamente, como ilustrado em (3a) e (3b); entretanto, quando o clítico dativo for acompanhado do clítico acusativo, a forma do clítico dativo não é *le*, como se espera, mas *se*, como ilustrado em (3c). Este clítico *se* é resultado de um processo fonológico de dissimilação, que consiste na passagem de *le(s)* para *se*, com a conseqüente perda do traço de número (BONET 1991, p. 154). Os exemplos abaixo, retirados de Bonet (1991, p. 153, exemplo (31)), ilustram a ocorrência dos clíticos de 3ª pessoa:

- (3) a. El regalo, no **lo** dí a Carmela.
o presente não 3Acc. dei a Carmela.

‘O presente, não *o* dei a Carmela.’

b. A Carmela, no **le** dí el regalo.

a Carmela, não 3Dat. o presente.

‘A Carmela, não *lhe* dei o presente.’

c. A Carmela, el regalo, no **se lo** dí.

a Carmela, o presente, não SE 3Acc. dei.

‘A Carmela, o presente, não *o* dei *a ela/não lho* dei.’

Para Halle e Marantz (1994), a ocorrência do clítico *se* em (3c) deve-se a uma Regra de Empobrecimento que apaga o traço [DAT] de um nó Determinante (categoria a que os clíticos pertencem) quando este nó for governado por um nó determinante Acusativo, como ilustrado pela regra abaixo (HALLE e MARANTZ 1994, p. 283):

(4) Regra de Empobrecimento

[Dativo] → ∅ / ___ [Acusativo]

O *output* fonológico da regra em (4) é um clítico independente: o clítico de 3ª pessoa *se* (BONET, 1991, p.11). A regra em (4) apaga o traço [DAT] da posição do clítico dativo antes da inserção de vocabulário e, como resultado, o Item de Vocabulário que insere *le* (que carrega os traços de caso), que normalmente se aplicaria ao nó com o traço [DAT], não pode mais se aplicar; assim, o Item de Vocabulário *default* se aplica e insere o clítico *se*.

A Regra de Empobrecimento possibilita então a emergência de um Item de Vocabulário não-marcado em um ambiente marcado; ou seja, o clítico não-marcado *se* realiza-se como um clítico dativo em um ambiente especial: antes do clítico acusativo de 3ª pessoa. Assim, para o grupo de traços DAT-3ª e ACC-3ª, o único *output* é *se lo* (MARANTZ 2002).

Observe-se que, no Empobrecimento, ocorre bloqueio *entre* posições em uma dada estrutura e entre morfemas independentes; esta operação bloqueia o Item de Vocabulário mais especificado e o Item menos especificado é que ocupa a posição. Já na competição pela inserção *em uma* posição na estrutura, o Item de Vocabulário mais especificado bloqueia a ocorrência da forma menos especificada e é inserido (MARANTZ 2002).

c) *Fusão* – operação que envolve a união dos traços de dois nós terminais que estão sob o nó de uma mesma categoria e os funde em um único nó terminal. O Item de Vocabulário /-mos/ de *lemos*, por exemplo, realiza fonologicamente o nó que decorre da fusão dos nós de número [pl] e pessoa [1pess], que estão sob o nó [Agr].

d) *Fissão* – operação que ocorre concomitantemente com *spell-out* e que envolve a separação de um dado nó terminal em uma seqüência de dois nós terminais, nos casos em que um único nó pode corresponder a dois Itens de Vocabulário distintos (EMBICK E NOYER 2004); ou seja, ocorre a inserção de mais de um Item de Vocabulário em um único nó sintático (MARANTZ 1997b). Os exemplos abaixo, retirados de Halle e Marantz (1993, p. 117), ilustram essa ocorrência nos pronomes clíticos da língua georgiana:

(5) *Operação de fissão em Georgiano*

- | | |
|---|---|
| <p>a. m - xatav - s
Cl.1sg.Acc - desenhar - 3sg.Nom.
'Ele me desenha'</p> | <p>b. gv - xatav - s
Cl.1pl.Acc - desenhar - 3sg.Nom.
'Ele nos desenha'</p> |
| <p>c. g - xatav - s
Cl.2sg.Acc - desenhar - 3sg.Nom.
'Ele desenha você?'/ 'Ele te desenha'</p> | <p>d. g - xatav - s - t
Cl.2.Acc - desenhar- 3sg.Nom. - pl.Cl.
'Ele desenha vocês?'/ 'Ele vos desenha'</p> |
| <p>e. g - xatav
Cl.2sg.Acc - desenhar
'Eu desenho você?'/ 'Eu te desenho'</p> | <p>f. g - xatav - t
Cl.2Acc - desenhar - pl.
'Eu desenho vocês?'/ 'Eu vos desenho'</p> |

Como se pode observar em (5d) e (5f), um único nó sintático corresponde a dois Itens de Vocabulário distintos: o Item de Vocabulário *g*- diz respeito ao clítico acusativo de 2ª pessoa, enquanto que o item *t*-, ao plural deste clítico. Ocorre, portanto, a inserção múltipla de dois Itens de Vocabulário em um único nó sintático.

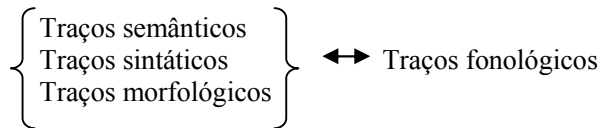
Após a atuação das operações morfológicas, é chamada a *Inserção Vocabular* no componente morfológico (ou seja, este é o momento de inserção de traços fonológicos na estrutura sintática), a fim de fornecer matriz fonética para a palavra.

3.2.3 Itens de Vocabulário e Inserção Vocabular

No componente morfológico, regras fonológicas linearizam a estrutura hierárquica gerada pela sintaxe e acrescentam material fonológico aos morfemas abstratos em um processo chamado *Inserção Vocabular*. Esta operação ocupa-se então da inserção dos Itens de Vocabulário (fragmentos fonológicos) aos nós terminais, raízes e afixos, que são caracterizados por traços morfossintáticos. Durante a *Inserção Vocabular*, os Itens de Vocabulário são submetidos a regras de reajustamento morfossintático, que emparelham um expoente fonológico a um contexto morfossintático, e o expoente mais específico é o que se aplica a um morfema abstrato (EMBICK E HALLE 2004b). O *Vocabulário* é o conjunto de todos os Itens de Vocabulário colocados em condições de inserção (HARLEY e NOYER 1999).

Os Itens de Vocabulário não são somente seqüências de sons sem nenhuma especificação, mas, ao contrário, são providos de traços sintáticos, morfológicos e semânticos que detêm informação suficiente para sua inserção nos nós terminais, como pode ser observado na ilustração abaixo (HALLE e MARANTZ 1994, p. 275):

(6) *O Item de Vocabulário*



Embick e Halle (2004a) ilustram a natureza dos Itens de Vocabulário considerando a formação do plural de nomes em inglês: a *Inserção Vocabular* fornece traços fonológicos ao morfema abstrato [pl], que foi combinado com um nome na sintaxe; colocando-se este morfema no núcleo que tem a representação # para 'Número', tem-se o expoente fonológico regular do plural do inglês, que é /z/. Esta formalização está expressa pelo Item de Vocabulário em (7), abaixo:

(7) $z \leftrightarrow [pl]$

Quando a regra em (7) se aplica ao traço [pl], tem ela o efeito de adicionar /z/ ao nó; ocorre então a *Inserção Vocabular* que acrescenta traços fonológicos ao nó.

No grupo de Itens de Vocabulário especificados para inserção em um nó terminal particular, vários itens estarão em condições de inserção, e devido ao fato de somente um único expoente poder ser inserido em

um terminal, esses itens estarão, portanto, em competição pela aplicação. A Inserção Vocabular é então governada pelo *Princípio do Subconjunto*, que controla a aplicação dos Itens de Vocabulário e resolve os casos de competição da seguinte forma:

(8) *Princípio do Subconjunto*

O expoente fonológico de um Item de Vocabulário é inserido em um morfema na seqüência terminal se o item emparelhar todos ou um subconjunto dos traços gramaticais especificados no morfema terminal. A inserção não acontece se o Item de Vocabulário contiver traços não presentes no morfema. No caso em que diversos Itens de Vocabulário satisfizerem as condições para inserção, o item que emparelhar o maior número de traços especificados no morfema terminal será o escolhido. (HALLE 1997, p.128 – tradução minha)¹

Assim, segundo Embick e Noyer (2004), no exemplo em (7) acima, nota-se que o nó com o traço [pl] para 'plural' em inglês pode receber também os expoentes $-\emptyset$ (como em *moose-\emptyset*) e *-en* (como em *ox-en*). Isto quer dizer que, embora haja um único morfema abstrato [pl] em todos os ambientes plurais em inglês, a sua realização exata é determinada pela Raiz no contexto local de [pl].

Ainda segundo os autores acima, a Inserção de Vocabulário acontece em estruturas que foram congregadas pela sintaxe. Suponhamos um constituinte que contenha um nome ($\sqrt{\text{RAIZ-}n}$) e o morfema abstrato [pl]. Já que o morfema [pl] estará no mesmo constituinte que a Raiz quando ocorrer a Inserção Vocabular, a identidade da Raiz pode ser dada por uma condição contextual na escolha do expoente para o nó [pl]. O resultado de tal condição é chamado *alomorfia contextual*, e seus efeitos são refletidos formalmente adicionando-se ao Item de Vocabulário, como em (7), uma condição a mais para a inserção na forma de uma lista de elementos associados a cada alomorfe contextual,

¹ Subset Principle: The phonological exponent of a Vocabulary item is inserted into a morpheme in the terminal string if the item matches all or a subset of the grammatical features specified in the terminal morpheme. Insertion does not take place if the Vocabulary item contains features not present in the morpheme. Where several Vocabulary items meet the conditions for insertion, the item matching the greatest number of features specified in the terminal morpheme must be chosen (HALLE 1997, p. 128).

como ilustrado no exemplo em (9), abaixo, retirado de Embick e Halle (2004a, p. 9):

(9) *Exemplos de Itens de Vocabulário e seu contexto de inserção*

- a. [pl] \longleftrightarrow -en/{ $\sqrt{\text{OX}}$, $\sqrt{\text{CHILD}}$, ... } __
 b. [pl] \longleftrightarrow -Ø/{ $\sqrt{\text{MOOSE}}$, $\sqrt{\text{FOOT}}$, ... } __

A seqüência / {...}__ acima indica que a regra se aplica somente quando o morfema em questão ocorrer nos ambientes especificados por ...; no caso do plural do inglês, isto significa que [pl] é pronunciado como -en no contexto de $\sqrt{\text{OX}}$ e como -Ø no contexto de $\sqrt{\text{MOOSE}}$.

Assim, nos casos de alomorfa contextual, o morfema “vencedor” será aquele que aparecer no contexto mais complexo e mais especificado, em detrimento de alomorfes que apareçam em contextos menos especificados.

O conteúdo fonológico de um Item de Vocabulário pode ser qualquer seqüência fonológica, incluindo o morfema zero (Ø), exemplificado em (9b). O contexto de inserção (\longleftrightarrow) pode ser igualmente destituído de informação; em tais casos temos o Item de Vocabulário *default* ou *elsewhere*. Saliente-se, entretanto, que um afixo fonologicamente nulo em um dado paradigma não é necessariamente o Item de Vocabulário *default*. Por exemplo, o afixo de plural zero inserido no contexto de nomes marcados do inglês, como *moose*, não é o plural *default* do inglês, que é /z/ (HARLEY e NOYER 1999).

3.3 REGRAS DE REAJUSTAMENTO FONOLÓGICO

Os Itens de Vocabulário são considerados grupos discretos de material fonológico e não o resultado de processos fonológicos. A informação fonológica contida nas diferentes possibilidades de inserção dos Itens de Vocabulário não é, em muitos casos, suficiente para assegurar que o *output* fonológico seja gerado de forma correta. Assim, a parte remanescente da informação sobre a forma fonológica dos morfemas é fornecida por um conjunto de *Regras de Reajustamento Fonológico* que se aplicam aos morfemas depois da operação de Inserção Vocabular. Estas regras são, portanto, regras fonológicas que podem alterar a forma fonológica dos Itens de Vocabulário já inseridos e já portadores de categoria morfossintática; elas ocorrem no componente morfológico da gramática (HALLE e MARANTZ 1993).

As regras que se aplicam em (7) e (9), por exemplo, especificam apenas uma parte das alternâncias morfológicas que ocorrem no plural do inglês. Além dos Itens de Vocabulário adequados, o nó [pl] requer as *Regras de Reajustamento Fonológico*, que podem alterar a fonologia da Raiz. Estas regras efetuam mudanças no contexto morfossintático e incluem listas de Raízes que são submetidas a essas mudanças.

Outras alternâncias que ocorrem no paradigma do plural do inglês, determinadas pelas Regras de Reajustamento Fonológico, são apontadas por Halle e Marantz (1993): a) *flag/flags*; b) *life/lives*; c) *child/children*; d) *tooth/teeth*. Do ponto de vista morfossintático, essas alternâncias contêm um morfema de plural, o qual, entretanto, apresenta distintos expoentes fonológicos: [-z] em *flags* e *lives*, [-en] em *children*, e [Ø] em *teeth*. As *Regras de Reajustamento Fonológico* determinam então o desencadeamento de uma regra fonológica especial de sonorização em palavras como /*life*[-z]/, a aplicação de uma regra fonológica especial que insere [-r] em /*child*[-en]/, e uma regra fonológica especial que torna frontal e menos arredondada a vogal da raiz em nomes como *tooth*, *goose* etc.

A propriedade que distingue as *Regras de Reajustamento Fonológico* é que elas são condicionadas tanto pela informação morfossintática como pela especificidade da raiz. Por exemplo, a regra que muda o núcleo de *sing* para /æ/ (*sang*) faz referência tanto à presença do traço [pass] como à identidade da raiz (√SING, e não √HIT; como, também, *bit/bit*; *sit/sat* etc). Neste sentido, as regras de reajustamento fonológico diferem de outras regras da fonologia que não fazem referência ao ambiente morfossintático (EMBICK E HALLE 2004b).

3.4 A DERIVAÇÃO MORFOLÓGICA

Como vimos, a teoria da Morfologia Distribuída assume uma abordagem sintática para qualquer tipo de morfologia, incluindo a morfologia derivacional, na qual as Raízes se combinam com os núcleos funcionais *n*, *v* ou *a*.

No componente PF da gramática, os morfemas funcionais recebem representações fonológicas através do processo de Inserção Vocabular, cuja operação envolve Itens de Vocabulário que competem pela inserção, de acordo com sua especificidade, sendo que o item mais específico é que ganhará a competição. As Raízes são neutras sob o ponto de vista categorial; não carregam, portanto, noções morfológicas de categoria e pertencerão às classes abertas – nomes, verbos e adjetivos

– quando forem concatenadas com núcleos funcionais abstratos doadores de categoria, de acordo com a hipótese em (10):

(10) *Hipótese de Categorização*

Raízes não podem aparecer (não podem ser pronunciadas ou interpretadas) sem ser *categorizadas*; as Raízes são categorizadas através da concatenação sintática com núcleos funcionais definidores-de-categoria. Se todos os núcleos definidores-de-categoria forem núcleos-fases no sentido de Chomsky – isto é, núcleos que iniciam *spell-out* – a hipótese de categorização advém da arquitetura geral da gramática. (EMBICK e MARANTZ 2007, p. 5 – tradução minha)²

Para Marantz (1996), nossas categorias sintáticas usuais – nomes, verbos e adjetivos – são, na verdade, categorias morfológicas que emergem durante a derivação somente no contexto de certas projeções funcionais, isto é, um nome é uma Raiz em um local relacionado com um núcleo funcional particular D(eterminante); *little n* (em trabalhos posteriores). Os núcleos funcionais determinarão no ambiente da Raiz a categoria a que a palavra pertence. A realização fonológica desses núcleos doadores de categoria é tipicamente um afixo derivacional; se os afixos contiverem traços fonológicos, da concatenação da raiz ao afixo derivacional emergirá uma formação derivada. As palavras pertencem às categorias morfológicas, mas são sempre derivadas sintaticamente; logo, toda formação de palavras é sintática (MARANTZ 1996, 1997; EMBICK 2000).

Assim, no quadro da MD, a formação de palavras é possível quando a uma raiz ($\sqrt{\quad}$) adjungir-se um afixo derivacional portador de categoria morfossintática. Por exemplo, a mesma raiz $\sqrt{\text{flor}}$, ilustrada em (11), abaixo, pode tornar-se um nome, *florista*, como em (11a); um adjetivo, *floral*, como em (11b); ou um verbo, *florear*, como em (11c), dependendo da configuração sintática na qual a raiz for inserida, ou seja, dependendo de se a raiz for concatenada com *n*,

² *Categorization Assumption*: Roots cannot appear (cannot be pronounced or interpreted) without being categorized; Roots are categorized by merging syntactically with category-defining functional heads. If all category-defining heads are phase heads in Chomsky's sense – that is, if they are heads that initiate spell-out – the categorization assumption would follow from the general architecture of the grammar (EMBICK e MARANTZ 2007, p. 5).

a ou *v*, respectivamente, como se pode observar nos exemplos abaixo:

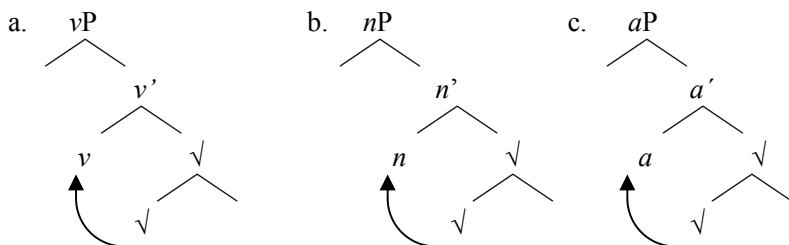
(11) *Núcleos funcionais doadores de categoria*

- | | | | | | | |
|----|------|----------|---|----|------|----------|
| a. | √ | <i>n</i> | | b. | √ | <i>a</i> |
| | flor | ist | a | | flor | al |
| c. | √ | <i>v</i> | | d. | √ | <i>n</i> |
| | flor | ea | r | | flor | Ø |

Como pode ser observado nos exemplos em (11) acima, a realização fonológica dos núcleos doadores de categoria é tipicamente um sufixo derivacional. Quando não houver nenhum sufixo ou vogal temática para ser inserido, como em *flor*, em (11d), a GU, de acordo com as condições de boa formação da língua, provê um sufixo zero ou um expoente fonológico zero (Ø), justificado pelo fato de que os verbos e a maioria dos nomes nas línguas românicas têm uma vogal temática ou um sufixo categorial (EMBICK e HALLE 2004a, p. 62).

Um verbo é formado na sintaxe através do movimento núcleo-a-núcleo da raiz verbal para o núcleo funcional que a *c*-comanda (*v*), como ilustrado em (12a). Em ambientes não-verbais, a raiz se move para *n* (12b) ou para *a* (12c), como exemplificado nos diagramas abaixo:

(12)

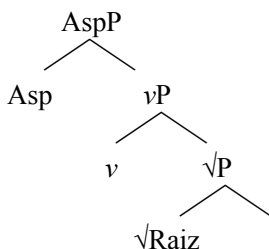


Quanto ao significado de uma forma derivada, Marantz (1997) afirma que há um *continuum* entre os significados de morfemas atômicos e palavras derivadas. Para o autor, com base na estrutura sintática, as formações derivadas devem ter significados predizíveis a partir dos significados de suas partes e de suas estruturas internas, pois as estruturas derivadas carregam a implicação semântica de sua estrutura

interna. Quando não for este o caso, como já vimos, essa informação deve estar na Enciclopédia, que contém a lista dos significados não inteiramente previsíveis a partir da estrutura morfossintática.

Embick (2000) adicionalmente aponta para uma conexão direta entre as propriedades sintático-semânticas que estão implicadas nas nominalizações e nas formações deverbais, e as propriedades da estrutura funcional. Para o autor, o núcleo funcional *Asp* (sempre presente nessas formações) refere-se aos traços abstratos morfossintáticos e de cunho aspectual dos Itens de Vocabulário. Esta configuração sintática está ilustrada abaixo (EMBICK 2000, p. 217):

(13) *Estrutura sintática das formações deverbais*



Para Embick, os traços de *v* dizem respeito à agentividade/causatividade e eventividade ou estatividade; *Asp*, como já vimos, contém traços que se referem às propriedades morfossintáticas e de cunho semântico-aspectual dos Itens de Vocabulário; a $\sqrt{\text{Raiz}}$ refere-se a um membro pertencente às chamadas ‘classes abertas’. Os núcleos funcionais são identificáveis em termos de seu conteúdo de traços morfossintáticos e semânticos e então desempenham um papel definido na realização morfológica da Raiz. Tomados juntos, os dois núcleos funcionais (*Asp* e *v*) contêm informações semântico-aspectuais básicas acerca da agentividade e causatividade, ou eventividade ou estatividade, além de informação aspectual a respeito do *status* da causação, do evento ou estado.

Como vimos, os núcleos funcionais podem ser distinguidos quanto ao seu conteúdo de traços. Entretanto, há casos em que não é claro que diferenças no conteúdo dos traços são responsáveis pelas diferenças de forma e de interpretação. A Raiz $\sqrt{\text{CAMP}}$ -, que tem duas formações verbais - *campear* e *campejar* - por exemplo, ilustra bem esta questão. Estas ocorrências, segundo Embick e Marantz (2007), indicam que os dois Itens de Vocabulário (-*ear* e -*ejar*) não estão ordenados para

a inclusão em um mesmo nó terminal; assim, qualquer um deles pode ser inserido. A diferença interpretativa entre essas formações, segundo os autores, advém do fato de que elas estão em competição quanto ao uso, mas não em competição gramaticalmente.

O fenômeno de bloqueio, por sua vez, diz respeito à competição entre os Itens de Vocabulário para inserção nos nós terminais da sintaxe (EMBICK e MARANTZ 2007). Em *give* e *gave*, por exemplo, o alomorfe \emptyset do tempo passado compete com o alomorfe regular *-ed* para a realização do nó terminal [pass]. O alomorfe \emptyset ganha a competição no contexto de *give* (mas não no contexto de *walk*, por exemplo) e uma Regra de Reajustamento morfofonológico muda a fonologia de *give* para *gave* no contexto do passado. Formas agramaticais, como **gived*, por exemplo, não se realizam porque não fazem parte da forma fonológica de uma sentença gramatical, isto é, não são geradas pela gramática.

3.4.1 Derivações por Fase

Em *Derivation by Phase*, Chomsky (1999) adota um modelo de gramática segundo o qual as unidades lingüísticas fazem parte de uma Numeração, cujos elementos constituintes são feixes de traços lexicais, morfológicos e fonológicos. A partir de escolhas lexicais, a estrutura sintática é construída pelo sistema computacional, em estágios. A cada estágio da computação, um item da Numeração é concatenado (pela operação *Merge*) ou é movido (pela operação *Move*). *Spell-Out* envia a estrutura gerada sintaticamente para as interfaces LF e PF para ser interpretada. O conjunto de operações realizadas até o ponto de *Spell-Out* é, segundo Chomsky, uma *fase*. Encerrada uma fase, a computação pode continuar, mas as estruturas computadas até esse ponto da derivação não podem mais ser recuperadas no resto da derivação.

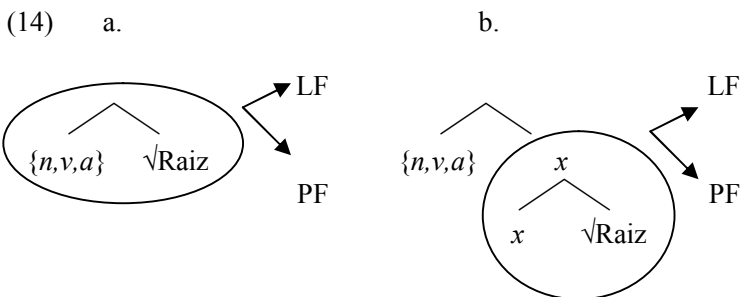
Nessa perspectiva, o conjunto de operações e de categorias que fazem parte de uma fase tem uma interpretação e uma forma fonológica correspondente.

Marantz (2001, 2007a), seguido por Marvin (2002) e Arad (2003), propõe que as fases sintáticas podem ser estendidas até o nível da palavra. Para esses autores, na derivação de uma palavra, os núcleos doadores de categoria – *v*, *n*, *a* – determinam derivacionalmente a fronteira de um domínio cíclico, isto é, uma *fase*, na terminologia chomskiana.

Marantz (2001) defende que as palavras são formadas pela sintaxe através de operações de concatenação, incluindo aquelas operações *entre* morfemas dentro de uma palavra e isto ocorre tanto

estruturalmente (dependendo da posição na árvore sintática) quanto derivacionalmente (envolvendo domínios cíclicos).

Segundo o autor, o significado de uma Raiz, no ambiente de um núcleo funcional doador de categoria x , é negociado com o contexto morfossintático definido por este categorizador. Já os núcleos que se adjungem acima da estrutura Raiz + x tomam como complemento uma estrutura na qual tanto o significado da Raiz como a pronúncia já foram negociados. Estas interações estão ilustradas em (14), abaixo, onde x representa os núcleos funcionais doadores de categoria (Marantz 2001, p. 7):



Em (14a), os núcleos funcionais n , v ou a determinam uma fase. Quando a Raiz se combina com os núcleos doadores de categoria, a estrutura computada é enviada para as interfaces PF e LF para as interpretações fonológica e semântica. O significado da Raiz no ambiente de v , n ou a é negociado na Enciclopédia.

Quanto à estrutura, o núcleo que se adjuge acima de x , como em (14b), enxerga os traços de x localmente – e não os traços, propriedades ou identidade da Raiz concatenada com x – e tem suas propriedades seletivas satisfeitas pelos traços de x . Por outro lado, o núcleo que se adjuge a uma Raiz tem suas exigências de seleção satisfeitas pelas propriedades idiossincráticas da Raiz. Todos os núcleos adicionados à estrutura acima da primeira concatenação contribuirão composicionalmente para o significado da expressão resultante.

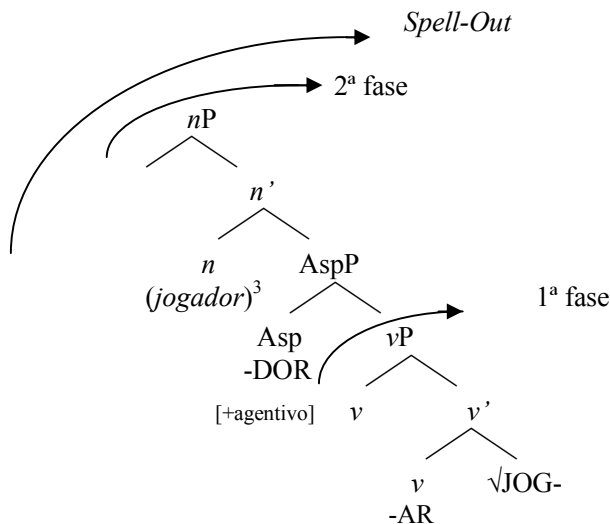
Para Embick e Marantz (2007), os núcleos que se adjungem ao nível da Raiz estão no *Domínio Interno (Inner Domain)* e os núcleos que se adjungem acima de outro núcleo x , os verdadeiros núcleos doadores de categoria, estão no *Domínio Externo (Outer Domain)*.

Para Marantz (2001), a concatenação com a raiz implica: a) negociação do significado da Raiz no contexto do morfema; b) aparente

semiprodutividade; c) o significado da construção depende da semântica da Raiz e independe da estrutura argumental; d) não envolve o argumento externo do verbo (no caso de a formação ser verbal). Já a concatenação que ocorre acima do núcleo doador de categoria implica: a) significado composicional predizível a partir do significado da Raiz; b) aparente produtividade; c) o significado da estrutura pode envolver operação na estrutura argumental; d) pode envolver o argumento externo do verbo (no caso de a formação ser verbal).

Essas propriedades, segundo o autor, ajudam-nos a fazer previsões acerca do comportamento dos Itens de Vocabulário. Por exemplo, se um Item de Vocabulário diz respeito a um morfema que envolva o argumento externo, espera-se que este Item seja produtivo e que apareça acima dos Itens de Vocabulário que criam as categorias sintáticas *n*, *v* ou *a*.

Um exemplo que ilustra bem essas relações apontadas por Marantz é a derivação com o sufixo agentivo *-dor*, que envolve o argumento externo do verbo projetado sintaticamente: é um afixo produtivo e adjunge-se acima do afixo formador de verbos. No exemplo em (15), abaixo, o núcleo funcional *Asp* representa os traços semântico-aspectuais do afixo (Item de Vocabulário); o exemplo mostra igualmente onde ocorrem as fases:

(15) *jogador*

Em (16), a raiz $\sqrt{\text{JOG-}}$ é concatenada diretamente com o núcleo categorizador *v*, resultando no verbo *jogar*, cujo significado está listado na Enciclopédia – aqui há uma fronteira de um domínio cíclico ou uma fase. Já a adjunção que ocorre na estrutura acima da primeira concatenação (com o Item de Vocabulário *-dor*), resultando no nome *jogador*, tem o seu significado composicional predizível a partir do significado da Raiz + *v*: “aquele que joga” – aqui há outra fronteira de um domínio cíclico ou de uma fase.

Para Marantz (2001), portanto, a estrutura da gramática interage com as propriedades da Raiz e explica as diferentes propriedades dos morfemas que se adjungem no domínio da Raiz (morfemas internos) e dos morfemas que se adjungem acima do domínio de *x* (núcleos doadores de categoria). Há um ciclo ou uma fase para os núcleos funcionais que se concatenam diretamente às Raízes e outro ciclo para os núcleos que se concatenam acima do domínio da Raiz.

3.5 RESUMO

A Morfologia Distribuída propõe uma abordagem sintática para a

³ A inserção da formação derivada na árvore é apenas um artifício expositivo.

morfologia derivacional. Neste modelo teórico, as raízes são a-categoriais e, na sintaxe, são concatenadas com núcleos funcionais abstratos doadores de categoria (*v, n, a*). A realização fonológica destes núcleos doadores de categoria é tipicamente um afixo derivacional. No componente morfológico, ocorre a operação de *Inserção Vocabular*, tendo como resultado a inserção de material fonológico da Raiz ($\sqrt{\quad}$) e a inserção de material fonológico do afixo derivacional, que é sintaticamente motivado, embora, às vezes, não seja pronunciado. Os afixos possuem traços morfossintáticos e semântico-aspectuais que determinam sua inserção em uma estrutura morfológica. A informação que permite diferenciar formas derivadas de formas simples, segundo este modelo teórico, é o conteúdo fonológico do afixo doador de categoria morfossintática à raiz. A estrutura interna das palavras é criada pelos mesmos mecanismos de construção que a estrutura interna das sentenças; esta estrutura interna é um produto da sintaxe e de operações morfológicas e morfofonológicas no componente PF.

Esse modelo teórico introduz um conjunto de listas não-computacionais, distribuídas, que substituem o Léxico das teorias lexicalistas. Estas listas contêm informações diferentes, necessárias à derivação das unidades lingüísticas.

Como o quadro da Morfologia Distribuída trata a formação de palavras como ocorrendo no componente sintático, Marantz (2001, 2007a) propõe estender as fases sintáticas até o nível da palavra. Na derivação de uma palavra, segundo o autor, os núcleos doadores de categoria (*v, n, a*) determinam a fronteira de um domínio cíclico ou de uma *fase*. Para esclarecer as implicações semânticas que ocorrem nas derivações, Marantz propõe que o núcleo que se adjunge a uma raiz (morfema interno) tem suas exigências de seleção satisfeitas pelas propriedades idiossincráticas da Raiz. Já o núcleo que se adjunge acima de *x* (morfema externo) tem suas propriedades seletivas satisfeitas pelos traços de *x*. Os núcleos adicionados à estrutura acima da primeira concatenação contribuem composicionalmente para o significado da expressão resultante.

Com base nessas asserções propostas pela teoria da Morfologia Distribuída, recorrerei a este quadro teórico formal como suporte para a descrição e análise das formações derivadas.

PARTE II

ESTRUTURA DE EVENTO

4. ESTRUTURA DE EVENTO

4.1 INTRODUÇÃO

A estrutura de argumento de um item lexical representa um complexo de informações cruciais para se analisar o comportamento sintático deste mesmo item. Princípios como o Critério Temático e o Princípio de Projeção, postulados pela Teoria da Regência e Ligação (CHOMSKY 1981), evidenciaram a importância de se observar a configuração sintática projetada por um item lexical, já que a estrutura da sentença é parcialmente determinada pela informação lexical.

A Teoria da Regência e Ligação entende que os constituintes obrigatórios de uma sentença são determinados pelas propriedades semânticas dos predicados (verbos, adjetivos, nomes e preposições). Todo predicado tem sua estrutura de argumento, ou seja, todo predicado é especificado para o número e tipos de argumentos que ele requer. A relação semântica entre os itens lexicais e seus respectivos argumentos é referida em termos de *papéis temáticos* ou *funções temáticas* ou ainda *funções- θ* ⁴. Em “João matou a barata”, por exemplo, o verbo *matar* toma ou atribui dois papéis temáticos: o papel de agente ao argumento sujeito da sentença (*João*) e o papel de paciente ao argumento objeto (*a barata*). Assim, a semântica lexical que é sintaticamente relevante restringe-se aos papéis temáticos que o predicado requer.

O componente da gramática que regula os papéis temáticos é a *Teoria Temática*; a estrutura temática associada aos itens lexicais deve ser saturada no nível sintático pelos constituintes adequados, segundo o *Critério Temático*⁵. A estrutura de argumento e a *Grade Temática*⁶ do predicado determinam a composição da sentença. Já a projeção de tais argumentos na sintaxe depende de princípios como o *Princípio de Projeção* – a idéia de que toda a estrutura sintática é projetada do léxico – que assegura a preservação da estrutura de constituintes em todos os níveis de projeção. Por fim, a *Hierarquia Temática*⁷ estabelece a posi-

⁴ θ -Roles (*Thematic Roles* ou *Theta Roles*).

⁵ O *Critério Temático* (*Theta Criterion*) regula a atribuição dos papéis temáticos e pode ser assim formulado: (i) Cada argumento tem de receber um e um só papel temático; (ii) Cada papel temático tem de ser atribuído a um e um só argumento (MIOTO *et al.* 2004, p. 140).

⁶ A *Grade Temática* (*Theta Grid*) contém informação sobre o número de argumentos dos predicados correspondentes e seus respectivos papéis temáticos (MIOTO *et al.* 2004, p. 126).

⁷ Um exemplo de *Hierarquia Temática* (*Thematic Hierarchy*): Ator > Paciente/Beneficiário > Tema > Locativo/ Fonte/Meta (JACKENDOFF 1990, p. 258).

ção que cada argumento deve ocupar para receber papel temático; isto é, os constituintes recebem seu papel temático somente em determinadas posições. Por exemplo, o argumento mais alto dentro do VP, o argumento externo, receberá o papel temático de *agente*, enquanto que o argumento mais baixo, o interno, receberá o papel temático de *tema* (MIOTO et al. 2004).

Os papéis temáticos mais aceitos pelos autores (não há consenso entre eles de quantos e quais sejam os papéis temáticos) são: agente/ator /causador, tema, paciente, experienciador, benefactivo/beneficiário, meta e locativo (HAEGEMAN, 1994). Nesta abordagem lexicalista, enfim, a estrutura de argumento é diretamente determinada pelas propriedades lexicais dos predicados e a entrada lexical de um verbo determina a estrutura sintática do VP.

Com o advento do Programa Minimalista (CHOMSKY 1995), todos os princípios que se aplicavam na estrutura-D na Teoria da Regência e Ligação, como os papéis temáticos, por exemplo, passam a se aplicar somente nos níveis de interface, vinculando a noção de estrutura possível na língua a possibilidades de interpretação semântica e fonética.

Chierchia (2003), entretanto, argumenta que essa análise da relação entre a estrutura da sentença e os itens lexicais que a compõem resulta em abordagens superficiais; por exemplo, o verbo *beijar*, em “João beijou Maria”, é visto como uma mera relação de dois lugares, e os papéis temáticos são analisados com base em relações associadas aos argumentos: o agente é o argumento que, em virtude da posição que ocupa, executa alguma coisa; o tema é o argumento que “sofre” alguma coisa.

O autor chama então a atenção para a necessidade de observarmos também as eventualidades dos verbos, pois, segundo ele, a introdução do argumento *evento* na análise dos verbos permite tornar mais explícito o tratamento dos papéis temáticos, que passam a ser encarados como relações entre os eventos e seus protagonistas. A relação de agente, por exemplo, passa a ser vista como uma relação que vale entre um evento *e* e um indivíduo *x*, quando *x* for, precisamente, o agente daquele evento.

Lin (2004) igualmente chama a atenção para a necessidade de estudarmos os significados dos verbos e as eventualidades que denotam, pois, para o autor, verbos que descrevem estados psicológicos são problemáticos para teorias que se baseiem em hierarquias temáticas. O verbo *preocupar*, por exemplo, atribui os papéis temáticos de experienciador e tema tanto a seu sujeito como a seu objeto, como em

“Os comentários de João (tema) preocuparam Maria (experienciador)” e “Maria (experienciador) preocupou-se com os comentários de João (tema)”, não obedecendo, portanto, à hierarquia temática (LIN 2004, p. 17). Outro exemplo citado pelo autor é o verbo *resemble* (“assemelhar-se”) do inglês, que atribui o mesmo papel temático aos NPs, o que viola o Critério Temático, que diz que cada argumento recebe um único papel temático. Por outro lado, verbos como *praise* (“orar, louvar”), *imagine* (“imaginar”) e *promise* (“prometer”) não atribuem um papel temático específico a seus argumentos internos. Além disso, para Lin, uma teoria que se baseie somente nos papéis temáticos é puramente descritiva e por isso incapaz de analisar satisfatoriamente a implicação dos verbos nas sentenças, por desconsiderar a sua estrutura interna e não fazer referência direta ao seu significado e aos eventos que denotam.

Assim, na seção 4.2 a seguir, exponho os tipos de eventos propostos por Vendler (1967) e algumas teorias que trabalham com a idéia de representação da estrutura de evento, detendo-me em autores como Dowty (1979), Rothstein (2004), Chierchia (2003), Verkuyl (1993) e Levin (1999, 2000). O objetivo dessa exposição é apenas mostrar como é feita a representação semântica da estrutura de evento em uma abordagem lexicalista.

4.2 TIPOS DE EVENTOS E SUAS REPRESENTAÇÕES SEMÂNTICAS

Zeno Vendler, em seu trabalho de 1967, foi quem primeiro propôs a classificação dos tipos de eventos em quatro diferentes categorias: *estados*, *atividades*, *accomplishments* e *achievements*. Estas categorias visavam a captar o envolvimento lógico e a interação entre os verbos, o tempo e os modificadores temporais – os advérbios. Os exemplos colocados por Vendler (1967, p. 107) dos quatro tipos de evento estão expostos em (1), abaixo:

(1)

<i>Estados</i>	<i>Atividades</i>	<i>Achievements</i>	<i>Accomplishments</i>
amar	correr	chegar	construir a casa
possuir	nadar	morrer	fazer uma cadeira
desejar	andar	reconhecer	pintar o quadro
saber	puxar algo	ganhar o jogo	proferir um sermão
entender	empurrar o carrinho	achar/perder algo	recuperar-se de doença

Para o autor, os eventos de estado referem-se a situações não-dinâmicas, que subsistem e que envolvem um tempo indefinido; as atividades são processos que não implicam a noção de tempo único e definido; os eventos de *achievement* são instantâneos, acontecem em um único momento, envolvendo instantes definidos no tempo; e os *accomplishments* são processos que implicam a noção de um período de tempo único e definido, que têm um ponto final natural.

A decomposição dos quatro tipos de eventos propostos por Vendler é sistematizada por Dowty (1979) através dos operadores aspectuais abstratos DO, CAUSE e BECOME. Na descrição, os verbos são predicados de eventos e os papéis temáticos denotam as funções dos participantes nos eventos. A decomposição lexical das classes aspectuais fica estabelecida da seguinte forma (DOWTY 1979, p. 123-124):

- (2) a. Estados: $\pi_n(\alpha_1, \dots, \alpha_n)$.
 “João sabe a resposta”.
- b. Atividades: DO($\alpha_1, [\pi_n(\alpha_1, \dots, \alpha_n)]$).
 “João corre”.
- c. Achievement: BECOME [$\pi_n(\alpha_1, \dots, \alpha_n)$]
 “João descobriu a solução”.
- d. Accomplishment: [[DO($\alpha_1, [\pi_n(\alpha_1, \dots, \alpha_n)]$)] CAUSE [BECOME [$\rho_n(\beta_1, \dots, \beta_n)$]]].
 “João quebrou a janela”.

Nesta análise, Dowty coloca os verbos de estado como simples predicados, desprovidos de estrutura interna, enquanto que os verbos de atividade estão sob o escopo do operador DO. Os *achievements* apresentam uma mudança de estado que é pontual. A ausência do operador CAUSE indica a ausência de um agente, já que esses verbos

nunca ocorrem em contextos agentivos. Observe-se “João reconheceu seu amigo na multidão” e “*João deliberadamente reconheceu seu amigo na multidão” (DOWTY 1979, p. 113). Os *accomplishments*, por sua vez, estão sob o escopo do operador DO e são regidos por um operador CAUSE, que tem como alvo um resultado final – por ter esta estrutura, os *accomplishments*, eventos complexos, incorporam a idéia de um agente causador.

Para Rothstein (2004), a classificação dos tipos de eventos proposta por Vendler (1967) revelou a intuição de que há duas propriedades que são cruciais para categorizar as eventualidades ou tipos de eventos, que são: a) se o evento tem um ponto final natural (se é *télico*); e b) se o evento pode ser analisado como em progresso ou em desenvolvimento (se é *dinâmico*, isto é, se tem estágios).

A primeira propriedade [\pm *télico*] agrupa os estados e atividades de um lado e os *achievements* e *accomplishments* de outro. As eventualidades *télicas* caminham em direção a um ponto final natural, ou culminação, cujas propriedades são determinadas pela descrição do evento, ou seja, o ponto final é determinado pela descrição da eventualidade, como os *achievements* e *accomplishments*. As eventualidades *atéticas*, por sua vez, referem-se a eventos que, uma vez iniciados, podem continuar indefinidamente, já que a natureza da eventualidade não determina seu ponto final (ou seu ponto *télico*); ou seja, na descrição do evento, nada indica que um ponto final ocorra, como nos estados e nas atividades.

A segunda propriedade – se o evento tem estágios – indica se ocorreu ou está ocorrendo um estágio da eventualidade dada pelo verbo; assim, *e* é um estágio de *e'* se *e* desenvolve-se em *e'*.

Para distinguir as quatro classes de Vendler (1967), Rothstein (2004, p. 12) propõe uma classificação em termos de traços, como em (3), abaixo, que reflete as duas propriedades aspectuais expostas:

- (3) a. Estados: [-*télico*, -estágios]
- b. Atividades: [-*télico*, +estágios]
- c. Achievements: [+*télico*, -estágios]
- d. Accomplishments: [+*télico*, +estágios]

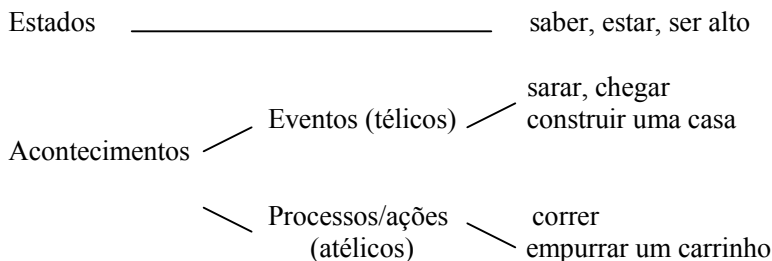
Para representar as propriedades aspectuais das classes verbais, a autora reconstrói o modelo proposto por Dowty (1979) e propõe a representação exposta em (4), na qual os verbos são predicados de eventos e os papéis temáticos denotam as funções dos eventos em seus participantes (ROTHSTEIN, 2004, p. 35):

- | | |
|--------------------|--|
| (4) a. Estados | $\lambda e.P(e)$ |
| b. Atividades | $\lambda e.(DO(P))(e)$ |
| c. Achievements | $\lambda e.(BECOME(P))(e)$ |
| d. Accomplishments | $\lambda e.\exists e_1\exists e_2[e = {}^s(e_1_e_2) \wedge (DO(P))(e_1) \wedge CUL(e)=e_2]$ |

Na representação em (4), P é uma variável dos itens lexicais. Em (4^a), a descrição indica que os estados consistem de predicados nus; (4b) representa as atividades como predicados de eventos nus sob o escopo do operador DO; (4c) representa o significado de um *achievement* como um predicado de evento nu sob o escopo do operador BECOME que, segundo a autora, tenta captar a intuição de Dowty de que um *achievement* é uma mudança *quasi*-instantânea de estado, em que x tem a propriedade $\neg P$ e passa a ter a propriedade P; (4d) representa os *accomplishments* como predicados de eventos complexos, construídos através da soma de uma atividade com uma culminação ou um ponto télico. Rothstein propõe que CUL(e) seja também um evento *quasi*-instantâneo. O operador *s* sobrescrito indica que a operação de soma na representação forma uma entidade singular.

Já Chierchia (2003) argumenta que os verbos se agrupam em classes determinadas por uma série muito articulada e sistemática de propriedades morfológicas e sintático-distribucionais e que estas classes distribucionais correspondem a um modo de classificar as eventualidades. Segundo o autor, para analisarmos as eventualidades dos verbos, é necessário que façamos uma distinção entre estados e acontecimentos e, para isso, propõe a seguinte classificação (CHIERCHIA 2003. p. 493):

(5) *Eventualidades*



A partir dessa classificação, segundo o autor, é possível estabelecermos as eventualidades denotadas pelos verbos em sentenças como:

- (6) João *sabe* francês (o verbo estativo denota um estado que subsiste).
- (7) João *estava atravessando* a rua (o verbo principal denota um evento télico).
- (8) João *corre* no parque (o verbo denota um processo, uma eventualidade atélica).

A estrutura de evento e os papéis temáticos também são úteis, segundo Chierchia, para caracterizarmos a semântica dos nomes deverbais, pois estes derivam dos verbos correspondentes e saturam todos os argumentos dos verbos de que derivam. Em “A chegada de João me abalou”, por exemplo, temos um conjunto daqueles eventos em que alguém chega, como exposto abaixo (CHIERCHIA, 2003, p. 531):

- (9) a. chegada: $\{e: \exists x \text{ CHEGA } (e, x)\}$
 b. $\{e: \text{CHEGAR } (e, \text{João})\}$.

A classe de eventos em (9a) é idêntica à de (9b); portanto, *de João* em *chegada de João* desempenha o mesmo papel semântico do sujeito em “João chega”. Os papéis temáticos permitem-nos obter de maneira composicional a semântica de *chegada de João* a partir da semântica de *chegada*.

Ainda segundo Chierchia (2003), o mesmo acontece com o nome *explosão*, derivado do verbo *explodir*, como se vê em (10):

- (10) a. Houve uma explosão.
 b. Há um evento *e* tal que
 i. *e* é uma explosão
 ii. *e* culmina
 iii. a culminação de *e* situa-se no passado.

Para o autor, a única diferença entre o verbo *explodir* e o nome derivado *explosão* é que, quando utilizamos o verbo, a eventualidade permanece implícita (“Explodiu alguma coisa”). Já quando utilizamos o nome derivado *explosão*, a referência à eventualidade fica explícita (“Houve uma explosão”).

Por outro lado, Verkuyl (1993) afirma que a representação da estrutura de eventos através de formas lógicas não capta a perspectiva temporal em que as sentenças devem ser estudadas e que é mais relevante descrever como as propriedades aspectuais do verbo são derivadas composicionalmente que distribuir os verbos em classes verbais. Para o autor, a tipologia proposta por Vendler diz respeito às categorias situacionais, e as sentenças, além de denotarem estados, processos ou eventos, expressam ainda duração, repetição, semelfactitividade, frequência, habitualidade etc.; portanto, uma teoria sobre as propriedades aspectuais deve mostrar a estrutura temporal das sentenças.

O autor propõe então uma teoria na qual o aspecto terminativo é colocado em oposição ao aspecto durativo; particularmente, propõe uma teoria na qual o aspecto terminativo é visto como composicionalmente formado com base na informação semântica expressa pelo verbo e seus argumentos. O foco da proposta é a interação entre a informação temporal fornecida pelo verbo [ADD TO] e a informação atemporal fornecida pelos constituintes envolvidos na interpretação do aspecto [SQA]; ou seja, a informação semântica associada ao verbo será amalgamada com a informação semântica associada aos argumentos NPs do verbo – o foco do estudo é, portanto, o aspecto interno. O rótulo [SQA] expressa uma “Quantidade Especificada de A⁸”, onde A é a denotação do núcleo N do NP.

O esquema composicional proposto por Verkuyl apresenta a classificação dos verbos como durativos e terminativos [\pm ADD TO] e a classificação dos nominais é feita levando-se em conta se eles determinam uma quantidade especificada ou não [\pm SQA]. Este modelo está exposto abaixo (VERKUYL 1993, p. 18):

(11) *Esquema Composicional*

- a. [-ADD TO] e [\pm SQA] (‘Nenhum movimento’) → duratividade
 (i) João está doente.
 (ii) Judite quer comer um sanduíche. } denotam eventualidades estativas
- b. [+ADD TO] e [-SQA] (‘Movimento com cortes’) → duratividade
 (i) João entregou crachás aos congressistas. } denota eventualidade atélica

⁸ *Specified Quantity of A.*

- c. [+ADD TO] e [+SQA] ('Movimento com limites') → terminatividade
- | | |
|---|--------------------------------------|
| (i) João deu um crachá a um congressista. | } denotam eventualidades
atéticas |
| (ii) Judite comeu três sanduíches. | |
| (iii) O paciente morreu. | |

Para o autor, os eventos são construídos pela linguagem através dos elementos colocados nas sentenças. Os exemplos em (11c) expressam o aspecto terminativo porque contêm verbos e NPs que denotam entidades temporais concebidas dentro de limites, como o verbo *comer* e os NPs *Judite* e *três sanduíches* em c(ii), que expressam uma quantidade especificada; por isso, essas sentenças denotam eventualidades téticas. Assim, a informação lexical denotada pelo verbo [+ADD TO], que é semântica e aspectualmente relevante, é amalgamada com a informação estrutural [+SQA] fornecida pelo NP. Por outro lado, a sentença em (11b) expressa duratividade e denota uma eventualidade atética devido à quantidade não-especificada do NP *crachás*. Os exemplos em (11a), por sua vez, denotam eventualidades estativas, pois o verbo *estar* denota um estado contingente e o verbo *querer* revela que a predicação principal é sobre um estado mental.

Para Verkuyl, estados, processos e eventos são o resultado da combinação da informação semântica expressa pelo verbo com a informação semântica expressa pelo argumento NP do verbo, como pode ser observado no esquema em (12), que sistematiza o Esquema Composicional exposto em (11), acima (VERKUYL 1993, p.19):

(12) *Estados, Processos e Eventos*

NP	-SQA	+SQA
Estados	Processos	Eventos
V	-ADD TO	+ADD TO

A figura em (12) expressa que os VPs denotam eventualidades estativas quando o V for [-ADD TO] e o nominal for [-SQA]⁹; os VPs

⁹ Como podemos observar em (12), um VP denota eventualidade estativa quando o V for [-ADD TO] e o nominal for [-SQA], isto é, o nominal refere-se a uma quantidade não-especificada; entretanto, no Esquema Composicional exposto em (11a), que denota eventualidade estativa, o nominal é descrito como [±SQA], ou seja, determina uma quantidade especificada ou não. A generalização colocada em (12) para uma eventualidade estativa não coincide, portanto, com a descrição exposta pelo autor no Esquema Composicional em (11a).

atéticos (processos) são derivados quando o V for [+ADD TO] e o nominal for [-SQA]; e os VPs télicos (eventos) são derivados quando o V for [+ADD TO] e o nominal [+SQA]. Nesta perspectiva, o aspecto terminativo aponta os eventos como entidades temporais que podem ser contadas e quantificadas.

Uma proposta mais recente para uma teoria da estrutura de evento foi apresentada por Levin (1999, 2000), que propõe que o significado de um verbo consiste de dois blocos: o *templato*¹⁰ da estrutura de evento e o significado idiossincrático do verbo. O *templato* da estrutura de evento tanto representa os componentes estruturais do significado do verbo que vão expressar o tipo ontológico do evento denotado pelo verbo, como define as classes semânticas dos verbos que partilham propriedades sintática e morfológicamente relevantes. O significado idiossincrático, por sua vez, diz respeito ao significado específico e particular de um verbo e serve para diferenciar um verbo de outro que partilhe o mesmo *templato* da estrutura de evento.

Para estabelecer a distinção entre as eventualidades, a autora propõe os *templatos* das estruturas de eventos simples, que consistem de um único sub-evento e abarcam eventos de atividade, estado e *achievement*, e o *templato* da estrutura de evento complexa, constituído de dois sub-eventos que fazem referência aos eventos causativos, como exposto em (13) e (14), respectivamente (LEVIN 1999, p. 9):

(13) *Templatos das estruturas de eventos simples*

- a. [x ACT <MANNER>] (atividade): correr, espirrar
- b. [x <STATE>] (estado): saber, imaginar
- c. [BECOME [x <STATE>]] (*achievement*): morrer, achar

(14) *Templato da estrutura de evento complexa*

[[x ACT <MANNER>] CAUSE [BECOME [y <STATE>]]]
(causativo)

]

Os *templatos* em (13) referem-se: em a), a verbos intransitivos, a

¹⁰ *Template*.

verbos semelfactivos¹¹ ou a verbos transitivos não-prototípicos, cujos objetos não se encaixem na noção de paciente, como os verbos de atividade *correr, espirrar, empurrar, varrer* etc.; em b), a verbos estativos, como *saber, imaginar, conhecer, amar*; e em c), a verbos de *achievement*, como *morrer, achar, perder* etc. O templatado em (14) refere-se a um evento causativo, constituído com verbos transitivos prototípicos, como *construir, derrubar, quebrar* etc., que têm a ação de um agente e têm um paciente afetado.

Os componentes dos templatados (<*manner*> e <*state*>), chamados *constantes*, presentes em (13) e (14), atuam na representação semântica lexical codificando o significado idiossincrático dos verbos. A constante *manner*, que caracteriza verbos de atividade e semelfactivos, como *correr, rir* ou *espirrar*, além de caracterizar verbos de mudança de estado, é modificadora da estrutura de evento – daí a notação sub-escrita nos templatados em (13a) e (14). Cada constante tem uma categorização ontológica; por isso, uma constante determina o número de argumentos no evento associado. Por exemplo, o evento de *correr*, por sua natureza, envolve um corredor; logo, sua constante está associada a um único participante.

Verbos de mudança de estado causada externamente, como *quebrar, abrir, alargar*, descrevem estados que necessariamente envolvem um causador, que é a entidade que causa a mudança, e um estado que é o sub-evento causado. A estrutura em (14), que tem duas variáveis (*x, y*), tem esse sub-evento na sua representação semântica, como se vê no exemplo em (15), abaixo (LEVIN 1999, p. 14):

(15) [[x ACT <*BREAK*>] CAUSE [BECOME [y <*BROKEN*>]]]

Para explicar como os argumentos são realizados na sintaxe, Levin assume uma teoria de regras de *link*, que fazem referência direta às posições dos argumentos na estrutura de eventos e especificam como esses argumentos são realizados na sintaxe. Por exemplo, na estrutura de evento causativa em (15) acima, uma regra de *link* especifica que a

¹¹ Apesar de os verbos semelfactivos descreverem eventos instantâneos, como *piscar, tossir* ou *espirrar*, Levin (1999, p. 9-12) os inclui entre os verbos de atividade, alegando que muitos verbos semelfactivos permitem uma interpretação de atividade quando os eventos que descreverem forem iterativos. O verbo *tossir*, por exemplo, segundo a autora, será um semelfactivo quando descrever um evento de tossir, mas será uma atividade quando descrever uma série de tosses; ou seja, tais verbos, para Levin, também permitem usos durativos.

variável *y* na estrutura de evento causativa é realizada como objeto do verbo.

Como vimos, as teorias de representação da estrutura de eventos propostas por Dowty (1979), Rothstein (2004), Chierchia (2003), e Verkuyl (1993), seguindo a visão da Semântica Gerativa, não apresentam estrutura sintática associada à combinação dos predicados. Nessa perspectiva, os predicados primitivos que constroem o significado de um verbo pertencem ao nível semântico. Esses autores, assim como Levin (1995, 1999, 2000), propõem, portanto, uma representação semântica lexical independente da estrutura sintática e decompõem a semântica do verbo em uma estrutura de evento. Nessa abordagem lexicalista, os verbos introduzem a representação semântica lexical completamente (bem) formada. Para dar conta de como os argumentos são projetados na sintaxe, Levin propõe regras de *link*, que ditam como os argumentos do verbo são realizados, ou seja, a semântica dos predicados é separada da representação sintática.

Como a teoria da Morfologia Distribuída postula que toda formação derivada é sintática, e, por conseguinte, representa a estrutura de evento na sintaxe, este quadro teórico mostra-se o mais adequado para representar e explicar as eventualidades denotadas por uma formação derivada, pois permite que se estabeleça diretamente a relação entre as estruturas sintática, morfológica e semântica.

Na seção a seguir, exponho a teoria de representação da estrutura de evento na sintaxe proposta por Marantz (2005a, 2005b, 2006a, 2007a, 2007b).

4.3 A REPRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA DE EVENTO NA SINTAXE

Nesta seção, exponho a teoria de representação sintática da estrutura de eventos apresentada por Marantz (2005a, 2005b, 2006a, 2007a, 2007b) e desenvolvida por Medeiros (2008), que segue o modelo teórico proposto pela Morfologia Distribuída, e que servirá como base teórica aqui para explicar as eventualidades denotadas por uma palavra derivada.

O modelo teórico da Morfologia Distribuída, exposto na primeira parte deste trabalho, assume uma posição não-lexicalista em relação à estrutura da palavra e da frase e propõe que toda derivação de objetos complexos é sintática. As raízes são desprovidas de categoria e as chamadas “categorias lexicais” N, V e A são criadas na sintaxe através

da concatenação dos núcleos funcionais doadores de categoria *n*, *v* ou *a* a uma raiz. Dito de outro modo, as raízes são nós sintáticos independentes que se concatenam com os feixes de traços sintáticos/morfológicos de núcleos/afixos funcionais doadores de categoria. Os componentes semântico e fonológico interpretam as combinações feitas na sintaxe, ciclicamente, fase a fase.

No modelo de decomposição sintática da estrutura de evento proposto por Marantz (2005a, 2005b; 2006a; 2007b), a interpretação semântica é inserida na estrutura sintática; o núcleo funcional verbalizador *v* introduz um evento – uma *eventualidade*, termo que se refere tanto a um evento como a um estado e um núcleo de Voz acima do *vP* relaciona o argumento externo (o agente ou causador) ao evento, como proposto por Kratzer (1996), que separou o argumento externo do verbo, delegando a sua projeção e interpretação aos núcleos funcionais na sintaxe.

As raízes denotam eventualidades de estado, atividade, movimento, *accomplishment* (Vendler 1967), tema incremental, criação, alternância causativo-incoativa etc., e podem concatenar-se diretamente com seus argumentos, ou não.

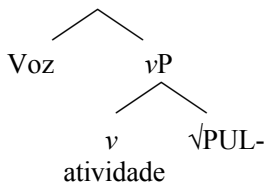
Nos eventos de atividade, introduzidos pelo núcleo *v*, a raiz pode concatenar-se com o *v* e ser interpretada com o traço ‘modificador de evento’; ou a raiz pode atuar como núcleo do complemento de *v* e ser interpretada como um estado ou um evento, como parte de uma *small-clause*. A raiz pode ainda atuar com o traço ‘modificador de evento’ do sub-evento mais encaixado no *vP* (MARANTZ 2005a, p.4).

O núcleo *v* pode denotar uma só eventualidade (eventualidade mono-eventiva) ou pode fazer referência a duas eventualidades (eventualidade bi-eventiva), como veremos detalhadamente a seguir.

a) *Eventos de atividades mono-eventivas*

Se a semântica da raiz denotar uma só atividade, como *correr*, *pular*, *brincar*, *cantar*, o *v* eventivo será concatenado diretamente à raiz. Neste caso, a raiz é interpretada com o traço ‘modificador de evento’, especificando o tipo de atividade denotada pelo verbo como um só evento (ou uma eventualidade), um *evento de atividade mono-eventiva*. Um núcleo de Voz, colocado acima do *vP*, relaciona o evento ao argumento externo, como mostra a estrutura em (16), exposta abaixo (MARANTZ 2006a, exemplo (5a), p.1):

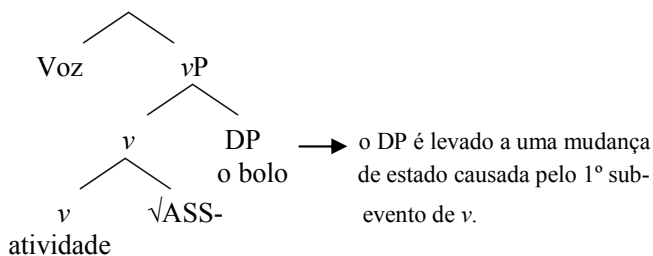
(16) *João pulou.*



b) *Eventos de atividades bi-eventivas*

(i) Com os verbos de tema incremental ou verbos de criação, como *limpar*, *varrer*, *pintar*, *construir*, que têm objeto direto, a raiz, com o traço ‘modificador de evento’, concatena-se diretamente com o *v* (primeiro sub-evento), causando ou outro evento de criação (verbos de criação) ou outro evento de mudança de estado (verbos de tema incremental) no DP. O objeto direto é então interpretado como uma mudança de estado que surge do segundo sub-evento e tem uma interpretação causativa. Neste caso, então, há duas eventualidades (atividade bi-eventiva) e a relação entre os eventos é a de causa, como ilustra o exemplo em (17) abaixo (MARANTZ 2006a, exemplo (5b), p.2):

(17) *Assar o bolo.*



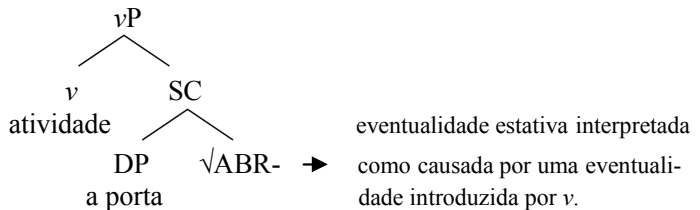
Como se pode observar em (17), o DP *o bolo* é interpretado como um evento causado por um evento mais encaixado do predicado de atividade (raiz + *v*), causando uma mudança de estado no DP, que passa pela mudança de estado de “não-assado” para “assado” e tem como significado um “estado resultante”. Este DP está dentro da fase do *vP* e é nesse ambiente que passa a ser interpretado como evento.

A estrutura em (17) é construída a partir da estrutura em (16), acrescentando-lhe um segundo sub-evento ao primeiro sub-evento de atividade. A relação de causa entre os eventos e de mudança de estado do DP é interpretada estruturalmente, em LF, e não através do operador CAUSE ou BECOME, segundo este modelo teórico.

Os verbos de atividade, que têm a eventualidade descrita pela estrutura em (16), podem passar a verbos de tema incremental como em (17), se receberem um objeto direto cognato, como em “João cantou uma canção” ou “Maria brincava uma brincadeira perigosa”.

(ii) Outra estrutura que denota duas eventualidades, uma dinâmica e uma estativa, segundo Marantz (2006a), ocorre quando as raízes servem como núcleo do complemento de v , isto é, servem como núcleo de um evento causado, mais encaixado e, neste caso, são interpretadas como estado ou causa, como parte de uma *small-clause* – a interpretação de mudança de estado, segundo o autor, seria acionada pela posição sintática da *small clause* como um complemento de v . Esses verbos são de alternância causativo-incoativa e apresentam, portanto, uma versão transitiva e uma intransitiva, como *abrir*, *clarear*, *assar*, *congelar* etc., dependendo de se o evento causado é uma atividade agentiva ou não. A estrutura em (18), abaixo (MARANTZ 2006a, exemplo (5c), p.3), ilustra que o evento é interpretado como causado por uma atividade introduzida por v e o outro evento é a mudança de estado denotada pelo DP:

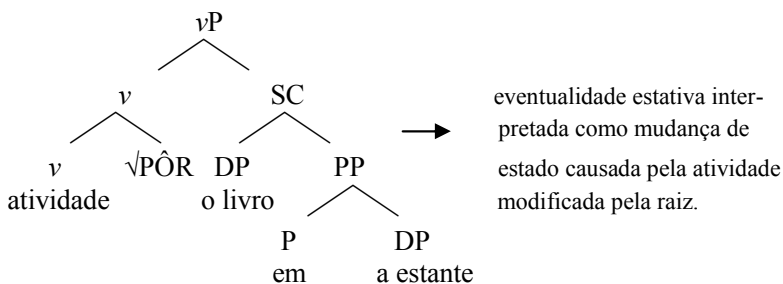
(18) *Abrir a porta.*



Na estrutura em (18), a raiz modifica o evento mais baixo, denotado pelo DP complemento do verbo (o DP *a porta* passa de “não aberta” a “aberta”). Segundo Marantz, se o evento causado for uma atividade agentiva, como em “João abriu a porta”, um núcleo de Voz será concatenado acima do vP para abrir uma posição para o argumento externo.

(iii) O v com atividade bi-eventiva ocorre ainda, segundo Marantz, em estruturas com raízes que tenham como complemento uma *small clause* que denote um evento interno complexo. Esta estrutura ocorre com verbos que tenham dois argumentos internos, como *pôr*, *colocar*, *dar*, *doar* etc. Neste caso, a *small clause* denota uma eventualidade estativa interpretada como mudança de estado causada pela atividade de v , como ilustrado na estrutura abaixo (MARANTZ 2006a, exemplo (5d), p.3):

(19) *Pôr o livro na estante.*



Na estrutura em (19), a raiz modifica o evento causador introduzido pelo v e estabelece o tipo de atividade (“pôr”), que causa o sub-evento “colocar na estante”.

Quanto às eventualidades denotadas pelos verbos que tenham as raízes prefixadas com *re-*, Marantz (2005a, 2005b; 2006a; 2007b) propõe uma generalização: quando se adjunge a verbos inacusativos-resultativos que tenham raízes que denotem um estado final, como *abrir*, o prefixo *re-* tem como alvo o evento interno do vP e não co-ocorre com *small-clauses*. Em “Reabrir a porta”, por exemplo, o prefixo tem incidência sobre o DP *a porta*, já que a porta estava fechada e alguém causou que ela fosse aberta novamente, e não que alguém a abriu antes e a abriu novamente. Para o autor, o prefixo *re-* tem como alvo o mesmo tipo de constituinte – o DP – quando se adjungir também a vPs de tema incremental ou de criação que denotem eventos de mudança de estado, como ilustrado em (20), abaixo (MARANTZ 2005a, exemplo (43d), p.11):

(20) *Repintar o muro.*

No exemplo em (20), segundo o autor, o escopo do prefixo recai sobre o DP: *o muro* é que sofrerá a ação de ser pintado novamente; entretanto, quando houver um segundo complemento fazendo parte da estrutura, como ilustrado em (21), abaixo (MARANTZ 2005a, exemplo (43e), p.11):

(21) *Repintar o muro de verde.*

o prefixo *re-* exibirá dupla interpretação, pois o muro pode ter sido pintado de marrom na primeira vez. Para Marantz, esta leitura é um indício de que há um sub-evento no vP, que exclui a cor verde, e que *de verde* pode ser um PP adverbial que modifica o sub-evento da mudança de estado causada pelo verbo *pintar*. Assim, *de verde* estaria fora do evento de mudança de estado e seria um modificador adverbial de um sub-evento.

É por esta razão que, com respeito aos verbos de tema incremental e verbos de criação, Marantz (2005a) afirma que, quando prefixados com *re-*, esses verbos requerem objeto direto, já que as raízes verbais sozinhas não criam a estrutura semântica necessária para licenciar o prefixo – o objeto é que cria essa semântica.

Nas generalizações feitas por Marantz, entretanto, o traço semântico das raízes que permitem a adjunção ao prefixo *re-* não é explicitado, pois o verbo inacusativo-resultativo *fechar*, por exemplo, não se combina com *re-*, como mostra a impossibilidade de **refechar*, e essa classe foi incluída pelo autor entre as classes verbais que formam derivações com esse prefixo.

Medeiros (2008), por sua vez, procura estabelecer as compatibilidades entre a semântica das raízes e as estruturas propostas por Marantz (2006a, 2007a) e propõe uma classificação semântica para as raízes que aparecem em contextos verbais. As raízes, consideradas modificadoras de eventualidades, como proposto por Marantz (2006a), são assim classificadas (MEDEIROS 2008, p. 149-153):

(i) Raízes que denotam estado resultante ou alvo: ocorrem com verbos de alternância causativo-incoativa, tais como *abrir*, *fechar*, *ferver*, *quebrar* etc. e normalmente modificam os DPs interpretados como mudanças de estado.

(ii) Raízes de modo de atividade: ocorrem com verbos agentivos, como *pintar*, *dormir*, *morder*, *destruir* etc. e podem ser combinadas diretamente com alguns DPs, que serão interpretados como parte da descrição do evento denotado pelo verbo, como em “lavar pratos”.

Essas raízes modificam os vizinhos de atividade, que denotam eventos causadores.

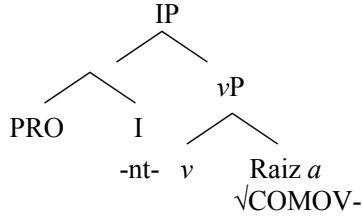
(iii) Raízes de modo de movimento: podem modificar tanto o DP interpretado como mudança de estado (versão inacusativa) quanto o *v* de atividade (versão inergativa), introdutor da variável de evento. A raiz denota um modo como a mudança de estado do DP ocorre (na versão inacusativa), como em “a pedra rolou (escada abaixo)” ou um modo que determina o tipo de atividade realizada pelo agente, como em “Maria correu (a maratona).

(iv) Raízes que denotam mudança de estado: ocorrem com verbos inacusativos; portanto, são modificadoras do DP que sofre a mudança de estado, como em “O animal agonizou”. Essas raízes estabelecem somente a maneira como a mudança de estado ocorre.

(v) Raízes que denotam estados: modificam o *v* estativo (introdutor da variável de estado, não de evento); quando essas raízes têm complemento, este é interpretado como rema, isto é, o complemento não é afetado pelo estado, o qual é portado pelo sujeito. O argumento externo desses verbos é introduzido pelo núcleo de Voz e é interpretado como portador, como em “João ama Maria”.

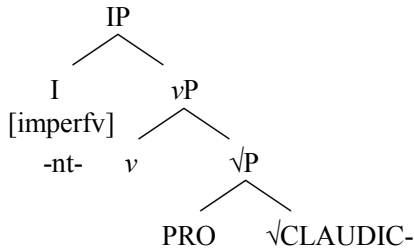
Em seu estudo sobre as formas participiais, Medeiros propõe três diferentes esquemas para representar a estrutura de evento das formas adjetivais em *-nte*.

Para os adjetivos que denotem propriedades, como *comovente*, por exemplo, o autor apresenta a estrutura em (22), abaixo, na qual a raiz é diretamente concatenada ao verbalizador. O morfema aspectual estativo I, diretamente concatenado a PRO, denota uma propriedade ou estado inerente a PRO, criando duas eventualidades: um estado ou propriedade do DP (modificado pelo adjetivo), que causa a eventualidade denotada pelo verbo interno ao adjetivo (*comover*). O autor propõe ainda que o Item de Vocabulário /nt/, inserido no núcleo aspectual I, está enfeixado com o núcleo adjetivador *a* (MEDEIROS 2008, exemplo (30), p.272):

(22) *comovente*

Para Medeiros, os verbos associados a essa classe de adjetivos são do tipo objeto-experienciador, que denotam estado e causam um evento/estado – daí as duas eventualidades.

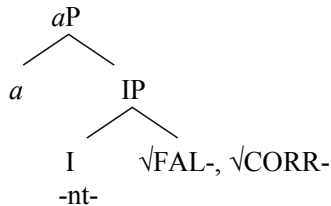
A segunda estrutura proposta por Medeiros é para os adjetivos que denotem processos, como *claudicante*, por exemplo, que manifesta um evento em andamento. Na estrutura ilustrada em (23), há também um morfema aspectual que domina o sintagma verbal, dando-lhe uma interpretação imperfectiva com leitura progressiva, já que o adjetivo não denota uma propriedade do DP modificado por ele, mas um processo em andamento (MEDEIROS 2008, exemplo (31), p.272):

(23) *claudicante*

A terceira estrutura, ilustrada em (24), abaixo, é proposta para tipos variados de raízes; dentre elas, as raízes que compõem adjetivos como *corrente* (de “água corrente”), *cadente* (de “estrela cadente”) ou *andante* (de “cavaleiro andante”). Nesta estrutura, as raízes que servem de base a esses adjetivos denotam modos de movimento ou de deslocamento com uma interpretação dinâmica, e os adjetivos denotam “propriedade de se deslocar”, que é atribuída ao DP modificado pelo adjetivo. Já para o adjetivo *falante*, o fato de uma raiz como √FAL- denotar um modo para uma atividade faz com que o argumento do verbo

que é modificado pelo adjetivo seja o correspondente ao sujeito desse verbo e o significado do adjetivo é o de propriedade desse sujeito. O núcleo funcional *a*, inserido acima do IP, define um domínio cíclico (MEDEIROS 2008, exemplo (38), p.278):

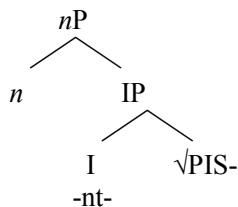
(24) *falante*



O autor afirma que nos adjetivos que são descritos pela estrutura em (24) “não há evidência clara (morfológica) de verbalizadores na estrutura” (p. 277); entretanto, vemos que a morfologia verbal está presente na vogal temática das formações, que é a mesma vogal temática dos verbos que serviram para a formação desses adjetivos: *correr/corrente*, *andar/andante* e *cadente*, que é o particípio presente do verbo latino *cadō*, *-is*, *-ēre* (“cair”). O indício de que essas formações adjetivais foram formadas a partir de verbos é, portanto, bem claro.

Para as nominalizações em *-nte*, como *acompanhante*, *ajudante*, *assaltante* etc., nas quais os substantivos denotam os sujeitos de seus verbos internos, Medeiros apresenta uma estrutura básica que, segundo ele, dá conta tanto de raízes que denotem modos de atividade, como as raízes que compõem verbos como *pisar*, *navegar*, *depositar* etc., como de raízes de verbos inergativos. A estrutura em (25) foi extraída de Medeiros (2008, exemplo (40), p. 279):

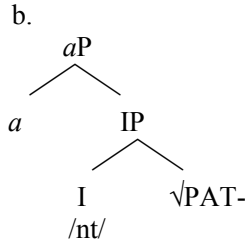
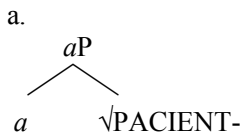
(25) *pisante*



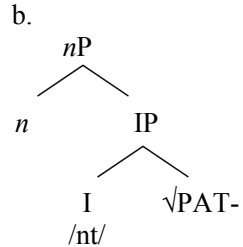
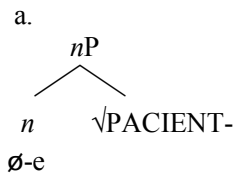
Na estrutura proposta, a raiz é concatenada diretamente a um morfema aspectual estativo e o núcleo *n*, que se adjunge à raiz + aspecto, é o primeiro categorizador da estrutura sintática. Para Medeiros, este núcleo é também responsável por introduzir uma variável do tipo indivíduo, que é o portador da propriedade ou estado mais encaixado. O fato de haver uma só camada com categorizador (*n*) na estrutura em (25) explicaria, segundo a teoria de fases proposta por Marantz, as idiosincrasias de significado, como *amante*, que não significa “a pessoa que ama”, e também formações como *comediante*, *feirante*, *farsante* etc., que derivam de substantivos.

Para os substantivos e adjetivos que parecem não ter ligação com verbo algum existente na língua e nos quais não é possível separar as raízes da seqüência fonológica /nt/, como *gigante*, *paciente*, *ambulante*, *coerente*, *decente*, *elegante* etc., o autor hipotetiza duas estruturas diferentes, tanto para os adjetivos como para os substantivos. Em (26), estão as propostas para a representação do adjetivo *paciente*; em (27), o esquema apresentado diz respeito ao nome *paciente* (MEDEIROS 2008, exemplos (43) a (46), p. 284-285):

(26)



(27)



Nas estruturas (26a) e (27a), a terminação /nt/ faz parte da raiz; já em (26b) e (27b), o sufixo *-nt* aspectual está inserido no núcleo aspectual I.

Para explicar nomes como *corrente*, por exemplo, o autor sugere que a relação da palavra com o verbo *correr* foi perdida por alguma geração de falantes e que o seu significado é o resultado de uma negociação entre a raiz $\sqrt{\text{CORR-}}$, que denota um modo de movimento, e um nominalizador. A palavra nominalizada ganha, na Enciclopédia, o significado de “cadeia de metal”. Já para a palavra *inocente*, que traz marcas de sua composição morfológica, pois tem um prefixo de negação e uma raiz que aparece em outras palavras da língua, o autor propõe a estrutura representada em (26b), na qual um núcleo aspectual estativo é combinado diretamente com a raiz $\sqrt{\text{NOC-}}$ para a formação de tal adjetivo.

As teorias para uma estrutura de evento propostas por Marantz (2005a, 2005b; 2006a; 2007b) e Medeiros (2008) serão adotadas no estudo das formações derivadas na Parte III desta tese; entretanto, pretendo descrever os traços aspectuais dos afixos e investigar com mais profundidade a semântica das raízes que formam as derivações, pois Marantz (2005, p.3), apesar de assumir que as raízes têm propriedades que restringem sua ocorrência nas estruturas funcionais, não descreve claramente a semântica das raízes, como bem observou Medeiros (2008).

Assim, a contribuição que pretendo trazer para o desenvolvimento da teoria é especificar os traços aspectuais de um conjunto de afixos (prefixos e sufixos) e descrever a semântica das raízes que permitem a formação de uma determinada palavra derivada. Considero que as raízes, por conterem propriedades semânticas, denotam eventualidades que possibilitam a sua adjunção aos afixos para formar as derivações e é para as formações derivadas que apresento uma proposta de representação sintática da estrutura de evento que se diferencia um pouco das propostas de Marantz e de Medeiros, como se verá a seguir.

4.4 DESENHANDO O MODELO

Nesta seção, apresento o modelo que será utilizado no estudo das formações derivadas na Parte III desta tese, com base em Marantz (2005a, 2005b; 2006a; 2007a, 2007b) e Medeiros (2008).

Em 4.4.1, após comentar brevemente sobre a importância de se levar em conta o traço aspectual inerente a um afixo, relaciono e defino

os traços aspectuais que marcam os afixos que foram selecionados para estudo: os prefixos *des-* e *re-*; e os sufixos *-ec(er)/-esc(er)*, *-dor/-tor/-sor*, *-iz(ar)* e *-nte*. Em seguida, em 4.4.2, proponho uma classificação para as raízes, levando em consideração as propriedades semânticas e as eventualidades que denotam e que possibilitam a sua adjunção aos afixos acima mencionados para formar uma palavra derivada. As eventualidades denotadas pelas raízes que compõem as formações derivadas serão analisadas e comentadas na seção 4.4.3.

4.4.1 Traços Aspectuais dos Afixos

O termo *aspecto* na terminologia lingüística, segundo Dowty (1979), é usado para fazer referência a afixos flexionais, a tempos verbais ou a outras estruturas morfossintáticas dos verbos, os assim chamados *operadores aspectuais*, que distinguem “diferentes maneiras de percebermos a constituição temporal interna de uma situação” (COMRIE 1976, p. 3). Para Lyons (1979, p. 331), o aspecto diz respeito ao “contorno ou distribuição temporal” de um acontecimento ou estado de coisas e não à sua “localização no tempo”. Assim, do ponto de vista da semântica, *aspecto* distingue-se de *tempo*, no sentido de que o tempo serve para relacionar o momento de uma situação ao momento de fala (presente, passado e futuro), enquanto os marcadores aspectuais servem para distinguir o início, meio ou fim de um evento; se o evento é único ou se se repete; e se o evento é completo ou incompleto. Para Dowty (1979), o termo *aspecto* acabou por receber um sentido mais amplo devido à tentativa, por parte dos semanticistas, de explicar os diferentes significados dos verbos.

O traço aspectual dos afixos é marcado em várias línguas. Nas línguas eslavas, a presença de um afixo aspectual em uma raiz é suficiente para determinar a terminatividade de uma projeção verbal (DI SCIULLO 2005, p.62), ou é suficiente para exigir um objeto direto, como a presença dos prefixos perfectivos do russo *na-*, *pro-* e *vy-* nos pares *pisat/napisat* “escrever”, *cĭtat/procĭtat* “ler” e *pit/vypit* “beber” (VERKUYL 1993, p. 26). E, nas línguas em geral, o afixo afeta a expressão semântica da raiz, transferindo-lhe os seus traços; por conseguinte, uma forma derivada será o resultado da amálgama das propriedades semânticas da raiz e dos afixos (MARANTZ 1984, p.125).

Como vemos, a interpretação de uma palavra derivada é determinada pelos traços de suas partes constituintes. Para Marantz (1984, p. 6), assim como a estrutura lógico-semântica de uma sentença

exibe as relações lógico-semânticas entre os seus constituintes, a estrutura sintática de uma sentença igualmente exhibe as relações gramaticais que os constituintes mantêm entre si; ou seja, a sintaxe também é “composicional”.

Dado que a Teoria da Morfologia Distribuída postula que as palavras e as sentenças são regidas pelos mesmos princípios, uma formação derivada é, por conseguinte, construída através dos mesmos princípios lógico-semânticos que governam a formação das sentenças, e a estrutura semântico-morfossintática de uma palavra derivada exhibe as mesmas relações lógico-semânticas entre os seus constituintes internos - as raízes e os afixos.

Com base nessas asserções, assumo que o significado das palavras derivadas é obtido composicionalmente a partir da sintaxe, através da *interação* entre os traços semântico-aspectuais dos afixos e as propriedades semânticas das raízes, e não devido às propriedades seletivas das raízes (Marantz 2006, 2007a; Borer 2005; Lin 2004).

Assim, relaciono abaixo os traços aspectuais relevantes dos afixos que interagem com as propriedades semânticas das raízes para juntos formarem uma derivação. Esse conjunto de traços será adotado na análise das formações derivadas no próximo capítulo.

Os traços aspectuais primitivos que podem co-ocorrer nos afixos selecionados são:

1. *Cursivo*: caracteriza-se por apresentar um evento dinâmico em pleno desenvolvimento ou em curso (TRAVAGLIA 1994). Em *navegante*, *poluente* ou *figurante*, por exemplo, o item sufixal *-nte* atribui o sentido de “evento em curso” ou “em desenvolvimento” às formações derivadas.

2. *Factitivo/causativo*: tem-se o aspecto factitivo/causativo quando se leva alguém, especificado ou não, a realizar ou sofrer uma ação, atribuindo-lhe uma qualidade ou modo de ser. O causativo pode vir expresso através do sufixo *-iz(ar)* (DUBOIS et al. 1991), como em *alfabetizar*, *amenizar*, *centralizar* etc.

3. *Habitual*: este traço aspectual refere-se a um evento que é característico de um período estendido de tempo, isto é, o evento caracteriza uniformemente todo o período (COMRIE 1976). Nas derivações *vendedor*, *colonizador* ou *navegador*, por exemplo, o morfema *-dor* imprime o traço aspectual habitual às derivações.

4. *Incoativo*: refere-se a uma mudança de estado e, como indica o começo de um novo estado, é ligado à inceptividade (TRAVAGLIA 1994). As formações *florescer*, *endurecer*, *empalidecer*, por exemplo, denotam mudança de estado devido ao traço aspectual incoativo do item sufixal *-ec(er)/-esc(er)*.

5. *Iterativo*: denota um evento que se repete uma vez ou uma série de vezes (COMRIE 1976). Por exemplo, nas formações derivadas *recomeçar*, *reescrever* ou *reler* o item prefixal *re-* denota um evento que se repete pelo menos uma vez.

Esse conjunto de traços aspectuais está sistematizado no quadro abaixo:

<i>Traços Aspectuais</i>	<i>Propriedades</i>	<i>Exemplos</i>
1. Cursivo	Evento que está em pleno desenvolvimento ou em curso.	<i>navegante, envolvente, poluente, figurante</i> etc.
2. Factitivo/Causativo	Evento que leva alguém a realizar ou sofrer uma ação.	<i>alfabetizar, amenizar, polemizar, viabilizar</i> etc.
3. Habitual	Evento caracterizado por um período estendido de tempo.	<i>administrador, distribuidor, navegador, vendedor</i> etc.
4. Incoativo	Refere-se a uma mudança de estado; liga-se à inceptividade.	<i>florescer, enriquecer, envelhecer, empobrecer, endurecer</i> etc.
5. Iterativo	Evento que continua ou que se repete uma vez ou uma série de vezes.	<i>reescrever, reabrir, redistribuir, reanimar, refazer</i> etc.

Quadro 1: Traços aspectuais necessários para a descrição dos prefixos e sufixos do português.

4.4.2 A Semântica das Raízes

As raízes que fazem parte de formações derivadas passam a incorporar, na primeira concatenação ou domínio cíclico, um nome, um adjetivo ou um verbo, isto é, as raízes podem receber as categorias de nomes, verbos ou adjetivos – as tradicionalmente chamadas “categorias maiores”.

Os nomes podem ser concretos ou abstratos e fazem referência a entidades, seres ou conceitos; ou seja, os nomes expressam referência, nomeação ou designação. Já os adjetivos são predicativos (qualidades inerentes), atributivos (qualidades atribuídas), relacionais (“relativos a”) ou de estado (modos de ser/estados). Os verbos, por sua vez, denotam estados ou propriedades, modos de atividade, processos, ou eventos de criação, destruição ou de tema incremental.

O termo *evento* é aqui utilizado para denotar uma ocorrência ou um acontecimento; já o termo *eventualidade* denota tanto uma atividade como um estado ou um processo, assim como proposto por Marantz (2005a, 2005b, 2006a, 2007a,b).

Podem as eventualidades ser denotadas também pelos nomes e adjetivos, da mesma maneira como são denotadas pelos verbos? Para Dubois (1991), Travaglia (1994) e Costa (1997), sim.

Dubois (1991, p. 73) define o aspecto como “uma categoria gramatical que exprime a representação que o falante faz do processo expresso pelo verbo (ou *pelo nome de ação*), isto é, a representação de sua duração, do seu desenvolvimento ou do seu acabamento (...)” (grifo meu). Para Costa (1997, p. 23), “a língua portuguesa inclui no seu sistema semântico a categoria de Aspecto que pode ser atualizada através de lexemas (...) ou de morfemas derivacionais (...)”.

Travaglia (1994, p. 127) igualmente afirma que, apesar de o aspecto ser uma categoria nitidamente verbal, “parece haver algumas oposições aspectuais nos nomes”, pois, segundo o autor, muitos substantivos apresentam situações como sendo dinâmicas, ou estativas, ou durativas, ou pontuais, como em *explosão*, que é um evento pontual, *festa*, que é um processo durativo, ou *paz*, que é um estado durativo.

A esses exemplos dados por Travaglia, podem-se acrescentar ainda: a) “vôo”, “tarefa”, “guerra”, “chuva” etc., como processos; b) “feliz”, “morto”, “alegre”, “alto”, “branco” etc., como estados; e c) “raio”, “trovão”, “relâmpago”, “terremoto” etc., como eventos pontuais.

O autor argumenta ainda que pares de substantivos podem apresentar a oposição acabado/não-acabado, como *queimação* (não-acabado) e *queimadura* (acabado), ou *escravização* (não-acabado) e

escravatura (acabado). A distinção da eventualidade denotada por essas derivações fica clara nos exemplos abaixo, retirados de Travaglia (1994, exemplos (308) e (309), p. 128):

- (28) a. Essa *queimação* no estômago me deixa louco.
 b. O sol na praia queima muito. Para evitar *queimaduras*, use um protetor solar.

Por fim, Travaglia (1994, exemplos (311) e (313), p. 128) cita os adjetivos em *-nte*, tais como *residente*, *corrente*, *nascente*, *constituinte* etc., que têm valor cursivo, como se pode perceber nos exemplos abaixo:

- (29) a. Encontrei-a na janela contemplando o sol *nascente* (isto é, que estava nascendo).
 b. João Silva, casado, *residente* (isto é, aquele que reside) nesta cidade....

Assim, com base no conjunto de exemplos apresentados, assumo que, além dos verbos, há também certos nomes e adjetivos que denotam eventualidades.

A seguir, apresento uma classificação para as raízes que leva em conta os traços semânticos e as eventualidades que denotam e que possibilitam que certos afixos se adjunjam a elas para formar uma palavra derivada.

4.4.3 Classificação das Raízes

Para fazer o estudo sobre a derivação prefixal e sufixal, foram selecionados, como já mencionado acima, os prefixos *des-* e *re-*, os sufixos nominalizadores *-nte* e *-dor*, e os sufixos verbalizadores *-ec(er)/-esc(er)* e *-iz(ar)*.

Nesta seção, apresento uma classificação para as raízes que leva em conta as propriedades semânticas e as eventualidades que denotam, possibilitando a adjunção dos afixos acima selecionados para formar uma palavra derivada. As restrições às novas formações serão discutidas na Parte III deste trabalho.

As eventualidades denotadas pelas raízes que se combinam com os afixos mencionados foram divididas em cinco diferentes classes, de acordo com o traço semântico que exibem: Classe I - *Raízes que expressam nomeação/designação*; Classe II - *Raízes que denotam estados ou propriedades, ou estados psicológicos ou mentais*; Classe III

- *Raízes que denotam (modos de) atividade*; Classe IV – *Raízes que denotam processos*; e Classe V - *Raízes que denotam eventos de criação, destruição ou de tema incremental*.

A seguir, cada classe será detalhada.

4.4.3.1 Classe I: *Raízes que expressam nomeação/designação*

As raízes que expressam nomeação/designação aceitam: (a) a adjunção de afixos que portem o traço semântico de “ausência ou falta de”; (b) de afixos verbalizadores que expressem incoatividade; ou (c) de afixos verbalizadores causativos que denotem o agente da ação expressa pelas raízes. Os afixos que se unem a essas raízes estão relacionados abaixo:

a) Afixo que porte o traço semântico de [“ausência” ou “falta de”], como o prefixo *des-*, que, ao se unir aos nomes produz derivações como *desamor*, *deságio*, *desfavor* ou *desserviço*.

Como veremos no próximo capítulo, nos nomes derivados como *desligamento*, *desaparição*, *desbloqueio* ou *descompasso*, o item prefixal *des-* une-se primeiramente aos verbos, fechando um domínio cíclico; os sufixos *-ção* e *-mento*, que compõem algumas dessas nominalizações, são concatenados com o núcleo funcional *n* acima de *v*.

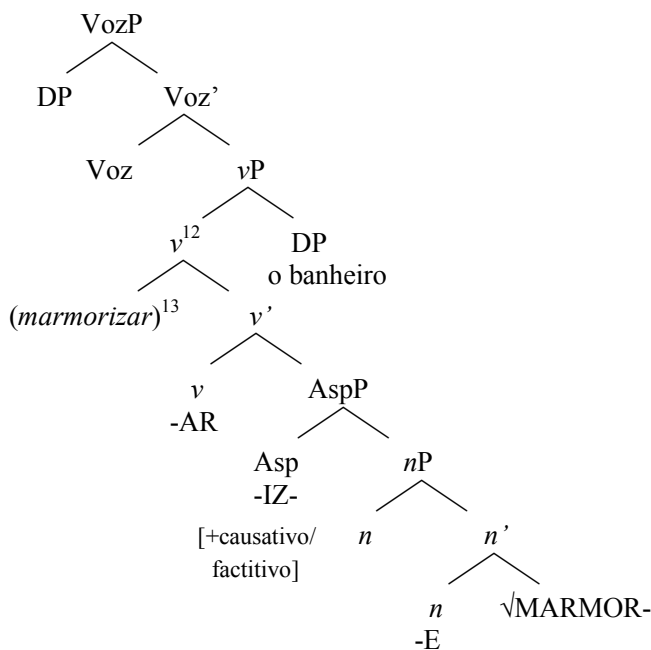
As formações derivadas a partir de um nome mais o item prefixal *des-* denotam *eventualidades de nomeação ou designação*.

b) Afixo verbalizador *-ec(er)/-esc(er)*, que tem o traço aspectual incoativo/inceptivo (traço que se refere a uma mudança de estado ligada à inceptividade), resultando em derivações como *florescer*, *amanhecer* ou *anoitecer*. Estas derivações não ocorrem em contextos agentivos, têm uma interpretação com causação interna e denotam *eventualidades de mudança de estado*.

c) Afixo verbalizador *-iz(ar)*, que tem o traço aspectual factitivo/causativo (quando se leva alguém a realizar ou sofrer uma ação), produzindo derivações como *alfabetizar*, *marmorizar* ou *ruborizar*. As formações derivadas formam verbos transitivos diretos que têm uma interpretação causativa/factitiva, pois causam uma mudança de estado no argumento interno do verbo. As formações derivadas com *-iz(ar)* denotam então *eventualidades de mudança de estado*.

Considerando-se que a interpretação de uma formação derivada é atribuída simultaneamente à semântica da raiz e ao conjunto de traços exibidos pelo afixo aspectual e pelo afixo doador de categoria morfofossintática, proponho que a decomposição sintática da estrutura de evento da formação derivada *marmorizar* (em “Joana *marmorizou* o banheiro”) tenha a seguinte representação:

(30) *marmorizar*



A representação em (30) mostra que o núcleo funcional *n* determina a fronteira de uma fase. A forma *mármore*, por ser arbitrária, tem o seu significado negociado na Enciclopédia e esta convenção se efetiva ao ser feita a primeira concatenação mais interna de um traço categorizador à Raiz. O núcleo funcional *v*, que determina a fronteira da segunda fase e se adjunge acima do ambiente de AspP, toma como

¹² Esse *v* representa o *v* de evento.

¹³ Como já salientado no capítulo anterior, a inserção da formação derivada na árvore é apenas um artifício expositivo.

complemento uma estrutura que já teve o seu significado negociado (*mármore*).

Uma vez que a fase de *n* foi fechada pelo domínio cíclico, a etapa posterior da derivação não tem mais acesso à raiz, que formou o nome *mármore*. O núcleo funcional *v*, adicionado acima da primeira concatenação, contribui composicionalmente para o significado da expressão resultante *marmorizar*¹⁴. Nesta formação, há, portanto, duas fases: uma para o núcleo funcional *n*, que se adjunge à raiz (domínio interno) e outra para o núcleo funcional *v* (domínio externo).

Em suma, o significado da formação *marmorizar* é calculado fase a fase, a partir da acepção vinda da Enciclopédia. A parte idiossincrática do significado é estabelecida na concatenação com o primeiro núcleo funcional doador de categoria (o mais interno) e a parte composicional é atribuída pelo outro afixo categorizador concatenado depois daquele que deu a primeira categorização.

A derivação da formação *marmorizar* ocorre então como descrito abaixo:

1º) a raiz $\sqrt{\text{MARMOR-}}$ entra na derivação e é concatenada ao Item de Vocabulário -E, inserido no núcleo funcional nominalizador *n*, formando *mármore*, que nomeia um tipo de calcário. Aqui se fecha um domínio cíclico ou uma fase;

2º) o Item de Vocabulário -IZ-, inserido no núcleo funcional Asp, porta o traço aspectual [+causativo/factitivo] e é semanticamente compatível com o traço semântico da forma *mármore*. Ocorre então a concatenação de -IZ- com a forma *mármore*, já que há interação entre os traços semânticos da raiz e a exigência semântica de causatividade do morfema sufixal;

3º) O morfema -AR concatena-se com -IZ- que, por sua vez, está concatenado com a forma *mármore*, formando *marmorizar*, que denota causatividade. Aqui se fecha o segundo domínio cíclico ou fase.

A estrutura bi-eventiva em (30) mostra que a interpretação agentivo-causativa é atribuída à forma derivada *marmorizar* (e não unicamente à raiz $\sqrt{\text{MARMOR-}}$), que já tem amalgamada em seu significado a semântica da raiz e o traço aspectual inerente ao afixo causativo/factitivo -iz- e ao afixo verbal -ar. O *v* de evento atribui à forma *marmorizar* o traço ‘modificador de evento’ com uma interpretação causativa. *Marmorizar* causa então um evento de mudança

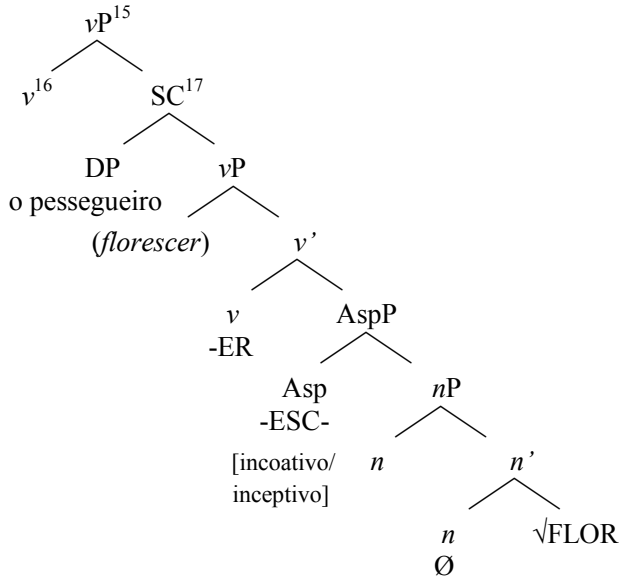
¹⁴ As alterações morfofonêmicas ocorridas nas derivações serão tratadas nos capítulos 5 e 6.

de estado no DP *o banheiro*, que passa do estado de “não marmorizado” para o de “marmorizado”. Há então o evento de “marmorizar”, que é a causa, e o outro evento é o efeito causado no DP.

O DP está dentro da fase do vP , e é nesse ambiente que passa a ser interpretado como um evento causado por um processo introduzido por v . A representação estrutural em (30) mostra ainda que o núcleo de Voz, inserido acima do vP , relaciona o evento ao argumento externo. O verbo derivado *marmorizar* denota então uma *eventualidade de mudança de estado*.

Outro exemplo de representação de uma formação derivada está em (31), abaixo, que ilustra tanto a representação estrutural como a decomposição sintática da estrutura de evento/argumento da derivação *florescer* (em “o pessegueiro *floresce*”):

(31) *florescer*



¹⁵ O núcleo de Voz só será adjungido acima do vP quando os especificadores forem animados/agentivos.

¹⁶ Representa o v de evento.

¹⁷ Essa estrutura com SC é proposta aqui com base em Marantz (2005a,2005b; 2006a; 2007b): a interpretação de mudança de estado é acionada pela posição sintática da *small clause* como um complemento de v .

A representação em (31) mostra que a formação derivada *florescer* tem dois domínios cíclicos ou duas fases. A fronteira do primeiro domínio cíclico fecha-se com a concatenação do núcleo funcional *n* à raiz $\sqrt{\text{FLOR}}$ (domínio interno), que tem o seu significado dado por convenção. O núcleo funcional *v*, adicionado acima de Asp, núcleos responsáveis pela inserção do morfema sufixal incoativo/inceptivo *-esc-* e do morfema verbal *-er* (domínios externos), determina a fronteira da segunda fase, contribuindo composicionalmente para o significado da formação derivada *florescer*.

Quanto à estrutura de evento denotada pela formação derivada, vemos que a representação em (31) ilustra que *florescer* é o núcleo de um evento causado e atua como modificador da eventualidade denotada pelo DP *o pessegueiro*. Esta estrutura denota duas eventualidades, uma dinâmica e a outra estativa. O evento é interpretado como causado por uma processo introduzido por *v* e a outra eventualidade é a mudança de estado denotada pelo DP (codificada na *small-clause*), que passa de “não-florido” a “florido”. Verbos como *florescer* são de alternância causativo-incoativa e apresentam, portanto, uma versão transitiva (“a primavera *floresce* os campos”) e uma intransitiva (“o pessegueiro *floresceu*”). Formações derivadas com *-ecer/-escer* que tenham a estrutura semelhante à de (31) expressam *eventualidades de mudança de estado*.

A seguir, exponho as raízes que denotam estados ou propriedades, ou estados psicológicos ou mentais, que vêm a formar a segunda classe de raízes que se combinam com um afixo para formar uma derivação.

4.4.3.2 Classe II: *Raízes que denotam estados ou propriedades, ou estados psicológicos ou mentais*

As raízes que denotam estados ou propriedades combinam-se com prefixos que lhes imprimam o traço semântico de negação e com sufixos que denotem incoatividade ou causatividade. Pertencem a essa classe as raízes dos adjetivos internos às derivações que denotem eventualidades predicativas ou atributivas (LARSON 1998), relacionais (MCNALLY e BOLEDA 2004) ou de estado.

Os adjetivos participam de dois tipos distintos de predicação: são predicados plenos ou especificadores de predicados (BORGES NETO 2001). Atuam como predicados plenos ou como *predicativos* quando semanticamente denotarem funções/qualidades próprias ou inerentes às entidades a que se referem e atuam como especificadores ou como

atributivos quando denotarem funções/qualidades modificadoras ou especificadoras dos nomes a que aludem (LARSON 1998). Para McNally e Boleda (2004), os adjetivos atuam ainda como itens *relacionais* quando forem semanticamente similares aos nomes e modelarem esses nomes como entidades, isto é, quando houver uma relação entre o substantivo qualificado pelo adjetivo e o substantivo do qual deriva o adjetivo, definindo as relações expressas.

Os adjetivos *brancas*, *alto*, *loiro* e *infinito* nos sintagmas “nuvens *brancas*”, “rapaz *alto/loiro*”, “universo *infinito*”, por exemplo, atuam como predicativos dos nomes, pois denotam qualidades inerentes ou próprias dos nomes a que se referem. Os adjetivos *barato*, *rápido*, *honesto* e *completo*, por sua vez, nos sintagmas “livro *barato*”, “serviço *rápido/completo*”, “homem *honesto*” denotam qualidades modificadoras ou especificadoras desses nomes – são, portanto, atributivos. Já nos sintagmas “calor *solar*”, “doença *pulmonar*” e “correio *central*”, os adjetivos *solar*, *pulmonar* e *central* são relacionais, pois são semanticamente similares aos nomes a que se referem (traço atribuído pelos morfemas sufixais *-al/-ar*) e identificados como denominais.

Para classificar de maneira mais precisa as eventualidades denotadas pelos adjetivos que integram as formações derivadas, acrescentarei à classificação acima a classe dos adjetivos que denotam especificamente *estados*; isto é, adjetivos que denotam o estado em que os seres/coisas estão ou se encontram em um dado momento, como *morto*, *maduro*, *podre*, *murcho* etc.

Adotarei aqui a terminologia e classificação utilizadas por Larson (1998) – adjetivos *predicativos* e *atributivos* – e por McNally e Boleda (2004) – adjetivos *relacionais* – e adicionalmente uma classe para os adjetivos que denotam *estados*, para distinguir as raízes dos adjetivos que se concatenam com um afixo para formar uma palavra derivada.

Os afixos que se adjungem às raízes que pertencem à Classe II estão relacionados abaixo:

a) Prefixo que porte o traço semântico de [“negação”], como *des-*, produzindo formações como *desleal*, *descortês*, *desumano* etc. Com este traço semântico, *des-* une-se a adjetivos atributivos, como (*des*)*leal*, (*des*)*cortês*, (*des*)*contente*, (*des*)*elegante* ou a adjetivos predicativos (*des*)*umano*. As derivações formadas a partir da adjunção de *des-* a uma forma adjetiva ou raiz podem denotar *eventualidades predicativas ou atributivas* ou *eventualidades de mudança de estado*.

b) Afixo verbalizador que tenha o traço aspectual incoativo/inceptivo como *-ec(er)/-esc(er)*, resultando em derivações como *endurecer, envelhecer, empobrecer* etc. As formas adjetivas ou raízes internas às derivações que se combinam com *-ec(er)/-esc(er)* são predicativas, como *branco, negro* ou *duro*; atributivas, como *rico, velho* ou *pobre*, ou de estado, como *maduro, morto, murcho* etc. As formações derivadas denotam processos e admitem uma versão causativa, como em “O prêmio da loteria enriqueceu João” ou “A geada embranqueceu o pasto”. As derivações denotam *eventualidades de mudança de estado*.

c) Afixo verbalizador *-iz(ar)*, que tem o traço aspectual factitivo/causativo, produzindo derivações como *amenizar, fertilizar, suavizar, centralizar* etc. As formas adjetivas ou raízes internas às formações denotam atribuições, como *ameno, fértil, suave* etc., ou relações, como *legal, penal, regular* ou *vulgar* e os verbos derivados expressam “aquisição de uma qualidade ou estado ou modo de ser”, que têm uma interpretação causativa, pois denotam a ação realizada pelo argumento externo do verbo, o causador. As formações derivadas com *-iz(ar)* expressam *eventualidades de mudança de estado*.

As raízes que denotam estados psicológicos ou mentais, por sua vez, formam verbos do tipo sujeito experienciador ou do tipo objeto experienciador e combinam-se com prefixos que portem o traço semântico [“oposição/contrário de”] ou o traço aspectual iterativo, e com sufixos que portem o traço aspectual cursivo ou habitual.

Os afixos que se combinam com as raízes que denotam estados psicológicos ou mentais estão relacionados a seguir:

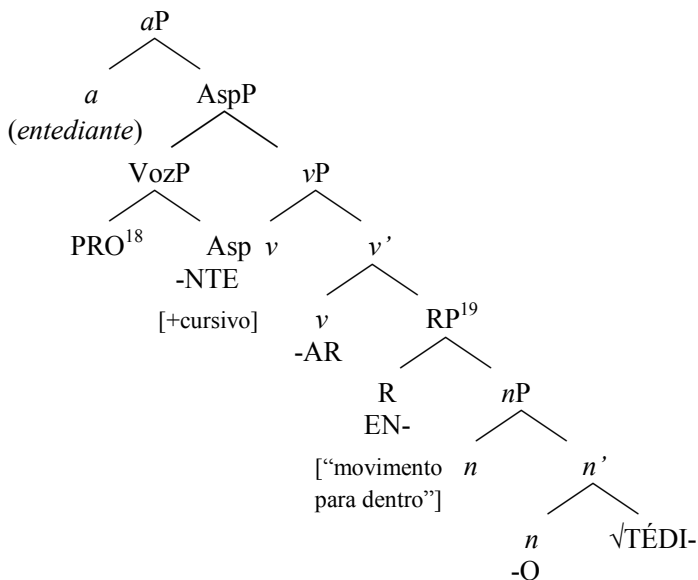
a) Prefixo que porte o traço semântico de [“oposição/contrário de”], como *des-*, resultando em derivações como *desgostar, desconhecer* ou *desacreditar*. As formas verbais ou raízes internas às derivações são do tipo sujeito-experienciador. As formações com *des-* ou denotam *eventualidades de mudança de estado*, pois as formas derivadas resultantes da interação entre as propriedades das raízes e o traço semântico de *des-* passam a expressar [“contrário de X”], em que X é o verbo, e, conseqüentemente, uma mudança de estado, como *afeiçoar/desafeiçoar, gostar/desgostar, inibir/desinibir* etc.; ou as formações derivadas denotam *eventualidades estativas*, pois a semântica da formação final expressa um estado que não implica necessariamente em uma situação anterior oposta à forma resultante, como *desconfiar, desconsiderar, desrespeitar* etc.

b) Prefixo que porte o traço aspectual iterativo (traço que se refere a um evento que se repete pelo menos uma vez), como o prefixo *re-*, derivando formações verbais como *relembrar*, *repensar*, *reconsiderar*, que denotam *eventualidades de mudança de estado*.

c) Afixo adjetivador *-nte*, que tem o traço aspectual cursivo (traço que se refere a situações em curso), derivando formações como *descrente*, *deprimente*, *estressante*, *comovente* etc. As formas verbais ou raízes internas às derivações são do tipo objeto-experienciador e denotam estados psicológicos ou mentais; as formações adjetivais, por sua vez, denotam atributos ou propriedades dos nomes que esses adjetivos modificam. As derivações formadas a partir da adjunção de *-nte* a uma forma verbal ou raiz denotam *eventualidades atributivas ou predicativas*.

d) Afixo adjetivador *-dor*, que tem o traço aspectual habitual (traço que se refere a um período estendido de tempo), produzindo derivações adjetivais como *pensador*, *admirador* ou *conhecedor*. As raízes internas às derivações denotam estados mentais ou psicológicos e as derivações expressam atributos ou predicados dos nomes modificados pelos adjetivos. As formações derivadas portam o traço agentivo e denotam *eventualidades atributivas ou predicativas*.

Para representar a forma estrutural e a decomposição sintática da estrutura de evento de uma formação derivada que tenha como raiz interna à derivação um verbo que denote estado psicológico ou mental, proponho a estrutura em (32), que ilustra a representação da formação derivada *entediante* (de “festa *entediante*”):

(30) *entediante*

A estrutura em (32) mostra que há três domínios cíclicos e que a parte arbitrária do significado está no constituinte mais interno, o nome *tédio*, que inicia a série da derivação e tem o seu significado fixado na Enciclopédia – aqui se fecha a primeira fase. No domínio de *v*, a forma *tédio* concatena-se com o morfema prefixal *en-*, introduzido pelo morfema relacionador R (LEMLE 2008) e depois com o morfema verbal *-ar*, produzindo o verbo *entediar*²⁰ - aqui se fecha a 2ª fase. No domínio de *a*, a formação verbal *entediar* concatena-se com o morfema aspectual *-nte*, produzindo o adjetivo *entediante* e fechando a 3ª fase. O significado da formação *entediante* foi calculado fase a fase, em Forma Lógica, a partir da acepção vinda da Enciclopédia. A parte composicional do significado da formação derivada *entediante* (“que

¹⁸ PRO será adotado neste estudo (MARANTZ 2007b; MEDEIROS 2008) para especificar, na representação sintática da estrutura de evento das formações derivadas, o agente/causador do verbo interno ou o portador da eventualidade denotada pelo verbo interno à formação, sem nenhuma outra pretensão de cunho mais teórico.

¹⁹ Pelo fato de estabelecerem relações, os prefixos originários de preposições serão introduzidos por um morfema relacionador.

²⁰ As formações parassintéticas serão comentadas no capítulo 6, seção 6.3.1.

entedia/causa tédio”) depende de cada um dos morfemas categorizadores sucessivamente concatenados depois daquele que forneceu a primeira categorização.

O significado das formações derivadas depende, portanto, dos traços codificados nos morfemas prefixais e sufixais, que não possuem traços fonológicos, mas carregam informação categorial e traços aspectuais, que vão permitir a sua adjunção à raiz ou não.

A estrutura em (32) revela ainda que na formação *entediante* há duas eventualidades: a primeira eventualidade é a atribuição de uma propriedade ao nome (*festa*), que é modificado pelo adjetivo; a segunda eventualidade é denotada pelo verbo *entediar* e causada pela propriedade do nome. O morfema aspectual cursivo *-nte*, que denota uma propriedade ou atributo de PRO, é diretamente concatenado a PRO, criando as duas eventualidades (MEDEIROS 2008). Neste caso, a formação *entediante* (de “festa entediante”) denota uma *eventualidade atributiva*.

A seguir, exponho as raízes que denotam (modos de) atividade, que vêm a formar a terceira classe de raízes que se combinam com um afixo para formar uma derivação.

Classe III: *Raízes que denotam (modos de) atividade*

As raízes que se referem a (modos de) atividade expressam uma situação dinâmica que envolve um agente e se combinam com os afixos abaixo relacionados:

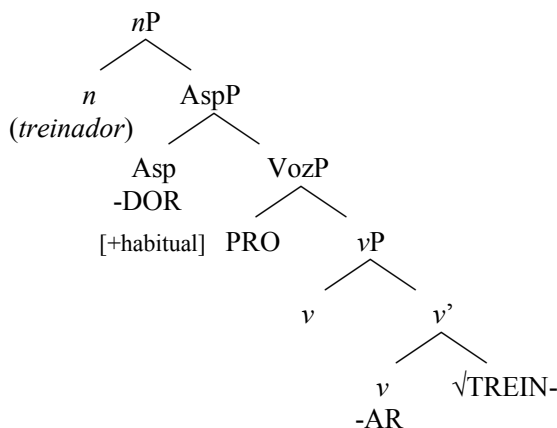
- a) Afixo que porte o traço semântico de [“oposição/contrário de”], como o prefixo *des-*, resultando em formações verbais que expressam agentividade, como *desacorrentar*, *desapear* ou *desdizer*. As formas verbais às quais o item prefixal *des-* se une devem permitir que a atividade que expressam seja desfeita. Essas formações derivadas denotam *eventualidades de mudança de estado*.
- b) Afixo que porte o traço aspectual iterativo, como o prefixo *re-*, derivando formações como *reabrir*, *reescrever* ou *reler*. As formações derivadas expressam agentividade devido à propriedade da raiz e denotam *eventualidades de mudança de estado*.
- c) Afixo nominalizador que porte o traço aspectual cursivo, como o sufixo *-nte*, resultando em formações como *assaltante*, *estudante*,

palestrante, falante etc., que expressam agentividade e expressam nomeação ou designação.

d) Afixo nominalizador *-dor*, que porta o traço aspectual habitual, derivando *jogador, nadador* ou *inventor*. As formações derivadas portam o traço agentivo da raiz e expressam nomeação ou designação.

A estrutura em (33), abaixo, ilustra a proposta para a representação estrutural e a representação sintática da estrutura de evento da formação derivada agentiva *treinador*:

(33) *treinador*



A representação em (33) é proposta para as derivações com *-dor* que expressem nomeação ou designação e denotem agentividade. Nessa estrutura, a raiz $\sqrt{\text{TREIN-}}$ porta o traço semântico de modo de atividade e o núcleo funcional Asp domina o sintagma verbal, dando-lhe uma interpretação de habitualidade. PRO especifica o agente do verbo interno à derivação, que é quem exerce a eventualidade denotada pelo verbo (*treinar*) interno à formação.

A estrutura em (33) mostra que o núcleo funcional v determina a fronteira de uma fase. A raiz $\sqrt{\text{TREIN-}}$ é diretamente concatenada a v , resultando na forma verbal *treinar*, que tem o seu significado negociado na Enciclopédia – esta convenção se realiza ao ser feita a primeira concatenação mais interna de um traço categorizador à raiz. Como a fase de v foi fechada pelo domínio cíclico, a etapa posterior da derivação não

tem mais acesso à raiz. O núcleo funcional *n*, que determina a fronteira da segunda fase e se adjunge acima do ambiente de AspP, responsável pela inserção do morfema aspectual *-dor*, toma como complemento uma estrutura que já teve o seu significado negociado (*treinar*) e contribui composicionalmente para o significado da expressão final *treinador*.

Na formação do nome agentivo *treinador* há, portanto, duas fases: uma para o núcleo funcional *v*, que se adjunge à raiz (domínio interno) e outra para o núcleo funcional *n*, que se adjunge acima do domínio da raiz (domínio externo). O significado da formação derivada *treinador* é calculado fase a fase. A representação estrutural em (33) mostra ainda que a combinação de [raiz + morfema verbal + morfema habitual *-dor*] tem uma interpretação agentiva devido à propriedade da raiz adicionada ao traço aspectual atribuído pelo morfema *-dor*.

As raízes que denotam processos, que vêm a formar a quarta classe de raízes que se combinam com um afixo para formar uma derivação, estão expostas abaixo:

4.4.3.4 Classe IV: *Raízes que denotam processos*

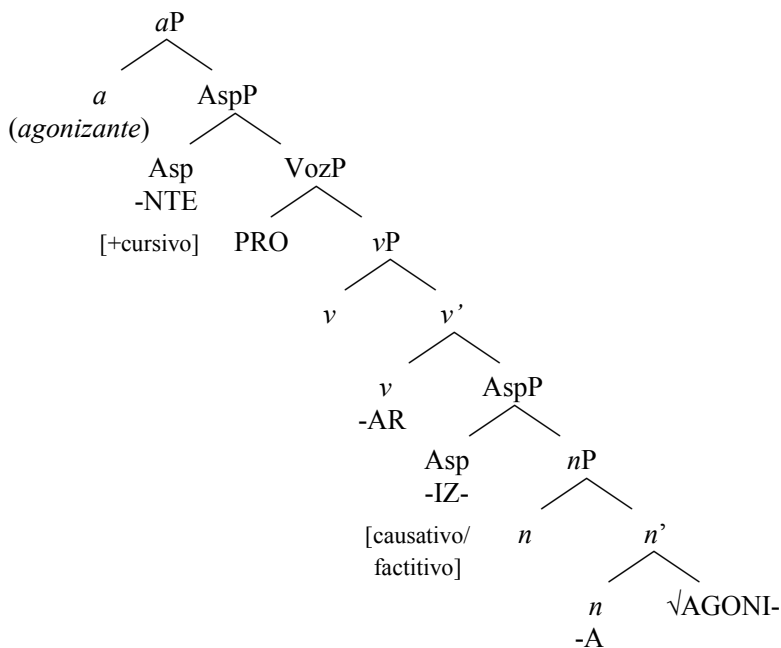
As raízes que pertencem à Classe IV incorporam a idéia de um agente/causador e referem-se a situações dinâmicas que têm duração interna (COMRIE 1976) ou a situações habituais que se estendem no tempo. Essas raízes se combinam com os seguintes afixos:

- a) Afixo que porte o traço semântico [“oposição/contrário de”], como o prefixo *des-*, resultando em formações derivadas como *desacelerar*, *desacostumar* ou *desgastar*. As formações derivadas denotam *eventualidades de mudança de estado*.
- b) Afixo que porte o traço aspectual iterativo, como o prefixo *re-* resultando em derivações como *redistribuir* ou *reorganizar*. As formações derivadas denotam *eventualidades de mudança de estado*.
- c) Afixo nominalizador que porte o traço aspectual habitual, como o sufixo *-dor*, produzindo formações derivadas que expressam agentividade, como *embelezador*, *enrolador* ou *esclarecedor*. As formações derivadas expressam *eventualidades predicativas ou atributivas*.

d) Afixo nominalizador que tenha o traço aspectual cursivo, como o sufixo *-nte*. As formações derivadas denotam *eventualidades atributivas ou predicativas*, como em *poluente*, *desgastante* ou *alvejante*, que denotam adjetivos agentivos.

O diagrama em (34), abaixo, ilustra a representação estrutural e a proposta de representação sintática da estrutura de evento da formação derivada *agonizante* (de “animal agonizante”), que exhibe o molde morfossintático [raiz + morfema sufixal *-iz-* + morfema verbal *-ar* + morfema nominal *-nte*] e denota um atributo do nome que esse adjetivo modifica:

(34) *agonizante*



A representação em (34) mostra que o núcleo adjetivador *a* concede um atributo ao portador da eventualidade denotada pelo verbo mais encaixado (*agonizar*). A interpretação é atribuída à formação derivada *agonizante*, que já tem amalgamada em seu significado a soma da semântica da raiz mais os traços aspectuais dos sufixos *-iz-*, *-ar* e *-nte*.

A representação acima mostra também que na formação do adjetivo *agonizante* há três fronteiras cíclicas. A fronteira da primeira fase é determinada pelo núcleo funcional nominalizador *n*, que efetua a primeira concatenação de um traço categorizador à raiz (domínio interno), formando *agonia*, que tem o seu significado atribuído por convenção. A segunda concatenação ocorre com o núcleo funcional categorizador *v* (domínio externo), que determina a fronteira da segunda fase e está inserido acima do núcleo Asp, responsável pela inserção do sufixo aspectual causativo *-iz-*. A terceira concatenação ocorre com o núcleo funcional doador de categoria *a* (domínio externo), que está adicionado acima do núcleo funcional Asp, responsável pela inserção do morfema aspectual cursivo *-nte*. Aqui se fecha a fronteira da terceira fase.

Na primeira concatenação é estabelecida a parte idiossincrática do significado na Enciclopédia; a parte composicional será atribuída pelo núcleo funcional *v*, adicionado acima da primeira concatenação e, em seguida, pelo núcleo funcional *a*, inserido acima da segunda concatenação.

A quinta e última classe de raízes que se combinam com um afixo para dar lugar a uma forma derivada está exposta abaixo.

4.4.3.5 Classe V: *Raízes que denotam eventos de criação, destruição ou de tema incremental*

Essas raízes denotam ações/processos; os verbos resultantes dessas formações derivadas têm, por um lado, um *objeto paciente*, isto é, um objeto que sofre uma mudança de estado e, por outro lado, um agente ou causador da mudança no objeto.

Os verbos de criação denotam “criação do objeto” – o objeto passa a existir – como *construir*, *edificar* ou *fazer*; os verbos de destruição denotam “destruição do objeto” – o objeto deixa de existir – como *demolir* ou *destruir*; e os verbos de tema incremental denotam “alteração física no objeto”, como *quebrar*, *limpar* ou *varrer* (NEVES 2000).

As Raízes que denotam eventos de criação, destruição ou de tema incremental permitem:

a) a repetição da ação e, por esta razão, aceitam a adjunção do prefixo *re-*, que porta o traço aspectual iterativo, produzindo derivações como *recriar*, *reconstruir*, *refazer* ou *redesenhar*.

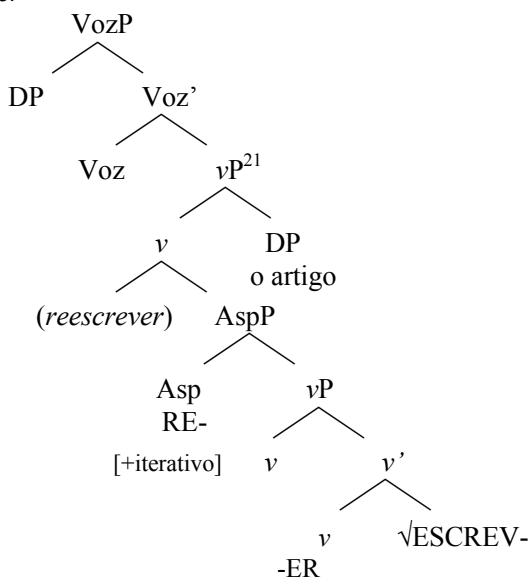
b) a reversibilidade da ação e, por isso, combinam-se com o prefixo *des-*, que porta o traço semântico de [“oposição/contrário de”], produzindo *desabotoar*, *desconstruir*, *desfazer* ou *desenferrujar*.

Por permitirem a repetição ou a reversibilidade da ação, as raízes às quais os prefixos *re-* e *des-* se unem incorporam a idéia de um agente-causador que causa uma outra situação. As formações derivadas com *re-* ou *des-* (“oposição/contrário de”) denotam *mudança de estado*.

c) a adjunção de um afixo que porte o traço aspectual agentivo/habitual, como o sufixo *-dor*, derivando nomes agentivos como *construtor*, *edificador*, *administrador* etc. As formações derivadas expressam *nomeação ou designação*.

A representação em (35), abaixo, ilustra a estrutura morfossintática e a proposta de representação sintática da estrutura de evento da formação derivada *reescrever* (em “Bruno reescreveu o artigo”):

(35) *reescrever*



²¹ Apesar de não ocorrer mudança de categoria provocada pela adjunção do prefixo *re-* à forma verbal, a duplicação do núcleo categorizador *vP* na estrutura justifica-se para marcar as duas fronteiras dos domínios cíclicos.

A representação em (35) mostra que na formação *reescrever* há dois domínios cíclicos, já que a raiz se concatena diretamente ao primeiro núcleo funcional *v*, fechando um domínio cíclico e, depois, a forma final é concatenada ao outro núcleo funcional *v*, adicionado acima da projeção de Asp (responsável pela inserção do prefixo *re-*), contribuindo composicionalmente para o significado da expressão resultante *reescrever*.

Quanto à estrutura de evento da derivação *reescrever*, vemos que a representação em (35) mostra que *reescrever* denota duas eventualidades: há um evento de “reescrever” e há uma mudança de estado no DP *o artigo*, denotada pelo traço iterativo de *re-*; *reescrever* denota então a recorrência desta mudança de estado. O núcleo de Voz acima do *vP* relaciona o evento ao argumento externo. O verbo *reescrever* denota, portanto, uma *eventualidade de mudança de estado*.

4.5 RESUMO

Neste capítulo, abordei as teorias de representação da estrutura de eventos propostas por Dowty (1979), Rothstein (2004), Chierchia (2003), Verkuyl (1993) e Levin (1995, 1999, 2000), que consideram que os predicados primitivos que constroem o significado de um verbo pertencem ao nível semântico e propõem então uma representação lexical independente da estrutura sintática. Dessas teorias, adoto a classificação das eventualidades em télicas e atélicas, de Rothstein (2004), para classificar as eventualidades denotadas pelas raízes, e de Levin a descrição dos aspectos verbais.

A decomposição sintática da estrutura de eventos proposta por Marantz (2005a, 2005b; 2006a, 2007a, 2007b) e por Medeiros (2008), por outro lado, seguindo o modelo teórico da Morfologia Distribuída, trata a relação entre a semântica dos verbos, seus argumentos e a projeção desses argumentos na sintaxe, procurando levar em conta como os argumentos interagem com os eventos e como contribuem na constituição desses eventos.

Com base em Marantz (2005a, 2005b; 2006a; 2007a, 2007b) e em Medeiros (2008), apresentei uma classificação para as raízes que se combinam com os afixos para formar uma derivação, procurando abarcar todas as interações entre as raízes e os afixos selecionados para estudo. As raízes foram divididas em cinco diferentes classes, de acordo com o traço semântico que exibem: Classe I - *Raízes que expressam nomeação/designação*; Classe II - *Raízes que denotam estados ou propriedades, ou estados psicológicos ou mentais*; Classe III - *Raízes*

que denotam (modos de) atividade; Classe IV – Raízes que denotam processos; e Classe V - Raízes que denotam eventos de criação, destruição ou de tema incremental. Relacionei ainda os traços aspectuais que os afixos comumente exibem: cursivo, habitual, incoativo, iterativo e factitivo/causativo.

Apresentei também uma proposta para a decomposição sintática da estrutura de evento de uma formação derivada que leva em conta a interpretação final da derivação, pois a interpretação é atribuída a todo o conjunto da formação, raiz mais afixos, simultaneamente.

PARTE III

A DERIVAÇÃO PREFIXAL E SUFIXAL À LUZ DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

5. A DERIVAÇÃO PREFIXAL

5.1 INTRODUÇÃO

Em latim, a maior parte dos prefixos era ao mesmo tempo uma preposição, como as partículas *ad* (“perto de”), *ab* (“longe de”), *ex* (“fora de”) e *in* (“em, para”). Outras eram empregadas unicamente como prefixos, como *in-* (“negação”), *re-* (“para trás”, “de novo”), *semi-* (“meio”) e *dis-* (“separação”) etc. (CART et alii, 1986, p. 91). Muitas partículas adverbiais se antepunham obrigatoriamente aos verbos, funcionando como *pré-verbos*; depois, essas formas ou se aglutinaram aos verbos ou se associaram ao complemento nominal do verbo. O processo de aglutinação dessas partículas ao verbo criou o sistema de prefixos, dando início a um mecanismo novo para a formação de palavras; por exemplo, a expressão *sub-* (“atitude humilde”) e *placare* (“acalmar a ira”) passaram a *supplicare* (“suplicar”). A associação da partícula adverbial ao complemento, por sua vez, ampliou a categoria e o mecanismo das preposições (CAMARA JR. 1976, p. 116-117).

Esse sistema de prefixos proveniente de partículas adverbiais ou *pré-verbos* era, ainda segundo Camara Jr., paralelo ao sistema das preposições; assim, uma mesma partícula aparecia tanto como preposição diante de um nome funcionando como complemento verbal, como integrada a um verbo ou a um nome para criar uma nova palavra, como *exire* (“ir para fora”), por exemplo. No latim vulgar, com a redução do sistema de preposições, rompeu-se o paralelismo entre prefixos e preposições, que era nítido na estrutura do latim e isto ocasionou o desaparecimento de muitas partículas que atuavam como preposições, mas essas partículas continuaram a funcionar como prefixos, tomando uma forma erudita. Ocorreu então que uma forma divergente de uma preposição, geralmente de origem popular, passou a atuar como prefixo em alguns casos; em outros casos, o latim apresentava uma preposição correspondente a prefixos oriundos de partículas adverbiais indo-européias, que se fixaram na língua latina apenas como pré-verbos (CAMARA JR. 1976, p. 227-228).

Por esta razão, o sistema de prefixação em português, segundo o autor, apresenta três grupos: a) prefixos que também funcionam como preposições (*sobre-*, *em-*, *entre-*); b) prefixos que são variantes (em forma erudita) de preposições (*dis-*, *di-*); c) prefixos que são exclusivamente prefixos (*re-*, *des-*).

Para a corrente gerativista, os prefixos apresentam, em regra, uma identidade fonológica, uma identidade semântica e uma identidade funcional. Caracterizam-se, principalmente, pelo fato de serem sempre partículas presas; podem unir-se a formas livres, como em *re-construir*, ou a formas presas, como em *in-gressar* e *re-gressar*; não mudam a classe da palavra-base a que se unem e são usados para formações em série, pois as idéias presentes em um prefixo repetem-se em várias palavras da língua: *preaquecer*, *preconceito*, *predefinir* – em todas essas palavras existe a idéia de anterioridade, expressa pelo formativo *pre-*, que apresenta uma seqüência fônica recorrente (ROCHA 1999).

Di Sciullo (1997) considera que os prefixos partilham propriedades com preposições e advérbios, apesar de serem morfemas presos. Em alguns casos, os prefixos determinam a estrutura de argumento das projeções de que fazem parte; por isso, a autora os considera adjuntos aspectuais que fornecem especificações internas ou externas à projeção verbal. Os prefixos são adjuntos ao núcleo porque precedem os outros constituintes na expressão de que fazem parte e fornecem modificação aspectual à projeção a que se anexam. Alguns prefixos modificam um evento interno pela iteração (*reestruturar*) ou invertendo-o (*desestruturar*).

Prefixos como *re-* e *des-*, segundo a autora, são prefixos adverbiais porque afetam o todo da projeção verbal e, por isso, são considerados prefixos externos, já que fornecem especificações externas à projeção verbal, reiterando um evento ou revertendo-o. Prefixos como *in-* e *a-*, por sua vez, são considerados prefixos preposicionais porque modificam parâmetros internos do evento ou fornecem especificações aspectuais internas ao evento, como a direção e a orientação do evento e são, por isso, considerados prefixos internos. Os prefixos externos, então, segundo Di Sciullo (1997), não devem afetar a *Aktionsart* do verbo, enquanto que os prefixos internos o fazem, posto que são uma parte da estrutura interna do evento.

Para Marantz (1984), a afixação é o único processo produtivo de formação de palavras e os traços de uma palavra derivada são determinados pelos traços de suas partes constituintes, pois os afixos portam traços, como os que se vêem, por exemplo, no afixo passivo *-en* de *flatten* ou *given*. Para o autor, o processo de afixação não muda os argumentos do verbo interno à formação, mas pode acrescentar argumentos ou alterar a maneira como os argumentos do verbo são expressos.

Este capítulo é dedicado ao estudo das palavras derivadas com os prefixos *des-* e *re-*. Para isso, a partir de um levantamento prévio de formações derivadas com esses prefixos, retiradas principalmente do *Dicionário Aurélio Eletrônico* (2004) e do *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa* (2009), classifico as derivações de acordo com as propriedades semânticas das raízes que integram essas formações e descrevo a interação entre as propriedades semânticas das raízes e os traços aspectuais dos morfemas prefixais que vão permitir a ocorrência de formações derivadas, com o intuito de formalizar o conjunto de propriedades que portam as raízes a que os morfemas prefixais se concatenam.

Em seguida, exponho a constituição formal das formações derivadas, cuja configuração procura representar tanto a estrutura formal como a decomposição sintática da estrutura de evento das formações e descrevo as eventualidades que denotam. A proposta apresentada para a representação sintática da estrutura de evento das derivações baseia-se em Marantz (2005a, 2005b, 2006a, 2007a, 2007b) e Medeiros (2008).

Descrevo, por fim, os processos morfofonológicos relacionados às palavras derivadas e as mudanças morfofonêmicas ocorridas no corpo fônico de raízes e afixos. A incompatibilidade semântica entre as propriedades de raízes e afixos, que impede a formação de novas derivações, é discutida em seguida.

Em suma, a descrição e análise dos morfemas prefixais *des-* e *re-* tem como objetivos formalizar o conjunto de propriedades que devem ter as raízes a que esses morfemas se unem e descrever as eventualidades que as formações derivadas denotam, como, também, descrever e analisar os processos morfofonológicos relacionados às palavras derivadas e as mudanças morfofonêmicas ocorridas no corpo fônico de afixos e raízes, e, ainda, descrever as restrições semânticas e morfosintáticas impostas pelas raízes aos afixos.

Quatro proposições teóricas nortearão o estudo sobre a derivação prefixal e sufixal:

(i) As Raízes já contêm representações fonológicas e são subespecificadas tanto para as categorias sintáticas (V, N, A) como para os traços semântico-aspectuais, diferentemente de Marantz (1997), que propõe que as Raízes são subespecificadas somente para categorias sintáticas;

(ii) Os afixos portam traços semântico-aspectuais, independentemente de serem afixos verbalizadores, nominalizadores ou adjetivadores;

(iii) O núcleo funcional *Asp* refere-se aos traços abstratos morfossintáticos e semânticos e/ou aspectuais dos afixos (Itens de Vocabulário);

iv) O núcleo *v* eventivo pode apresentar diferentes combinações de traços semânticos: agentividade, causatividade ou estatividade.

Além dessas proposições teóricas que nortearão o estudo da derivação, trabalho com a hipótese de que a formação de uma palavra derivada leva em conta a compatibilidade semântica entre as propriedades das raízes e os traços semântico-aspectuais expressos pelos sufixos.

Retomemos a classificação das raízes exposta no capítulo anterior (seção 4.4.3): as eventualidades denotadas pelas raízes que se combinam com os afixos acima mencionados foram divididas em cinco diferentes classes, de acordo com o traço semântico que exibem e as eventualidades que denotam:

Classe I – *Raízes que expressam nomeação/designação;*

Classe II – *Raízes que denotam estados ou propriedades, ou estados psicológicos ou mentais;*

Classe III – *Raízes que denotam (modos de) atividade;*

Classe IV – *Raízes que denotam processos;*

Classe V – *Raízes que denotam eventos de criação, destruição ou de tema incremental.*

Na seção 5.2, descrevo e analiso as formações derivadas com *des-* e na seção 5.3, detenho-me na descrição e análise das derivações com *re-*.

Passemos primeiramente à análise das formações derivadas com o morfema sufixal *des-*.

5.2 PREFIXO *DES-*

Proveniente do prefixo latino *dis-* (CUNHA 1986) ou da junção das preposições latinas *de* e *ex* (FERREIRA 2004), o prefixo *des-* porta as noções básicas de:

(i) ação contrária àquela que é expressa pelo verbo a que se une (*desconstruir, desligamento*);

(ii) ausência ou falta (*desamor, desânimo*);

(iii) negação da qualidade expressa pelo adjetivo a que se liga (*descortês, desigual*);

- (iv) ação mal feita (*desserviço, desgoverno*);
- (v) separação (*desfolhar, despedaçar*);
- (vi) cessação de uma situação (*desengano, desoprimir*).

Des- apresenta as variantes **de-**: *decodificar, depenar, deflorar* etc., e **es-**: *descabelar/escabelar, desfolhar/esfolhar, desgalhar/esgalhar, despedaçar/espadaçar, despetalar/espetalar* etc., que têm ocorrência restrita em português. Apresenta-se com a forma **dis-/di-** em formações provenientes diretamente do latim ou em formações eruditas, como *discorrer, dissolver, divagar, divulgar, distribuir, disseminar* etc., em que as formas internas são formas presas e semanticamente opacas. Há uma ou outra exceção, como *dilacerar* e *dissimular*, que se associam a *lacerar* e *simular*, respectivamente (DUARTE 1995) e também *divagar*, que se associa a *vagar*.

Em formações como *desafastar* (“afastar com firmeza”), *desinfeliz* (“muito infeliz”), *desinquietao/desinquietante* (“muito inquieto/inquietante”) e *desapartar* (“apartar com firmeza”), *des-* tem função enfática ou de caráter pleonástico, atuando como elemento de reforço da idéia expressa pelo verbo ou pelo adjetivo a que se une (CUNHA 1986). Para Figueiredo Silva e Mioto (2009, p. 18-19), os prefixos *des-* e *in-* podem vir um à frente do outro se obedecerem a uma determinada ordem, isto é, se o prefixo *in-* tiver disponível uma base adjetival e o prefixo *des-*, uma base verbal, como nas formações *desimobilização, indsmobilizável* ou *indsmontabilidade*, nas quais *in-* tem disponível a base adjetival *mobil-* e *des-*, as bases verbais *mobiliz-* e *mont-*, respectivamente.

As formações derivadas com *des-* podem ser nominais, adjetivais ou verbais. Observemos primeiramente as derivações nominais.

5.2.1 *Formações derivadas nominais*

O morfema *des-* integra as seguintes formações nominais²²:

5.2.1.1 *Derivações com nomes que expressam nomeação/designação*

desafeição, desafeto, deságio, desambição, desamizade, desamor, desânimo, desarmonia, desatenção, desavença, descautela, descostume, descerimônia, descompaixão, descrença, desfavor, desfortuna, desgraca

²² As impossibilidades de combinação com o prefixo *des-* serão tratadas na seção 5.2.5.

desilusão, desjejum, desordem, desmérito, desproporção, despudor, dessabor, desserviço, destemor, desunião, desvalor, desvantagem etc.

Observa-se que *des-* se une a alguns nomes abstratos que designam estados emocionais/mentais ou sentimentos (*ânimo, ambição, atenção, cautela, ilusão, crença, temor, afeição, afeto, amor, amizade, compaixão* etc), atos, maneiras, modos ou estados (*favor, ordem, serviço, união, mérito, proporção, harmonia, sabor, valor, vantagem, jejum, ágio*), adicionando-lhes o sentido de [“ausência/falta de”]: *ânimo/desânimo, amor/desamor, ordem/desordem, harmonia/desarmonia, jejum/desjejum* etc.

A semântica das raízes dos nomes a que *des-* se une admite o traço adicionado pelo prefixo; entretanto, o que vemos acima é um número bem reduzido de nomes que se combinam com *des-* e muitas dessas formações não são utilizadas na prática ou são mesmo desconhecidas. Isto revela que *des-* não é produtivo com nomes.

As formas às quais *des-* se une pertencem à Classe I e as derivações nominais expressam *nomeação ou designação*, apresentando os seguintes moldes morfossintáticos:

(i) [morfema prefixal *des-* + raiz + morfema nominalizador *-a/-e/-o* ou morfema zero (Ø)], como *desarmonia, descostume, deságio, desamor, desordem* ou *despudor*;

(ii) [morfema prefixal *des-* + raiz + morfema nominal *-ão*], como *desafeição, desatenção, descompaixão, desilusão, desproporção* e *desunião*;

(iii) [morfema prefixal *des-* + raiz + morfema *-agem*], como *desvantagem*.

A derivação *desafeto* expressa “ausência ou falta de afeto” quando utilizada como nome (“o *desafeto* entre o casal chamava a atenção”), e significa “contrário”, “inimigo” ou “adversário” quando utilizada como adjetivo (“ele é *desafeto* à nossa causa”).

Para as formações derivadas nominais listadas acima, como *deságio, descostume, desânimo, desarmonia* etc., que apresentam o molde morfossintático descrito em (i) – [morfema prefixal *des-* + raiz + morfema nominalizador *-a/-e/-o*] –, proponho que tenham a representação estrutural e a representação da decomposição sintática da estrutura de evento como a ilustrada em (1):

Observemos a seguir as formações derivadas adjetivais.

5.2.2 *Formações derivadas adjetivais*

5.2.2.1 Derivações com adjetivos que denotam estados ou propriedades

desalmado, desambicioso, desamoroso, desatencioso, descaridoso, descarinioso, descaveirado, descômodo, desconforme, descontente, descortês, deselegante, desenvolto, desfavorável, desigual, desjeitoso, desleal, desoportuno, desonesto, desordeiro, desmalicioso, desnobre, desonroso, despatriota, despiedoso, desumano, desvantajoso etc.

Entre as formas que integram as derivações acima, há adjetivos primitivos (*contente, cortês, leal* etc.) e adjetivos denominais (*ambicioso, atencioso, amoroso, ordeiro, honroso, patriota, favorável* etc.). As formas às quais *des-* se une pertencem à Classe II (raízes que denotam estados ou propriedades) e o número reduzido de derivações adjetivais revela que *des-* não é produtivo na formação de adjetivos, principalmente porque algumas das formações listadas, apesar de constarem nos dicionários, não são efetivamente utilizadas ou são mesmo desconhecidas, como *desmalicioso, desnobre* e *despiedoso*.

Nessas derivações, *des-* nega o estado, a propriedade ou o atributo expresso pela forma a que se une, ou seja, adiciona o sentido de [“negação”]: *desigual* significa “não igual”; *desumano*, “não humano”, *desatencioso*, “não atencioso”; *desordeiro*, “não ordeiro” etc. As formações adjetivais podem expressar os estados, propriedades ou atributos dos nomes a que os adjetivos se referem e ter interpretações compatíveis com *eventualidades predicativas ou atributivas* (“Ele é *descortês/desonesto/desleal/desordeiro/desumano*” etc.), ou podem expressar as mudanças de estado, propriedade ou atributo dos nomes que esses adjetivos modificam e ter interpretações compatíveis com *eventualidades de mudança de estado* (“Pedro está/anda *desatencioso/desamoroso/descontente*” etc.).

As formações em 5.2.2.1 apresentam quatro diferentes configurações morfossintáticas:

(i) [morfema prefixal *des-* + raiz + morfema adjetivador/morfema zero], como *descontente, deselegante, desleal* ou *desigual*;

(ii) [morfema prefixal *-des* + raiz + morfema nominalizador/morfema zero + morfema adjetival *-oso*], como *desamoroso, desjeitoso, desonroso* etc.;

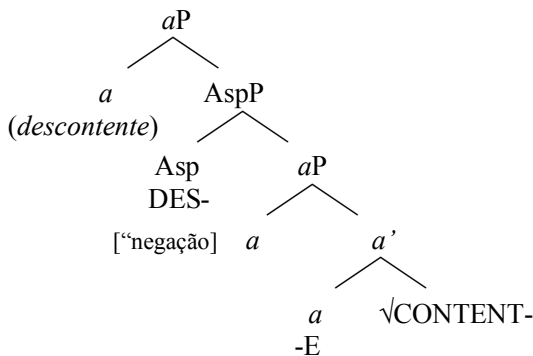
(iii) [morfema prefixal *des-* + raiz + morfema adjetival *-vel*], como *desfavorável*;

(iv) [morfema prefixal *des-* + raiz + morfema nominalizador/morfema zero + morfema sufixal *-eiro/-ota*], como *desordeiro* e *despatriota*.

A forma *desalmado* constitui um caso raro de adjetivo parassintético na língua: é formada de [*des-* + *alma* + *-ado*] e, diferentemente das outras formações, não significa “não almado”, mas “sem alma” ou “cruel/desumano”, isto porque o sufixo *-ado*, neste caso, tem uma função especificamente adjetival, que é a de caracterizar um ser como possuidor da propriedade expressa pelo nome interno à derivação, que é contrariada pelo traço semântico atribuído pelo prefixo (BASÍLIO 1998). *Desenvolto*, da mesma forma, não expressa “não envolto”, mas sim “desembaraçado”.

O diagrama em (2), abaixo, ilustra a representação estrutural e a decomposição da estrutura de evento das formações que apresentam o molde morfossintático descrito em (i): [morfema prefixal *des-* + raiz + morfema adjetivador/morfema zero], como *descontente*, *deselegante*, *desleal*, *descortês*, *desonesto*, *desnobre*, *desumano*, *desigual* etc.

(2) *descontente*

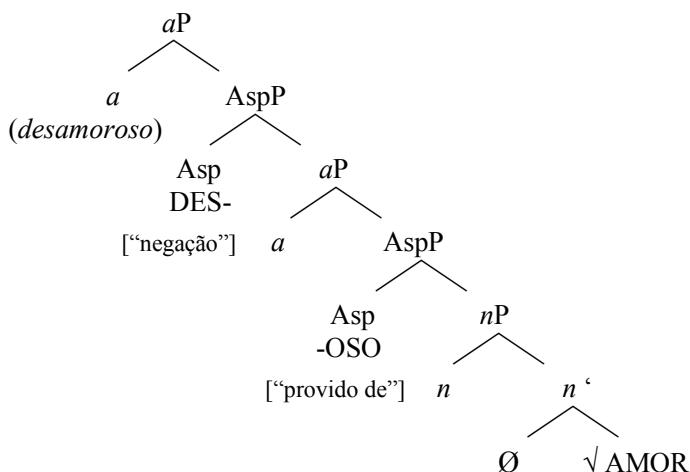


A representação em (2) mostra que *descontente* tem duas fases ou dois domínios cíclicos. A primeira fase fecha-se no domínio de *a* com a forma *contente*, que é resultado da concatenação da raiz com o morfema doador de categoria morfossintática *-e*, e a segunda fase fecha-se num domínio de outro núcleo funcional *a* – inserido acima do núcleo

Asp – com a forma *descontente*, que denota “não contente”. A representação da estrutura de evento desse adjetivo mostra que o morfema prefixal *des-*, com o traço semântico de [“negação”], tem escopo sobre a forma *contente*, denotando uma eventualidade compatível com a interpretação de mudança de estado, de *contente* para *descontente*.

O diagrama em (3), abaixo, ilustra a representação estrutural e a representação da estrutura de evento das formações denominais *desambicioso*, *desamoroso*, *desatencioso*, *descaridoso*, *descarinhoso*, *desjeitoso*, *desmalicioso*, *desonroso*, *despiedoso* e *desvantajoso*, que denotam perfectividade devido ao traço aspectual atribuído pelo morfema *-oso* (cf. COSTA 1997) e exibem a configuração morfossintática descrita em (ii): [morfema *des-* + raiz + morfema nominalizador/morfema zero + morfema *-oso*]:

(3) *desamoroso*



A formação *desamoroso* em (3) é composta de três fases: no domínio de *n* fecha-se a primeira fase com a forma *amor*; a segunda fase fecha-se no domínio de *a* com a forma *amoroso* e, por fim, novamente num domínio de *a*, fecha-se a terceira fase com a forma *desamoroso*, que denota “não amoroso”. A representação em (3) mostra ainda que a forma final *desamoroso* denota uma eventualidade compatível com a interpretação de mudança de estado, já que o morfema prefixal *des-*, com o traço semântico de [“negação”], incide sobre o

adjetivo *amoroso* causando a mudança de estado.

Observemos agora as formações verbais.

5.2.3 *Formações derivadas verbais*

As formações derivadas verbais podem ser divididas em quatro grupos, dependendo do traço semântico das raízes dos verbos internos e a estrutura de evento que denotam: formações que têm como formas internas a) verbos que denotam estados; b) verbos que denotam (modos de) atividade; c) verbos de processo; e d) verbos de criação, destruição ou de tema incremental. Esses quatro grupos estão detalhados abaixo.

5.2.3.1 Derivações com verbos que denotam estados, ou estados psicológicos ou mentais

desacatar, desacreditar, desafeiçoar, desamar, desanimar, desapaixonar, desapiedar, desapreciar, desassanhar, desassossegar, desatinar, desconfiar, desconhecer, desconsiderar, desconsolar, descontrolar, descrer, desencabular, desencantar, desencorajar, desenraivecer, desentender, desentristecer, desgostar, desestimular, desiludir, desimpressionar, desinquietar, desinibir, desinteressar, desrespeitar etc.

Nas derivações acima, *des-* determina o estado reverso ao estado denotado pelo verbo a que se une, isto é, atribui o sentido de [“oposição/contrário de”], e as formações derivadas expressam [“estado contrário de X”], em que X representa o verbo. As raízes que integram as derivações pertencem à Classe II, denotam [causação interna] e permitem que o estado que expressam seja desfeito. As formações derivadas podem ter interpretações compatíveis com eventualidades *estativas* ou *de mudança de estado*.

As formações derivadas relacionadas em 5.2.3.1 exibem três diferentes moldes morfossintáticos:

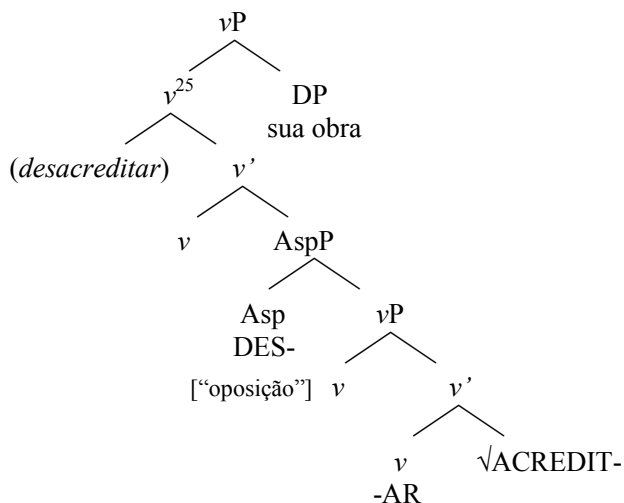
(i) [morfema prefixal *des-* + raiz + morfema verbal *-ar*], como *desacatar, desacreditar, desamar, desencantar, desgostar* etc;

(ii) [morfema prefixal *des-* + raiz + morfema nominal *-e/-ão* + morfema verbal *-ar*], como os denominais *desinteressar* e *desimpressionar*;

(iii) [morfema prefixal *des-* + morfema prefixal *a-/en-* + raiz + morfema verbal *-ar*], como os parassintéticos *desapaixonar*, *desencorajar*, *desenraivecer* e *desentristecer*.

Os verbos a que *des-* se une têm traços semânticos compatíveis com a idéia de oposição atribuída pelo prefixo. As derivações formam verbos transitivos que denotam uma mudança de estado causada no argumento interno do verbo, como mostra a estrutura em (4), abaixo, que ilustra a representação da formação *desacreditar* em “As pesadas críticas *desacreditaram* sua obra” e representa a estrutura de evento das formações transitivas listadas acima:

(4) *desacreditar*



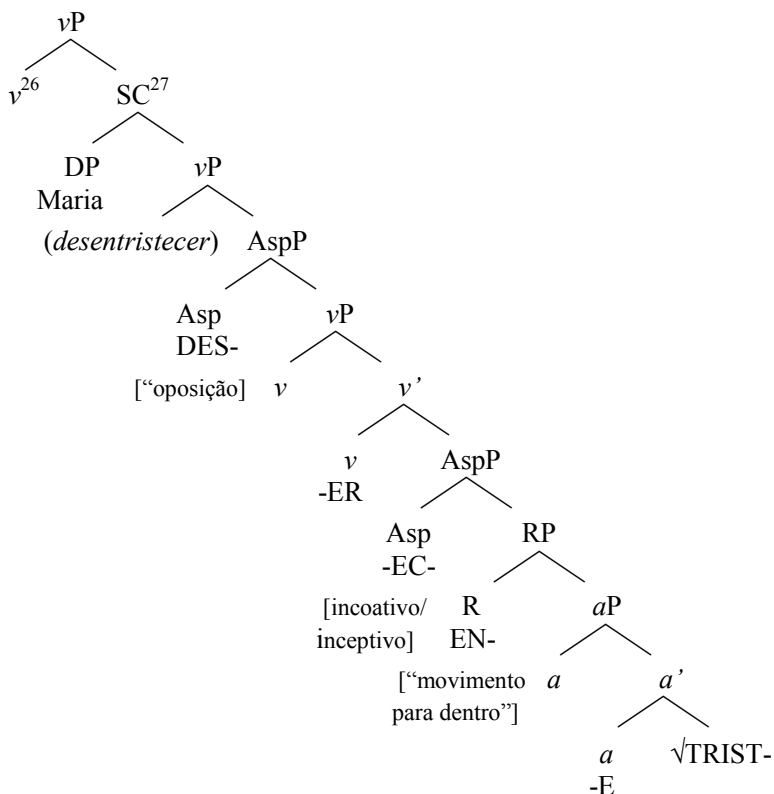
A formação *desacreditar* é formada de duas fases. A forma *acreditar*, num domínio de *v*, fecha a fronteira da primeira fase e a forma *desacreditar* encerra a fronteira da segunda fase, novamente num domínio de *v*. *Desacreditar* denota duas eventualidades, como mostra a estrutura em (4): há o evento de “desacreditar” e há o efeito causado no DP *sua obra*. A eventualidade denotada por “desacreditar” não implica necessariamente em um sub-evento anterior (“acreditar”). Essa formação derivada expressa uma *eventualidade estativa*.

²⁵ Representa o *v* de evento.

Algumas formações, como *desanimar*, *desatinar*, *desentristecer*, *desencorajar* e *desiludir* admitem uma versão inacusativa, como se pode perceber nos exemplos em (5):

- (5) a. As críticas ao seu projeto o *desanimaram*.
- b. João, enfim, *desanimou*.
- c. A pobreza o *desatinou*.
- d. Dor de cabeça *desatina*.
- e. Aquela resposta *desiludiu* os grevistas.
- f. A traição *desilude*.
- g. A boa notícia *desentristeceu* Maria.
- h. Maria, enfim, *desentristeceu*.

A formação *desentristecer*, em particular, como se pode ver nos exemplos em (5g e h), admite uma versão causativo-incoativa devido à sua composição morfológica. A representação em (6) ilustra a representação estrutural e a representação da estrutura de evento de *desentristecer* em sua versão incoativa (5h):

(6) *desentristecer*

A representação em (6) mostra que *desentristecer* tem três fronteiras cíclicas: a fronteira da primeira fase fecha-se no domínio de a com a forma *triste*; a fronteira da segunda fase fecha-se no domínio de v com a formação derivada *entristecer*²⁸ e a fronteira da terceira fase fecha-se novamente num domínio de v com a derivação *desentristecer*. A estrutura em (6) mostra ainda que há duas eventualidades: há o evento de “desentristecer” e o outro evento é a mudança de estado denotada

²⁶ Representa o v de evento.

²⁷ Quanto à SC , ver a nota 17 no capítulo 4.

²⁸ As formações parassintéticas serão detalhadas no estudo do sufixo *-ec(er)/-esc(er)*, no capítulo 6, seção 6.3.1.

pelo DP *Maria*. *Desentristecer* pressupõe um sub-evento anterior (“entristecer”) ao evento de “desentristecer” (cf. LONGO 1980). Essa formação derivada denota uma *eventualidade de mudança de estado*.

Observemos abaixo o segundo grupo de formações verbais derivadas com *des-*.

5.2.3.2 Derivações com verbos que denotam (modos de) atividade²⁹

desabastecer, desabrigar, desacampar, desacordar, desacorrentar, desamontoar, desandar, desaparecer, desapear, desapertar, desarmar, desatar, desaprender, descarregar, descobrir, descolar, descontar, desdizer, desdobrar, desembarcar, desenterrar, desequilibrar, desimpedir, desflorestar, desmarcar, desmontar, desprender, desproteger, destorcer, desviar, desvirar etc.

Como vemos, aos verbos a que se une para formar as derivações, *des-* acrescenta o traço semântico de [“oposição/contrário de”] e as formações derivadas expressam [“ação/situação contrária de X”], em que X representa o verbo. As formações derivadas podem denotar *eventualidades estativas* (*desacordar*) ou *de mudanças de estado* (*desacorrentar, desapertar, desenterrar* etc).

Os verbos que integram as derivações pertencem à Classe III (raízes de verbos que denotam (modos de) atividade) e alguns são monoargumentais, como *acampar, acordar* e *andar*. Ao se unir a esses verbos que exigem agentes, *des-* produz verbos derivados que expressam [X *des-* V] (cf. LEVIN 1999), em que X denota o agente e V, o verbo. As formas que integram as derivações acima são também e, em maior número, verbos transitivos que exigem um agente e um argumento interno, como *abastecer, abrigar, acorrentar, apertar, carregar, colar, cobrir* etc. Ao se unir a eles, *des-* produz verbos derivados que expressam [X *des-* V Y] (cf. LEVIN 1999), em que Y denota o argumento interno, que é o que/aquele que passa pela mudança de estado.

O verbo derivado *desandar* realiza-se mais comumente com os sentidos de “alterar-se” (“a maionese desandou”) ou “adquirir maus hábitos” (“as más companhias o desandaram”) que com o sentido de “voltar” ou “percorrer em sentido inverso”; *desacordar* não significa

²⁹ Foram agrupados genericamente sob o rótulo (*modos de*) atividade os verbos que têm semântica agentiva e argumentos externos interpretados como agentes ou desencadeadores da ação/atividade denotada pelo verbo.

“contrário de acordar”, mas “estar em desacordo” ou “perder os sentidos” e *descontar* também tem o sentido lexicalizado, pois não significa “contrário de contar”, mas “receber um vencimento”, “revidar” ou “deduzir/abater”.

As derivações exibem as seguintes configurações morfossintáticas:

(i) [morfema prefixal *des-* + raiz + morfema verbal *-ar/-er*], como *desacordar*, *desandar*, *desaparecer*³⁰, *desapear*, *desdizer*, *desvirar* etc.;

(ii) [morfema prefixal *des-* + raiz + morfema nominalizador *-a* + morfema verbal *-ar*], como o denominal *descolar*;

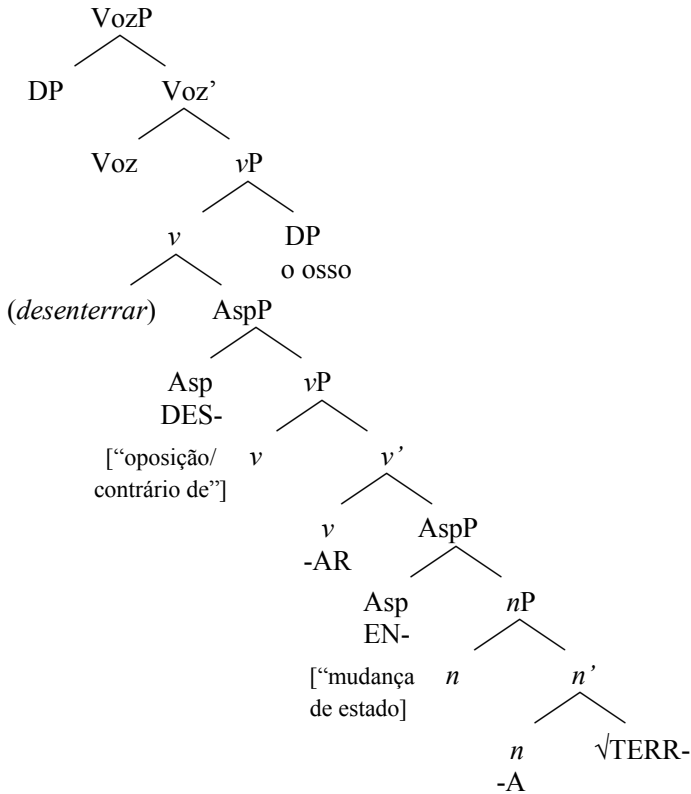
(iii) [morfema prefixal *des-* + morfema prefixal *a-/em-/en-* + raiz + morfema nominalizador *-a/-e/-o/-ão*/morfema zero + morfema verbal *-ar*], como os parassintéticos *desenterrar*, *desflorestar*³¹, *desacorrentar*, *desabraçar*, *desacampar*, *desembarcar*, *desamontoar* e *desapear*;

(iv) [morfema prefixal *des-* + morfema prefixal *a-* + raiz + morfema nominalizador *-o* + morfema *-ec-* + morfema verbal *-ar*], como o parassintético *desabastecer*.

O diagrama em (7) ilustra a representação estrutural e a representação da estrutura de evento da derivação *desenterrar* (“Thor *desenterrou* o osso que havia enterrado no jardim”), que representa as formações deverbais parassintéticas descritas em (iii):

³⁰ *Desaparecer*, apesar de inacusativo, foi incluído entre os verbos de (modos de) atividade.

³¹ *Desflorestar*, assim como *reflorestar*, constituem verbos parassintéticos, já que não existe a forma **florestar* (cf. CUNHA 1986; FERREIRA 2004).

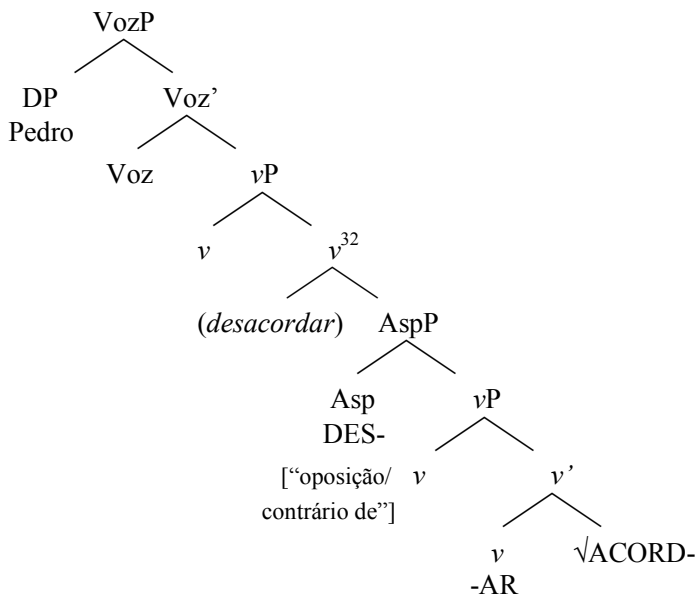
(7) *desenterrar*

A formação *desenterrar* tem três fases cíclicas, como se pode ver em (7). A forma *terra* fecha a fronteira da primeira fase no domínio do núcleo funcional *n*; no domínio do núcleo *v*, inserido acima de *Asp*, fecha-se a fronteira da segunda fase com a forma verbal *enterrar*; a forma resultante *desenterrar* (“tirar da terra”), também no domínio de um núcleo verbalizador *v*, fecha a fronteira da terceira fase. A estrutura em (7) mostra ainda que o verbo *desenterrar*, em si, denota duas eventualidades: há o evento de “desenterrar” e, como consequência, há o evento de mudança de estado no DP *o osso*, que passa do estado de “enterrado” para o de “desenterrado”; o escopo de *des-* recai então sobre o DP argumento interno do verbo. Na eventualidade denotada por *desenterrar* há o pressuposto de um sub-evento mais encaixado (“enterrar”), anterior ao de *desenterrar*. Essa formação derivada, assim

como as derivações descritas em (iii), denotam *eventualidades de mudança de estado*.

A árvore em (8) ilustra a representação estrutural e a representação da estrutura de evento dos verbos derivados intransitivos *desacordar* (“Pedro *desacordou* após a pancada na cabeça”), *desandar* (“A maionese *desandou*”) e *desaparecer* (“O alpinista *desapareceu*”), que têm o molde morfosintático descrito em (i):

(8) *desacordar*



A representação em (8) mostra que *desacordar* tem duas fases. A forma *acordar*, no domínio de *v*, fecha a fronteira da primeira fase e a forma derivada *desacordar*, também no domínio de um núcleo *v*, fecha a fronteira da segunda fase. A representação em (8) mostra ainda que *desacordar* denota uma eventualidade mono-eventiva que pressupõe um outro estado anterior ao de “desacordar”. *Desacordar*, *desandar* e *desaparecer* denotam *eventualidades de mudança de estado*.

A seguir, observemos o terceiro grupo de derivações verbais com *des-*.

³² Representa o *v* de evento.

5.2.3.3 Derivações com verbos que denotam processos

desabilitar, desabituar, desabonar, desacelerar, desacolher, desacostumar, desafogar, desamparar, desapropriar, desaproveitar, desativar, desautorizar, descansar, descaracterizar, descasar, descentralizar, desclassificar, descontaminar, descontrair, descuidar, descumprir, deseducar, desenganar, desembaraçar, desencadear, desestabilizar, desestatizar, desgastar, desigualar, desintegrar, deslouvar, desmascarar, desmentir, desmoralizar, desobedecer, desonrar, desonerar, desorientar, destratar, desunir, desvalorizar, desvendar etc.

Aos verbos a que se une para formar as derivações acima, assim como ocorre com as formações tratadas em 5.2.3.1 e 5.2.3.2, *des-* acrescenta o traço semântico de [“oposição/contrário de”] e as formações derivadas expressam [X *des-* V Y], em que X denota o agente/causador e Y o argumento interno, que é o que/aquele que passa pela mudança de estado desencadeada pelo morfema *des-*. Os verbos que integram as derivações são majoritariamente transitivos e exigem um agente/causador – apenas *descansar* admite a alternância transitivo/intransitiva (“As férias o *descansaram*”; “Ele, enfim, *descansou*”).

As raízes dos verbos que compõem as derivações pertencem à Classe IV, que diz respeito às raízes que se referem a situações dinâmicas que têm duração interna e que ao se concatenarem com o morfema *des-* produzem verbos derivados que denotam *eventualidades de mudança de estado*.

As formações derivadas exibem as seguintes configurações morfossintáticas:

(i) [morfema prefixal *des-* + raiz + morfema verbal *-ar*], como *desafogar, desamparar, descasar, desgastar, desonrar, destratar, desunir* etc.;

(ii) [morfema prefixal *des-* + raiz + morfema zero + morfema *-iz-* + morfema verbal *-ar*], como *desautorizar, desvalorizar* e *desmoralizar*;

(iii) [morfema prefixal *des-* + raiz + morfema nominalizador *-o* + morfema *-ico/-al* + morfema *-iz-* + morfema *-ar*], como *desestatizar* e *descentralizar*;

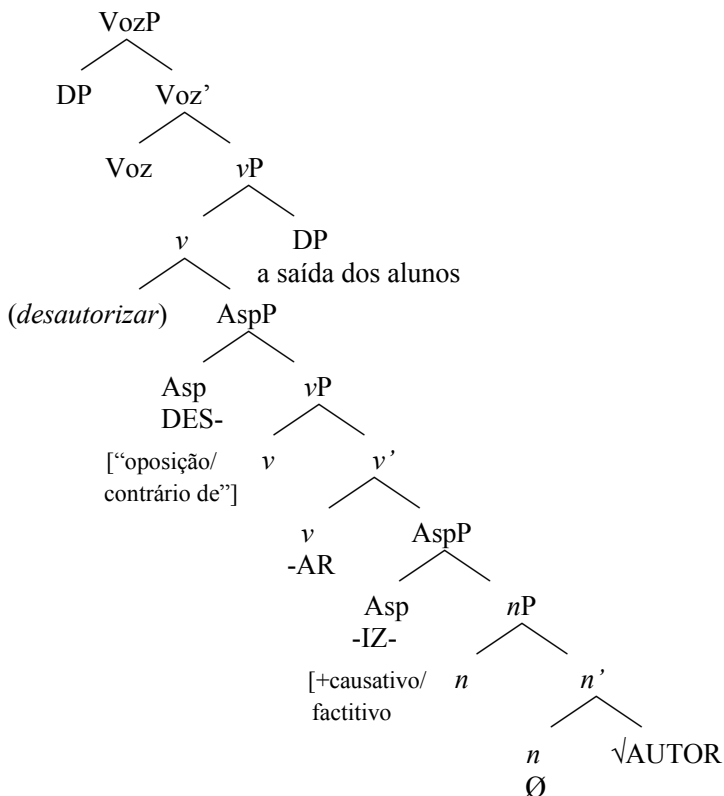
(iv)) [morfema prefixal *des-* + raiz + morfema *(-vel)-bil-* + morfema *-iz-* + morfema *-ar*], como *desestabilizar*;

(v) [morfema prefixal *des-* + morfema prefixal *-a/-en-* + raiz + morfema nominalizador *-e/-a* + morfema *-ar*], como os parassintéticos

desacostumar e *desencadear*.

A árvore em (9) ilustra a representação estrutural e a representação da estrutura de evento do verbo derivado *desautorizar* (“O diretor *desautorizou* a saída dos alunos”), que representa as formações que têm o molde morfossintático descrito em (ii), acima:

(9) *desautorizar*



O verbo derivado *desautorizar* tem três domínios cíclicos, como mostra (9). O núcleo *n* fecha a fronteira da primeira fase com a forma *autor*; a forma *autorizar*³³, no domínio de *v*, fecha a fronteira da segunda fase e a forma resultante *desautorizar*, também num domínio de *v*, fecha a fronteira da terceira fase. A representação bi-eventiva em (9)

³³ As formações derivadas com *-iz(ar)* serão detalhadas no capítulo 6, seção 6.3.2.

revela que *desautorizar* denota duas eventualidades: há o evento de “desautorizar” e há a mudança de estado causada no DP *os alunos*, que ficaram “desautorizados”. A eventualidade denotada pela formação *desautorizar* não implica necessariamente em um sub-evento anterior (“autorizar”), assim como não implicam em um sub-evento anterior as eventualidades denotadas pelas formações *destratar* (“maltratar”, “insultar”), *desgastar* (“gastar pelo atrito”) e *desencadear* (“provocar”, “despertar”).

Observemos a seguir o quarto grupo de formações verbais derivadas com *des-*.

5.2.3.4 Derivações com verbos que denotam eventos de criação, destruição ou de tema incremental

depenar, desabotoar, desagasalhar, desamarrotar, desaquecer, desarranjar, desarrumar, desarticular, descascar, descongelar, desconsertar, desconstruir, descosturar, desencaixar, desencaixotar, desenferrujar, desengraxar, desgelar, desfazer, desfolhar, desgalhar, desestruturar, deslustrar, desmembrar, desmurar, desordenar, desorganizar, despedaçar, despetalar, despolir, desossar, destelhar etc.

As raízes dos verbos que integram as derivações acima pertencem à Classe V, denotam ações-processos, e têm, por um lado, um objeto afetado, que sofre uma mudança de estado e, por outro lado, um agente ou causador da mudança de estado causada no objeto. As derivações denotam *eventualidades de mudança de estado*.

Os verbos que integram as derivações exibem três diferentes configurações morfossintáticas:

(i) [morfema prefixal *des-* + raiz + morfema verbal *-ar/-er/-ir*], como *desamarrotar, desarrumar, desordenar, desmurar, desgelar, descascar, desaquecer, despolir*, etc.;

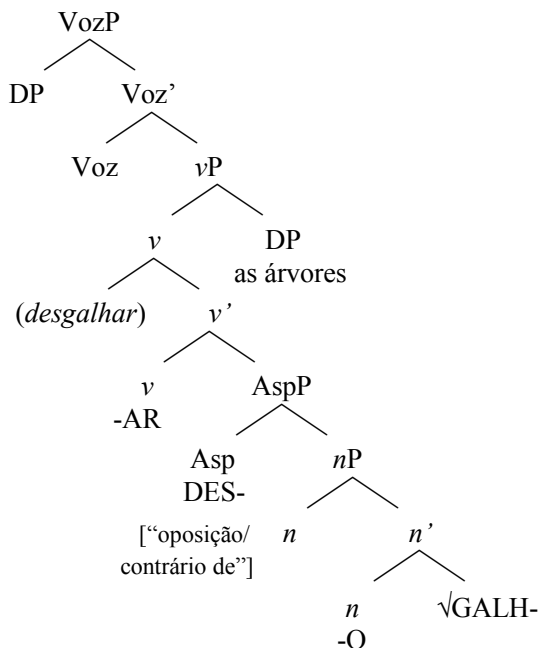
(ii) [morfema prefixal *de-/des-* + raiz + morfema nominalizador *-a/-o* + morfema verbal *-ar*], como os parassintéticos *depenar, despetalar, desossar, desmembrar, desgalhar, despedaçar*, etc.

(iii) [morfema prefixal *des-* + morfema prefixal *-a/-en-* + raiz + morfema nominalizador *-a/-e/-ão*/morfema zero + morfema verbal *-ar*], como os parassintéticos *desencaixar, desengraxar, desencaixotar, desabotoar, desenferrujar* etc.

O diagrama em (10) ilustra a representação estrutural e a repre-

sentação da estrutura de evento da formação *desgalhar* (“O jardineiro *desgalhou* as árvores do jardim”), que representa as formações parasintéticas descritas em (ii):

(10) *desgalhar*



A formação *desgalhar* tem dois domínios cíclicos, como mostra a representação em (10). O núcleo funcional *n* fecha a fronteira do primeiro ciclo com a forma nominal *galho*. O núcleo funcional *v*, inserido acima de *Asp*, fecha o segundo domínio cíclico com a forma verbal derivada *desgalhar*, que denota “tirar/cortar os galhos”. A representação em (10) mostra ainda que *desgalhar* denota duas eventualidades: há o evento de “desgalhar” e há o efeito causado no DP *as árvores*, que passam pela mudança de estado de “com galhos” para o de “perda dos galhos”. O escopo de \square ês- recai sobre o DP argumento interno do verbo.

As derivações parasintéticas que têm a configuração morfossintática descrita em (iii) – *desencaixar*, *desengraxar*, *desencaixotar*, *desa-*

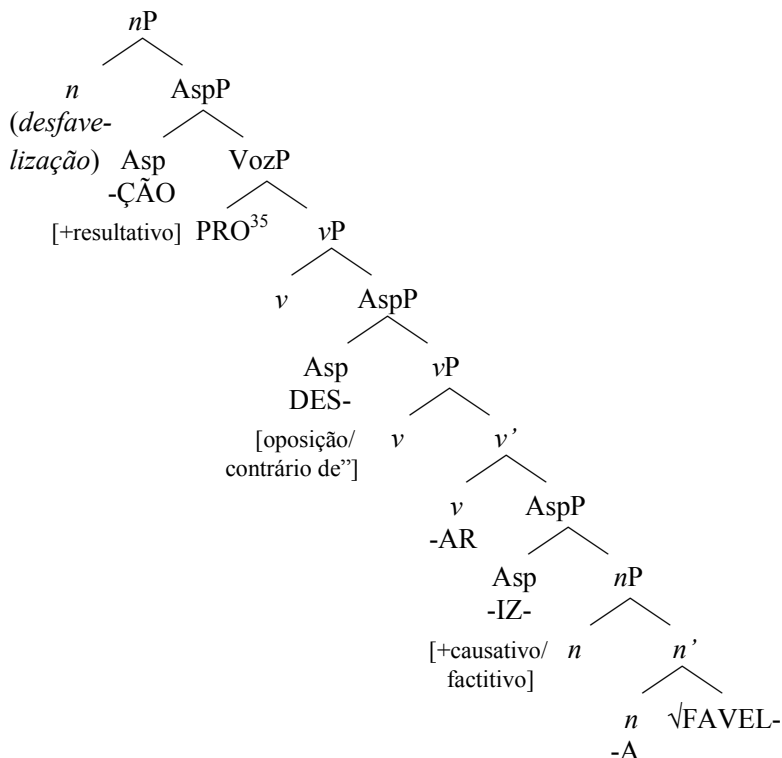
botoar, desenferrujar – têm a representação estrutural e de estrutura de evento descritas em (7), que ilustra a formação *desenterrar*.

Nos nomes deverbais com *des-*, como

*desaceleração, desacerto, desacolhimento, desacordo, desajuste, desalento, desapareição, despreço, desapropriação, desassossego, desbloqueio, descarga*³⁴, *desencanto, descarreto, descompasso, desfavelização, descomplementaridade, desgoverno, desinflação, desligamento, despolidez, dessemelhança, desvalorização* etc.

o prefixo *des-* une-se primeiramente às raízes verbais, fechando um domínio cíclico. Às formações deverbais, *des-* adiciona o sentido de [“oposição/contrário de”], que é o mesmo sentido que acrescenta aos verbos que dão origem às nominalizações acima. Os itens sufixais que nominalizam os verbos internos às formações, como os morfemas *-ção* (*desaceleração, desapareição* etc.), *-mento* (*desacolhimento, desligamento* etc.), *-dade* (*descomplementaridade*), *-ança* (*dessemelhança*), *-ez* (*polidez*) e o sufixo zero (*desacerto*), são inseridos no ambiente de *n*, acima do núcleo Asp, o qual é o responsável pela inserção dos morfemas sufixais, como ilustrado em (11), abaixo, em “*desfavelização dos morros pelo governo*”:

³⁴ *Carga* é o nome formado por derivação regressiva do verbo arcaico *cargar*, forma sincopada do verbo *carregar* (cf. FERREIRA 2004).

(11) *desfavelização*

A representação em (11) revela que *desfavelização* tem quatro domínios cíclicos. A fronteira da primeira fase é determinada pelo núcleo funcional *n*, que se concatena à raiz *favel-* resultando na forma *favela*. A fronteira da segunda é determinada pelo núcleo funcional *v*, com a forma verbal derivada *favelizar*. A fronteira da terceira fase se fecha novamente num domínio de *v* com a concatenação da forma *favelizar* com o morfema prefixal *des-*, resultando na forma *desfavelizar*. O núcleo funcional *n*, inserido acima de *Asp*, determina a fronteira da quarta fase, com a forma nominal *desfavelização*.

A representação em (11) mostra ainda que *desfavelização* denota duas eventualidades: há o evento de “desfavelização”, que expressa o estado resultante da ação exercida pelo verbo, e há o efeito causado no

³⁵ Quanto a *PRO*, ver a nota 18 no capítulo 4.

DP *os morros*, que passam por uma mudança de estado. A eventualidade denotada pela formação “desfavelização” pressupõe um sub-evento anterior ou um evento interno (“favelização”). PRO (MARANTZ 2007b, MEDEIROS 2008) especifica a categoria sintática do agente que exerce a eventualidade denotada pelo verbo interno (*desfavelizar*) à formação *desfavelização*.

Assim como ocorre com as formações nominais deverbais, nas formações adjetivais derivadas de verbos, como

desacostumado, desafortunado, desagradável, desajeitado, desamassado, desamável, desanimado, desasado, descansado, descasado, descoagulante, descomedido, desconfiado, desconhecido, desdentado, desempregado, desencaminhado, desenterrado, desestatizante, desestimulante, desfeito, desimpedido, deslambido, desmazelado, desmilitarizado, desimportante, despreocupado etc.

o prefixo *des-* une-se primeiramente às raízes verbais, fechando um domínio cíclico. As derivações são deverbais em *-(a)do/-i)do, -nte* ou *-vel*, às quais *des-* adiciona o traço semântico de [“oposição/contrário de”], que é o mesmo sentido que adiciona aos verbos a que se une. Os morfemas sufixais que adjetivam esses verbos estão inseridos no ambiente de *a*, acima do núcleo Asp, lugar onde ocorre a inserção dos morfemas sufixais.

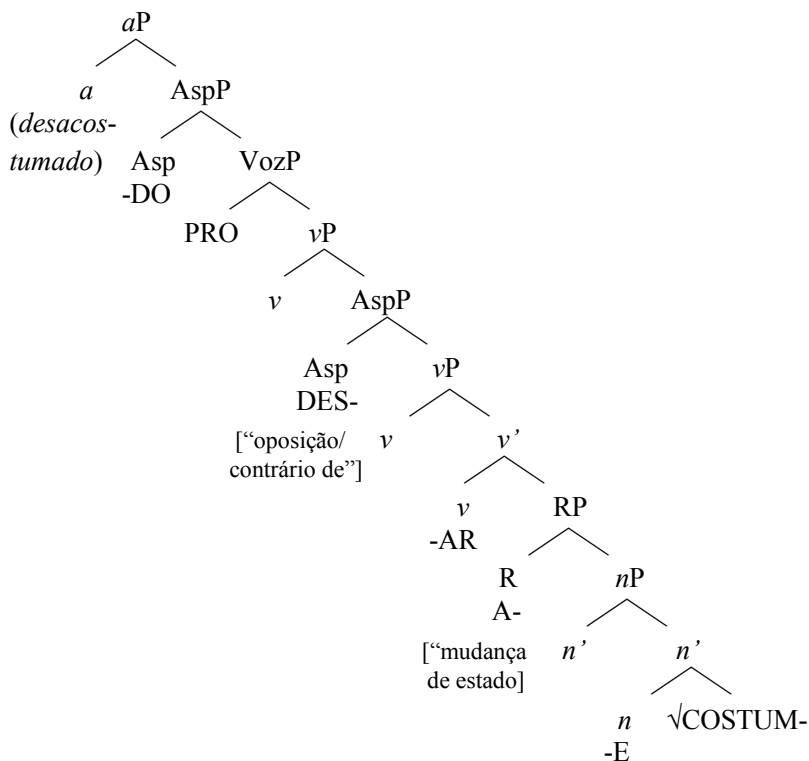
Entre os verbos internos às derivações, há parassintéticos, como *acostumar, afortunar, ajeitar, amassar, encaminhar, enterrar*; verbos de estado, como *animar, confiar, importar, preocupar*; e verbos de processo, como *cansar, coagular, empregar, estatizar* etc.

Os traços semânticos de todos os verbos internos são compatíveis com o traço [“oposição/contrário de”] atribuído pelo morfema prefixal. As formações deverbais com *-(a)do/-i)do* – *desacostumado, desajeitado, desamassado, desenterrado, desimpedido* etc. – são passivas, indicam [“estado resultante”] e denotam perfectividade; as derivações com *-nt(e)* – *descoagulante, desestimulante, desestatizante e desimportante* – são ativas e imperfectivas cursivas; as formações com *-vel* – *desamável e desagradável* – por sua vez, denotam imperfectividade.

O diagrama em (12), abaixo, ilustra a representação estrutural e a decomposição da estrutura de evento da formação *desacostumado* em “Pedro morou sozinho durante anos; agora está *desacostumado* com pessoas na casa”, que representa a estrutura das formações deverbais

parassintéticas relacionadas acima – *desafortunado*, *desamassado*, *desenterrado*, *desajeitado* e *desencaminhado* – que têm o molde morfossintático [morfema prefixal *des-* + morfema prefixal *a-/en-* + raiz + morfema nominalizador *-a/-o* + morfema *-do*]:

(12) *desacostumado*



A formação *desacostumado* é composta de quatro fases, como mostra a representação em (12). A fronteira da primeira fase é determinada pelo núcleo funcional *n*, com a forma *costume*. O núcleo funcional *v* determina a fronteira da segunda fase com a formação de *acostumar*, resultado da concatenação do morfema prefixal *a-* e do morfema verbal *-ar* à forma *costume*. A fronteira da terceira fase fecha-se novamente num domínio de *v* com a formação *desacostumar* e, por fim, no domínio de *a* fecha-se a fronteira da quarta fase com a forma adjetival *desacostumado*, que denota “contrário de acostumado”.

A representação em (12) mostra ainda que *desacostumado* denota duas eventualidades: há a eventualidade denotada por “desacostumado”, que expressa um estado resultante, e há a mudança de estado denotada pelo portador do estado expresso pelo adjetivo. A eventualidade denotada por “desacostumado” pressupõe um sub-evento anterior (“acostumado”), mais encaixado. O núcleo adjetivador *a* atribui o estado “desacostumado” ao portador do processo denotado pelo verbo interno à formação.

A seção a seguir trata das mudanças morfofonêmicas ocorridas nas formações derivadas.

5.2.2 Regras de Reajustamento Fonológico

As Regras de Reajustamento Fonológico (ver seção 3.3) aplicam-se aos morfemas depois da operação de Inserção Vocabular e podem alterar a forma fonológica da raiz ou dos Itens de Vocabulário já inseridos e já portadores de categoria morfossintática.

O morfema prefixal *des-* concatena-se com alguns nomes e com alguns adjetivos e com um grande número de verbos em um procedimento bem regular: *ágio* > *deságio*, *jejum* > *desjejum*, *leal* > *desleal*, *honroso* > *desonroso*, *acreditar* > *desacreditar*, *apropriar* > *desapropriar*, *construir* > *desconstruir* etc.

As alternâncias que ocorrem no contexto morfossintático das formações derivadas com *des-*, determinadas pelas Regras de Reajustamento Fonológico, realizam-se especificamente nas formações derivadas parassintéticas, quando há a adjunção do prefixo *des-* e de um morfema adjetival ou verbal a uma raiz. Essas alternâncias se dão nas formações *desalmado* (*des-* + *alma* + *-ado*), *despetalar* (*des-* + *pétala* + *-ar*), *desossar* (*des-* + *osso* + *-ar*), *desmembrar* (*des-* + *membro* + *-ar*), *desgalhar* (*des-* + *galho* + *-ar*) e *despedaçar* (*des-* + *pedaço* + *-ar*), nas quais ocorre a assimilação vocálica (cf. COUTINHO 1976) das vogais temáticas *-a* e *-o*, que compõem as formas nominais, pelas vogais centrais /a/ (do morfema adjetival *-ado*), e /a/ (do morfema verbal *-ar*), respectivamente.

As outras alternâncias ocorrem anteriormente à adjunção de *des-*, isto é, ocorrem no momento da formação dos verbos ou dos adjetivos aos quais *des-* vai se adjungir.

A seção a seguir trata das impossibilidades de combinação com o prefixo *des-*.

5.2.5 Raízes com semântica não compatível com o traço semântico de *des-*

Observa-se que não há compatibilidade entre o traço semântico do morfema prefixal *des-* e:

a) adjetivos deverbais derivados com *-vel*: **desjustificável*, **descompreensível*, **despalpável* etc, pois o morfema *-vel* adiciona o sentido de [“possibilidade”], o que justifica a não-compatibilidade com o sentido de *des-*. As formações deverbais *desagradável* e *desamável* constituem, portanto, exceções a essa restrição;

b) verbos estativos: as formações **desparecer*, **destornar-se*, **desficar*, **desestar*, **despoder*, **dessaber*, **desmorar*, **desdever*, **desser* não se realizam porque os estados que os verbos denotam não admitem a noção [“oposição/contrário de”] adicionada pelo prefixo;

c) certos verbos télicos: **desacabar*, **desmorrer*, **desnascer*, **desabrir*, **desdeitar*, **desdesmaiar*, **desiniciar*, **deslevantar*, **desmatar*, **dessaucidar-se*, **desquebrar*, **desdestruir*, **desderreter*, **desassassinar*, **desabrir*, **dessecar*, **desesculpir*, **desentalhar* etc. Estes verbos trazem no seu conteúdo semântico a noção de um evento com um ponto final natural ou culminação, isto é, a ação que expressam denota um processo conclusivo e permanente em seus efeitos, portanto, incompatível com a idéia de [“oposição/contrário de”] acrescentada pelo prefixo às formações verbais;

d) certos verbos atélicos: **deschover*, **desmastigar*, **dessorrir*, **desberrar*, **deschorar*, **desgritar*, **desnadar*, **desolhar*, **desnevar*, **destrovejar*, **descorrer*, **desempurrar*, **despular* etc. Estes verbos indicam eventos que não tendem a um fim necessário, isto é, uma vez iniciados, podem continuar indefinidamente, o que justifica a não-aceitação da idéia de [“oposição/ação contrária”] emprestada pelo prefixo quando em formações verbais;

e) verbos semelfactivos: **destossir*, **desespirrar*, **desroncar*, **desrir* etc., porque estes verbos descrevem eventos instantâneos e pontuais, que não envolvem uma mudança de estado.

f) verbos incoativos de uma maneira geral: **desemagrecer*³⁶ **desadoecer*, **desengordar*, **desendurecer*, **desmolecer* etc., pois verbos incoativos indicam inícios de processos, o que justifica a incompatibilidade entre os traços das raízes e do prefixo. Encontramos

³⁶ Há dialetos no Brasil que aceitam a formação *desemagrecer*.

apenas três verbos incoativos que aceitam o sentido de [“oposição/contrário de”] acrescentado por *des-*: *desenraivecer*, *desentristecer* e *desflorescer*;

g) verbos de contato com superfícies (cf. Levin 1999), como **desfriccionar*, **desvarrer*, **desesfregar*, **deslimpar*, **deslustrar*, **desescovar* etc.

Quanto às restrições morfo-semânticas, *des-* não se une a substantivos concretos: **desalimento*, **desvão*, **desparede*; coletivos: **desconstelação*, **descardume*, **despovo*; e compostos: **desguarda-chuva*, **desfolha-de-santana* etc., pois essas formas não admitem a idéia de [“ausência/falta de”], que é o sentido que o prefixo adiciona aos nomes a que se une;

A não-adjunção de *des-* a adjetivos sufixados com *-esco* ou *-al*: **despitoresco*, **desdantesco*, **desgigantesco*; **desconjugal*, **desracional* e também a compostos: **desboiada*, **desgeopolítico*, deve-se a restrições de caráter morfológico.

5.2.6 *Resumo*

Des- é fundamentalmente um prefixo verbal e muito produtivo quando se adiciona a verbos, cujos traços semânticos permitem que a ação ou estado seja desfeito, como em *desenterrar*, *desacelerar*, *desfazer*, *descarregar*, *desorganizar*, *desacatar*, *descasar* etc. Aos verbos *des-* adiciona o sentido de [“oposição/contrário de”]. Une-se mais comumente a verbos que tenham dois argumentos e mais raramente a verbos que contenham só um argumento (o externo), como *acampar*, *andar* e *aparecer*.

Esse morfema une-se a um número reduzido de substantivos primitivos abstratos e tem como resultado um substantivo derivado que significa [“ausência ou falta de X”], em que X é o substantivo abstrato. As raízes das formas nominais a que *des-* se une pertencem à Classe I – raízes que expressam nomeação/designação, produzindo as formações *desamor*, *desânimo*, *desatenção* etc., que exibem dois diferentes moldes morfossintáticos. As formações derivadas têm a representação estrutural e a representação da estrutura de evento ilustradas em (1).

Des- une-se também a um pequeno número de adjetivos primitivos, cujas formas internas pertencem à Classe II – adjetivos que denotam estados ou propriedades, resultando nas derivações *desleal*, *descontente*, *desonroso*, *desordeiro*, *desfavorável* etc., que apresentam quatro moldes morfossintáticos e têm a representação estrutural e a

representação da estrutura de evento ilustradas em (2) e (3). A essas derivações *des-* acrescenta o sentido de [“negação”] ou [“contrário de”], resultando em adjetivos derivados que têm o sentido de [“que não é X”], em que X é o adjetivo. A adjunção de *des-* a uma adjetivo denominal sufixado com *-vel*, como *desfavorável*, constitui uma exceção, já que há restrição semântica entre os traços do sufixo *-vel*, que denota “possibilidade”, e os de *des-*.

As raízes das formas verbais a que *des-* se acrescenta pertencem:

a) à Classe II – verbos que denotam estados, ou estados psicológicos ou mentais, resultando em derivações como *desencantar*, *desgostar*, *desinteressar*, *desencorajar* etc., que apresentam três diferentes moldes morfossintáticos e têm a representação estrutural e a representação sintática da estrutura de evento em (4) e (6);

b) à Classe III – verbos que denotam (modos de) atividade, produzindo *desaprear*, *descolar*, *desenterrar*, *desembarcar*, *desabastecer* etc, que exibem quatro diferentes configurações morfossintáticas. A representação estrutural e a representação sintática da estrutura de evento dessas derivações estão ilustradas em (7) e (8);

c) à Classe IV – verbos que denotam processos, tendo como resultado *desgastar*, *desvalorizar*, *desestatizar*, *descentralizar*, *desacostumar* etc., que apresentam cinco moldes morfossintáticos diferentes e têm a representação estrutural e a representação sintática da estrutura de evento ilustradas em (9);

d) à Classe V – verbos que denotam eventos de criação, destruição e de tema incremental, produzindo *desamarrotar*, *desossar*, *desabotoar* etc., que exibem três configurações morfossintáticas diferentes. A árvore em (10) ilustra a representação estrutural e a representação sintática da estrutura de evento.

As formações derivadas verbais normalmente denotam eventualidades de mudança de estado, pois o escopo de *des-* recai sobre o DP argumento interno do verbo. Nas eventualidades denotadas pelas derivações, há, geralmente, o pressuposto de que uma ação foi praticada ou uma situação foi estabelecida anteriormente para então ser levada a efeito uma ação/situação contrária, que é denotada pelo morfema *des-*.

Des- une-se também a nomes deverbais sufixados em *-dade*, *-ção*, *ança*, *-ez*, morfema zero e *-mento* (*descomplementaridade*, *desaceleração*, *dessemelhança*, *despolidez*, *desajuste*, *desligamento* etc.), acrescentando-lhes o sentido de [“oposição/contrário de”]. Os nomes internos às derivações pertencem à Classe I (raízes que

expressam nomeação/designação). A árvore em (11) ilustra a representação estrutural e da estrutura de evento das formações em *-ção*.

Des- une-se ainda a adjetivos deverbais sufixados em *-(a)do*, *-nte* ou *-vel* (*desajeitado*, *desconfiado*, *desestimulante*, *desagradável* etc.) adicionando-lhes o sentido de [“oposição/contrário de”] e tem como resultado um adjetivo derivado com o sentido de [“que é o contrário de X”], em que X é o adjetivo verbal. As raízes das formas adjetivais a que *des-* se une pertencem à Classe II (raízes que denotam estados ou propriedades) e as formações derivadas podem denotar eventualidades atributivas ou predicativas, ou eventualidades de mudança de estado. A representação estrutural e a representação da estrutura de evento das formações em *-ado* estão ilustradas em (12).

Em suma, *des-* tem os traços semânticos subespecificados: aos verbos, adiciona o sentido de [“oposição/contrário de”]; aos nomes, [“ausência, falta de”] e aos adjetivos, o sentido de [“negação/ contrário de”].

Passemos agora ao estudo do prefixo *re-*.

5.3 PREFIXO *RE-*

O prefixo latino *re-*, que exhibe grande vitalidade em português, porta os traços semânticos de “reiteração” ou “repetição”: *refazer*, *reler*, *reconstruir*; de “retorno” ou “movimento para trás”: *reatar*, *revogar*, *recuar*, *refrear*, *refluir*, *retornar*; de “oposição”: *reprovar*, *reagir*, *reprimir*; e de “intensidade”: *realçar*, *reconfortar*, *reluzir*, *ressaltar*, *ressentir* (CUNHA 1986; FERREIRA 2004) e une-se somente a verbos.

Nesta tese, a análise do prefixo *re-* deter-se-á na interpretação de [“iteração”], já que nesta acepção a adição de *re-* a um verbo realiza-se de forma produtiva na língua portuguesa.

Observemos abaixo as formações derivadas com *re-*.

5.3.1 Formações derivadas verbais

As derivações verbais estão divididas em três grupos, de acordo com os traços semânticos dos verbos internos às formações e a estrutura de evento que denotam³⁷: formações que têm internamente verbos que

³⁷ As impossibilidades de combinação com o prefixo *re-* serão tratadas na seção 5.3.3.

denotam (modos de) atividade; verbos que denotam eventos de criação, destruição ou de tema incremental; e verbos que denotam processos. Esses três grupos estão detalhados abaixo:

5.3.1.1 Derivações com verbos que denotam (modos de) atividade

*reabastecer, reafirmar, realimentar, reaparecer*³⁸, *reapresentar, rearmar, recapturar, recarregar, recobrir, recolocar, recompor, recomprar, reconduzir, reconquistar, recontar, recortar, redescobrir, redizer, reembargar, reembolsar, reentrar, reescrever, reestudar, reexplorar, reingressar, relançar, reler, reocupar, remexer, remontar, replantar, repor, ressurgir, retocar, revender* etc.

As formações derivadas relacionadas acima pertencem à Classe III, que diz respeito às raízes de verbos que denotam uma situação dinâmica envolvendo um agente.

As derivações exibem os seguintes moldes morfossintáticos:

(i) [morfema prefixal *re-* + raiz + morfema verbal *-ar/-er*], como *reafirmar, rearmar, recolocar, remontar, remexer, revender, recompor, reler* etc.;

(ii) [morfema prefixal *re-* + morfema prefixal *des-* + raiz + morfema verbal *-ir*], como *redescobrir*;

(iii) [morfema prefixal *re-* + morfema prefixal *em-* + raiz + morfema nominalizador *-a/-o* + morfema verbal *-ar*], como os parassintéticos *reembolsar* e *reembargar*;

(iv) [morfema prefixal *re-* + morfema prefixal *a-* + raiz + morfema nominalizador *-o* + morfema *-ec-* + morfema verbal *-er*], como o parassintético *reabastecer*.

Os verbos listados em 5.3.1.1 são majoritariamente transitivos diretos, que é a classe verbal com a qual *re-* normalmente se combina. Há também alguns verbos inacusativos que se combinam com *re-*, como *reaparecer* e *ressurgir* e verbos intransitivos, como *reembargar, reentrar* e *reingressar*.

Quando o morfema *re-* se une a verbos transitivos, como nos exemplos abaixo,

³⁸ O verbo *reaparecer*, apesar de inacusativo, foi incluído entre os verbos que denotam (modos de) atividade.

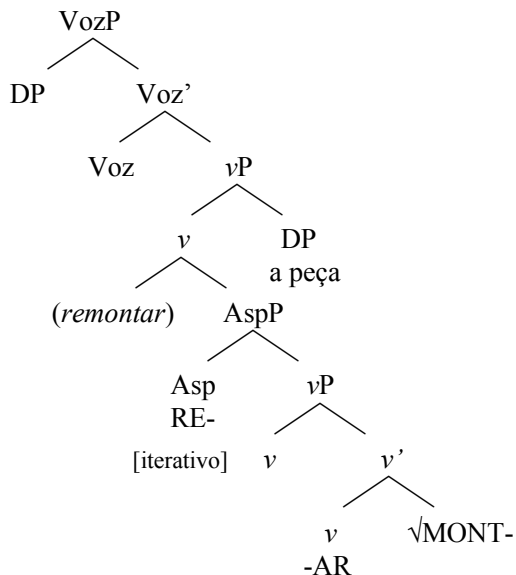
- (13) a. João *reabasteceu* o celeiro.
 b. À tarde, o peão *realimentou* os cavalos.
 c. A polícia *recapturou* os assaltantes.
 d. Maria *recobriu* o bolo.

o traço de iteração do prefixo não denota uma iteração da ação denotada pelo verbo, mas tem como alvo o argumento interno; ou seja, os verbos transitivos prefixados com *re-* em (13) descrevem a recorrência da mudança de estado denotada pelo DP (MARANTZ 2005a, 2005b, 2006a, 2007b).

Para Marantz (2005a), os verbos prefixados com *re-* requerem objeto direto porque as raízes verbais sozinhas não criam a estrutura semântica necessária para licenciar o prefixo – o objeto é que cria essa semântica. Desta forma, *re-* seleciona sintaticamente um DP e semanticamente um evento de mudança de estado (MARANTZ 2007b).

A árvore em (14) ilustra a representação estrutural e a da estrutura de evento da formação transitiva *remontar* (“O diretor *remontou* a peça de teatro”), que representa as formações derivadas que têm a configuração morfofossintática descrita em (i), acima:

(14) *remontar*

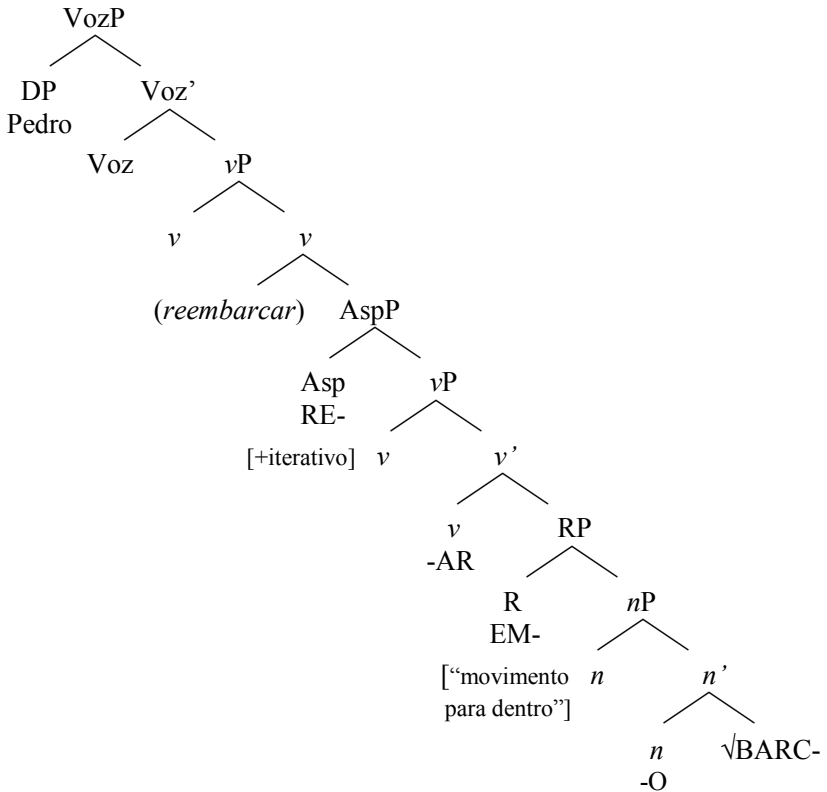


A formação *remontar* tem duas fronteiras cíclicas, como mostra a representação em (14). A forma *montar*, no domínio de *v*, fecha a fronteira da primeira fase e a forma derivada *remontar*, novamente num domínio de *v* (que está inserido acima de *Asp*, que é o núcleo responsável pela inserção do morfema prefixal), fecha a fronteira da segunda fase. A estrutura em (14) mostra ainda que *remontar* denota duas eventualidades: há o evento de “remontar” e há a outra mudança de estado no DP *a peça*. O traço iterativo de *re-* tem escopo sobre o DP e *remontar* denota a reocorrência desta mudança de estado. O núcleo de Voz acima do *vP* relaciona o evento ao argumento externo.

Por outro lado, nas formações monoargumentais derivadas com *re-* (*reaparecer*, *ressurgir* e *reembarcar*), que são raras, o traço aspectual de reiteração recai sobre a ação denotada pelo verbo, reiterando-a, como se pode observar em (15):

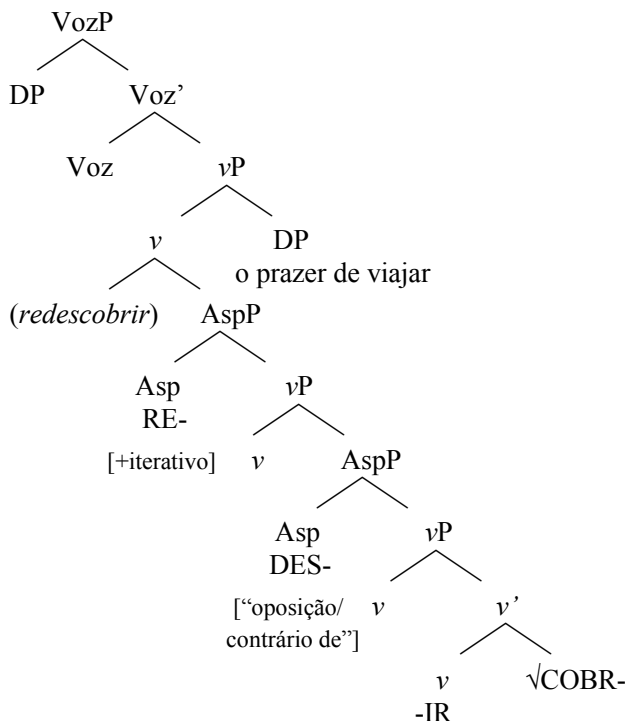
(15) Pedro *reapareceu/ressurgiu/reembarcou* no domingo.

A representação em (16), abaixo, ilustra as representações estrutural e de evento da derivação intransitiva *reembarcar*, que tem o molde morfossintático descrito em (iii), acima:

(16) *reembarcar*

A representação em (16) mostra que a estrutura interna de *reembarcar* é composta de três domínios cíclicos ou três fases. A primeira fase fecha-se no ambiente de *n* com a forma nominal *barco*; a segunda fase encerra-se no ambiente de *v* com a forma verbal derivada *embarcar*, e a formação derivada resultante *reembarcar*, novamente num domínio de *v*, encerra a terceira fase. A estrutura em (16) mostra ainda que *re-* no caso de uma eventualidade mono-eventiva tem escopo sobre a ação denotada pelo verbo, reiterando-a.

A formação derivada *redescobrir* (“Carmem *redescobriu* o prazer de viajar), cujo molde morfossintático está descrito em (ii), acima, tem as representações estrutural e de evento ilustradas em (17):

(17) *redescobrir*

A formação *redescobrir* tem três fronteiras cíclicas, como mostra a representação em (17). A forma *cobrir*, no domínio de *v*, fecha a fronteira da primeira fase e a forma derivada *descobrir*, novamente num ambiente de *v*, fecha a fronteira da segunda fase. Por fim, a forma derivada resultante *redescobrir*, novamente num domínio de *v*, fecha a fronteira da terceira fase. A estrutura em (17) mostra ainda que *redescobrir* denota duas eventualidades: há o evento de “redescobrir” e há a mudança de estado reiterada no DP *o prazer de viajar*, que passará por outra mudança de estado. A formação *redescobrir* denota então a recorrência da mudança de estado no DP. O núcleo de Voz acima do vP relaciona o evento ao argumento externo.

Nas formações *repor* e *recolocar*, que têm dois argumentos internos (“O garoto *repôs/recolocou* a bicicleta na garagem”), o escopo de *re-* recai sobre o evento nomeado pelo primeiro complemento, isto é, *re-* tem escopo sobre a mudança de estado do DP *a bicicleta* (cf.

MARANTZ 2005b; 2007b). *Repor*³⁹ e *recolocar* têm a mesma representação estrutural e de estrutura de evento que a formação *remontar*, descrita em (14).

Observemos agora o segundo grupo de formações verbais prefixadas com *re-*.

5.3.1.2 Derivações com verbos que denotam processos

reabilitar, reacelerar, reacomodar, readmitir, reajustar, reaplicar, reassentar, reassumir, reativar, reaver, reavivar, rebenzer, recasar, reclassificar, recomeçar, reconstituir, reconvocar, redemocratizar, redimensionar, redirecionar, redistribuir, reeducar, reeleger, reempregar, reencaminhar, reendossar, reenlaçar, restabelecer, reexportar, reimpor, reiniciar, reinvestir, renascer, renovar, retomar, reunir, reutilizar, revalorizar, reviver etc.

As derivações listadas acima, formadas majoritariamente a partir da adjunção de *re-* a verbos transitivos (*habilitar, avivar, classificar, educar, enlaçar, impor, unir* etc.) e a alguns verbos inacusativos (*nascer e viver*), denotam *eventualidades de mudança de estado* e pertencem à Classe IV, que diz respeito às raízes que, com exceção dos poucos inacusativos, incorporam a idéia de um agente/causador e se referem a situações dinâmicas que têm duração interna ou a situações que se estendem no tempo

As formações apresentam oito diferentes configurações morfossintáticas:

(i) [morfema prefixal *re-* + raiz + morfema verbal *-ar/-er*], como *reabilitar, reaplicar, reassumir, reeducar, reimpor*⁴⁰, *renovar, reunir* etc.;

(ii) [morfema prefixal *re-* + raiz + morfema nominalizador *-a* + morfema *-ico* + morfema *-iz-* + morfema verbal *-ar*], como *redemocratizar*;

(iii) [morfema prefixal *re-* + morfema prefixal *a-/en-* + raiz + morfema nominalizador/adjetivador *-o* + morfema verbal *-ar*], como os parassintéticos *reajustar* e *reencaminhar*;

³⁹ Assume-se aqui a proposta de Larson (1988) para a representação de verbos que tenham dois argumentos internos.

⁴⁰ O verbo *impor* deriva do verbo latino *imponēre* (HOUAISS 2009).

(iv) [morfema prefixal *re-* + morfema prefixal *en-* + raiz + morfema nominalizador *-o* + morfema verbal *-ar*], como *reenlaçar*;

(v) [morfema prefixal *re-* + raiz + morfema zero + morfema *-iz-* + morfema verbal *-ar*], como *reutilizar* e *revalorizar* ;

(vi) [morfema prefixal *re-* + raiz + morfema *-bil-* (*-vel*) + morfema *-ec-* + morfema verbal *-er*], como *restabelecer*;

(vii) [morfema prefixal *re-* + raiz + morfema *-fic-* + morfema verbal *-ar*], como *reclassificar*;

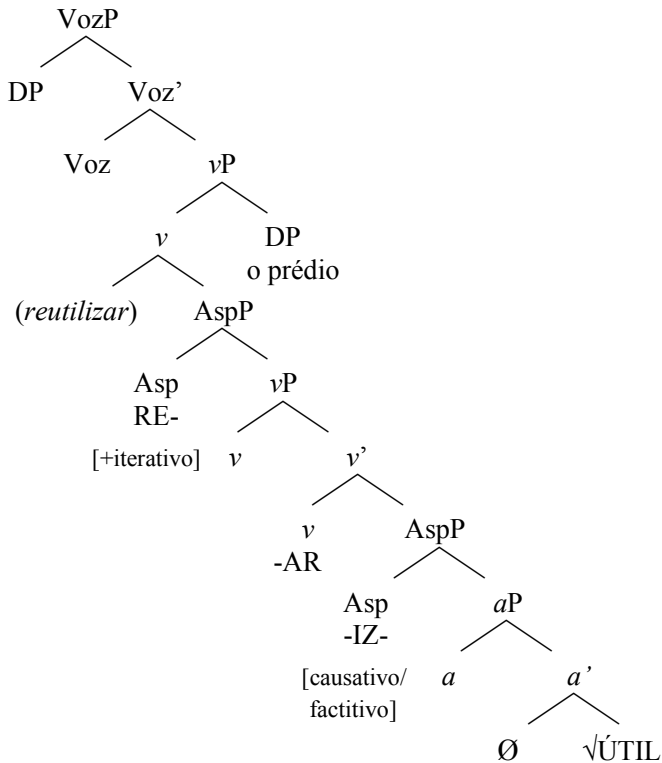
(viii) [morfema prefixal *re-* + raiz + morfema *-ão* em sua forma alomórfica *-ion-* + morfema verbal *-ar*], como os denominais *redirecionar* e *redimensionar*.

Os exemplos em (18), abaixo, mostram que , quando *re-* se une a verbos transitivos que denotam processos, assim como ocorre com os verbos que denotam (modos de) atividade, o traço de iteração do prefixo tem escopo sobre o argumento interno do verbo, especificando a reocorrência da mudança de estado denotada pelo DP:

- (18) a. A fábrica *readmitiu/reempregou/reconvocou* os funcionários dispensados.
 b. Elza *reassumiu* o cargo de diretora.
 c. Leonor *renovou* o contrato com a editora.
 d. Mauro *reúne* os filhos no Natal.

As formações que têm o molde morfossintático descrito em (i), acima, entre elas, as derivações exemplificadas em (18), têm a mesma representação estrutural e de evento que a formação *remontar*, descrita em (14).

A representação em (19), abaixo, ilustra as representações estrutural e de evento de formações como *revalorizar* (“As exportações *revalorizaram* a moeda”) e *reutilizar* (“O arquiteto *reutilizou* o velho prédio”), que têm a configuração morfossintática descrita em (v), acima:

(19) *reutilizar*

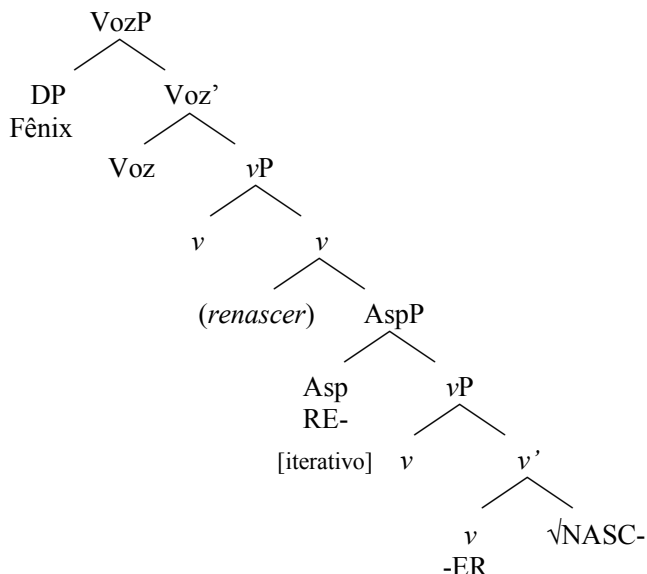
Reutilizar tem três fases cíclicas, como mostra a árvore em (19). A primeira fase fecha-se no domínio de *a* com a forma *útil*; a segunda fase encerra-se no domínio de *v* com a forma derivada *utilizar* e, por fim, a terceira fase fecha-se com a derivação *reutilizar*, novamente num domínio de *v*. A estrutura de evento bi-eventiva mostra que a eventualidade de “reutilizar” tem escopo sobre o DP *o prédio*, que passa por outra mudança de estado.

Nas derivações formadas a partir da adjunção de *re-* a verbos inacusativos – *renascer* e *reviver* –, entretanto, o escopo do prefixo abrange a ação denotada pelo verbo, como mostram claramente os exemplos em (20), abaixo:

(20) a. Fênix *renasceu* das cinzas.

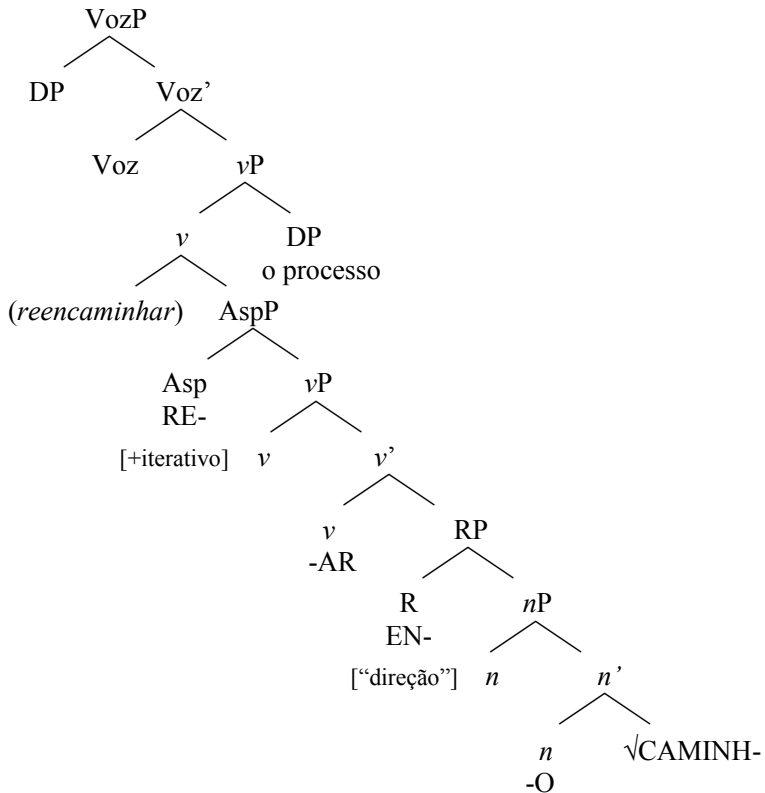
b. A esperança *reviveu*.

A representação da formação *renascer* em (21) ilustra a representação estrutural e a representação da estrutura de evento dos verbos derivados exemplificados em (20):

(21) *renascer*

Há duas fases cíclicas na formação do verbo derivado *renascer*: uma fase fecha-se no domínio de *v* com a forma verbal *nascer* e a outra fase fecha-se novamente num domínio de *v* – inserido acima de Asp – com a formação derivada *renascer*. A estrutura em (21) mostra que *re* tem escopo sobre a ação denotada pelo verbo, reiterando essa ação, e especificando que, nesse caso, trata-se de uma eventualidade mono-eventiva.

A representação das formações parassintéticas *reajustar* (“O governo *reajustou* os salários dos funcionários”) e *reencaminhar* (“O advogado *reencaminhou* o processo”), que têm a configuração morfosintática descrita em (iii) acima, está ilustrada em (22):

(22) *reencaminhar*

A representação em (22) mostra que a fronteira da primeira fase se fecha no domínio de *n* com a forma nominal *caminho*; a forma verbal derivada *encaminhar* fecha a fronteira da segunda fase no ambiente de *v* e a forma derivada resultante *reencaminhar* fecha a fronteira da terceira fase, novamente num ambiente de *v*. As duas eventualidades denotadas pela formação *reencaminhar* resultam primeiro, da eventualidade de “reencaminhar” e, segundo, da mudança de estado por que passa o DP *o processo*. O verbo derivado denota a reiteração da mudança de estado do DP. O núcleo de *Voz* relaciona o evento ao argumento externo.

Observemos a seguir o terceiro grupo de formações derivadas com *re-*.

5.3.1.3 Derivações com verbos que denotam eventos de criação, destruição ou de tema incremental

reabrir, reacender, reagrupar, reaparelhar, reaquecer, rebordar, recriar, reconstruir, redefinir, redesenhar, reedificar, reeditar, reelaborar, reencadernar, reestruturar, refazer, reformular, refundir, reimprimir, reinstalar, reinventar, remodelar, repaginar, repassar, repintar, requeimar, revestir etc.

As formações derivadas relacionadas acima denotam *eventualidades de mudança de estado*. Os verbos que compõem as derivações pertencem à Classe V, que diz respeito aos verbos que têm, por um lado, um objeto afetado que sofre uma mudança de estado e, por outro lado, um agente ou causador da mudança de estado no objeto.

As derivações apresentam três diferentes configurações morfosintáticas:

(i) [morfema prefixal *re-* + raiz + morfema verbal *-ar/-er/-ir*], como *rebordar, repintar, reelaborar, reaquecer, refazer, reabrir, recriar, redefinir* etc.;

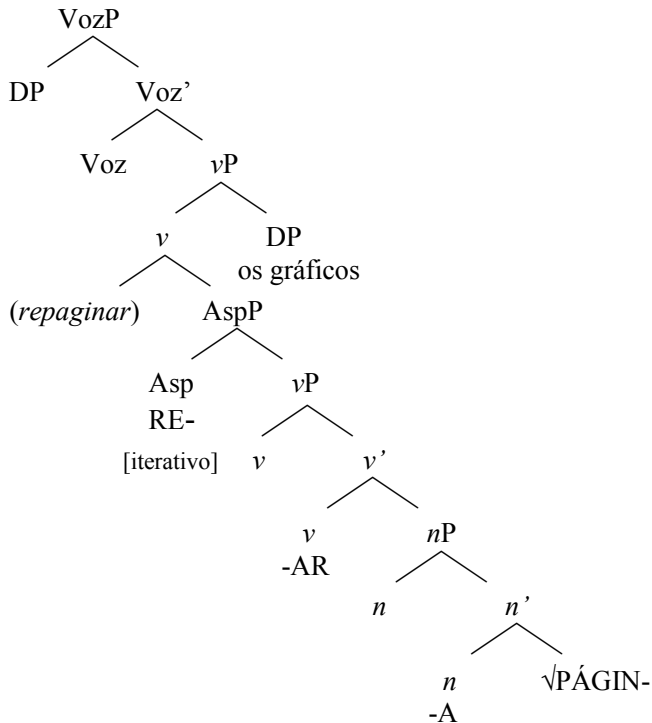
(ii) [morfema prefixal *re-* + raiz + morfema nominalizador *-a/-o* + morfema verbal *-ar*], como os denominais *repaginar, reformular* e *remodelar*;

(iii) [morfema prefixal *re-* + morfema prefixal *a/-en-* + raiz + morfema nominalizador *-o* + morfema verbal *-ar*], como os parassintéticos *reagrupar* e *reencadernar*.

As formações derivadas que têm o molde morfosintático descrito em (i), como *rebordar, repintar, reelaborar, reaquecer, refazer, reabrir, recriar, redefinir, reinventar* etc., têm a mesma representação estrutural e de evento que a formação *remontar*, ilustrada em (14).

As derivações *reagrupar* e *reencadernar*, que têm o molde morfosintático descrito em (iii), têm a representação estrutural e da estrutura de evento ilustrada em (21).

A representação em (23), abaixo, ilustra a representação estrutural e de evento das formações denominais *repaginar* (“O diagramador *repaginou* os gráficos”), *reformular* (“O pediatra *reformulou* o diagnóstico”) e *remodelar* (“Bento *remodelou* o poema”), que têm a configuração morfosintática descrita em (ii), acima:

(23) *repaginar*

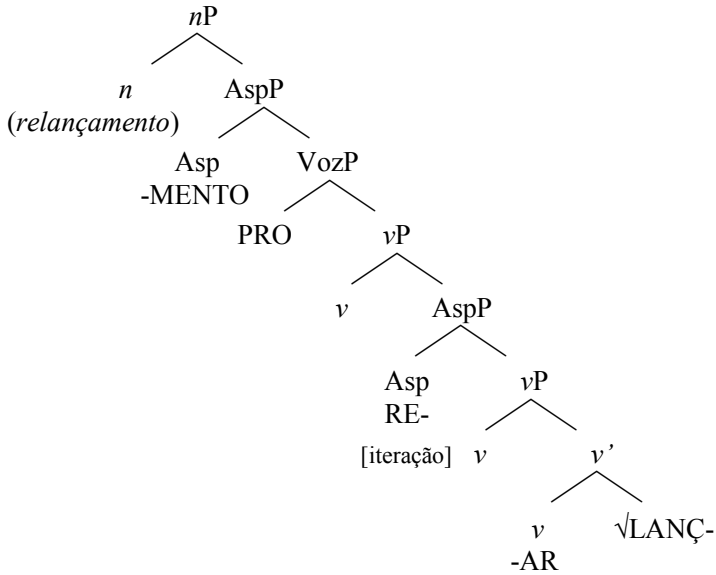
A representação em (23) mostra que a estrutura interna de *repaginar* tem três fases: a forma nominal *página* fecha a primeira fase no domínio de *n*; a forma derivada verbal *paginar* encerra a segunda fase no domínio de *v* e a forma derivada resultante *repaginar* fecha a fronteira da terceira fase, novamente num domínio de *v*. A estrutura bi-eventiva em (22) mostra que há uma eventualidade que é a de “repaginar”, e há outra eventualidade que é a de reocorrência do estado dentro do *vP*.

O levantamento dos dados revelou que o traço [iterativo] de *re-* é compatível com verbos que denotem ação e que permitam que se repita ou que se refaça a ação realizada, e que é compatível com a semântica de alguns verbos de percepção ou que denotem estados psicológicos, como *ver* > *rever* (“Ele *reviu* os velhos amigos”), *animar* > *reanimar* (“O palhaço *reanimou* a festa”), *lembrar* > *relembrar* (“Os idosos

gostam de *relembrar* o passado”), *pensar* > *repensar* e *considerar* > *reconsiderar* (“João *repensou/reconsiderou* a sua posição”), isto porque os traços semânticos desses verbos permitem a idéia de reiteração adicionada por *re-*. Nessas formações transitivas, *re-* tem escopo sobre o estado dentro do vP.

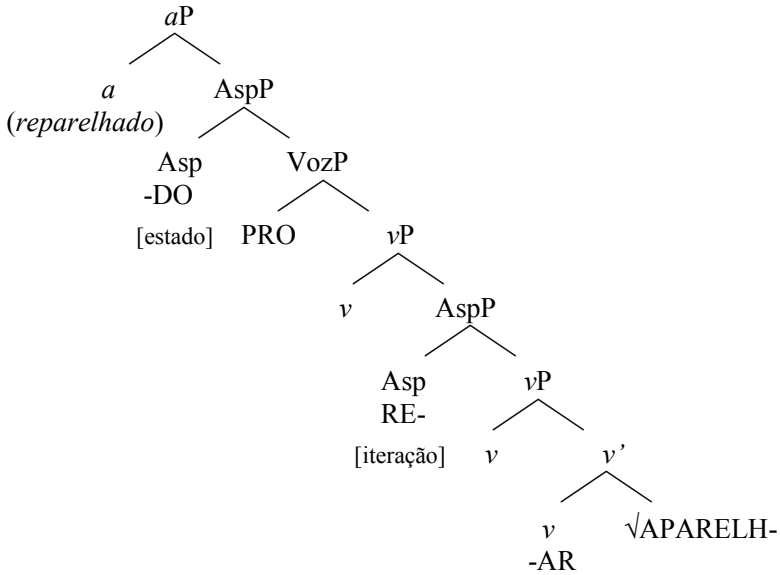
Os dados revelaram também que *re-* não se une a nomes (**reparede*, **recaixa*, **repovo*, **refilial*, **ressocioeconômico* etc.) que não sejam deverbais sufixados com os nominalizadores *-ção* ou *-mento*, e nem a adjetivos (**regrande*, **recurto*, **rebranco*, **redinâmico*, **reamável* etc.) que não sejam sufixados com os morfemas adjetivadores *-(a)do/-(i)do* ou *-vel*. Isto indica que os nomes deverbais (*relançamento*, *reaparecimento*, *reedição*, *reestruturação*, *reabilitação*, *reutilização* etc.) e os adjetivos deverbais (*reabilitado*, *reaparelhado*, *redefinido*, *reutilizado*, *relançável*, *reutilizável* etc.) são derivados de verbos já prefixados com *re-*; ou seja, esses nomes e adjetivos deverbais só se realizam porque existe na língua o verbo prefixado correspondente.

A estrutura interna dos nomes deverbais revela que *re-* se une primeiramente às raízes verbais fechando um domínio cíclico, e os itens sufixais que nominalizam esses verbos, como os morfemas *-ção* e *-mento* (que indicam “estados resultantes”), estão inseridos no ambiente de *n*, que aparece acima do núcleo Asp (núcleo responsável pela inserção dos morfemas sufixais), como mostra a representação em (24), abaixo, do nome verbal *relançamento* (“O *relançamento* do livro pelo autor”):

(24) *relançamento*

O nome *relançamento*, que tem três fases cíclicas (*v*, *v*, *n*), denota duas eventualidades: há o evento de “relançamento”, que expressa o resultado da ação exercida pelo verbo, e há o efeito causado no DP *o livro*, que passa novamente por uma mudança de estado. A eventualidade denotada pela formação “relançamento” pressupõe um sub-evento anterior ou um evento interno (“lançamento”). *PRO* (MARANTZ 2007b, MEDEIROS 2008) especifica a categoria sintática do agente que exerce a eventualidade denotada pelo verbo interno (*relançar*) à formação *relançamento*.

Nos adjetivos deverbais derivados, assim como acontece com os nomes deverbais, *re-* une-se primeiro às raízes verbais, fechando um domínio cíclico. O morfema adjetival *-(a)do/-(i)do* está inserido no ambiente de *a*, que está acima do núcleo *Asp* (responsável pela inserção desse morfema sufixal), como ilustra a representação do adjetivo verbal *reaparelhado* (“O hospital foi reaparelhado”) em (25), abaixo:

(25) *reaparelhado*

O adjetivo deverbal *reaparelhado*, cuja estrutura interna tem três fases cíclicas (v , v , a), denota duas eventualidades: há a eventualidade denotada por *reparelhado*, que expressa um estado resultante, e há a mudança de estado denotada pelo portador do estado expresso pelo adjetivo. A eventualidade denotada por *reparelhado* pressupõe um sub-evento anterior ou um evento interno (“aparelhado”), mais encaixado. O núcleo adjetivador a atribui o estado “reparelhado” ao portador do processo denotado pelo verbo interno à formação. PRO especifica o portador da eventualidade denotada pelo verbo interno à derivação *aparelhar*.

A seção a seguir trata das alterações fonológicas específicas aos contextos morfossintáticos em que aparecem as formações derivadas com *re-*.

5.3.2 Regras de Reajustamento Fonológico

Assim como acontece com o prefixo *des-*, o morfema *re-* une-se a verbos em um procedimento bem regular: *ler* > *reler*, *lançar* > *relançar*, *unir* > *reunir*, *valorizar* > *revalorizar* etc. Na formação da palavra derivada, o prefixo mantém a sua integridade, como podemos

observar nos exemplos acima, mesmo quando a forma verbal inicia-se por vogal idêntica à do prefixo, onde poderia ocorrer o processo fonológico da crase, como em *re-educar*, *re-eleger*, *re-embolsar* etc. A única exceção encontrada foi com a derivação *restabelecer*, onde ocorre a crase no momento da concatenação do prefixo à forma verbal: *re- + estabelecer > restabelecer*.

A próxima seção trata das formações que não aceitam a prefixação com *re-*.

5.3.3 Raízes com semântica não compatível com o traço semântico de *re-*

O traço aspectual de iteração de *re-* não é compatível com:

a) verbos estativos, como **recontrapor*, **redesmerecer*, **reconter*, **redispor*, **reentrepôr*, **reestar*, **reficar*, **reparecer*, **repoder*, **redever*, **regostar*, **reinteressar*, **remorar*, **ressaber*, **ressobrepôr*, **ressossegar*, **retemer*, **retornar-se* etc. A idéia predominante do formativo *re-* é dinâmica, na medida que indica a repetição do processo expresso pelo verbo; portanto, há uma incompatibilidade entre a função desse prefixo e a noção estática que deriva desses verbos, que indicam situações permanentes, constantes, que duram ou que perduram no tempo;

b) verbos télicos, como **reacabar*, **redeitar*, **redesfazer*, **redesmaiar*, **refalecer*, **reengolir*, **relevantar*, **rematar*, **remorrer*, **ressuicidar-se*, **redar*, **redoar*, **reentregar* etc., pois esses verbos têm em sua carga semântica a noção de um evento com um ponto final natural ou culminação, isto é, a ação que expressam denota um processo conclusivo e permanente em seus efeitos, portanto, incompatível com a idéia de “repetição” acrescentada pelo prefixo. A razão de *re-* adjungir-se aos verbos *nascer* e *viver*, formando *renascer* e *reviver*, deve-se ao fato de esses verbos indicarem o início e não o fim de um processo (mesmo quando utilizados com um sentido não-literal); portanto, não há incompatibilidade entre a noção que deriva desses verbos e a idéia de “repetição” acrescentada pelo prefixo;

c) verbos atélicos, como **recomer*, **regritar*, **recorrer*, **reempurrar*, **remastigar*, **renadar*, **rechover*, **renevar*, **retrovejar* etc., pois esses verbos indicam eventos que não tendem a um fim necessário, isto é, uma vez iniciados, podem continuar indefinidamente, o que justifica a não-aceitação da idéia de “repetição” acrescentada pelo prefixo;

d) verbos inergativos: **ressorrir*, **rechorar*, **repopular*, pois não há mudança de estado para combinar com a reiteração de *re-*;

e) verbos semelfactivos: **retossir*, **reespirrar*, **rerroncar*, **rerrosnar* etc., porque descrevem eventos instantâneos e pontuais, que não envolvem uma mudança de estado;

f) verbos que tenham argumentos externos afetados: **refumar*, **rerrir*, **recantar* (Marantz 2006, p. 10);

g) verbos cujos traços semânticos já denotem mudança de estado, como **requebrar*, **redestruir*, **rederreter* etc.; e verbos de contato com superfícies (cf. Levin 1999), como **refriccionar*, **revarrer*, **reesfregar*, **relimpar*, **relustrar* etc., que também denotam mudança de estado;

h) verbos performativos, como *jurar* e *prometer*, pois exprimem situações pontuais que se são incompatíveis com a idéia de “repetição”.

Para indicar a iteração com os verbos acima, é necessário o uso do advérbio *novamente*: “*tossir/sorrir/chorar/pular/varrer/deitar/limpar/desmaiar* etc. *novamente/de novo*”.

Quanto às restrições morfológicas, *re-* não se une a nomes e adjetivos que não sejam deverbais: **reespecial*, **regostoso*, **remesa*, **revizinho*, **releite*, **recasa*; **relindo*, **reverde**, **refrio* etc. e a nomes iniciados por *-r*: **rerroer*, **rerrondar* etc.

5.3.4 *Resumo*

Re- é um prefixo eminentemente verbal. Com o traço aspectual de reiteração, une-se a formas verbais que admitam ou que sejam compatíveis com a possibilidade de repetir ou refazer a ação realizada, isto é, que admitam eventos de mudança de estado, como *reacender*, *reativar*, *recriar*, *repor*, *reconstruir*, *recompor*, *reembolsar*, *redesenhar* etc. Com o sentido de reiteração, exibe grande produtividade na língua portuguesa. As formações derivadas denotam “ação refeita” ou “estado resultante”.

As raízes internas às derivações pertencem:

a) à Classe III – raízes que denotam (modos de) atividade, resultando nas derivações *reler*, *redescobrir*, *reembarcar*, *reabastecer* etc., que apresentam quatro diferentes configurações morfossintáticas e têm a representação estrutural e a da estrutura de evento ilustradas em (14), (15) e (16);

b) à Classe IV – raízes que denotam processos, produzindo formações como *reajustar*, *reutilizar*, *reclassificar*, *redirecionar*, *reeducar* etc., que exibem oito diferentes moldes morfossintáticos e têm tanto a representação morfossintática como a da estrutura de evento ilustradas nas árvores (19), (21) e (22);

c) à Classe V – raízes de verbos que denotam eventos de criação, destruição ou de tema incremental, produzindo *rebordar*, *repaginar*, *reencadernar* etc., que apresentam três configurações morfossintáticas e estão representadas em (23).

Os verbos transitivos prefixados com *re-* não expressam a repetição da atividade descrita por toda a predicação, mas sim descrevem a reocorrência da mudança de estado denotada ou a reocorrência do estado dentro do vP, isto é, *re-* tem como alvo o evento interno (cf. MARANTZ 2005a, 2005b, 2006a, 2007b) e as formações derivadas denotam duas eventualidades. Por outro lado, aos verbos mono-argumentais a que *re-* se une (que são poucos), produzindo as formações *reaparecer*, *ressurgir*, *reembarcar*, *renascer*, *recair* e *reviver*, o traço [+iterativo] do afixo recai sobre a ação denotada pelo verbo e, neste caso, as derivações denotam eventualidades mono-eventivas.

Re- impõe restrição categorial a nomes e adjetivos. Nominalizações como *reaparelhamento*, *reaparecimento*, *reedição*, *reestruturação*, *reeducação*, *reabilitação* etc. (ilustradas na árvore (24)) e formações adjetivais, como *reabilitado*, *reutilizado*, *redefinido*, *rebatido* (ilustradas em (25)), por exemplo, são efetivadas porque existem os verbos prefixados correspondentes.

5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das formações derivadas com os prefixos *des-* e *re-* revelou que ambos adicionam um sentido bastante preciso às formas a que se unem.

Des- é fundamentalmente um prefixo verbal e adiciona-se a verbos cujos traços semânticos permitam que a ação ou estado seja desfeito, acrescentando-lhes o sentido de [“oposição/contrário de”]. Une-se mais comumente a verbos que tenham dois argumentos e raramente a verbos que tenham só o argumento externo. Nas eventualidades denotadas pelas formações derivadas, há o pressuposto de que uma ação foi praticada ou uma situação foi estabelecida anteriormente para então ser levada a efeito uma ação/situação contrária,

que é denotada pelo prefixo. *Des-* une-se a um número reduzido de substantivos primitivos abstratos, adicionando a eles o sentido de [“ausência ou falta de X”]; aos adjetivos, acrescenta o sentido de [“negação”], e também se constata não ser muito produtiva sua união com esta categoria.

Re-, com o traço aspectual [+iterativo], une-se somente a verbos que admitam a possibilidade de uma retomada da ação verbal, e tem-se como resultado um verbo derivado que denota “ação refeita” ou “estado resultante”. As derivações denotam, normalmente, duas eventualidades.

O estudo dos afixos *des-* e *re-* revelou que os prefixos selecionam a base com a qual se combinam e a seleção envolve tanto a categoria como certas características semânticas da base, por isso, uma palavra derivada só se efetiva se houver compatibilidade entre os traços semânticos das raízes e os traços semântico-aspectuais dos morfemas derivacionais. Revelou também que o significado de uma forma derivada é composicional e que a composicionalidade é determinada pela compatibilidade semântica. Nas formações derivadas existe, portanto, uma correspondência entre a estrutura configuracional e a significação das palavras resultantes.

6. DERIVAÇÃO SUFIXAL

6.1 INTRODUÇÃO

A derivação sufixal, além de contribuir para a ampliação do número de vocábulos, desempenha ainda um importante papel na construção sintática de sintagmas e orações. Ao dizermos, por exemplo, *o desgaste do motor* ou *o embranquecimento do cabelo de Joana*, expressamos, por meio de nominalizações, relações semânticas que correspondem a orações, como *o motor desgastou* e *o cabelo de Joana embranqueceu*. A diferença entre as duas primeiras construções e as duas últimas está no modo de comunicar os respectivos conceitos: passamos da predicação – *o motor desgastou* – à designação – *ocorreu o desgaste do motor* (AZEREDO 2004).

Dentre os processos de formação de palavras, a derivação sufixal é, segundo Azeredo (2004, p.87), a responsável pela “versatilidade de meios de construção dos sintagmas e das orações”, pois, por meio desse processo, “não só se encurtam construções sintáticas como também se condensam orações”.

Isto quer dizer que um mesmo conteúdo⁴¹ pode ser representado de modos diferentes recorrendo-se a palavras derivadas, como ilustram os exemplos em (1), abaixo:

- (1) a. Pergunta *que intriga* / pergunta *intrigante*.
 b. Usar *escova* para limpar a roupa / *escovar* a roupa.
 c. As ruas *foram alagadas* / *alagamento* das ruas.
 d. O dinheiro público é *desperdiçado* / *desperdício* do dinheiro público etc.

Quase todos os sufixos latinos passaram para o português. Há sufixos que formam substantivos de outros substantivos (*fruta/fruteira*), e/ou de adjetivos (*bom/bondade*), e/ou de verbos (*distribuir/distribuidor*); há sufixos que formam adjetivos de substantivos (*campo/campal*) ou de verbos (*poluir/poluinte*); há sufixos que formam verbos de substantivos (*flor/florescer*) e de adjetivos (*legal/legalizar*).

Enquanto na formação de palavras por prefixação o prefixo cumpre uma função especificamente semântica, como em *construir*/

⁴¹ Aqui se está levando em conta o valor de verdade das sentenças em (1) e desconsiderando-se os núcleos funcionais envolvidos e a contribuição aspectual consequente.

desconstruir, por exemplo, em que o prefixo *des-* indica [“oposição/contrário de”], na formação de palavras por derivação sufixal, como vimos, a função do morfema é fundamentalmente sintática, como se pode perceber em *distribuir/distribuidor* ou em *flor/florescer*, em que os sufixos *-dor* e *-esc(er)* têm a função de transformar o verbo em substantivo, no primeiro caso, e o substantivo em verbo, no segundo caso. Mas há ainda a contribuição semântico-aspectual do afixo: o sufixo *-dor*, por exemplo, além de contribuir para a mudança categorial, atribui à formação o traço semântico-aspectual [+agentivo/habitual]: o nome derivado *distribuidor* denota o agente do verbo interno à derivação – “aquele que distribui”; *-ec(er)*, por sua vez, atribui à formação o traço aspectual [incoativo/inceptivo]: o verbo derivado *florescer* denota “início de um processo”.

Este capítulo é dedicado ao estudo das palavras derivadas com os sufixos nominais *-nte* e *-dor* e os sufixos verbais *-ec(er)/-esc(er)* e *-iz(ar)*. Primeiramente, na seção 6.2, descrevo e analiso as derivações formadas a partir da adjunção de uma raiz aos sufixos nominalizadores *-nte* e *-dor*; na seção 6.3, detenho-me na descrição e análise dos sufixos verbalizadores *-ec(er)/-esc(er)* e *-iz(ar)*.

6.2 SUFIXOS NOMINALIZADORES

Nesta seção, descrevo e analiso as formações derivadas com os sufixos nominalizadores *-nte* (seção 6.2.1) e *-dor* (seção 6.2.2).

Para isso, parto de um levantamento de formações derivadas com esses afixos, extraídas do *Dicionário Aurélio Eletrônico* (2004) e *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa* (2009). Em seguida, classifico as derivações de acordo com as propriedades semânticas das raízes de seus verbos internos e detenho-me na descrição e análise dos traços semânticos que interagem com os traços aspectuais dos morfemas sufixais e que permitem a realização de uma palavra derivada, com o objetivo de formalizar o conjunto de propriedades que portam as raízes a que os morfemas sufixais se unem.

Exponho, em seguida, a representação estrutural das derivações, cuja configuração procura representar tanto a estrutura formal como a representação sintática da estrutura de evento dessas formações e descrevo as eventualidades que denotam. A proposta apresentada para a representação da decomposição sintática da estrutura de evento das derivações baseia-se em Marantz (2005a, 2005b; 2006a; 2007a, 2007b) e Medeiros (2008).

Por fim, descrevo os processos morfofonológicos relacionados às palavras derivadas e as mudanças morfofonêmicas ocorridas no corpo fônico das raízes. A incompatibilidade semântica entre as propriedades de raízes e afixos, que restringe a formação de novas formas derivadas, é discutida em seguida.

Assim como no estudo dedicado à derivação prefixal, no estudo da derivação sufixal assumo que a formação de uma palavra derivada só é possível se houver compatibilidade semântica entre as propriedades denotados pelas raízes e os traços aspectuais expressos pelos sufixos.

Passemos primeiramente à análise das formações derivadas com o morfema sufixal *-nte*.

6.2.1 SUFIXO *-NTE*

Proveniente do particípio presente latino, o morfema sufixal *-nte*, do latim *-āns*, *-antis* (COUTINHO 1976), une-se ao morfema temático dos verbos internos às derivações – *denunciante*, *escrevente*, *nutriente* – para exprimir a idéia de agente da ação, formando nomes, como *despachante*, *contribuinte*, *estudante* etc., ou para exprimir propriedades ou atributos dos nomes, formando adjetivos, como *intrigante* (“resposta *intrigante*”), *provocante* (“olhar *provocante*”) ou *envolvente* (“música *envolvente*”). Às suas derivações, *-nte* imprime um traço agentivo/cursivo.

Observemos primeiramente as derivações formadas com *-nte* que têm como resultado um nome agentivo:

6.2.1.1 *Formações derivadas nominais*

As formações derivadas nominais podem ser divididas em dois grupos, dependendo das propriedades semânticas das raízes dos verbos internos às derivações e a estrutura de evento que denotam⁴²: formações que têm como raízes internas às derivações verbos que denotam (modos de) atividade e verbos que denotam processos. Esses dois grupos estão detalhados abaixo:

⁴² As impossibilidades de combinação com o sufixo *-nte* serão tratadas na seção 6.2.1.4.

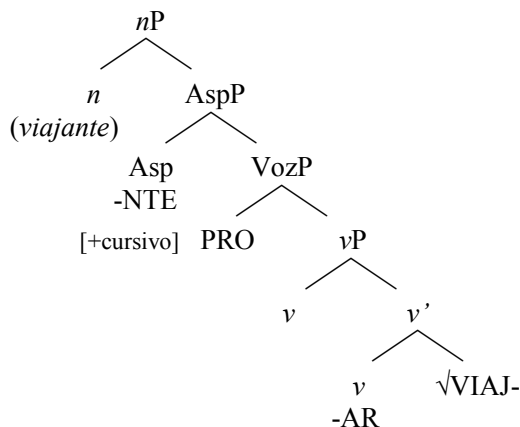
6.2.1.1.1 Derivações com verbos que denotam (modos de) atividade

ambulante, ajudante, assaltante, assinante, assistente, atendente, comandante, combatente, comerciante, concorrente, conferente, contribuinte, declarante, delinqüente, denunciante, depoente, despachante, dirigente, emigrante, emitente, endossante, escrevente, estudante, falante, feirante, figurante, governante, imigrante, informante, ingressante, insurgente, integrante, lactante, migrante, navegante, ocupante, ouvinte, pactuante, palestrante, participante, parturiente, passante, pedinte, presidente, pretendente, requerente, representante, servente, traficante, viajante etc.

As derivações listadas acima formam nomes que denotam os agentes de seus verbos internos (“aquele que X”), em que X representa o verbo e a semântica das formações derivadas decorre da semântica da forma verbal mais o traço aspectual atribuído pelo morfema sufixal: *ajudante* é “aquele que ajuda”; *falante* é “aquele que fala” etc. Por ter sua origem no particípio presente latino, o morfema sufixal *-nte* porta o traço aspectual cursivo, o que explica a sua adjunção a essas raízes, pois há compatibilidade entre as propriedades semânticas das raízes e o traço aspectual do afixo. As formações nominais com *-nte* denotam, em geral, “aquele que faz ou está exercendo uma atividade”.

As formas verbais internas às derivações denotam transitividade ou intransitividade com [causação externa], como *despachar, ajudar, palestrar, navegar, viajar* etc., admitindo, assim, um agente. Os verbos internos às formações pertencem à Classe III (raízes que denotam modos de atividade), que incorporam a idéia de um agente e expressam um processo em curso, como *assaltar, combater* ou *navegar*. As derivações, por formarem nomes que expressam os agentes de seus verbos internos, denotam *eventualidades de nomeação ou designação*.

As formações derivadas listadas em 6.2.1.1.1 apresentam o molde morfossintático [raiz + morfema verbal *-ar/-er/-ir* + morfema *-nte*] e a representação em (2), abaixo, ilustra a representação estrutural e a da estrutura de evento dessas derivações nominais agentivas:

(2) *viajante*

A representação em (2) mostra que *viajante* tem duas fronteiras cíclicas: o núcleo funcional v determina a fronteira da primeira fase com a forma verbal *viajar* e o núcleo funcional n determina a fronteira da segunda fase com o nome agentivo *viajante*⁴³. Nessa estrutura, a raiz $\sqrt{\text{VIAJ-}}$ porta o traço semântico de (modo de) atividade e o núcleo funcional Asp domina o sintagma verbal, dando-lhe uma interpretação dinâmica. PRO especifica a categoria sintática de agente, que é quem exerce a eventualidade denotada pelo verbo interno à derivação *viajar*.

A derivação da forma *viajante* ocorre como descrito abaixo:

1º) a raiz $\sqrt{\text{VIAJ-}}$ entra na derivação e é concatenada ao morfema verbal -AR, que está inserido no núcleo funcional verbalizador v , formando *viajar*, que expressa uma atividade. Aqui se fecha um domínio cíclico ou uma fase;

2º) o Item de Vocabulário -NTE, inserido no núcleo funcional Asp, porta o traço aspectual [+cursivo] e é semanticamente compatível com o traço semântico da forma *viajar*, que denota um modo de atividade;

3º) a forma *viajar* concatena-se com o morfema aspectual -NTE, já que há compatibilidade entre o traço semântico da raiz e o traço aspectual do morfema sufixal, resultando no nome *viajante*. Aqui se fecha outro domínio cíclico.

⁴³ As alterações morfofonêmicas ocorridas nas formações derivadas com *-nte* serão tratadas na seção 6.2.1.3.

Observemos a seguir as formações derivadas nominais que têm como integrantes verbos que denotam processos.

6.2.1.1.2 Derivações com verbos que denotam processos

amaciante, calmante, cedente, componente, entorpecente, nutriente, repelente etc.

Observa-se que as formações derivadas denotam causatividade e por formarem nomes que expressam os agentes/causadores de seus verbos internos, denotam *eventualidades de nomeação ou designação*.

As formações derivadas expressam imperfectividade e as raízes dos verbos internos às derivações pertencem à Classe IV, que diz respeito às raízes que denotam processos e se referem a situações dinâmicas que têm duração interna e que incorporam a idéia de um agente/causador, como *nutrir, amaciar, entorpecer*, etc. Para Comrie (1976, p.49), as situações dinâmicas envolvem necessariamente mudança. A adjunção do morfema *-nte* a essas raízes é explicada pela compatibilidade entre o traço semântico das raízes e o traço aspectual agentivo/cursivo do morfema *-nte*.

As formações derivadas exibem três diferentes estruturas morfossintáticas:

(i) [raiz + morfema verbalizador *-er/-ir* + morfema sufixal *-nte*], como *cedente, repelente* ou *nutriente*;

(ii) [(morfema prefixal *a-*) + raiz + morfema adjetivador *-o* + morfema verbal *-ar* + morfema sufixal *-nte*], como *calmante* e *amaciante*;

(iii) [morfema prefixal *en-* + raiz + morfema adjetivador *-e* + morfema *-ec-* + morfema verbal *-er* + morfema sufixal *-nte*], como *entorpecente*.

As formas verbais internas às derivações denotam transitividade com [causação externa], como *entorpecer, nutrir* etc., admitindo, assim, um agente/causador; ou alternância causativo-incoativa, com uma interpretação causativa/ergativa, como *ceder*, que tem tanto o sentido de “dar”, “conceder” como de “não resistir”, e *calmar*⁴⁴/*acalmar* ou *amaci-*

⁴⁴ Os verbos *calmar* (*calm(o) + -ar*) e *acalmar* (*a- + calm(o) + -ar*) têm o mesmo significado: “tornar calmo”, “tranqüilizar”. O termo *calmante* é resultado da concatenação de [raiz *calm-* + morfema adjetivador *-o* + morfema verbal *-ar* + morfema *-nte*] (FERREIRA 2004).

ar, como mostram os exemplos em (3), abaixo:

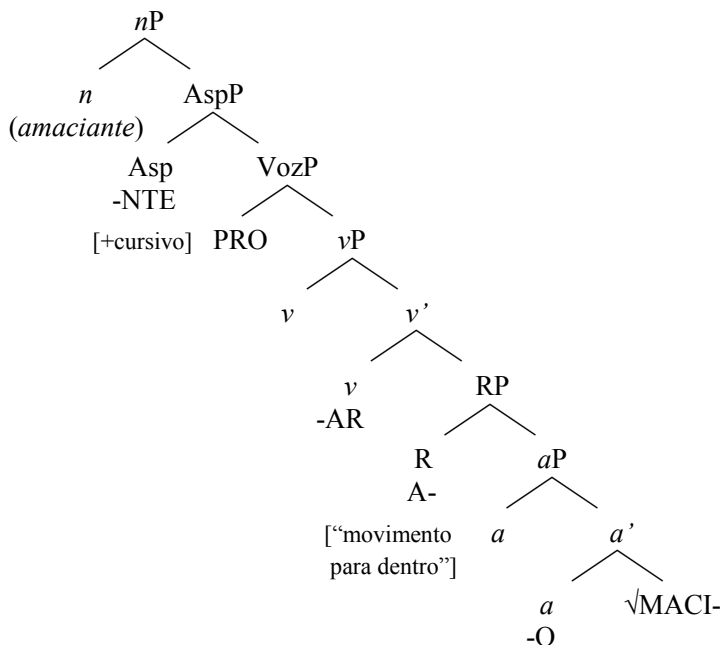
- (3) a. O peso da idade *cedeu-lhe/acalmou-lhe* o ímpeto guerreiro.
- b. Parte da prateleira *cedeu* com o peso dos livros.
- c. O vento *acalmou*.
- d. O tempo *amaciou* sua ira.
- e. O motor *amaciou*.

Algumas formações com *-nte* funcionam sintaticamente como nomes ou como adjetivos, dependendo da distribuição dos termos nas sentenças. Isto pode ser explicado se assumirmos a hipótese de que não há, em princípio, uma distinção de forma entre substantivos e adjetivos e, conforme o contexto, estas categorias podem funcionar em uma expressão como determinado ou como determinante, respectivamente (CAMARA JR. 1970, p. 87), como se pode observar nos exemplos abaixo:

- (4) a. *Calmantes* acalmam a tosse.
- b. Chá de camomila é *calmante*.
- c. O *amaciante* de roupas da marca X é ótimo.
- d. Comprei dois produtos *amaciantes*.

O fato de existirem nomes e adjetivos com a estrutura morfológica [raiz + morfema verbalizador + *-nte*], juntamente com a regularidade do efeito aspectual do sufixo, indica que a raiz adquire a propriedade de nome ou de adjetivo, dependendo da configuração sintática em que estiver inserida. Juntando-se a essa estrutura um morfema funcional nominalizador (*n*), fonologicamente nulo, obtém-se uma base nominal; se for um morfema funcional adjetivador (*a*), a base será adjetival (Marantz 1997).

O diagrama em (5), abaixo, ilustra a representação estrutural e a representação da estrutura de evento das formações nominais *entorpecente* e *amaciante*, que têm a configuração morfossintática descrita em (ii), acima, e têm como formas internas verbos parassintéticos (*entorpecer* e *amaciar*):

(5) *amaciante*

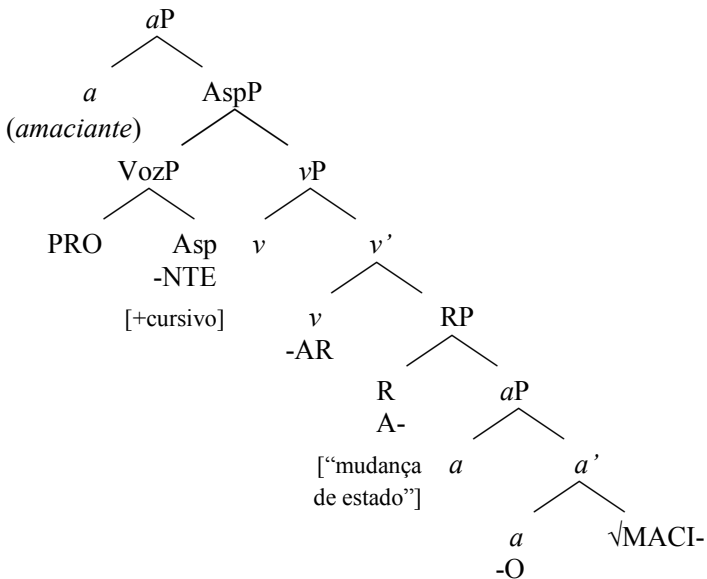
A representação em (5) mostra que há três domínios cíclicos na derivação *amaciante*. A forma *macio*, no domínio de *a*, fecha a fronteira da primeira fase. No domínio de *v* (2ª fase), a forma *macio* concatena-se com o morfema prefixal *a* e com o morfema verbal *-ar*, produzindo o verbo *amaciar* e fechando o domínio cíclico. A terceira fase se fecha com a concatenação, no domínio de *n*, da forma *amaciar* com o morfema sufixal *-nte*, resultando na forma derivada *amaciante*, que denota “aquilo que amacia”.

O significado das formações derivadas depende, portanto, dos traços semânticos codificados nos morfemas, que não possuem traços fonológicos, mas carregam informação categorial e traços aspectuais que vão permitir a adjunção à raiz ou não.

Quanto à estrutura de argumento/evento, em (5), o núcleo aspectual *Asp* domina o sintagma verbal, dando-lhe uma interpretação agentiva. *PRO* especifica a categoria sintática de agente, que é quem representa a eventualidade denotada pelo verbo *amaciar*, interno à derivação.

Já para a decomposição sintática da estrutura de evento das formações *amaciante* (de “produto amaciante”) e *entorpecente* (de “substância entorpecente”), como adjetivos agentivos, proponho a representação ilustrada em (6), que têm uma interpretação causativa:

(6) *amaciante*



A representação em (6) revela que há duas eventualidades: a primeira eventualidade é a atribuição de uma propriedade ao nome (*produto*) que é modificado pelo adjetivo; a segunda eventualidade é denotada pelo verbo *amaciar* e é causada pela propriedade do nome. O morfema aspectual cursivo *-nte*, que denota uma propriedade ou atributo de PRO, é diretamente concatenado a PRO, criando as duas eventualidades (MEDEIROS 2008). Segundo Marantz (2006a), quando a estrutura denotar duas eventualidades, a leitura estrutural será a de CAUSA. As formações derivadas *entorpecente* e *amaciante*, quando adjetivas, denotam *eventualidades predicativas*.

Observemos a seguir as formações derivadas com *-nte* que têm como resultado apenas adjetivos agentivos.

6.2.1.2 *Formações derivadas estritamente adjetivais*

As formações derivadas adjetivais podem ser divididas em três grupos, de acordo com o traço semântico das raízes dos verbos internos às derivações e a estrutura de evento que denotam: formações derivadas em que os verbos internos denotam estados psicológicos ou mentais, ou modos de atividade, ou processos. Esses três grupos estão detalhados abaixo:

6.2.1.2.1 Derivações com verbos que denotam estados psicológicos ou mentais

apaixonante, cativante, comovente, confiante, crente, deprimente, descrente, emocionante, entediante, estressante, implicante, impressionante, intrigante, irritante, pensante, revoltante, simpatizante etc.

As derivações adjetivais arroladas acima ou expressam os estados/propriedades dos nomes que esses adjetivos modificam, como “João está/é *confiante/implicante/descrente*”, “Maria é *cativante/apaixonante*”; ou denotam causatividade, como “Cena *deprimente/irritante/revoltante/entediante*”. Essas formações derivadas denotam *eventualidades atributivas ou predicativas*.

As raízes dos verbos internos às derivações pertencem à Classe II (raízes de verbos que denotam estados psicológicos ou mentais) que compreende as raízes que denotam situações não-dinâmicas em curso, como as dos verbos transitivos *confiar, crer, descrever, pensar, irritar* etc. A semântica das formações derivadas decorre da semântica da forma verbal mais encaixada mais o traço aspectual dinâmico do morfema sufixal *-nte*. Como vimos, há formações cujos verbos internos admitem uma interpretação causativa, como se pode observar nos exemplos em (7):

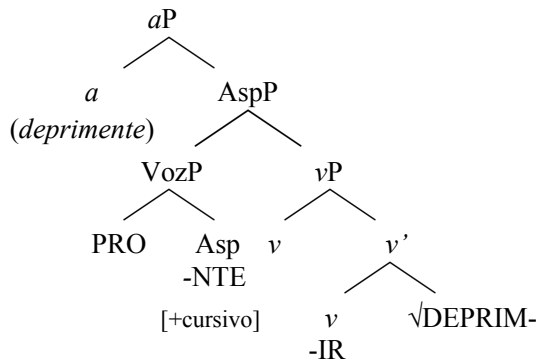
- (7) a. A greve do metrô *irritou/estressou/revoltou* os passageiros.
 b. A graça e a beleza da jovem dançarina *apaixonaram/emocionaram/impressionaram* o diretor.
 c. A dor *deprime/irrita* as pessoas.

As formações derivadas apresentam as seguintes configurações morfosintáticas:

- (i) [raiz + morfema verbalizador *-ar/-er/-ir* + morfema sufixal *-nte*], como *cativante*, *comovente*, *deprimente* etc.;
- (ii) [morfema prefixal *a-/en-* + raiz + morfema nominalizador *-ão*/morfema adjetivador *-o* + morfema verbal *-ar* + morfema sufixal *-nte*], como *apaixonante* e *entediante*;
- (iii) [raiz + morfema nominalizador *-ão (-ion-)* + morfema verbal *-ar* + morfema sufixal *-nte*], como *emocionante* e *impressionante*;
- (iv) [raiz + morfema nominalizador *-e* + morfema verbal *-ar* + morfema sufixal *-nte*], como *estressante*.

A representação em (8), abaixo, ilustra a representação estrutural e da estrutura de evento das formações derivadas adjetivais que exibem o molde morfossintático descrito em (i), acima, como *cativante*, *intrigante* (de “homem cativante/intrigante”); *comovente*, *irritante*, *deprimente* (de “cena comovente/irritante/ deprimente”); e *revoltante* (de “história revoltante”), que têm uma interpretação causativa:

(8) *deprimente*



A representação em (8) mostra que a formação derivada *deprimente* tem duas fases. A fronteira da primeira fase é determinada pelo núcleo funcional *v*, que se concatena diretamente à raiz, atribuindo-lhe categoria e formando o verbo *deprimir*. A fronteira da segunda fase é determinada pelo núcleo funcional *a*, inserido acima do núcleo Asp (responsável pela inserção do morfema aspectual *-nte*), com a forma *deprimente*.

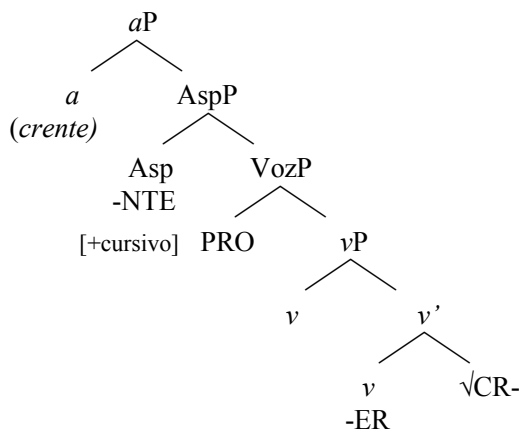
A estrutura em (8) mostra ainda que o morfema aspectual cursivo *-nte*, que denota um atributo ou propriedade de PRO, é diretamente

concatenado a PRO, criando duas eventualidades: um atributo ou propriedade do DP (modificado pelo adjetivo), que causa a eventualidade denotada pelo verbo interno (*deprimir*) ao adjetivo *deprimente*.

As derivações *apaixonante* (de “história apaixonante”) e *entediante* (de “conversa entediante”), que exibem a configuração morfossintática descrita em (ii), acima, e denotam causatividade, têm a mesma representação estrutural e de estrutura de evento que o adjetivo derivado *amaciante*, ilustrado em (6).

Para formações como *confiante*, *crente*, *simpatizante*, *implicante* ou *pensante*, que têm a configuração morfossintática descrita em (i), acima e expressam estados ou propriedades dos nomes que esses adjetivos modificam, como em “João *é/está crente/confiante/implicante*”, proponho a representação estrutural e a representação sintática da estrutura de evento ilustrada em (9), abaixo:

(9) *crente*



A representação em (8) mostra que *crente* tem dois domínios cíclicos. A forma verbal *crer*, no domínio de *v*, encerra o primeiro domínio cíclico e a forma adjetival *crente*, no domínio de *a*, encerra o segundo domínio cíclico. A representação da estrutura de evento em (8) mostra que o núcleo adjetivador *a* atribui uma propriedade/atributo ao portador do estado mais encaixado.

A seguir, o segundo grupo das formações derivadas adjetivais é detalhado.

6.2.1.2.2 Derivações com verbos que denotam (modos de) atividade

andante, dançante, entrante, esvoaçante, galopante, pagante, pairante, passeante, rastejante etc.

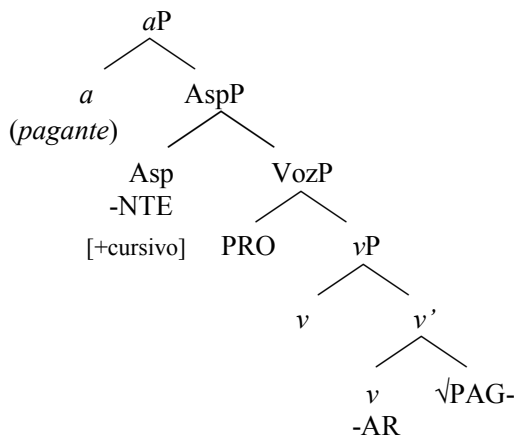
As formações acima denotam agentividade (“aquele que X”), em que X denota o verbo interno. As raízes dos verbos internos às formações pertencem à Classe III, pois incorporam a idéia de um agente, expressam uma situação dinâmica e denotam modos de atividade – *andar, dançar, rastejar, galopar, nascer, passear, seguir* etc. - daí a concatenação com um morfema sufixal cursivo. As formações derivadas adjetivais denotam *eventualidades atributivas ou predicativas*, pois expressam os atributos/propriedades dos nomes modificados.

As formações derivadas acima apresentam dois diferentes moldes morfossintáticos:

(i) [raiz + morfema verbalizador *-ar* + morfema sufixal *-nte*], como *andante, dançante, pagante* etc.;

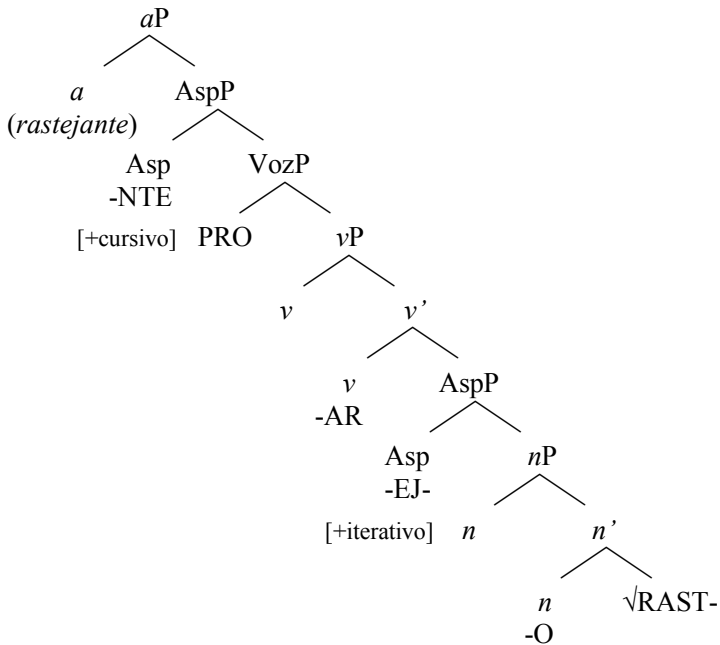
(ii) [raiz + morfema nominalizador *-o* + morfema *-ej-* + morfema verbal *-ar* + morfema sufixal *-nte*], como *rastejante*.

Para as derivações que exibem a configuração morfossintática descrita em (i), proponho que tenham a representação estrutural em (10), que ilustra a estrutura da formação *pagante* (de “público *pagante*”):

(10) *pagante*

A formação derivada *pagante* tem duas fronteiras cíclicas, como mostra a representação em (10). O núcleo categorizador *v* fecha a fronteira da primeira fase com a forma verbal *pagar* e o núcleo funcional adjetivador *a* determina a fronteira da segunda fase com a forma resultante *pagante*. A representação em (10) mostra também que o núcleo adjetivador *a* atribui uma propriedade/atributo ao portador do estado mais encaixado – neste caso, ao nome *público* (de “público pagante”), sendo que o verbo interno à formação é que denota o evento adquirido pelo portador.

A árvore em (11), abaixo, ilustra a representação estrutural e a estrutura de evento da derivação *rastejante* (de “planta rastejante”), que tem o molde morfossintático descrito em (ii), acima:

(11) *rastejante*

A representação em (11) revela que na formação do adjetivo agentivo *rastejante* há três fronteiras cíclicas. A fronteira da primeira fase é determinada pelo núcleo funcional nominalizador *n*, formando *rasto*. O núcleo funcional categorizador *v*, que determina a fronteira da segunda fase, está inserido acima do núcleo *Asp* (responsável pela inserção do sufixo aspectual iterativo *-ej-*). O núcleo funcional *a* determina a fronteira da terceira fase com a forma derivada adjetival *rastejante*, que significa “o que/aquilo que rasteja”.

A estrutura em (11) mostra também que a interpretação agentiva é atribuída à formação *rastejar*, que já tem amalgamada em seu significado a soma da semântica da raiz mais o traço aspectual iterativo do morfema sufixal *-ej-*, mais o morfema verbal *-ar*. Esta estrutura mostra ainda que o núcleo adjetivador *a* atribui uma propriedade ao portador da atividade mais encaixada e o nome modificado pelo adjetivo é interpretado como uma propriedade desse nome.

A seguir, o terceiro grupo das formações adjetivais é descrito:

6.2.1.2.3 Derivações com verbos que denotam processos

agonizante, alienante, alvejante, aromatizante, catequizante, concluinte, concordante, confinante, conflitante, confortante, consistente, constituinte, convalescente, democratizante, desgastante, determinante, dominante, edificante, eletrizante, encaixante, ecoante, emergente, enfeitizante, engrossante, enleante, envolvente, errante, esterilizante, estreadante, faiscante, faltante, fertilizante, fosforescente, generalizante, impactante, implorante, impressionante, imunizante, incomodante, individualizante, iniciante, insinuante, insistente, lacrimante, lamurizante, magnetizante, materializante, minguante, modernizante, moralizante, nacionalizante, obstruente, ofuscante, operante, oscilante, pacificante, paralisante, particularizante, penetrante, penhorante, poluente, popularizante, principiante, produtora, profissionalizante, provocante, refrescante, refrigerante, reinante, socializante, verdejante etc.

Como podemos perceber pelo número de formações derivadas acima, existe perfeita compatibilidade entre os traços semânticos de verbos que denotam processos e o traço aspectual [+cursivo] de *-nte*. Essa é a formação que mostra a maior produtividade entre as derivações com esse sufixo.

As derivações acima formam tanto adjetivos atributivos com uma interpretação agentivo-causativa, como *impermeabilizante, alvejante, catequizante, desgastante* etc., quanto adjetivos que denotam atributos ou propriedades dos nomes que esses adjetivos modificam, como *agonizante, convalescente, emergente* ou *fosforescente*. A semântica das formações derivadas decorre da semântica da raiz do verbo interno à derivação mais o traço aspectual dinâmico atribuído pelo afixo *-nte*. As formações derivadas adjetivais, que expressam propriedades ou processos, denotam *eventualidades atributivas ou predicativas*.

Há diferentes estruturas morfossintáticas entre as formações relacionadas acima:

(i) [raiz + morfema verbal *-ar/-er/-ir* + morfema *-nte*], como *conflitante, edificante, poluente* etc.,

(ii) [raiz + morfema nominalizador *-a/-o*/morfema zero/morfema *-ão(-ion-)* + morfema relacional *-al/-ar* + morfema *-iz-* + morfema verbal + morfema *-nte*], como *materializante, moralizante, nacionalizante, particularizante, socializante* etc.;

(iii) [raiz + morfema nominalizador *-e/-o* / morfema adjetivador *-e/-o* / morfema zero + morfema *-iz-/-ej-/-esc-* + morfema verbal *-ar/-er* +

morfema *-nte*], como *alvejante*, *verdejante*, *fosforescente*, *fertilizante* etc.,

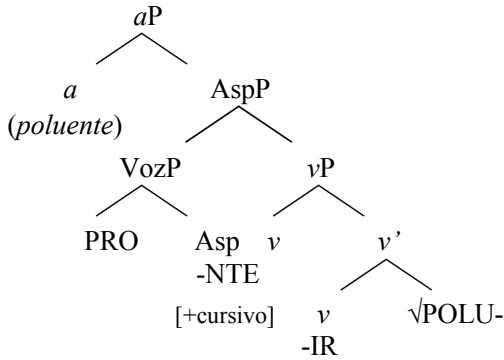
(iv) [morfema prefixal *en-* + raiz morfema nominalizador *-a/-o* + morfema verbal + morfema *-nte*], como *encaixante*, *enfeitiçante*, *engrossante* ou *desgastante*.

(v) [raiz + morfema nominalizador *-a* + morfema *-ico* + morfema *-iz-* + morfema verbal *-ar* + morfema *-nte*], como *aromatizante* e *democratizante*.

As raízes dos verbos internos às formações pertencem à Classe IV (raízes que expressam uma situação dinâmica em curso e incorporam a idéia de um agente/causador) e são majoritariamente transitivos, como *alvejar*, *desgastar*, *poluir*, *paralisar* etc., e alguns são intransitivos, como *verdejar* e *minguar*, que admitem, em sua maioria, uma interpretação causativo-incoativa, como pode ser observado em (12):

- (12) a. As pesadas críticas *minguaram* o ânimo do artista.
 b. O ânimo do artista *minguou*.
 c. As chuvas *verdejaram* novamente o pasto.
 d. O pasto *verdejou* novamente.
 e. O tempo e o uso *desgastaram* os livros da biblioteca.
 f. Os livros da biblioteca *desgastaram*(-se).

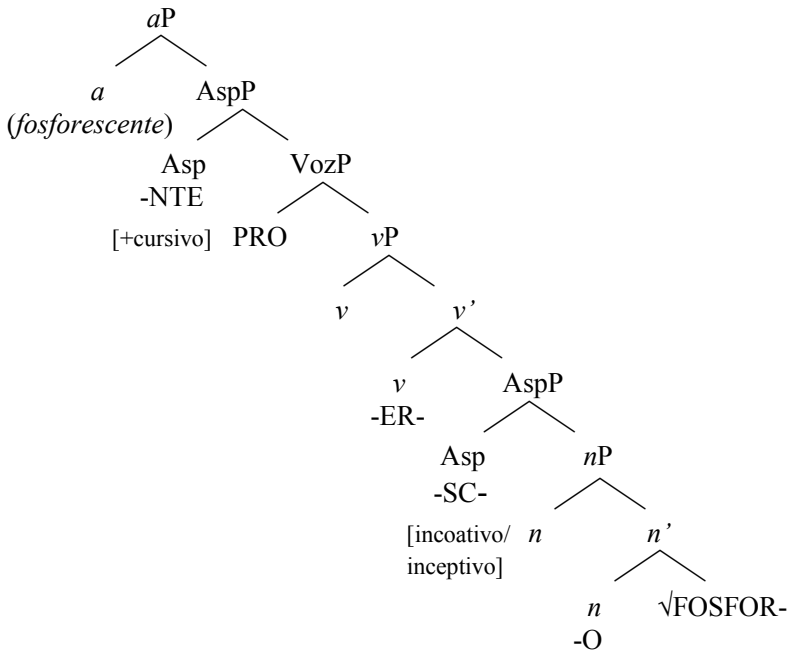
Para formações como *envolvente*, *refrescante*, *refrigerante*, *minguante*, *dominante*, *alienante*, *paralisante*, *poluente* etc., que denotam causatividade e exibem o molde morfossintático descrito em (i), acima, proponho a representação em (13), que ilustra a representação estrutural e da estrutura de evento dessas formações, representada abaixo pela derivação *poluente* (de “produto *poluente*”):

(13) *poluente*

A formação derivada *poluente* tem duas fronteiras cíclicas, como mostra a estrutura em (13). A forma verbal *poluir*, no domínio do núcleo categorizador v , fecha a primeira fase e o núcleo funcional categorizador a determina a fronteira da segunda fase com a forma derivada *poluente*, que expressa “que polui”.

A estrutura em (13) mostra ainda que *poluente* denota duas eventualidades: há uma primeira eventualidade, que é a atribuição de uma propriedade ao DP (modificado pelo adjetivo) e há uma segunda eventualidade, mais encaixada, que é denotada pelo verbo interno *poluir* e causada pela propriedade do DP. O morfema aspectual cursivo *-nte*, que denota uma propriedade ou atributo de PRO, é diretamente concatenado a PRO, criando as duas eventualidades.

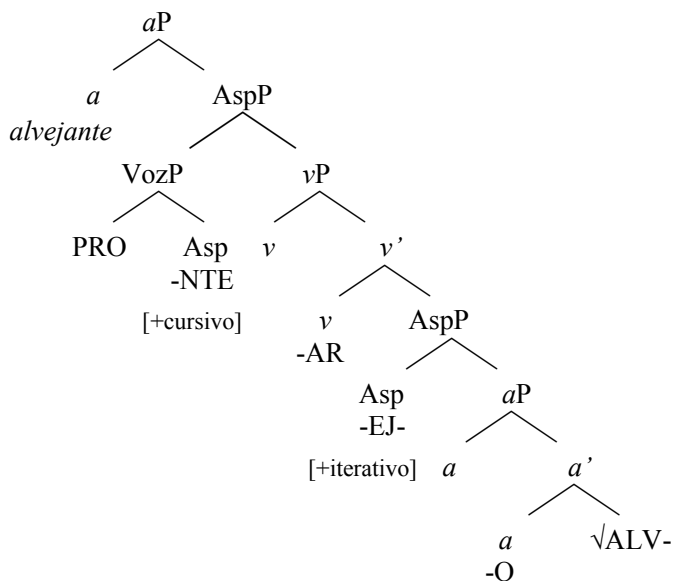
Para formações derivadas como *agonizante* (de “animal agonizante”) e *fosforescente* (de “objeto fosforescente”), que têm o molde morfossintático descrito em (iii) e denotam atributos dos nomes que esses adjetivos modificam, proponho que a representação estrutural e a representação sintática da estrutura de evento sejam a estrutura ilustrada em (14):

(14) *fosforescente*

A representação em (14) mostra que no interior da formação *fosforescente* há três domínios sintáticos: no domínio de *n*, ocorre a primeira categorização, tendo como resultado o nome *fósforo*, e fechando o primeiro domínio cíclico. Na camada seguinte, aplica-se a recategorização (*v*), resultando na forma verbal *fosforescer*. Aplica-se outra categorização (*a*) na camada seguinte, produzindo o adjetivo *fosforescente* e fechando o terceiro domínio cíclico.

A representação em (14) mostra ainda que o núcleo adjetivador *a* atribui uma propriedade ou atributo ao portador da eventualidade denotada pelo verbo mais encaixado (*fosforescer*). A interpretação é atribuída à formação derivada *fosforescer*, que já tem amalgamada em seu significado a semântica da raiz, do traço aspectual do morfema incoativo/inceptivo *-esc-* e do morfema verbal *-er*.

Para formações derivadas como *alvejante* (“de produto alvejante”) ou *verdejante* (de “campos verdejantes”), que têm o molde morfossintático descrito em (iii), acima, e denotam causatividade, proponho a representação estrutural e de estrutura de evento ilustrada em (15):

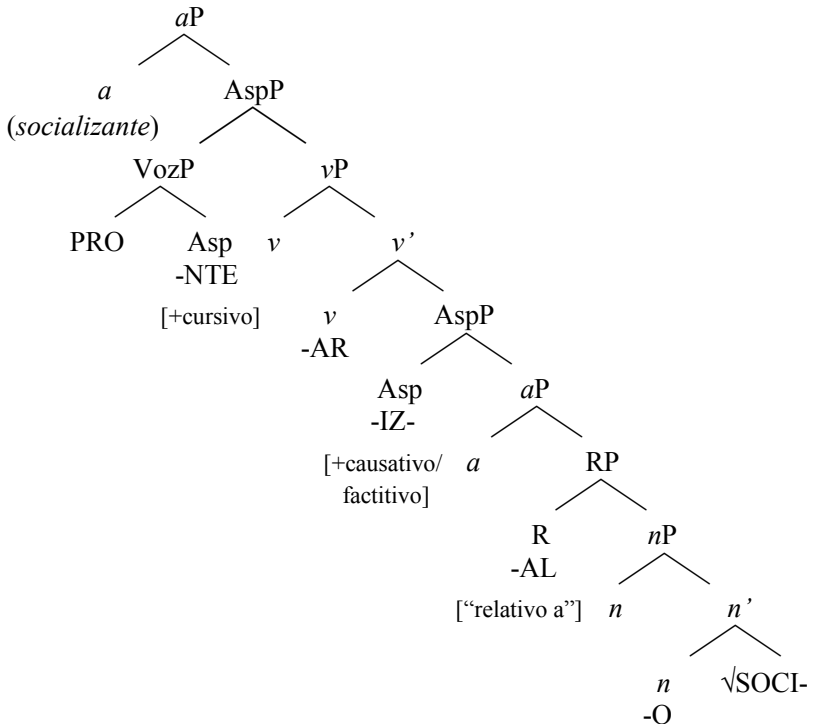
(15) *alvejante*

A árvore em (15) revela que na formação do adjetivo agentivo *alvejante* há três fronteiras cíclicas. A fronteira da primeira fase é determinada pela forma *alvo*, no domínio do núcleo funcional adjetivador *a*; o núcleo funcional *v*, que está inserido acima de Asp (núcleo que insere o sufixo aspectual iterativo *-ej-*), determina a fronteira da segunda fase com a forma verbal *alvejar*. A fronteira da terceira fase é determinada pela forma adjetival *alvejante*, no domínio do núcleo funcional doador de categoria *a*, adicionado acima de um núcleo Asp (responsável pela inserção do morfema aspectual dinâmico/cursivo *-nte*).

A estrutura em (15) mostra também que a interpretação agentivo-causativa é atribuída à forma verbal *alvejar*, que já tem amalgamada em seu significado a semântica da raiz e o traço aspectual iterativo do morfema sufixal *-ej-* e do morfema verbal *-ar*. O morfema aspectual *-nte*, diretamente concatenado a PRO, denota uma propriedade de PRO, criando duas eventualidades: uma propriedade do DP (modificado pelo adjetivo), que causa a eventualidade denotada pelo verbo interno ao adjetivo. O nome *produto* (de “produto alvejante”), modificado pelo adjetivo, é interpretado como uma propriedade deste nome, que causa o efeito de “alvejar”.

A representação em (16), abaixo, ilustra a proposta para a representação estrutural e a representação da estrutura de evento das formações derivadas *socializante* (de “medida socializante”), *particularizante* (de “método particularizante”), *popularizante* (de “propaganda popularizante”), *moralizante* (de “medida moralizante”), *materializante* (de “idéia materializante”), *generalizante* (de “observação generalizante”) e *profissionalizante* (de “curso profissionalizante”), que portam o molde morfossintático descrito em (ii) e denotam causatividade:

(16) *socializante*



A representação em (16) mostra que há quatro fases na derivação *socializante*. A forma *sócio*, no domínio de *n*, determina a fronteira da primeira fase; o núcleo funcional *a* determina a fronteira da segunda fase com a forma adjetival *social*; a fronteira da terceira fase é determinada pelo núcleo funcional *v* com a forma verbal *socializar* e a

forma adjetival *socializante*, no domínio de *a*, determina a fronteira da quarta fase.

A representação em (16) mostra ainda que a interpretação agentivo-causativa é atribuída à formação verbal *socializar*, que já tem combinada em seu significado a semântica da raiz com o traço aspectual do morfema relacional *-al*, com o traço aspectual do morfema causativo *-iz-* e com o morfema verbal *-ar*. O morfema aspectual *-nte*, que denota um atributo ou propriedade de PRO, é diretamente concatenado a PRO, criando duas eventualidades: um atributo ou propriedade do DP (modificado pelo adjetivo), que causa a eventualidade denotada pelo verbo interno à formação.

A seção a seguir aborda as alterações no contexto morfossintático das formações derivadas com *-nte*.

6.2.1.3 Regras de Reajustamento Fonológico

As alternâncias que ocorrem no contexto morfossintático das formações derivadas com *-nte*, determinadas pelas Regras de Reajustamento Fonológico, são:

a) alteração no morfema temático: a vogal alta /i/, que marca os verbos da 3ª conjugação, passa à vogal média /e/, como pode ser observado em *conferir* > *conferente*, *delinquir* > *delinquente*, *dirigir* > *dirigente*, *emitir* > *emitente*, *assistir* > *assistente*, *repelir* > *repelente*, *poluir* > *poluente* etc.;

b) *desvozeamento*: a fricativa alveolar vozeada /z/ assimila o traço [-vozeado] da oclusiva alveolar desvozeada /t/, que integra o morfema *-nte*, passando a fricativa alveolar desvozeada /s/, como em *produzir* > *producente*.

A próxima seção trata das impossibilidades de combinação com *-nte*.

6.2.1.4 Raízes com semântica não compatível com o traço aspectual de *-nte*

Quanto às não-realizações de derivações com *-nte*, pode-se destacar que não há compatibilidade entre o traço aspectual cursivo do morfema sufixal e as seguintes raízes:

a) de verbos copulativos: **ficante*, **permanecente*, **parecente* etc.; e, mais genericamente, de verbos inacusativos, como **chegante*, **fuginte*, **sainte* etc. porque esses verbos não selecionam argumento externo; logo, não aceitam a adjunção de um morfema [+agentivo];

b) de verbos semelfactivos: *tossir, espirrar, roncar* etc., porque são predicados verbais usados para denotar instâncias únicas de eventos;

c) de certos verbos inergativos: *correr, pular* etc; de alguns verbos que denotam estados psicológicos, como *admirar, adorar* e *sofrer*; de verbos de tema incremental, como *varrer, limpar, arrumar, organizar* etc.; de verbos de criação ou destruição, como *construir, destruir, criar, reformar, tricotar, pintar* etc., porque essas formas, em particular, são verbos de *accomplishment* e denotam telicidade; portanto, não aceitam a adjunção de um morfema com o traço aspectual [+cursivo];

Como veremos na seção 6.2.2, a semântica das raízes dos verbos exemplificados em c) é compatível com o traço aspectual do morfema sufixal *-dor* (*admirador, adorador, sofredor, conhecedor, sabedor, sonhador, construtor, destruidor, criador, varredor, limpador, arrumador, organizador* etc), que denota [habitualidade], e não com o traço aspectual [cursivo] do morfema *-nte*.

Para formar derivações com *-nte*, portanto, é necessário que haja compatibilidade⁴⁵ entre os traços semânticos da raiz e o traço aspectual [cursivo] do afixo.

6.2.1.5 *Resíduos*

Nesta seção, agrupo as formações derivadas cujos significados e eventualidades se distanciaram do previsto para as formações com *-nte* e, por isso, não foi possível incluí-las entre as cinco Classes de raízes. Comento também alguns casos de adjetivos em *-nte* que são na verdade adjetivos primitivos e não deverbais.

As derivações *estante, vazante, afluyente, nascente, amante* e *tratante*, por exemplo, não indicam mais (“aquele que X”) em que X representa o verbo, mas *estante* refere-se a um “móvel com prateleiras”; *vazante*, a “período em que um rio apresenta o menor volume de água”; *afluyente*, a “curso de água que deságua em outro, considerado principal”; *nascente*, a “lugar onde nasce um curso de água”; *amante*, a “pessoa que tem uma relação extraconjugal”; e *tratante*, a “aquele que não cumpre o trato” (FERREIRA 2004). Nessas derivações, ocorreu o que Said Ali (2001) denominou “especialização de sentido”.

⁴⁵ O conceito de compatibilidade ainda carece de uma boa definição. Está aqui uma sugestão para futuras pesquisas.

Há ainda as formações que sofreram um processo de gramaticalização, como *tirante*, *mediante* e *durante*, que passaram de adjetivos a preposições, e *bastante*, que passou a advérbio.

Os nomes *gigante* e *coeficiente* não são derivações formadas a partir de uma suposta [raiz + morfema verbal + *-nte*], mas são formas primitivas provenientes do latim, em cuja língua já funcionavam como nomes; já o nome *restaurante* é empréstimo do francês *restaurant*, nome de uma casa que servia comida (FERREIRA 2004).

Os adjetivos *clemente*, *contente*, *elegante*, *galante*, *decente* e *potente*, segundo Ferreira (2004), não são adjetivos deverbiais provenientes de [raiz + morfema verbal + *-nte*], mas são adjetivos primitivos provenientes do latim, como formas eruditas. Já *pedante*, *farsante* e *comediante*, segundo o autor, provêm do italiano, também como formas primitivas.

6.2.1.6 *Resumo*

As formações derivadas com *-nte* denotam cursividade. Os nomes e adjetivos derivados têm conteúdo dinâmico, pois *-nte* expressa a possibilidade de um processo se desenvolver, ou de um processo que está em curso e ainda inconcluso.

O morfema *-nte* forma nomes agentivos quando se concatena com verbos que denotem ações ou processos e forma adjetivos quando se adjunge a verbos que denotem qualidade ou estado. Os adjetivos deverbiais têm o traço imperfectivo, o qual faz referência a um processo que decorre, produzindo um estado.

As formações derivadas nominais têm como raízes internas às derivações verbos que pertencem:

a) à Classe III – verbos que denotam (modos de) atividade, produzindo as derivações *combatente*, *despachante*, *navegante* etc., que exibem um único molde morfossintático. Essas formas têm a representação estrutural e de evento ilustradas em (2);

b) à Classe IV – verbos que denotam processos, resultando em *entorpecente*, *nutriente*, *repelente* etc., que apresentam dois moldes morfossintáticos. A representação estrutural e de evento dessas derivações estão ilustradas em (5). As formações derivadas nominais expressam nomeação ou designação.

As formações derivadas estritamente adjetivais denotam eventualidades atributivas ou predicativas e têm como raízes internas às derivações verbos que pertencem:

a) à Classe II – verbos que denotam estados psicológicos ou mentais, produzindo *apaixonante, cativante, emocionante, estressante* etc., que exibem quatro diferentes moldes morfossintáticos. Essas formações têm a representação estrutural e de evento em (8) e (9);

b) à Classe III – verbos que expressam (modos de) atividade, resultando em *galopante, pagante, rastejante* etc., com duas configurações morfossintáticas. A representação estrutural e a representação da estrutura de evento dessas formações estão em (10) e (11);

c) à Classe IV – verbos que denotam processos, produzindo *moralizante, verdejante, poluente, desgastante, aromatizante* etc., que apresentam cinco moldes morfossintáticos. Essas formações têm a representação estrutural e de evento em (13), (14), (15) e (16). A combinação desses verbos com o morfema *-nte* vai resultar em formações adjetivais que expressam tanto uma propriedade intrínseca ou inerente ao nome que esses adjetivos modificam (*adjetivos predicativos*), quanto uma propriedade atribuída ao nome (*adjetivos atributivos*), que causam uma mudança de estado no nome modificado pelo adjetivo. Essa Classe revelou-se a mais produtiva na formação de derivações com *-nte*.

A combinação dos traços semânticos das raízes com o traço aspectual [cursivo] do morfema sufixal *-nte* é que permite a realização de uma derivação desse tipo. O significado de uma forma derivada é composicional, pois é construído fase a fase através da interação entre o traço semântico da raiz e os traços aspectuais dos morfemas derivacionais que integram a derivação. As formações derivadas com *-nte* denotam um nome ou um atributo relacionado ao verbo interno às formações.

Por ser proveniente do particípio presente latino, língua em que os particípios se realizavam como adjetivos (CAMARA JR. 1976, p. 126; FURLAN 2006a), *-nte* é fundamentalmente um sufixo adjetival; daí a produtividade na formação de adjetivos, partindo de uma base verbal que denote processo.

Passemos agora ao estudo das formações derivadas com o morfema sufixal *-dor/-tor/-sor*.

6.2.2 SUFIXO *-DOR/-TOR/-SOR*

O morfema nominal *-dor*, derivado do latim *-tor, -tōris/-sor, -sōris* (CUNHA 1986), adjunge-se aos temas verbais, produzindo tanto nomes de agentes ou de instrumentos da ação, como *descobridor, trabalhador, pescador, acelerador*, quanto adjetivos agentivos, como *salvador, comprometedor* ou *enlouquecedor*.

Com respeito à sua forma fonológica, os morfemas *d-*, *t-* e *s-* com que esses formativos começam, e que neles aparecem incorporados, pertencem ao particípio passado latino; o verdadeiro sufixo em latim era *-or* (SAID ALI 2001). Os alomorfes *-sor* e *-tor* introduziram-se no português por via erudita e só se realizam nas formas provenientes diretamente do latim, como *agressor, professor, confessor, defensor, divisor, censor, leitor, eleitor, ator, autor, cantor, compositor, escritor, detentor, instrutor, inventor, mentor, protetor, pintor, produtor, revisor, condutor* ou *tradutor*. No estágio atual da língua, o morfema produtivo nas novas formações derivadas é [*-dor*], tornando-se este a forma básica (COUTINHO 1976; SAID ALI 2001).

Passemos à análise das formações derivadas com *-dor*:

6.2.2.1 *Formações derivadas nominais*

As formações derivadas nominais com *-dor* podem ser divididas em três grupos, segundo o traço semântico das raízes dos verbos internos às derivações e o evento que denotam⁴⁶: formações cujas raízes internas são a) verbos que denotam modos de atividade, b) verbos de criação, destruição ou de tema incremental, e c) verbos que denotam processos. Esses três grupos estão detalhados abaixo.

6.2.2.1.1 Derivações com verbos que denotam (modos de) atividade

*abassador, acusador, adubador, agitador, alimentador, apresentador, argüidor, armador, atirador, cantador, carregador, catalogador, comprador, condutor, conquistador, corredor, contador, cortador, divisor, encenador, entregador, escritor, explorador, falsificador, ferrador, ganhador, instalador, investigador, jogador, lavrador, levantador, lutador, massagador*⁴⁷, *mergulhador, nadador, navegador, operador, pagador, patinador, perseguidor, pescador, plantador, pregador,*

⁴⁶ As impossibilidades de combinação com o sufixo *-dor* serão tratadas na seção 6.2.2.4.

⁴⁷ *Massagador* pode referir-se também a um instrumento utilizado para massagear.

seguidor, semeador, torcedor, torturador, trabalhador, tratador, treinador, velejador, vendedor etc.

Observa-se que as derivações acima formam nomes que denotam os agentes de seus verbos internos (“aquele que X”), em que X representa o verbo, isto porque *dor-* se combina com verbos que tenham um papel de agente em sua estrutura de argumento. Em *empregador*, por exemplo, *-dor* se refere à propriedade de “empregar alguém”, isto é, refere-se à propriedade de ser o “agente de empregar”; na formação *corredor*, *-dor* se refere a “alguém que corre” e os verbos internos às formações derivadas denotam o evento de alguém (ou algo) adquirir a propriedade denotada pelo verbo.

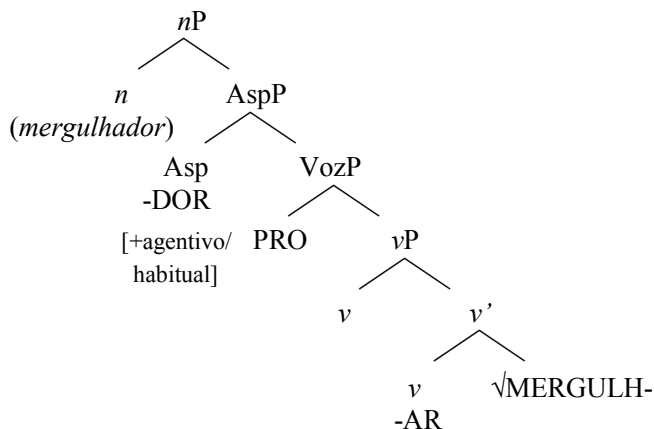
Por ter sua origem no particípio passado latino, *-dor* porta, além do traço semântico [+agentivo], o traço aspectual [+habitual], atribuindo às derivações a idéia de atividades permanentes, constantes, que se estendem no tempo, ou, mais especificamente, que denotam “aquele que faz, executa ou exerce uma atividade constante” – expressando, portanto, imperfectividade e habitualidade. As derivações com *-dor*, por expressarem os agentes de seus verbos internos, denotam *eventualidades de nomeação ou designação*.

As derivações exibem duas diferentes configurações morfofossintáticas:

- (i) [raiz + morfema verbal + morfema *-dor*], como *carregador, comprador, corredor etc.*;
- (ii) [morfema prefixal em- + raiz + morfema nominalizador -a + morfema verbal -ar + morfema *-dor*], como *encenador*.

As raízes dos verbos internos às derivações pertencem à Classe III, que agrupa as raízes que denotam (modos de) atividade, incorporam a idéia de um agente e expressam uma situação habitual. As formas verbais internas às derivações são transitivas, como *arrombar, comprar, pichar etc.*; inergativas, como *correr, patinar* ou *nadar*; ou transitivas/intransitivas, como *mergulhar, trabalhar* ou *treinar*, que denotam atividades e, portanto, admitem a adjunção de um morfema [+agentivo].

A representação em (17), abaixo, ilustra a representação estrutural e a proposta de decomposição da estrutura de evento das formações derivadas nominais que tenham o molde morfofossintático descrito em (i), acima, e expressam agentividade:

(17) *mergulhador*

A derivação da forma derivada *mergulhador* ocorre como exposto abaixo:

1º) a raiz $\sqrt{\text{MERGULH-}}$ entra na derivação e é concatenada ao morfema verbal *-AR*, que está inserido no núcleo funcional verbalizador *v*, formando *mergulhar*, que denota uma atividade. Aqui se fecha um domínio cíclico;

2º) o morfema *-DOR*, inserido no núcleo funcional *Asp*, porta o traço aspectual [agentivo/habitual] e é semanticamente compatível com o traço semântico [+atividade] da raiz;

3º) a forma *mergulhar* concatena-se com o morfema *-dor*, já que há compatibilidade entre o traço semântico da raiz e o traço aspectual do morfema sufixal, tendo como forma resultante o nome agentivo *mergulhador*. Aqui se fecha outro domínio cíclico.

Na representação em (17), a forma verbal interna à derivação (*mergulhar*) porta o traço semântico de atividade e o núcleo funcional *Asp* domina o sintagma verbal, dando-lhe uma interpretação agentiva/habitual. *PRO* especifica a categoria sintática de agente, que é quem exerce a eventualidade denotada pelo verbo interno à formação.

A seguir, é detalhado o segundo grupo de derivações nominais com *-dor*.

6.2.2.1.2 Derivações com verbos de criação, destruição ou de tema incremental

adestrador, afinador, arrombador, arrumador, consertador, criador, decorador, demolidor, destruidor, diagramador, digitador, edificador, elaborador, embalsamador, embrulhador, empalhador, empilhador, encadernador, encaixotador, encerador, enfeitador, engarrafador, engomador, ensacador, entalhador, fundidor, lapidador, limpador, lixador, paginador, pichador, polidor, marmorizador, raspador, reformador, restaurador, varredor etc.

Observa-se que as formações derivadas listadas acima, assim como as relacionadas em 6.2.1.1.1, denotam os agentes de seus verbos internos: *-dor* imprime aos verbos internos às formações a propriedade de ser o agente da ação denotada pelo verbo.

Os verbos internos às derivações são transitivos, pertencem à Classe V (raízes de verbos de criação, destruição ou de tema incremental) e denotam a ação de causar ou outro evento de criação (verbos de criação) ou outro evento de mudança de estado (verbos de tema incremental); por esta razão, aceitam a adjunção de um morfema com o traço [+agentivo/habitual]. As formações derivadas, por designarem os agentes de seus verbos internos, denotam *eventualidades de nomeação ou designação*.

As derivações listadas acima exibem as seguintes configurações sintáticas:

(i) [raiz + morfema verbal + morfema *-dor*], como *arrumador, limpador, restaurador, varredor, fundidor etc.*,

(ii) [morfema prefixal *a-/em-/en-* + raiz + morfema nominalizador *-a/-o*/morfema adjetivador *-o* + morfema verbal *-ar* + morfema *-dor*], como as derivações *adestrador, afinador, arrombador, empalhador, embalsamador, encadernador, encerador* e *engomador*, formadas de verbos parassintéticos;

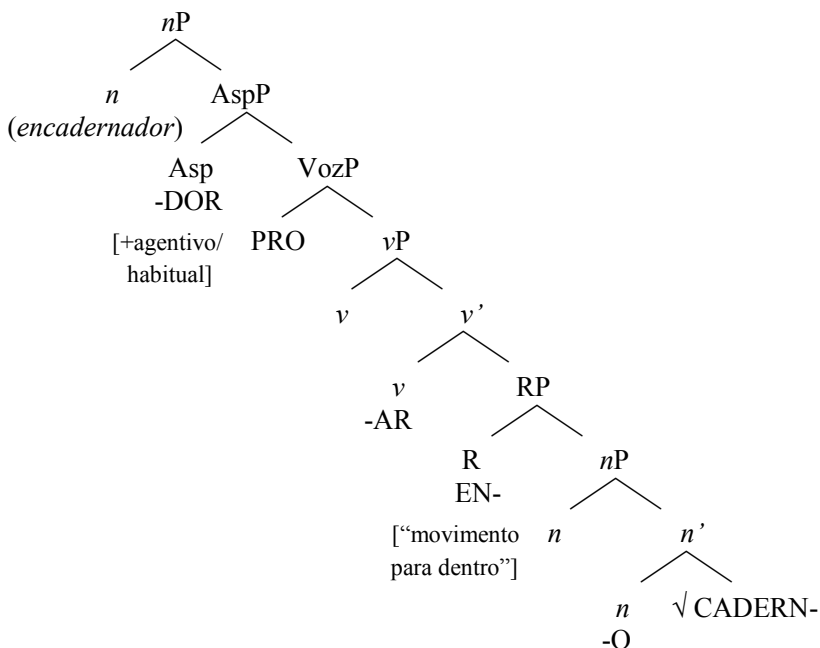
(iii) [raiz + morfema nominalizador *-e* + morfema *-iz-* + morfema verbal *-ar* + morfema *-dor*], como *dedetizador* e *marmorizador*⁴⁸.

A representação em (18), abaixo, ilustra a representação estrutural e a representação da estrutura de evento das derivações

⁴⁸ A representação estrutural e a da estrutura de evento de *marmorizador* e *dedetizador* são as mesmas exibidas em (19), abaixo.

adestrador, afinador, arrombador, embalsamador, empalhador, encadernador, encerador e engomador, que têm o molde descrito em (ii), acima:

(18) *encadernador*



A estrutura em (18) mostra que há três domínios cíclicos na formação *encadernador*: a forma nominal *caderno*, no domínio de *n*, fecha a fronteira da primeira fase; a forma verbal *encadernar*, no domínio de *v*, fecha a fronteira da segunda fase e o nome *encadernador*, que designa “pessoa que encaderna”, novamente num domínio de *n*, fecha a terceira fase.

Na representação em (18), a raiz do verbo interno à derivação denota ação e o núcleo funcional Asp domina o sintagma verbal, dando-lhe uma interpretação dinâmica. PRO especifica a categoria sintática de agente, que é quem exerce a eventualidade denotada pelo verbo interno *encadernar*.

Observemos a seguir as formações derivadas nominais que têm como integrantes das derivações verbos que denotam processos.

6.2.2.1.3 Derivações com verbos que denotam processos

agenciador, acelerador, administrador, auditor, benzedor, bloqueador, catalisador, colaborador, colonizador, comunicador, condicionador, controlador, coordenador, cuidador, depurador, descobridor, disseminador, distribuidor, doador, editorador, empregador, encaminhador, exportador, fundador, importador, impressor, imunizador, incinerador, indicador, instaurador, investidor, mantenedor, organizador, patrocina-dor, perdedor, planejador, provador, provedor, poupador, povoador, programador, salvador, sinalizador, traidor, transmissor, zelador etc.

As formações relacionadas acima também denotam os agentes de seus verbos internos (“aquele que X”), em que X representa o verbo interno. As formas verbais internas às derivações denotam imperfectividade - daí o porquê de selecionarem um morfema com aspecto habitual. Essas formas verbais denotam também transitividade com [causação externa], admitindo, assim, um agente; referem-se a ações/processos, como *bloquear, encaminhar, fundar, importar* etc., e pertencem à Classe IV, que agrupa as raízes dos verbos que incorporam a idéia de um agente/causador e referem-se a situações que têm duração interna ou a situações que se estendem no tempo. As formações derivadas arroladas acima, por formarem nomes que expressam os agentes de seus verbos internos, denotam *eventualidades de nomeação ou designação*.

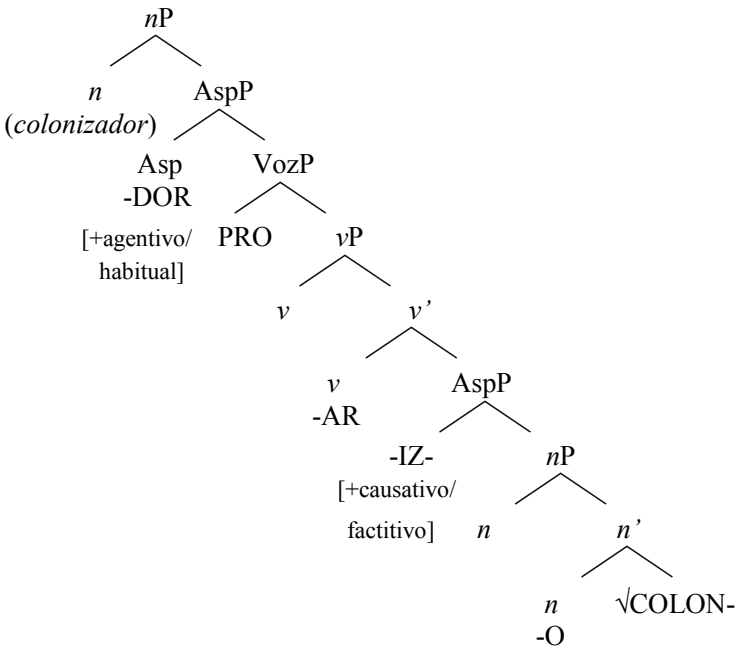
Há três diferentes configurações morfossintáticas entre as derivações listadas:

(i) [raiz + morfema verbal *-ar/-er* + morfema *-dor*], como *administrador, benzedor cuidador* etc.;

(ii) [raiz + morfema nominalizador *-ão/-o* / morfema adjetivador *-e* / morfema zero + morfema *-iz/-ej-* + morfema verbal *-ar* + morfema *-dor*], como *organizador, planejador, imunizador, sinalizador* etc.;

(iii) [morfema prefixal *con-/en-* + raiz + morfema nominalizador *-o*/morfema zero + morfema verbal *-ar* + morfema *-dor*], como *coordenador e encaminhador*.

A representação em (19), abaixo, ilustra a representação estrutural e a decomposição da estrutura de evento dos nomes derivados agentivos *colonizador, dedetizador, imunizador, organizador, planejador e sinalizador*, que têm o molde morfossintático descrito em (ii), acima:

(19) *colonizador*

Há três domínios cíclicos na formação derivada *colonizador* (*n*, *v* e *n*), como mostra a representação em (19). Quanto à estrutura de argumento/evento, o núcleo aspectual *Asp* domina o sintagma verbal, dando-lhe uma interpretação agentiva. A categoria sintática de agente, que é quem exerce a eventualidade denotada pelo verbo *colonizar* interno à derivação, é especificada por *PRO*.

As formações *agenciador*, *administrador*, *descobridor*, *fundador* etc., que exibem a configuração morfossintática descrita em (i), acima, têm a mesma representação estrutural e de estrutura de evento exibidas pelo diagrama em (17), que ilustra a derivação de *mergulhador*.

As formações *congelador*, *coordenador* e *encaminhador*, que apresentam o molde morfossintático descrito em (iii) e também denotam os agentes dos verbos internos às formações, têm a constituição estrutural e a representação sintática da estrutura de evento representadas em (18), que ilustra a formação *encadernador*.

Observemos a seguir as formações derivadas com *-dor* que resultam em um adjetivo agentivo.

6.2.2.2 Formações derivadas adjetivais

As formações derivadas adjetivais podem ser divididas em dois grupos, de acordo com o traço semântico das formas verbais internas às derivações e as eventualidades que denotam. Esses dois grupos estão detalhados abaixo:

6.2.2.2.1 Derivações com verbos que denotam estados mentais ou psicológicos

aborrecedor, admirador, adorador, animador, apreciador, conhecedor, constrangedor, contemplador, encantador, entendedor, pensador, sofredor, sonhador etc.

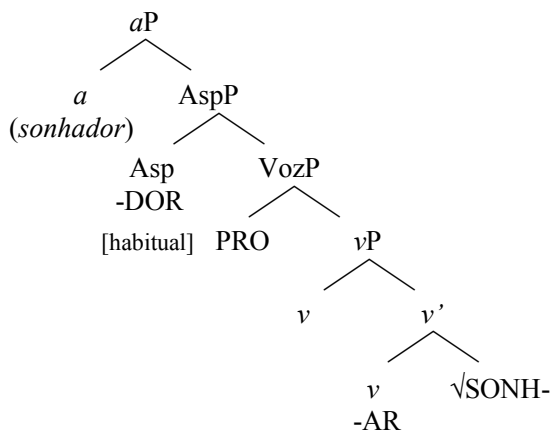
As formações adjetivais listadas acima ou expressam os estados dos nomes que esses adjetivos modificam, como “João é *encantador/sofredor/sonhador/pensador*” etc., ou expressam causatividade, como “Conversa *animadora/constrangedora*” ou “Barulho *aborrecedor*”. As formações derivadas, por expressarem estados ou propriedades dos nomes que esses adjetivos modificam, denotam *eventualidades atributivas ou predicativas*.

As derivações apresentam uma única configuração morfossintática: [raiz + morfema verbal *-ar/-er* + morfema sufixal *-dor*].

As raízes dos verbos internos às derivações pertencem à Classe II, que abarca as raízes que denotam estados, como as raízes dos verbos transitivos *admirar, adorar* ou *contemplar* e do verbo intransitivo *sofrer* – que denotam [causação interna] -, e dos verbos de alternância causativo-incoativa, como *animar, aborrecer* ou *constranger*, exemplificados em (20):

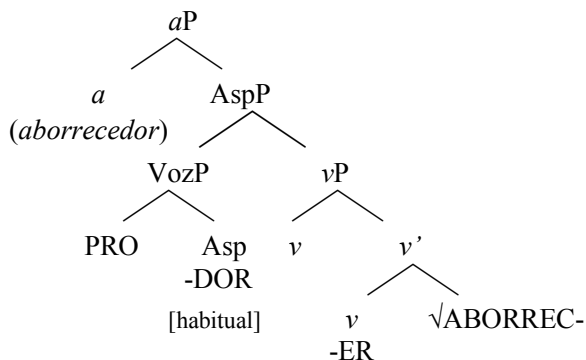
- (20) a. O palhaço *animou* a festa de aniversário de Pedrinho.
 b. O latido do cão-de-guarda da fábrica, durante a noite, *aborrece* os vizinhos.
 c. Aquela visita cerimoniosa *constrangeu* os donos da casa.

As formações derivadas *encantador, sofredor, sonhador, pensador, adorador* etc., que denotam atributos ou propriedades dos nomes que esses adjetivos modificam, têm a representação estrutural e a decomposição sintática da estrutura de evento ilustradas em (21):

(21) *sonhador*

Na formação do adjetivo agentivo *sonhador*, há duas fases: uma para o núcleo funcional *v* (*sonhar*) e outra para o núcleo funcional *a* (*sonhador*). A representação em (21) mostra ainda que o núcleo adjetivador *a* atribui uma propriedade/atributo ao portador do estado mais encaixado, sendo que o verbo interno à formação é que denota o evento adquirido pelo portador.

Para formações derivadas como *aborrecedor*, *animador* e *constrangedor*, que denotam causatividade, proponho a representação estrutural e a da estrutura de evento ilustradas em (22):

(22) *aborrecedor*

A representação em (22) mostra que há dois domínios cíclicos (*v* e *a*) e que o morfema aspectual habitual *-dor*, que denota um atributo ou propriedade de PRO, é diretamente concatenado a PRO, criando duas eventualidades: um atributo ou propriedade do DP (modificado pelo adjetivo), que causa a eventualidade denotada pelo verbo interno (*aborrecer*) ao adjetivo *aborrecedor*.

Observemos a seguir o segundo grupo das formações adjetivais com *-dor*.

6.2.2.2.2 Derivações com verbos que denotam processos

adulador, alongador, amolecedor, apassivador, aromatizador, arrasador, atiçador, ativador, bajulador, balanceador, batalhador, centralizador, cerceador, compensador, comprometedor, conciliador, confortador, consolador, constrangedor, cortejador, devastador, emagrecedor, embaçador, embelezador, embranquecedor, embromador, empreendedor, encadeador, encurtador, endeusador, enfraquecedor, engabelador, engajador, enlaçador, enlouquecedor, enriquecedor, enrolador, ensurdecedor, entorpecedor, entristecedor, envelhecedor, esclarecedor, falador, farejador, festejador, galanteador, gerenciador, identificador, lisonjeador, localizador, merecedor, neutralizador, norteador, padronizador, paquerador, participador, passeador, pasteurizador, penetrador, prosador, questionador, realizador, rejuvenescedor, reparador, roedor, valorizador etc.

Observa-se que as derivações adjetivais acima, como as formações nominais, igualmente denotam agentividade ou causatividade (“ser aquele que/aquilo que/ter a propriedade que X”), em que X representa o verbo, ou seja, essas formações também atribuem agentividade a seu argumento externo. As raízes dos verbos que compõem as derivações adjetivais referem-se a ações/processos e as formações derivadas adjetivais expressam “aquele/aquilo que porta uma propriedade” – denotam, então, imperfectividade.

Há oito diferentes moldes morfossintáticos que regem as derivações adjetivais listadas acima:

(i) [raiz + morfema verbal + morfema *-dor*], como *adulador*, *ativador* ou *batalhador*;

(ii) [raiz + morfema nominalizador *-ão*/morfema zero + morfema *-iz-* + morfema verbal *-ar* + morfema *-dor*], como *padronizar*, *pasteurizar*, *valorizar* etc.;

(iii) [raiz + morfema nominalizador *-o* + morfema *-al* + morfema *-iz-* + morfema verbal *-ar* + morfema *-dor*], como *centralizador*, *localizador* ou *neutralizador*;

(iv) [raiz + morfema nominalizador *-a/-e/-o* + morfema *-ej-* + morfema verbal *-ar* + morfema *-dor*], como *cortejador*, *farejador* ou *festejador*;

(v) [raiz + morfema *-e-* + morfema verbal *-ar* + morfema *-dor*], como *balanceador*, *galanteador*, *lisonjeador* etc.;

(vi) [morfema prefixal + raiz + morfema nominalizador *-a/-o*/morfema zero/morfema adjetivador *-o* + morfema verbal *-ar* + morfema *-dor*], como *encadeador*, *encurtador*, *enrolador*, *endeusador* etc., formadas de verbos parassintéticos;

(vii) [morfema prefixal + raiz + morfema adjetivador *-e/-o* + morfema *-ec-* + morfema verbal *-er* + morfema *-dor*], como *amolecedor*, *enfraquecedor*, *embranquecedor* etc., formadas de verbos parassintéticos;

(viii) [morfema prefixal + raiz + morfema adjetivador *-o* + morfema *-eza-* + morfema verbal *-ar* + morfema *-dor*], como *embelezador*, formada de verbo parassintético.

As raízes subjacentes às formações derivadas pertencem à Classe IV, que agrupa as raízes que denotam ações/processos, incorporam a idéia de um agente/causador e referem-se ou a situações dinâmicas que têm duração interna (COMRIE 1976) ou a situações que se estendem no tempo. Essas raízes, ao se concatenarem com o morfema *-dor*, produzem derivações que denotam *eventualidades atributivas ou predicativas*.

O morfema *-dor* forma adjetivos agentivos/causativos a partir de: (a) raízes verbais transitivas que denotam [causação externa] e, portanto, admitem a adjunção de um morfema com o traço de agente/causador, como *localizar*, *encadear*, *cercear*, *nortear* etc. – moldes (iii) e (v); (b) raízes verbais transitivas ou intransitivas que denotam incoatividade ou [causação interna], devido ao traço aspectual incoativo atribuído pelo morfema *-ec(er)/-esc(er)* que compõe as derivações, como *amolecer*, *emagrecer*, *enfraquecer*, *envelhecer*, *embranquecer*, *enlouquecer* etc. – molde (vii) –, que admitem a alternância causativo-incoativa como se pode observar em (23):

(23) a. A neve *embranqueceu* as árvores.

b. O maquiador *envelheceu* a atriz com aquela maquiagem pesada

e. O cantor *enlouqueceu* a platéia.

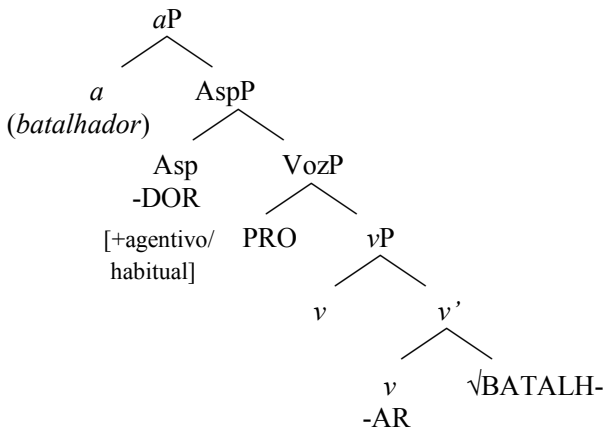
Assim como ocorre nas formações com *-nte*, algumas formações derivadas com *-dor* funcionam sintaticamente como nomes ou como adjetivos, dependendo da distribuição dos termos nas sentenças, como se pode observar nos exemplos em (24), abaixo:

- (24) a. A capivara é um animal *roedor*.
 b. Esse *roedor* habita as margens dos rios, brejos e lagoas.
 c. A notícia foi *animadora*.
 d. O *animador* de auditório desmaiou devido ao forte calor.

Os exemplos em (24) mostram que a estrutura [raiz + morfema verbalizador + morfema *-dor*] é neutra e ao juntar-se a ela um morfema funcional adjetivizador (*a*) fonologicamente nulo, obtemos uma base adjetival (MARANTZ 1997); se for um morfema funcional nominalizador (*n*), também nulo, obtemos uma base nominal.

A árvore em (25), abaixo, mostra a representação estrutural e a representação da estrutura de evento de formações como *adulador*, *apassivador*, *atiçador*, *batalhador*, *paquerador*, *merecedor*, *roedor* etc., listadas em 6.2.2.2, que exibem a configuração morfossintática descrita em (i) acima, e denotam atributos dos nomes que esses adjetivos modificam (“João é *adulador/apassivador/atiçador/batalhador/paquerador/merecedor*” etc.).

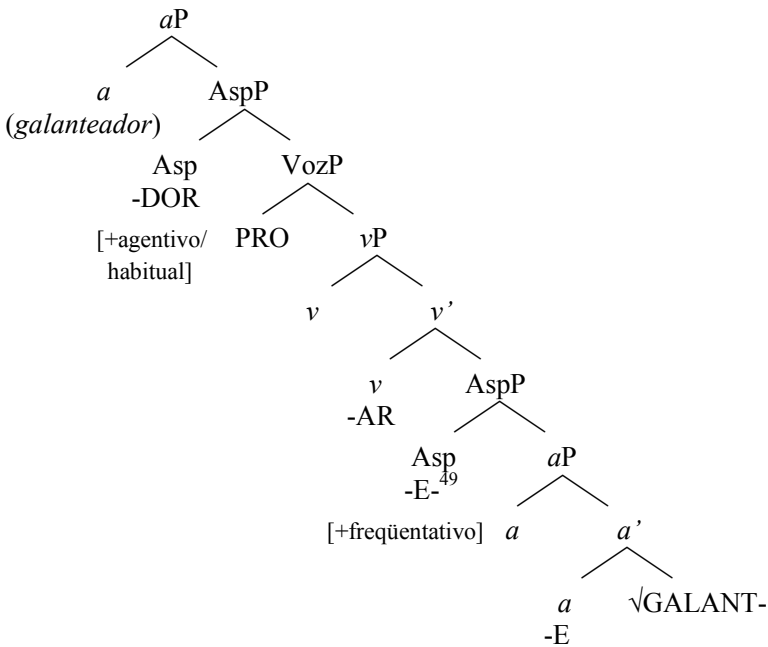
(25) *batalhador*



A forma derivada *batalhador*, que denota um atributo relacionado ao verbo interno à formação, tem dois domínios cíclicos (*v* e *a*), como mostra (25). Essa representação mostra também que o núcleo adjetivador *a* atribui uma propriedade ao portador da atividade mais encaixada e o nome modificado pelo adjetivo é interpretado como uma propriedade desse nome.

O diagrama em (26), abaixo, ilustra a estrutura da derivação *galanteador* (de “rapaz galanteador”), que apresenta a representação estrutural e a representação sintática da estrutura de evento também das derivações *balanceador* e *lisonjeador*, que denotam atributos dos nomes que esses adjetivos modificam e exibem o molde morfossintático descrito em (v), acima:

(26) *galanteador*

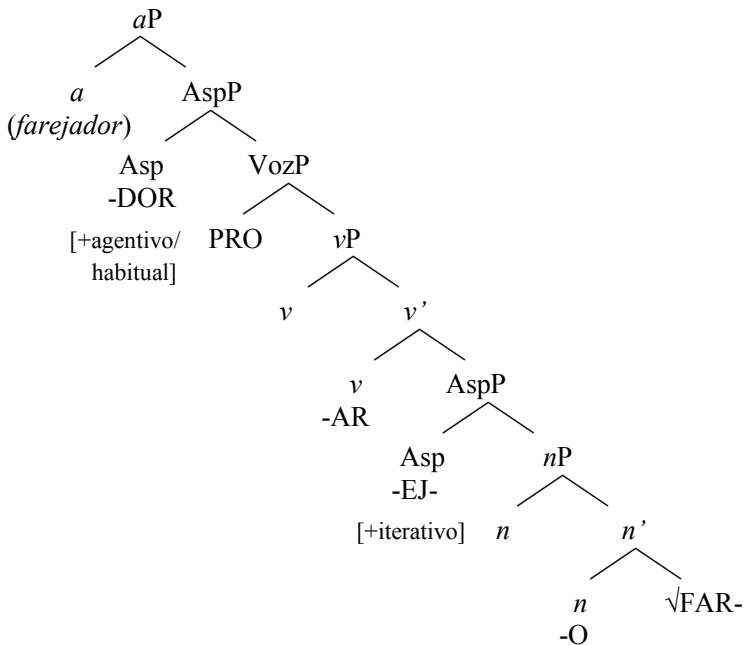


⁴⁹ O sufixo latino *-e(ar)*, forma apocopada de *-ej(ar)*, forma verbos de substantivos e adjetivos, acrescentando às formações uma idéia freqüentativa: *barato*> *baratear*, *chato*>*chatear*, *raro*>*rarear*, *sabor*>*saborear* (cf. COUTINHO 1976). Na formação do verbo derivado *galantear*<*galante* (cf. HOUAISS 2009), ocorre o processo fonológico da elisão (supressão da vogal átona final de *galante* no momento da concatenação com *-e(ar)*).

Na formação do adjetivo *galanteador*, que denota um atributo relacionado ao verbo interno, há três fases: uma para um núcleo funcional *a*, outra para o núcleo funcional *v* e outra para um núcleo funcional *a*. A representação em (26) mostra que o núcleo adjetivador *a* atribui uma propriedade ao portador da atividade mais encaixada e o nome especificado pelo adjetivo é interpretado como uma propriedade desse nome.

O diagrama em (27), abaixo, apresenta a estrutura da derivação *farejador* (em “cão farejador”), que ilustra a representação estrutural e a representação sintática da estrutura de evento também das derivações *cortejador* e *festejador*, que denotam atributos dos nomes que esses adjetivos modificam e exibem a configuração morfosintática descrita em (iv):

(27) *farejador*

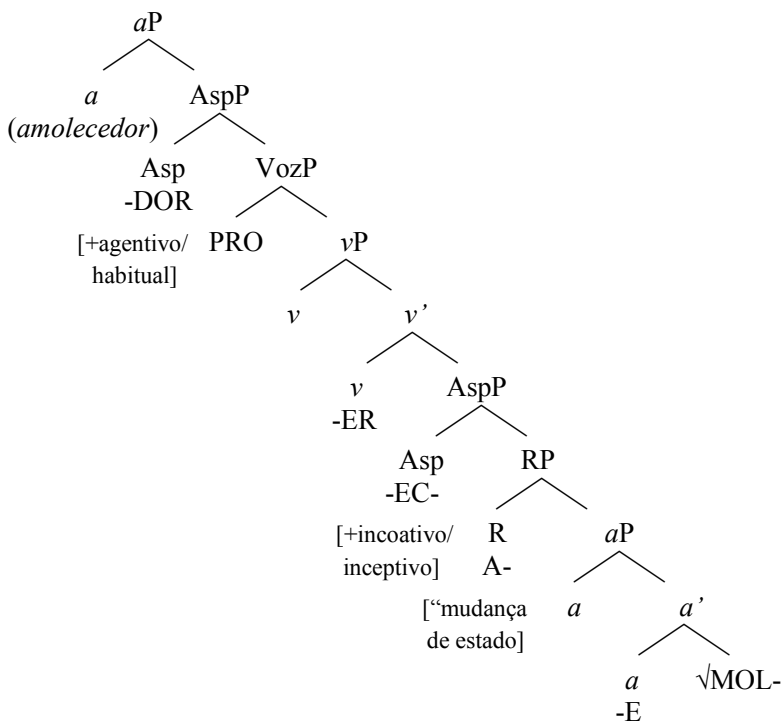


A representação em (27) revela que na formação do adjetivo deri-

vado, que denota um atributo, há três fronteiras cíclicas (*n*, *v* e *a*). Essa representação mostra também que a interpretação agentiva/habitual é atribuída ao verbo derivado *farejar* (que já tem amalgamado em seu significado a soma da semântica da raiz mais o traço aspectual iterativo do morfema sufixal *-ej-*, mais o morfema verbal *-ar*) e ao morfema aspectual *-dor*. Mostra ainda que o núcleo adjetivador *a* concede um atributo ao portador do verbo interno – o adjetivo derivado (*farejador*) é então interpretado como um atributo do nome (*cão*) que esse adjetivo modifica.

A representação estrutural e a representação sintática da estrutura de evento das derivações *amolecedor*, *emagrecedor*, *embranquecedor*, *enfraquecedor*, *enriquecedor*, *ensurdecedor*, *entorpecedor*, *entristecedor* e *envelhecedor* (formadas de verbos parassintéticos), que denotam causatividade e exibem a configuração morfossintática descrita em (vii), estão ilustradas em (28):

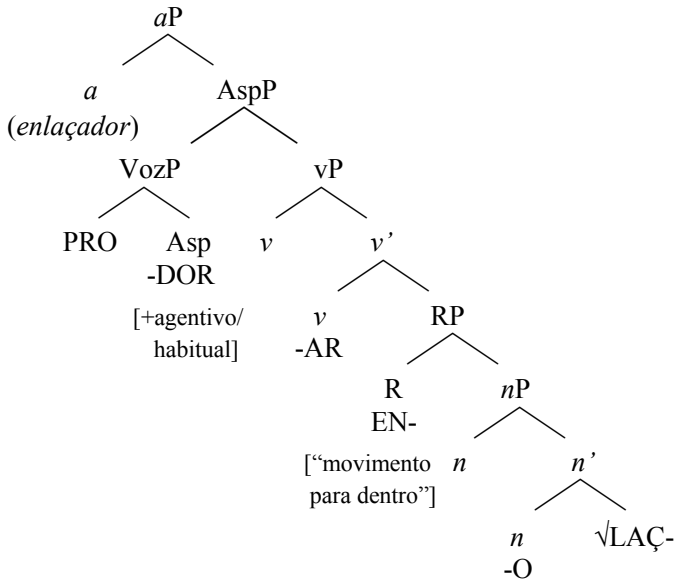
(28) *amolecedor*



O diagrama em (28) informa que *amolecedor* tem três domínios cíclicos (*a*, *v* e *a*). Informa ainda que o morfema aspectual habitual *-dor*, que denota um atributo ou propriedade de PRO, é diretamente concatenado a PRO, criando duas eventualidades: um atributo do nome modificado pelo adjetivo (“gel *amolecedor* de calos”), que causa a eventualidade denotada pelo verbo interno (*amolecer*) ao adjetivo *amolecedor*.

O diagrama em (29), abaixo, ilustra a representação estrutural e a representação sintática da estrutura de evento das derivações (formadas de verbos parassintéticos) *alongador* (de “exercício alongador”), *apassivador* (de “medida apassivadora”), *embaraçador* (de “comportamento embaraçador”), *encadeador* (de “elemento encadeador”), *encurtador* (de “atalho encurtador”) e *enlaçador* (de “discurso enlaçador”), que denotam causatividade e exibem o molde morfossintático descrito em (vi):

(29) *enlaçador*

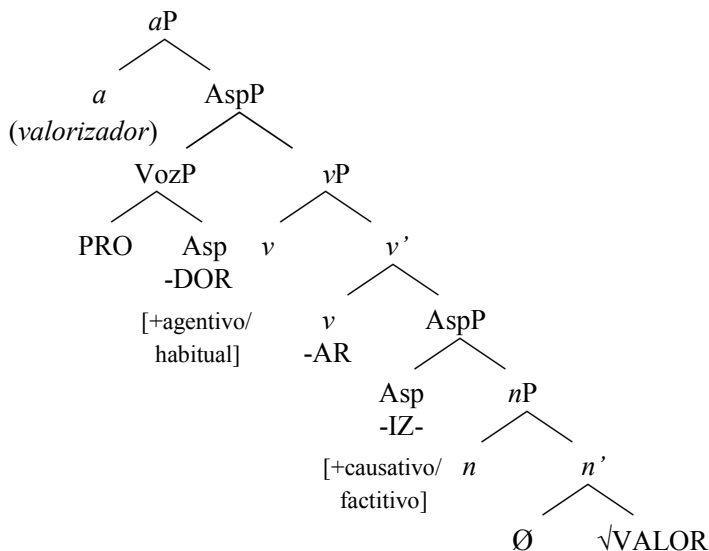


Na formação derivada *enlaçador* há três domínios cíclicos (*n*, *v* e *a*), como mostra a representação acima. Quanto à estrutura de evento/argumento, em (28) há duas eventualidades: a primeira

eventualidade é causada pela concatenação do morfema aspectual habitual *-dor* com PRO, criando um atributo ou propriedade do DP (modificado pelo adjetivo), que, por sua vez, causa a segunda eventualidade que é denotada pelo verbo interno ao adjetivo.

Para as derivações *valorizador* (de “reforma valorizadora”), *padronizador* (de “medida padronizadora”), *pasteurizador* (de “aparelho pasteurizador”) e *realizador* (de “ação realizadora”), que apresentam o molde morfosintático descrito em (ii), acima, e denotam eventualidades atributivas, proponho a representação estrutural e a representação sintática da estrutura de evento ilustradas em (30):

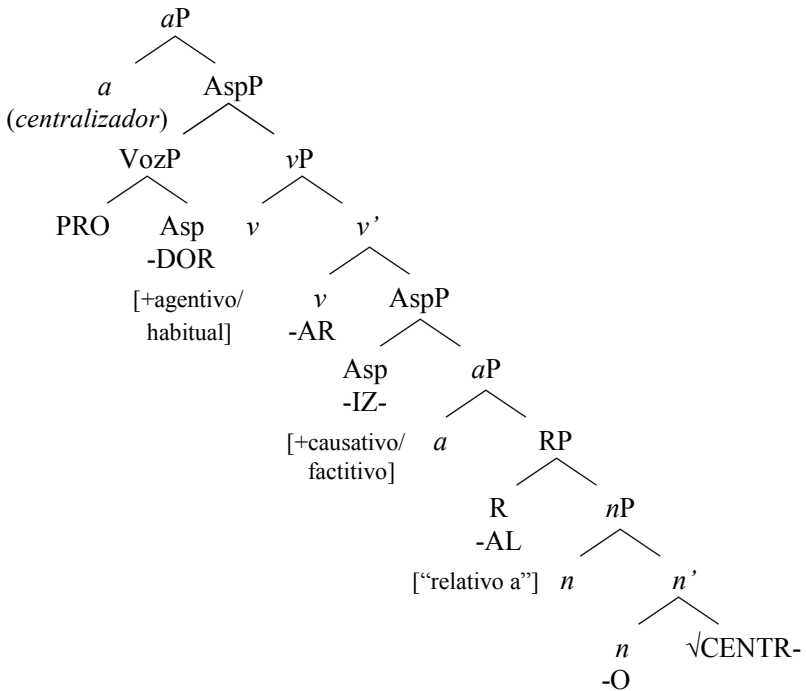
(30) *valorizador*



A árvore em (30) mostra que no interior da formação *valorizador* há três domínios sintáticos (*n*, *v* e *a*) e que há duas eventualidades: a primeira eventualidade é a atribuição de uma propriedade ao DP, que é modificado pelo adjetivo; a segunda eventualidade é denotada pelo verbo *valorizar* e causada pela propriedade do DP. O morfema aspectual agentivo/habitual *-dor*, que denota uma propriedade ou atributo de PRO, é diretamente concatenado a PRO, criando as duas eventualidades.

O diagrama em (31), abaixo, ilustra a forma estrutural e a representação sintática da estrutura de evento das formações *centralizador* (de “governo centralizador”), *localizador* (de “instrumento localizador”) e *neutralizador*⁵⁰ (de “poder neutralizador”), listadas em 6.2.2.2.2, que apresentam a configuração morfossintática descrita em (iii), acima, e denotam causatividade:

(31) *centralizador*



A árvore em (31) mostra que no interior da formação *centralizador* há quatro domínios sintáticos (n , a , v e a) e que o núcleo adjetivador a concede um atributo ao portador (*governo*) da eventualidade denotada pelo verbo mais encaixado (*centralizar*). A

⁵⁰ Em *neutralizador*, o morfema *-iz(ar)* concatena-se à forma adjetival *neutral* (forma praticamente desconhecida pelos falantes) que, por sua vez, é derivada do nome *neutro*: *neutro*>*neutral*>*neutralizar*>*neutralizador*. *Neutral* significa “aquele que não se posiciona” (HOUAISS 2009; FERREIRA 2004).

interpretação é atribuída à formação derivada *centralizar* (que já tem amalgamada ao seu significado a soma da semântica da raiz, do traço aspectual do morfema relacional *-al*, do morfema causativo/factitivo *-iz-* e do morfema verbal *-ar*) mais o traço aspectual agentivo/habitual de *-dor*.

Como vimos, a possibilidade de combinação entre os traços semânticos das raízes e os traços aspectuais dos morfemas derivacionais é que explica a gramaticalidade de adjunção das raízes aos núcleos funcionais doadores de categoria morfossintática.

Observemos a seguir as relações que se estabelecem no contexto morfofonológico das formações derivadas com *-dor*.

6.2.2.3 Regras de Reajustamento Fonológico

O morfema *-dor* concatena-se aos temas verbais em um procedimento bem regular: *jogar* > *jogador*, *vender* > *vendedor*, *farejar* > *farejador* etc.

Os nomes agentivos *agressor* (*agredir*), *defensor* (*defender*), *divisor* (*dividir*), *leitor* (*ler*), *escritor* (*escrever*), *protetor* (*proteger*), *produtor* (*produzir*) etc., formados com os alomorfes *-sor* e *-tor*, como já vimos, passaram diretamente do latim para o português, sem sofrer as transformações históricas por que passaram as raízes desses verbos (SAID ALI 2001).

A seção a seguir trata das impossibilidades de combinação com *-dor*.

6.2.2.4 Raízes com semântica não compatível com o traço aspectual de *-dor*

Por ter o traço [+agentivo/habitual], o morfema *-dor* não se adjunge a:

a) raízes de verbos que não admitem um agente, como as raízes dos verbos copulativos *estar* (**estador*), *ficar* (**ficador*), *parecer* (**parecedor*), *permanecer* (**permanecedor*) etc., alguns dos quais admitem experienciadores, mas não agentes;

b) raízes de verbos inacusativos: **fugidor*, **chegador*, **saidor* etc - porque essas formas não atribuem papel temático a um argumento externo e não aceitam, portanto, um morfema [+agentivo].

6.2.2.5 Resíduos

Em alguns nomes com *-dor*, ocorreu a transferência de sentido do nome da pessoa agente para o nome do instrumento ou objeto com que se pratica a ação, como *regador, aquecedor, abridor, interruptor, disjuntor, espanador, coador, elevador, ralador, ventilador, apagador* etc. (SAID ALI 2001). Sincronicamente, portanto, essas derivações não mais denotam as pessoas/agentes de seus verbos internos, mas são formações produtivas em compostos na nomeação de instrumentos, como *abridor de latas, desentupidor de pia, marcador de texto, prendedor de roupa* etc.

6.2.2.6 Resumo

Por ser proveniente do particípio passado latino, *-dor* atribui às derivações a idéia de atividades permanentes ou constantes e as derivações denotam habitualidade.

As formações derivadas nominais com *-dor* expressam os agentes dos verbos internos às formações e denotam eventualidades de nomeação ou designação. Esses verbos internos pertencem:

a) à Classe III – verbos que denotam (modos de) atividade, produzindo as derivações *corredor, nadador, mergulhador, jogador, encenador*, que exibem dois diferentes moldes morfossintáticos. Essas formações derivadas têm a representação estrutural e a representação da estrutura de evento ilustradas em (17);

b) à Classe V – verbos de criação, destruição ou de tema incremental, resultando em *varredor, limpador, adestrador, encadernador, marmorizador* etc., com três diferentes configurações morfossintáticas. Essas formações têm a representação estrutural e a representação da estrutura de evento ilustradas em (18);

c) à Classe IV – verbos que denotam processos, resultando em *distribuidor, colecionador, sinalizador, coordenador*, que apresentam três configurações morfossintáticas. Essas derivações têm a representação estrutural e a representação da estrutura de evento ilustradas em (17), (18) e (19). A formação de nomes agentivos com *-dor* a partir dessas três Classes verbais é bem produtiva.

As formações derivadas adjetivais têm como raízes internas verbos que pertencem:

a) à Classe II – verbos que denotam estados mentais ou psicológicos, produzindo as derivações *apreciador, conhecedor*,

admirador etc., que apresentam um único molde morfossintático, e têm a representação estrutural e a representação da estrutura de evento ilustradas em (21) e (22);

b) à Classe IV – verbos que denotam processos, resultando em *batalhador, valorizador, centralizador, farejador, galanteador, enrolador, embranquecedor, embelezador* etc., com oito diferentes configurações morfossintáticas. A representação estrutural e a representação da estrutura de evento dessas derivações estão ilustradas nas árvores de (25) a (31).

O morfema *-dor* também se combina com verbos parassintéticos que aceitam a alternância causativo-incoativa, como *amolecer, envelhecer, embranquecer, emagrecer, enlouquecer* etc.

A combinação de *-dor* com verbos que denotam estados mentais ou psicológicos não é produtiva; por outro lado, há perfeita interação entre a semântica dos verbos que denotam processos e os traços aspectuais [imperfectivo/habitual] de *-dor*, sendo esta a Classe que fornece a base para a formação de adjetivos derivados com esse sufixo. As formações derivadas adjetivais denotam eventualidades atributivas ou predicativas.

O sufixo *-dor* é essencialmente um morfema agentivo e é a combinação entre os traços semânticos das raízes e o traço aspectual desse morfema que permite a realização de uma forma derivada. As raízes internas às formações derivadas denotam, majoritariamente, [causação externa]; daí o porquê de selecionarem um morfema [+agentivo].

O significado de uma forma derivada é construído fase a fase, através da combinação entre o traço semântico da raiz e os traços aspectuais dos morfemas derivacionais que compõem a derivação; ou seja, o significado é composicional. As formações derivadas com *-dor* denotam um nome agentivo ou um atributo relacionado ao verbo interno às formações.

6.2.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O empareamento entre os traços semânticos das raízes e os traços aspectuais dos morfemas derivacionais é que explica a gramaticalidade da adjunção das raízes aos núcleos doadores de categoria morfossintática. Esta compatibilidade entre os traços explica por que ocorre a concatenação de raízes como [*trein-* + *-ar*] e [*preg-* + *-ar*], por exemplo, ao sufixo *-dor* (*treinador, pregador*), e não ao sufixo *-nte*

(**treinante*, **pregante*), pois os traços semânticos dessas raízes, que denotam ações/processos que se estendem no tempo, são compatíveis com um morfema [+agentivo] que denote habitualidade, e não cursividade, como é o caso do sufixo *-nte*. Essas mesmas imposições igualmente explicam a não-realização de formações como **despachador* e **combatador*, por exemplo, pois os traços semânticos das raízes [*despach-* + *-ar*] e [*combat-* + *-er*] denotam cursividade; daí a não compatibilidade com um morfema [+agentivo] que denote habitualidade, como é o caso do morfema *-dor*, mas, sim, com o morfema [+agentivo] *-nte*: *despachante*, *combatente*.

Por outro lado, há raízes cujos traços semânticos são compatíveis tanto com os traços aspectuais do morfema *-dor* como com os traços aspectuais do morfema *-nte*, como *determinador/determinante*, *navegador/navegante*, *ouvidor/ouvinte*, *dominador/dominante*, *pagador/pagante*, *poluidor/poluente*, *alienador/alienante*, *moralizador/moralizante*, *provocador/provocante*, *implicador/implicante*, *tratador/tratante*, *ajudador/ajudante*, *integrador/integrante*, *iniciador/iniciante* etc., e têm como resultado, simultaneamente, ou dois nomes agentivos ou dois adjetivos agentivos.

Essas derivações, que têm como formas internas verbos que denotam processos, manifestam, no entanto, sentidos diferentes: as formações nominais com *-dor* (*navegador*, *ouvidor*, *pagador*, *tratador* etc.) denotam “aquele que faz, executa ou exerce uma atividade constante” – denotam, portanto, imperfectividade e habitualidade - e as formações adjetivais (*determinador*, *dominador*, *poluidor*, *moralizador* etc.) expressam “aquele/aquilo que tem/exibe uma propriedade/atributo (constante)”.

As formações nominais com *-nte* (*navegante*, *ouvinte*, *pagante*, *ajudante*), por sua vez, denotam “aquele que faz ou exerce uma atividade eventual ou em curso” e as formações adjetivais (*determinante*, *dominante*, *moralizante*, *provocante* etc.) expressam “aquele/aquilo que exibe uma propriedade eventual ou em curso”.

As formações derivadas com *-nte*, como vimos, podem ser tanto agentivas quanto estativas, cuja interpretação decorre da semântica dos verbos internos às derivações; entretanto, *-nte* é essencialmente um introdutor de estado ou qualidade e as raízes dos verbos internos às derivações denotam modos ou mudança de estado.

As formações derivadas com *-dor* igualmente podem ser tanto agentivas como estativas, e essa interpretação advém dos traços semânticos dos verbos internos às derivações, porém, *-dor* é essencialmente um morfema agentivo e se combina com raízes de

verbos que tenham um papel de agente em sua estrutura de argumento. As formações derivadas denotam o evento de alguém adquirir a propriedade denotada pelo verbo interno às derivações e expressam a idéia de atividades permanentes ou constantes.

Passemos agora ao estudo das formações derivadas com os morfemas sufixais *-ec(er)/-esc(er)* e *-iz(ar)*.

6.3 SUFIXOS VERBALIZADORES

Nesta seção, detenho-me na descrição e análise das formações derivadas com os morfemas sufixais verbalizadores *-ec(er)/-esc(er)* e *-iz(ar)*, que têm como raízes internas às formações nomes ou adjetivos. O procedimento adotado é o mesmo utilizado para o estudo dos sufixos nominalizadores: a partir de um levantamento prévio de formações derivadas, classifico-as de acordo com os traços semânticos das raízes que integram essas derivações e descrevo a interação entre os traços semânticos das raízes e os traços aspectuais dos morfemas sufixais que vão permitir a ocorrência de formações derivadas, com o intuito de formalizar o conjunto de propriedades que portam as raízes a que os morfemas sufixais podem se unir.

Exponho, em seguida, a representação estrutural e a decomposição sintática da estrutura de evento das formações derivadas (MARANTZ 2005a, 2005b; 2006a; 2007a, 2007b; MEDEIROS 2008) e descrevo as eventualidades que denotam.

Os processos morfofonológicos relacionados às derivações e as mudanças morfofonêmicas ocorridas no corpo fônico das raízes e afixos são descritos na sub-seção 6.3.1.2 e, por fim, comento a incompatibilidade semântica entre os traços de raízes e afixos que coíbe a formação de certas formas derivadas.

Na seção a seguir, detenho-me na descrição e análise de formações derivadas com o morfema sufixal *-ec(er)/-esc(er)*.

6.3.1 SUFIXO *-EC(ER)/-ESC(ER)*

O morfema sufixal *-ec(er)/-esc(er)*, proveniente do sufixo latino *-escēre* (CUNHA 1986), forma verbos de substantivos e adjetivos, imprimindo às suas derivações uma noção incoativa (COUTINHO 1976, p.173). A variante *-esc-* é própria dos verbos derivados que se

formaram já em latim ou em outras línguas, principalmente o francês (BECHARA 2009).

Em seu sentido etimológico, o termo *incoativo* exprime uma noção de “iniciar” ou “conversão de uma configuração em outra”; assim, o morfema incoativo tem como função converter uma raiz que intrinsecamente denota estado em uma forma derivada que denota processo (CHAFE 1979).

Observemos abaixo as formações derivadas com *-ec(er)/-esc(er)*:

6.3.1.1.1 *Formações derivadas verbais*

As derivações com *-ec(er)/-esc(er)* podem ser divididas em dois grupos, segundo o traço semântico das raízes internas às derivações e o evento que denotam⁵¹: a) formações cujas raízes internas expressam nomeação/designação; e b) formações cujas raízes internas denotam estados, propriedades ou atributos. Esses dois grupos estão detalhados abaixo.

6.3.1.1.1.1 Derivações com nomes que expressam nomeação/designação

alvorecer, amanhecer, anoitecer, embolorecer, encalecer, encarnecer, endentecer, enfebrecer, enflorescer, enfrutecer, enfurecer, enraivecer, ensarnecer, ensombrecer, entalecer, entardecer, favorecer, florescer, fosforescer etc.

Observa-se que as formações acima expressam inícios de processos ou mudanças de estado com [causação interna] devido ao traço incoativo/inceptivo atribuído pelo morfema aspectual *-ec(er)/-esc(er)*⁵² e, em sua maioria, à idéia de “movimento para dentro” ou “posição interior” atribuída pelo morfema prefixal *en-*⁵³, como *entardecer, enfebrecer, enfurecer* etc., ou à idéia de “mudança de estado” atribuída pelo morfema prefixal *a-* (CUNHA 1986; FERREIRA 2004), como *amanhecer* ou *anoitecer*. Observa-se também que não é

⁵¹ As impossibilidades de combinação com o sufixo *-ec(er)/-esc(er)* serão tratadas na seção 6.3.1.3.

⁵² A combinação [*-ec-er*] é obrigatória e única, mas não é motivada semanticamente - a exigência deve ser morfológica.

⁵³ A combinação [*en-/a-...-ec-er*] também é obrigatória, mas aqui a exigência deve ser semântica, devido à interação entre os traços aspectuais dos prefixos e do morfema sufixal.

produtiva a derivação de verbos com *-ecer/-escer* a partir de uma base nominal.

Os nomes internos às derivações pertencem à Classe I (raízes de nomes que expressam nomeação/designação) e podem ser agrupados em três subclasses: (i) elementos da natureza: *manhã, tarde, noite, alvor, flor, talo, fruta, bolor e sombra*; (ii) erupções/alterações ou elementos do corpo: *dente, febre, calo, sarna e carne*; e (iii) nomes de estados psicológicos: *raiva, fúria*. A semântica dos nomes que se concatenam com o morfema incoativo/inceptivo *-ec(er)/-esc(er)* deve ser compatível com a idéia de “início de processo” ou “mudança de estado” atribuída pelo afixo, resultando em formações derivadas que denotam *eventualidades de mudança de estado*.

As derivações apresentam dois diferentes moldes morfossintáticos:

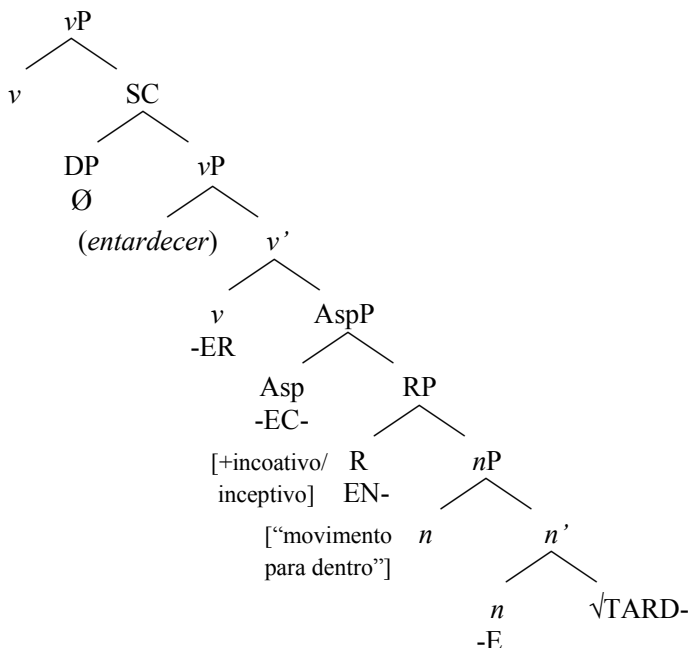
(i) [raiz + morfema nominalizador *-o/morfema zero + morfema sufixal -ec-/esc- + morfema verbal -er*], como *alvorecer, favorecer, florescer e fosforescer*;

(ii) [morfema prefixal *a-/en- + raiz + morfema nominalizador -a/-e/-o/morfema zero + morfema sufixal -ec-/esc- + morfema verbal -er*], como *anoitecer, enraivecer, enflorescer* etc.

As formações descritas em (ii), que representam a maioria, constituem os verbos denominados *parassintéticos*, nos quais os morfemas prefixal e sufixal são concatenados à raiz e traduzem um só significado, consistindo, segundo Spencer (1991, p. 13), em um *afixo descontínuo*: *a/en...ec(er)*.

O diagrama em (32), abaixo, ilustra a representação estrutural e a representação sintática da estrutura de evento dos verbos derivados parassintéticos *amanhecer, entardecer* e *anoitecer*, que apresentam o molde morfossintático descrito em (ii), quando utilizados impessoalmente, como em “*amanhecer/entardecer/anoitecer*⁵⁴ vagarosamente”:

⁵⁴ Na representação estrutural das formações parassintéticas, a concatenação de prefixos e sufixos à forma-base será representada como descontínua, e não simultânea.

(32) *entardecer*

A derivação da forma *entardecer* segue os seguintes passos:

1º) a raiz $\sqrt{\text{TARD-}}$ entra na derivação e é concatenada ao Item de Vocabulário -E , que está inserido no núcleo funcional nominalizador n , formando o nome *tarde*, que faz referência a uma das partes do dia. Aqui se fecha um domínio cíclico;

2º) inseridos no ambiente do núcleo funcional v , estão o morfema prefixal EN- , portador do traço semântico [“movimento para dentro”], o morfema -EC- , portador do traço aspectual [+incoativo/inceptivo], ambos contidos em Asp , e o morfema verbal -ER . Esses morfemas são semanticamente compatíveis com o traço semântico do nome *tarde*;

3º) a forma *tarde* concatena-se com o morfema -en- , com o morfema -ec- e depois com o morfema -er , já que há compatibilidade entre o traço semântico da raiz e os traços aspectuais dos afixos, produzindo o verbo derivado *entardecer*⁵⁵, que denota “cair a tarde/fa-

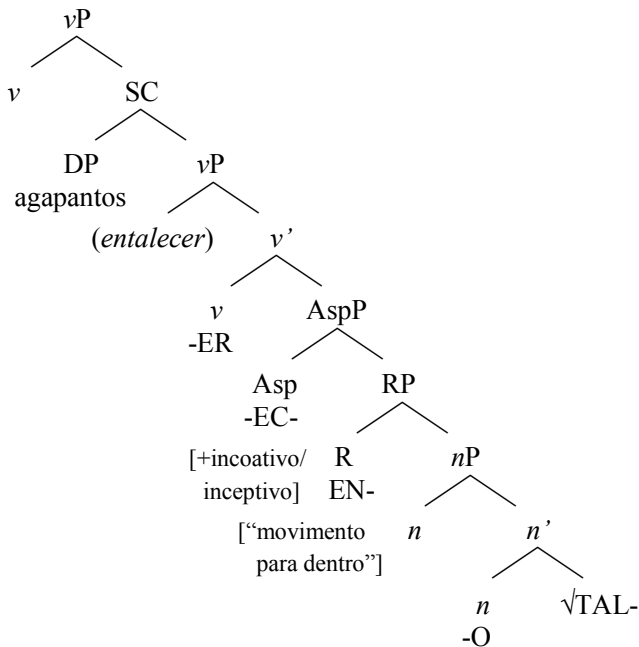
⁵⁵ As mudanças morfofonêmicas ocorridas nas derivações com -ec(er/-esc(er)) serão tratadas na seção 6.3.1.2.

zer-se tarde”. Aqui se fecha o segundo domínio cíclico.

Na estrutura de evento de *entardecer* há uma só eventualidade. A raiz verbal é interpretada com o traço ‘modificador de evento’, especificando que a eventualidade denotada pelo verbo é mono-eventiva (MARANTZ 2005a, 2005b; 2006a; 2007a, 2007b).

O diagrama em (33), abaixo, ilustra a representação estrutural e a decomposição sintática da estrutura de evento das formações verbais incoativas/intransitivas *encarnecer*, *endentecer*, *enfrutecer*, *ensarnecer* e *entalecer*, que apresentam a configuração morfossintática descrita em (ii), quando tiverem sujeitos afetados pelo processo verbal, como em “o dia *amanhece* lentamente”, “o pomar *enfrutece* no outono”, “agapantos *entalecem* em setembro” etc.:

(33) *entalecer*

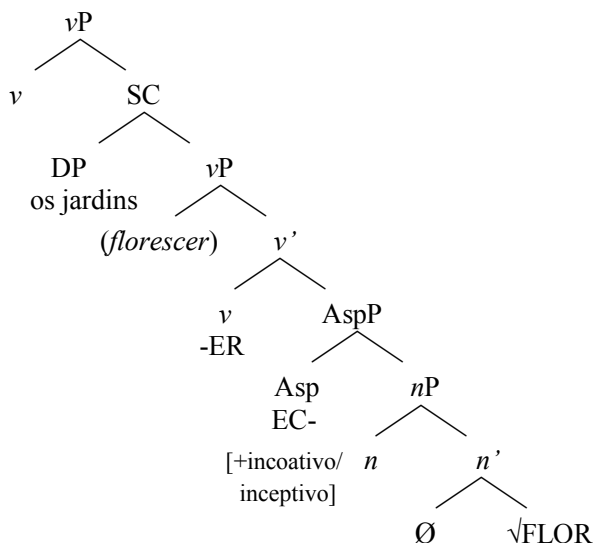


A constituição formal do verbo derivado *entalecer*, que significa “criar talos”, segue os mesmos passos da formação *entardecer* descrita acima. O diagrama em (33) revela que há duas eventualidades: uma é

causada por um processo introduzido por v (“entalecer”) e a outra eventualidade é a mudança de estado denotada pelo DP *agapantos*, que passam do estado de “sem talos” para o de “com talos”. A raiz verbal serve como núcleo de um evento e, neste caso, é interpretada como causa, como parte de uma *small-clause* (cf. MARANTZ 2005a, 2005b; 2006a; 2007a, 2007b, na seção 4.3). O verbo derivado *entalecer* denota o evento de o nome *agapantos* adquirir a propriedade expressa pelo nome *talo* interno ao verbo.

A representação estrutural e a representação da estrutura de evento de *florescer* (“O jardim *floresceu*”), *alvorecer* (“O dia *alvorece* vagarosamente”) e *fosforescer* (“Vagalumes *fosforescem* à noite”), que têm o molde morfossintático descrito em (i) acima, estão ilustradas em (34):

(34) *florescer*

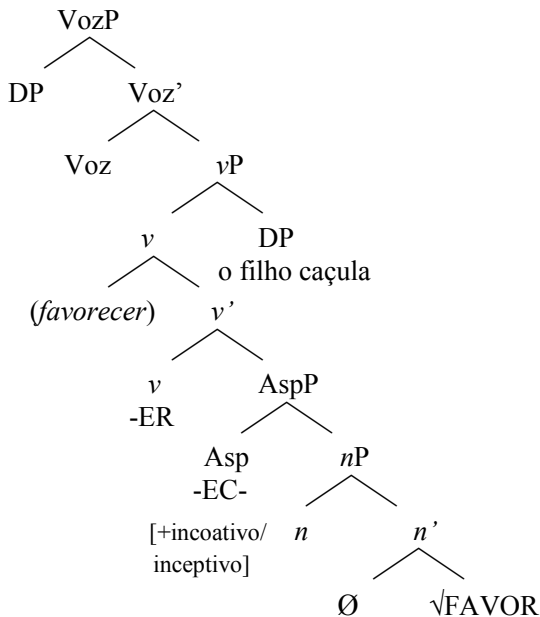


O diagrama em (34) informa que em *florescer* há dois domínios cíclicos. O primeiro domínio cíclico se fecha em n , com a forma *flor* e o segundo domínio se fecha em v , com a formação do verbo derivado *florescer*, que denota “produzir flores”. A estrutura bi-eventiva em (34) revela que uma eventualidade é causada por um processo introduzido por v e a outra eventualidade é a mudança de estado denotada pelo DP o

jardim (codificada na *small-clause*), que sofre uma mudança de estado. A raiz verbal atua como núcleo de um evento e é interpretada como causa.

A árvore em (35), abaixo, ilustra a representação estrutural e a representação sintática da estrutura de evento da formação verbal transitiva *favorecer* (em “A mãe *favoreceu* o filho caçula”), que exhibe o molde morfossintático descrito em (i), acima, e denota causatividade:

(35) *favorecer*



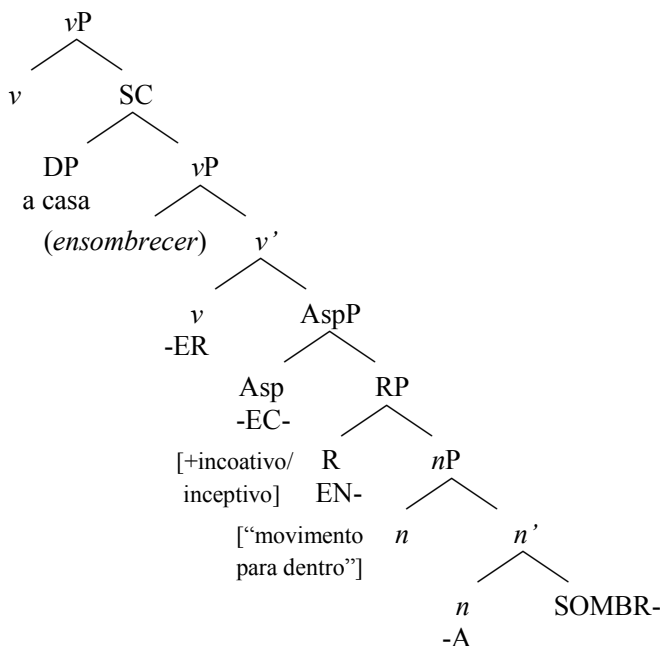
A constituição formal da derivação *favorecer* segue os mesmos passos da formação *florescer* descrita acima. A estrutura bi-eventiva em (35) mostra que o *v* eventivo atribui à forma *favorecer* o traço ‘modificador de evento’, com interpretação causativa. A forma *favorecer* (que já tem amalgamada em seu significado a semântica da raiz e dos traços aspectuais inerentes aos morfemas sufixais *-ec-* e *-er-*) causa então um evento de mudança de estado no DP *o filho caçula*, que passa a ser “favorecido”. Há, portanto, um evento de “favorecer”, que é a causa,

e um outro evento que é o efeito causado no DP, que está dentro da fase do vP. A interpretação causativa surge desse segundo sub-evento (“favorecer”), determinando que a relação entre os eventos seja a de causa. O núcleo de Voz relaciona o evento ao argumento externo.

Algumas formações arroladas em 6.3.1.1.1 como *embolorecer*, *encalecer*, *enfebrecer*, *enflorescer*, *enfurecer*, *enlourecer*, *enraivecer*, *ensombrecer* e *florescer* admitem uma interpretação causativo-incoativa e apresentam, portanto, uma versão intransitiva e uma transitiva, dependendo de se o evento admitir um causador ou não, como se pode observar nos exemplos em (36):

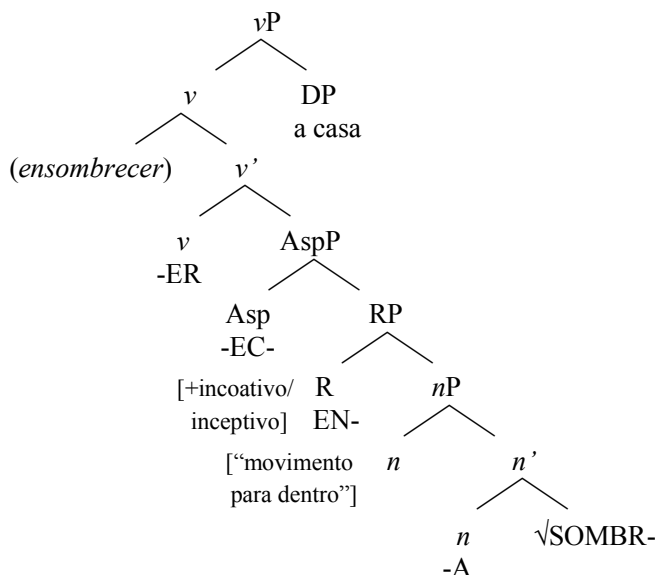
- (36) a. A árvore *ensombreceu* a casa.
 b. A casa *ensombreceu* (-se).
 c. A primavera *floresce/enfloresce* os jardins.
 d. Os ipês amarelos *florescem/enflorescem* em setembro.
 e. O cancelamento do concurso *enfureceu/enraiveceu* os candidatos.
 f. Os candidatos *enfureceram-se/enraiveceram-se* com o cancelamento do concurso.

Para esses verbos derivados em (36), que admitem a alternância causativo-incoativa e apresentam a configuração morfossintática descrita em (ii), proponho o diagrama em (37), que representa a interpretação incoativa da derivação *ensombrecer* em “A casa *ensombreceu* (-se)”:

(37) *ensombrecer*

A representação em (37) mostra que *ensombrecer* tem duas fases (*n* e *v*) e denota duas eventualidades, uma de processo e uma estativa. A raiz *ensombrec(er)* é o núcleo de um evento e é interpretada como processo e o outro evento é a mudança de estado denotada pelo DP *a casa* (codificada na *small-clause*), que passa de “não-sombreada” para o de “sombreada”. O verbo *ensombrecer* denota o evento de o DP *a casa* adquirir a propriedade expressa pelo nome interno ao verbo.

Em (38), abaixo, está a representação da estrutura de evento da formação *ensombrecer* em sua interpretação transitiva/causativa (“A árvore *ensombreceu* a casa”), que representa também a versão causativa das derivações exemplificadas em (36) e retomadas aqui: “O cancelamento do concurso *enfureceu/enraiveceu* os candidatos” e “A primavera *floresce/enflorece* os jardins”:

(38) *ensombrecer*

A estrutura bi-eventiva em (38) mostra que o evento de “ensombrecer” causa uma mudança de estado no DP *a casa*, que passa do estado de “não-sombreada” para o de “sombreada”. A interpretação causativa de *ensombrecer* é atribuída pelo *v* eventivo.

A seguir, é detalhado o segundo grupo de raízes que se combinam com *-ec(er)/-esc(er)* para formar uma derivação:

6.3.1.1.2 Derivações com adjetivos que denotam estados, propriedades ou atributos

abastecer, agradecer, amadurecer, amarelecer, amolecer, amortecer, apodrecer, emagrecer, embranquecer, embravecer, embrutecer, empalidecer, emparvecer, empobrecer, emudecer, emurchecer, enaltecer, encalvecer, encarecer, encruecer, endoidecer, endurecer, enegrecer, enfraquecer, engrandecer, engravescer, enlouquecer, enlourecer, enobrecer, enrarecer, enrijecer, enriquecer, enrouquecer, enrudecer, ensandecer, ensoberbecer, ensurdecer, enternecer, entontecer, envelhecer, enverdecer, envilecer, esclarecer, escurecer, fortalecer, umedecer etc.

As formações relacionadas acima pertencem à Classe II, que diz respeito às raízes dos adjetivos internos às derivações que denotam eventualidades predicativas (como *branco, alto, verde, amarelo, nobre* etc.), atributivas (como *bravo, bruto, caro, raro, tonto, vil* etc.) ou de estado (como *morto, grato, maduro, podre, pálido* etc.) e que, ao se concatenarem com o morfema incoativo/inceptivo *-ec(er)/-esc(er)* produzem formações derivadas que denotam *eventualidades de mudança de estado*, como *embranquecer, amarelecer, embrutecer, entontecer, amadurecer, empalidecer* etc.

As derivações apresentam duas configurações morfossintáticas:

(i) [morfema prefixal *a-/en-(e-)/es-* + raiz + morfema adjeticador *-e/-o*/morfema zero + morfema *-ec-* + morfema verbal *-er*], que vemos nos verbos parassintéticos *abastecer, enobrecer, enrarecer, esclarecer* etc.;

(ii) [raiz + morfema adjetivador *-o* + morfema *-ec-* + morfema verbal *-er*], que vemos em *amarelecer, escurecer* e *umedecer*.

Os verbos derivados são majoritariamente parassintéticos. O morfema prefixal *es-*, que integra os verbos *esclarecer* e *escurecer*, porta a idéia de “transformação” ou de “passagem para um novo estado” (CUNHA 1986; FERREIRA 2004).

Entre as formações relacionadas acima, há um verbo intransitivo, como *encalvecer*, verbos transitivos, como *abastecer, agradecer, esclarecer, fortalecer* e *enaltecer*, e verbos de alternância causativo-incoativa, que aceitam uma versão intransitiva e uma transitiva, como *amadurecer, amolecer, emudecer, engrandecer, enriquecer, empobrecer, ensurdecer, embrutecer, enrudecer, escurecer* etc., como se pode observar nos exemplos em (39):

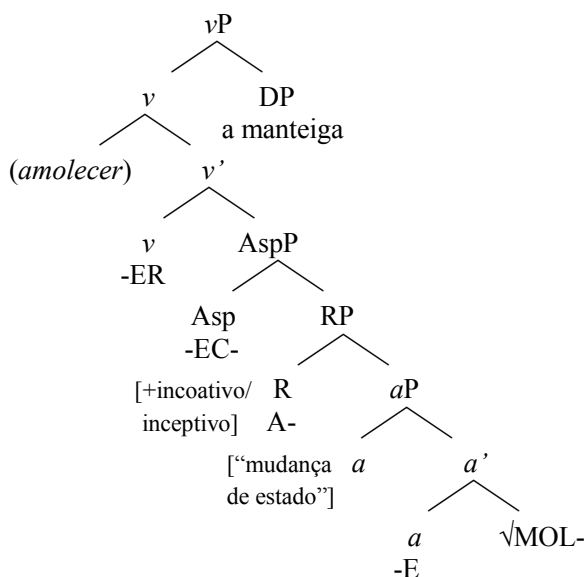
- (39) a. O calor do sol *amadurece* os frutos.
 b. As goiabas, finalmente, *amadureceram*.
 c. A seca prolongada *emagreceu* o gado.
 d. Maria *emagreceu* muito.
 e. Os gritos da torcida *ensurdecem* os presentes.
 f. Pedro *ensurdeceu* com aquele barulho.
 g. João *amoleceu* a manteiga no microondas.
 h. João *amoleceu* com aquele sorriso.

Como se pode perceber, em (39a), o calor do sol *causa o amadurecimento* dos frutos; em (39c), a seca prolongada *causou o*

emagrecimento do gado; em (39e), os gritos da torcida *causaram* o *ensurdecimento* dos presentes, e assim por diante.

A representação em (40), abaixo, ilustra a versão causativa da derivação *amolecer* (“João *amoleceu* a manteiga...”.) e representa a versão causativa dos verbos exemplificados em (39): “O calor do sol *amadurece* os frutos”, “A seca prolongada *emagreceu* o gado” e “Os gritos da torcida *ensurdecem* os presentes”, que apresentam a configuração morfossintática descrita em (i):

(40) *amolecer*

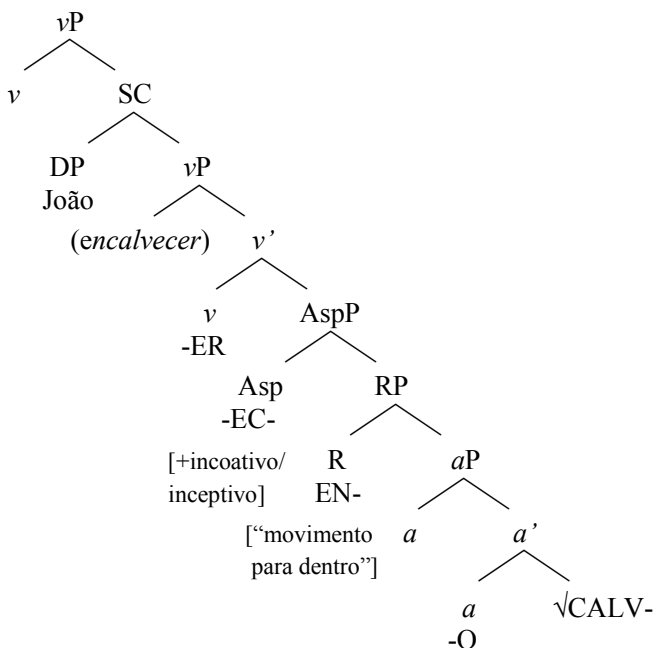


A árvore em (40) mostra que a estrutura configuracional da derivação *amolecer* é constituída de duas fases: a forma *mole*, no domínio de *a*, determina a fronteira da primeira fase e a forma *amolecer*, no domínio de *v*, a fronteira da segunda fase.

A representação em (40) mostra ainda que a interpretação causativa de *amolecer* é atribuída pelo *v* eventivo. O *DP a manteiga* é interpretado como um evento causado por um evento mais encaixado (“*amolecer*”), que causa a mudança de estado no *DP*, que, por sua vez, adquire a propriedade expressa pelo adjetivo interno ao verbo e passa a expressar “estado resultante”.

A representação estrutural e a decomposição sintática da estrutura de evento do verbo derivado intransitivo/incoativo *encalvecer* (“João *encalveceu* aos 25 anos”) estão ilustradas em (41), abaixo, que representa também a versão intransitiva/incoativa das derivações em (39), como: “As goiabas, finalmente, *amadureceram*”, “Maria *emagreceu* muito”, “Pedro *ensurdeceu* com aquele barulho” e “João *amoleceu* com aquele sorriso”, que exibem o molde morfossintático descrito em (i):

(41) *encalvecer*

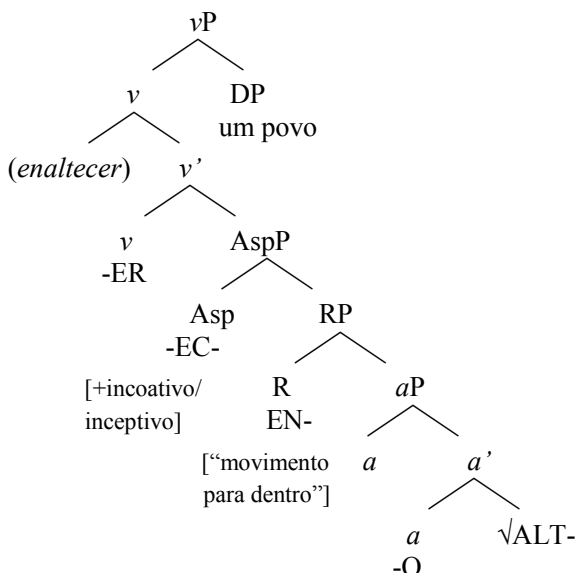


A constituição formal da derivação *encalvecer* segue os mesmos passos descritos para a formação *amolecer* descrita acima. Na estrutura bi-eventiva em (41), a raiz verbal *encalvec(er)* serve como núcleo de um evento causado, mais encaixado, e modifica o evento denotado pelo DP *João*, que passa de “não calvo” a “calvo”. A raiz, neste caso, é interpretada como parte de uma *small-clause*.

Os verbos derivados transitivos *abastecer* (“Maria *abastece* a despensa às sextas-feiras”), *esclarecer* (“João *esclareceu* aquele misté-

rio”) e *enaltecer* (“A liberdade *enaltece* um povo”), que denotam causalidade, têm a representação estrutural e a representação da estrutura de evento representadas em (42):

(42) *enaltecer*



A constituição estrutural de *enaltecer*, que denota “tornar alto, elevar”, tem duas fases cíclicas: *a* e *v*. A estrutura bi-eventiva em (42) mostra que o DP passa a ser interpretado como uma mudança de estado causada por um processo introduzido por *enaltecer*. A interpretação causativa (atribuída pelo *v* eventivo) surge desse segundo sub-evento. O verbo derivado *enaltecer* denota o evento de o DP *um povo* adquirir a propriedade expressa pelo adjetivo *alto* interno ao verbo.

O verbo transitivo *fortalecer*⁵⁶ (“Os fatos *fortalecem* os seus argumentos”), que expressa causalidade, tem a mesma decomposição sintática da estrutura de evento que *enaltecer*, descrita acima.

A seção a seguir trata das alterações no contexto morfossintático das formações derivadas com *-ec(er)/-esc(er)*:

⁵⁶ O verbo *fortalecer*, segundo Cunha (1986) e Ferreira (2004), derivou de [*fortal(eza) + -ec(er)*].

6.3.1.2 Regras de Reajustamento Fonológico

As alternâncias que ocorrem no contexto morfossintático das formações derivadas com *-ec(er)/-esc(er)* determinadas pelas Regras de Reajustamento Fonológico são as seguintes:

a) crase: fusão da vogal temática média *-e*, que integra a raiz, com a vogal média *-e* do morfema sufixal *-ec-*, como nas formações *carne* > *encarnecer*, *febre* > *enfebreecer*, *mole* > *amolecer*, *podre* > *apodreecer* etc.;

b) elisão: queda da vogal temática de uma palavra (*calo*, *fruta*, *surdo* etc.) quando a forma seguinte começa por vogal (COUTINHO 1976): *calo* > *encalecer*, *fruta* > *enfrutecer*, *surdo* > *ensurdecer* etc.

c) inserção dos alomorfes do prefixo *e-/em-/en-*, que denota “movimento para dentro”, “posição interior”: as Regras de Reajustamento Fonológico determinam que esse prefixo se realizará como *e-* quando a raiz iniciar com uma consoante nasal, como *magr(o)* > *emagrecer*, *murch(o)* > *emurcheecer*, *negr(o)* > *enegreecer* etc.; como *em-* quando a raiz iniciar pelas consoantes oclusivas bilabiais /p/ e /b/, como *pálid(o)* > *empalidecer*, *brut(o)* > *embruteecer*, *branc(o)* > *embranqueecer* etc.; e como *en-* nos outros casos.

d) sonorização: o fonema alveolar surdo /t/ sonoriza-se e passa a /d/ diante de *-ec(er)*: *grato* > *agradecer*.

Se as raízes internas às derivações forem desprovidas de morfema temático, o sufixo *-ec(er)* concatena-se diretamente à raiz: *bolor* > *embolorecer*, *alvor* > *alvorecer* e *favor* > *favorecer*.

6.3.1.3 Raízes com semântica não compatível com o traço aspectual de *-ec(er)/-esc(er)*

O morfema *-ec(er)/-esc(er)*, por ter o traço aspectual [+incoativo/ inceptivo], não se combina com raízes de nomes e adjetivos que não sejam compatíveis com a idéia de “início de processo” ou “mudança de estado”. Alguns exemplos de raízes que não se combinam com esse morfema:

(i) nomes que designam seres ou animais (*homem*, *mulher*, *criança*, *saci*, *sereia*, *gato*, *rato*, *borboleta*, *cobra* etc.), nomes de sentido locativo ou de espaço delimitado (*praça*, *esquina*, *escola*, *igreja*, *cidade*, *ponte*, *porto*, *viaduto*, *gaveta*, *caixa* etc.), inanimados (*pedra*, *montanha*, *vento* etc), nomes de estados psicológicos (*ódio*, *amor*, *paixão*, *desânimo*, etc);

(ii) adjetivos atributivos com sentido valorativo (*moderno, bom, mau, bonito, honesto* etc.).

Quanto às restrições morfológicas, *-ecer/-esc(er)* não se adjunge a nomes ou adjetivos derivados: *distribuição, beleza, honestidade, planejamento, feiúra, negociador, plantadeira, concorrente, intimidade, louvável, individual, gostoso, cheiroso, envergonhado* etc.

6.3.1.4 *Resíduos*

Os verbos *conhecer* (*cōgnōscĕre*), *rejuvenescer* (*rejuvenescĕre*) e *resplandescer* (*resplendĕscĕre*) formaram-se no próprio latim, assim como os verbos *adormecer, falecer, padecer, parecer* e *enrubescer*, que são as formas incoativas de *dormĭre, fallĕre, pāti, parĕre* e *rubĕscĕre*, respectivamente (FERREIRA 2004; CUNHA 1986). Sincronicamente, o morfema aspectual *-ec(er)/-esc(er)* só se concatena com raízes que integram nomes ou adjetivos (COUTINHO 1976; SAID ALI 2001).

6.3.1.5 *Resumo*

O morfema *-ec(er)/-esc(er)* atribui o traço aspectual [+incoativo/inceptivo] às derivações, que passam a expressar incoatividade ou causatividade e expressam imperfectividade. Alguns verbos derivados aceitam a alternância causativo-incoativa. (*enfurecer, enraivecer, florescer, ensurdecer* etc.).

As formas internas às derivações pertencem:

a) à Classe I – nomes que expressam nomeação/designação, produzindo as derivações *anoitecer, alvorecer, favorecer, florescer* etc., que exibem dois diferentes moldes morfossintáticos. Essas formações derivadas têm a representação estrutural e a representação da estrutura de evento ilustradas nas árvores (32) a (35), (37) e (38). Esta Classe não se mostrou produtiva na formação de verbos com *-ec(er)/-esc(er)*.

b) à Classe II – adjetivos que expressam eventualidades de estado, propriedade ou atributo, resultando nas derivações *amadurecer, apodrecer, enlouquecer, umedecer* etc., que apresentam duas configurações morfossintáticas e têm a representação estrutural e a representação da estrutura de evento ilustradas em (40), (41) e (42). Esta Classe de raízes revelou-se bastante produtiva na formação de verbos com *-ec(er)/-esc(er)*.

Os traços semânticos dos nomes ou adjetivos internos às formações são compatíveis com a idéia de “início de processo” ou

“mudança de estado”. As derivações consistem majoritariamente de verbos parassintéticos que denotam eventualidades de mudança de estado, pois expressam o evento de o argumento do verbo adquirir a propriedade expressa pelo nome ou adjetivo interno à formação.

Os verbos derivados denotam, normalmente, duas eventualidades. Nos verbos que expressam incoatividade (*amanhecer, florescer, entalecer* etc.), um evento é interpretado como causado pelo processo verbal e o outro evento é a mudança de estado denotada pelo DP. Já nos verbos que expressam causatividade (*enaltecer, fortalecer, favorecer* etc.), as raízes verbais modificam o DP complemento, que, por sua vez, passa a denotar um evento de mudança de estado.

O significado de uma forma derivada é composicional, pois é construído fase a fase, através da soma da semântica da raiz com a dos traços aspectuais dos morfemas derivacionais que compõem a derivação. A morfologia derivacional obedece, portanto, às imposições de ordem semântico-aspectual apresentadas pelas raízes e pelos morfemas derivacionais.

Passemos agora ao estudo do morfema sufixal *-iz(ar)*.

6.3.2 SUFIXO *-IZ(AR)*

Proveniente do sufixo latino *-izāre*, forma modificada do grego *-izein* (COUTINHO 1976), o morfema sufixal *-iz(ar)* forma verbos derivados a partir da adjunção a raízes de substantivos ou adjetivos.

Observemos abaixo as formações derivadas:

6.3.2.1 Formações derivadas verbais

As derivações com *-iz(ar)* estão divididas em dois grupos, de acordo com o traço semântico das raízes internas às formações e a estrutura de evento que expressam⁵⁷: derivações com nomes que expressam nomeação/designação, ou adjetivos que denotam eventualidades predicativas, atributivas ou relacionais. Vejamos primeiramente os verbos derivados que têm nomes como raízes internas:

6.3.2.1.1 Derivações com nomes que expressam nomeação/designação

⁵⁷ As impossibilidades de combinação com o sufixo *-iz(ar)* serão tratadas na seção 6.3.2.3.

alfabetizar, anarquizar, aterrorizar, arborizar, autorizar, avalizar, canalizar, capitalizar, caracterizar, categorizar, catequizar, cateterizar, colonizar, computadorizar, dogmatizar, economizar, encabelizar, encolerizar, envernizar, fabulizar, feitorizar, feminizar, fiscalizar, harmonizar, hierarquizar, higienizar, horoscopizar, horrorizar, hospitalizar, idilizar, islamizar, jesuitizar, magnetizar, marmorizar, martirizar, maste-rizar, monopolizar, moralizar, organizar, padronizar, pantanizar, parabenizar, patentizar, patrizar, politizar, pulverizar, radiofonizar, ruborizar, satirizar, simbolizar, teorizar, uniformizar, valorizar, vaporizar etc.

As derivações acima denotam causatividade [“tornar-se X-ado”], em que X representa a raiz dos nomes internos às formações, como mostram os exemplos em (43), abaixo:

- (43) a. Maria quer *alfabetizar* as crianças da creche.
 b. A previsão de novas enchentes *aterroriza* a população.
 c. A prefeitura vai *canalizar* o Rio Belém.

Além disso, as derivações portam um sentido factitivo, isto porque o morfema *-iz(ar)*⁵⁸ atribui às raízes, além do traço aspectual causativo, o traço factitivo, que denota “atribuição de uma qualidade ou modo de ser” (LYONS 1979), como se pode verificar nos exemplos em (44):

- (44) a. Precisou *envernizar* as janelas da casa.
 b. Contratou um pedreiro para *marmorizar* o banheiro.
 c. Tentou *crystalizar* o açúcar.
 d. A intenção do autor era *satirizar* a peça.
 e. O inventor tentou *patentizar* o seu invento.
 f. Aquela empresa pretende *monopolizar* as rotas marítimas.

Tanto os exemplos em (43) como em (44) mostram que as derivações portam as propriedades dos nomes incluídos em sua formação; ou seja, denotam o evento de o argumento interno do verbo adquirir a propriedade ou estado expresso pelo nome interno à formação: em (43a), o verbo derivado indica que as crianças “tornaram-

⁵⁸ A combinação [-iz-ar] é obrigatória e única e, assim como ocorre com [-ec-er], a exigência deve ser morfológica e não semântica.

se alfabetizadas”; em (43b), o verbo indica que “a população tornou-se aterrorizada” etc.; em (44a), o verbo derivado indica que “as janelas tornaram-se envernizadas/adquiriram as características do verniz”; em (44b), *marmorizar* indica que o banheiro “tornou-se marmorizado/adquiriu as características do mármore”, e assim por diante.

As formações derivadas apresentam duas configurações morfosintáticas:

(i) [raiz + morfema nominalizador *-a/-e/-o/-ão*/morfema zero + morfema *-iz-* + morfema verbal *-ar*], como *hierarquizar*, *alfabetizar*, *higienizar*, *canalizar*, *padronizar* etc;

(ii) [morfema prefixal *a-/en-* + raiz + morfema nominalizador *-a/-o*/morfema zero + morfema *-iz-* + morfema verbal *-ar*], como os verbos parassintéticos *encolerizar*, *aterrorizar*, *envernizar* etc.

Os verbos derivados listados em 6.3.2.1.1, que têm como formas internas os nomes *verniz*, *mármore*, *crystal*, *magneto* e *pântano* formam, segundo Hale e Keyser (1993), verbos de *locatum* ou *verbos de coisa localizada* – *envernizar*, *marmorizar*, *crystalizar*, *macadamizar* etc. – os quais, além da noção de causatividade, atribuem ao seu argumento interno as características inerentes aos nomes que integram as formações, como mostram os exemplos em (2a, b, c). Os nomes *fábula*, *idílio*, *sátira*, *horóscopo*, *vapor*, *patente*, *padrão*, *matriz*, *master*, *monopólio* e *Islame*, por sua vez, que também integram os verbos derivados, formam *verbos de criação* (HALE e KEYSER 1993) – *fabulizar*, *idilizar*, *satirizar*, *vaporizar* etc. – que criam objetos representacionais e que, além da noção de causatividade, atribuem ao seu argumento interno as propriedades inerentes aos nomes que designam, como mostram os exemplos em (44d, e, f), acima.

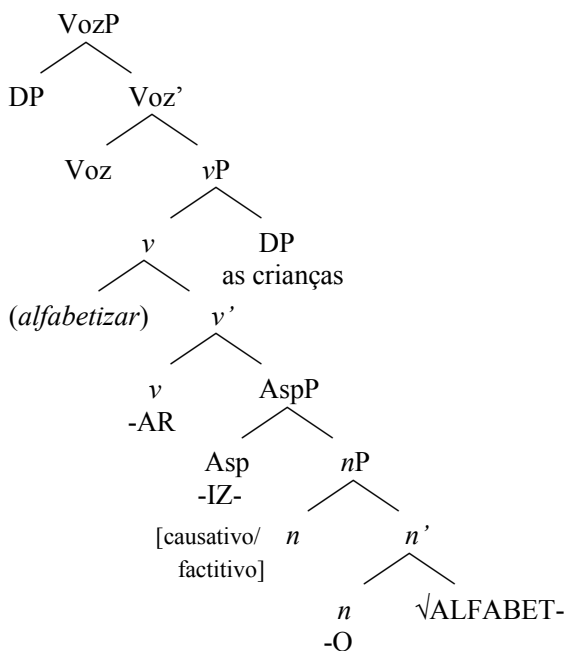
Os verbos causativos derivados são compostos morfologicamente de um morfema verbal causativo e expressam a relação entre um causador e um evento causado, configurando, portanto, um predicado de dois lugares (ALSINA 1992): uma entidade X promove a passagem de uma entidade Y de um estado para um outro estado – o argumento interno do verbo é então transformado (GODOI 1992). Para Di Sciullo (1997), o morfema sufixal *-iz(ar)* funciona como núcleo do verbo, fornecendo a semântica causativo-incoativa à estrutura de que faz parte.

As formas internas às derivações pertencem à Classe I (raízes que expressam nomeação/designação) e se concatenam com o morfema causativo/factitivo *-iz(ar)* para formar derivações que denotam

eventualidades de mudança de estado causadas no argumento interno do verbo.

A árvore em (45), abaixo, ilustra a representação estrutural e a representação sintática da estrutura de evento das formações relacionadas em 6.3.2.1.1, que exibem a configuração morfossintática descrita em (i):

(45) *alfabetizar*



A estrutura bi-eventiva em (45) mostra que o *v* eventivo atribui à forma *alfabetizar*⁵⁹ o traço ‘modificador de evento’, que, por sua vez, causa um evento de mudança de estado no DP *as crianças*, que passam do estado de “não alfabetizadas” para o de “alfabetizadas”. Há então o evento de “alfabetizar”, que é a causa, e o outro evento é o efeito causado no DP. O núcleo de Voz, adjungido acima de *vP* relaciona o

⁵⁹ As mudanças morfofonêmicas ocorridas nas derivações com *-iz(ar)* serão tratadas na seção 6.3.2.2.

evento ao argumento externo, já que *-iz(ar)* projeta uma posição argumental de especificador com agentividade (DI SCIULLO 1997).

Como veremos adiante, a representação da estrutura de evento bi-eventiva será uma constante nas formações derivadas com *-iz(ar)*.

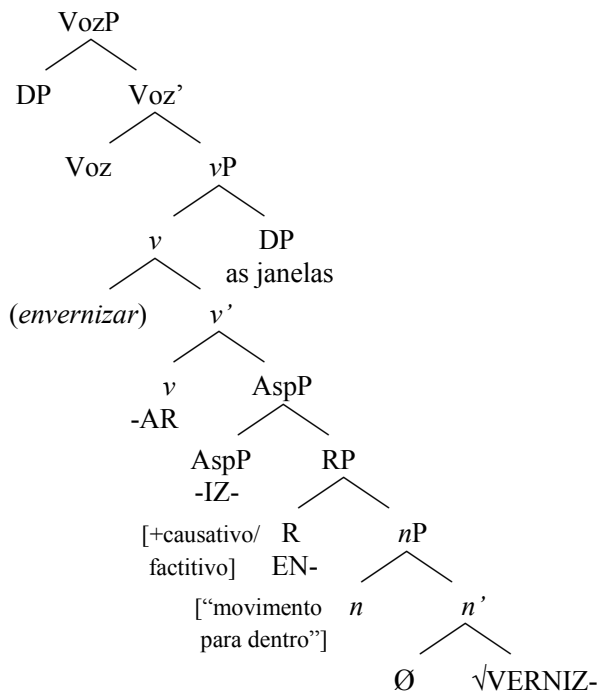
A derivação da forma *alfabetizar* segue os seguintes passos:

1º) a raiz $\sqrt{\text{ALFABET-}}$ entra na derivação e é concatenada ao Item de Vocabulário -O, que está inserido no núcleo funcional nominalizador *n*, formando *alfabeto*, que designa um sistema de escrita. Aqui se fecha um domínio cíclico;

2º) o morfema -IZ-, inserido no núcleo funcional Asp, porta o traço aspectual [+causativo/factitivo] e é semanticamente compatível com o traço semântico da raiz;

3º) a forma *alfabeto* concatena-se com o morfema *-iz-* e com o morfema *-ar*, já que há compatibilidade entre os traços semântico-aspectuais da raiz e dos afixos, formando *alfabetizar*, que incorpora em seu significado a propriedade do nome interno à formação. Aqui se fecha outro domínio cíclico.

O diagrama em (46), abaixo, ilustra a constituição formal e a representação da estrutura de evento das formações derivadas parassintéticas *aterrorizar*, *encabelizar*, *encolerizar* e *envernizar*, listadas em (a), que exibem o molde morfossintático descrito em (ii), acima:

(46) *envernizar*

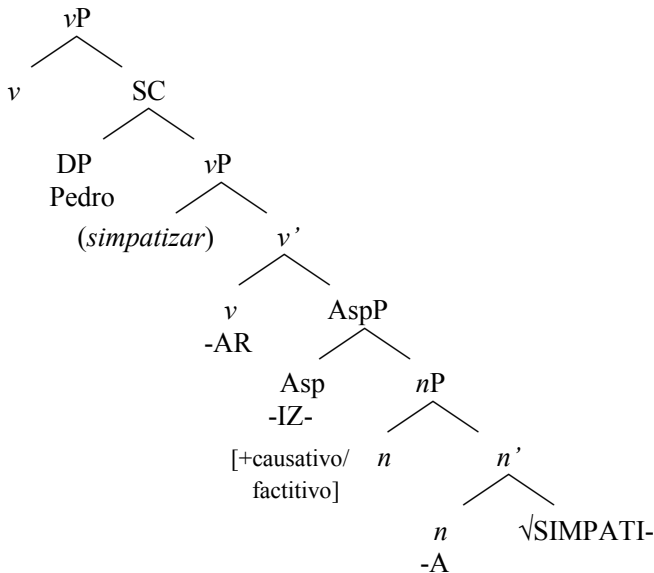
A representação em (46) revela que em *envernizar* há duas fronteiras cíclicas. A primeira fronteira fecha-se com a forma *verniz*, no domínio de *n*, e a segunda fecha-se no domínio de *v* com a forma *envernizar*, que porta a propriedade do nome interno à derivação e denota “passar verniz em/atribuir as características do verniz a”.

A estrutura bi-eventiva em (46) mostra que há o evento de “envernizar”, que é a causa, e o outro evento é a mudança de estado causada no DP, que permite a interpretação causativa.

Para as derivações *simpatizar* e *antipatizar*, assim como *parabenizar*, que denotam estados psicológicos e têm experienciadores como argumentos externos e não agentes (“Pedro *simpatiza/antipatiza* com a nova secretária”), proponho a representação estrutural e a representação

da estrutura de evento ilustrada em (47)⁶⁰:

(47) *simpatizar*



Simpatizar tem dois domínios sintáticos: *n* e *v*. A representação em (47) mostra ainda que *simpatizar* tem uma interpretação incoativa e que a propriedade do nome interno à formação (*simpatia*) é atribuída ao DP argumento externo do verbo. Uma eventualidade é introduzida por *v* e a outra eventualidade é a mudança de estado denotada pelo DP, codificada na *small-clause* (cf. MARANTZ 2005a, 2005b; 2006a; 2007a, 2007b).

Observemos a seguir o segundo grupo de formações derivadas com *-iz(ar)*.

As formações derivadas que têm como formas internas raízes de adjetivos podem ser divididas em dois grupos, dependendo do traço

⁶⁰ *Simpati(a)* – do latim *sympathīa*, derivada do grego *sym-+pátheia* – e *antipati(a)* – do latim *antipathīa*, derivada do grego *anti-+pátheia* – funcionavam já em latim como raízes (CUNHA 1986).

semântico das raízes internas e as eventualidades que denotam: (i) formações que denotam eventualidades predicativas ou atributivas; (ii) formações que denotam eventualidades relacionais. Esses dois grupos estão detalhados abaixo:

6.3.2.1.2 Derivações com adjetivos que denotam eventualidades predicativas ou atributivas

amenizar, aromatizar, atualizar, banalizar, barbarizar, catolicizar, civilizar, concretizar, confraternizar, cristianizar, democratizar, divinizar, enfatizar, esterilizar, fatalizar, fertilizar, fidelizar, flexibilizar, fraternizar, galicizar, hostilizar, humanizar, iberizar, idiotizar, igualizar, imbecilizar, impermeabilizar, imunizar, japonizar, latinizar, localizar, logicizar, lusitanizar, maleabilizar, masculinizar, maximizar, militarizar, modernizar, oralizar, paganizar, palatinizar, paralelizar, partidizar, passivizar, pauperizar, permeabilizar, pluralizar, polemizar, prestabilizar, realizar, responsabilizar, rivalizar, romanizar, singularizar, sintetizar, solenizar, sonorizar, suavizar, tranqüilizar, utilizar, viabilizar, volatilizar etc.

As formações derivadas acima expressam processos e exibem sete diferentes moldes morfossintáticos:

(i) [raiz + morfema adjetivador *-a/-e/-o/* morfema zero + morfema *-iz-* + morfema verbal *-ar*], como *idiotizar, imunizar, concretizar, amenizar, rivalizar* etc.;

(ii) [raiz + morfema nominalizador *-o* + morfema adjetival *-ário* + morfema *-iz-* + morfema verbal *-ar*], como *partidizar*;

(iii) [raiz + morfema nominalizador *-a/-e/-ia* + morfema adjetival *-ico* + morfema *-iz-* + morfema *-ar*], como *aromatizar, democratizar e enfatizar*;

(iv) [raiz + morfema *-ico* + morfema *-iz-* + morfema *-ar*], como *galicizar, logicizar e polemizar*;

(v) [raiz + morfema verbal + morfema *-bil/-vel* + morfema *-iz-* + morfema *-ar*], como *flexibilizar*⁶¹ e *responsabilizar*⁶²;

⁶¹ *Flexível* (>*flexibilizar*) é derivado de *flexum*, supino do verbo latino *flectĕre* (*flectir* “curvar, dobrar”) (HOUAISS 2009).

⁶² *Responsável* (>*responsabilizar*) é adaptação do francês *responsable*, derivado do latim *responsus, participio passado do verbo latino respōndĕre* (CUNHA 1986).

(vi) [raiz + morfema verbal -ar + morfema -vel/-bil- + morfema -iz- + morfema -ar], como *maleabilizar*, *permeabilizar*, *prestabilizar* e *viabilizar*;

(vii) [morfema prefixal im- + raiz + morfema verbal -ar + morfema -vel/-bil- + morfema -iz- + morfema verbal -ar], como *impermeabilizar*.

Os verbos derivados podem denotar tanto [“tornar-se X”] como [“tornar-se X-ado”], em que X representa o adjetivo interno ao verbo: *amenizar a conversa* tanto indica que “a conversa tornou-se amena como amenizada”; *democratizar o país* indica que “o país tornou-se democrático/democratizado”, *viabilizar a viagem* significa que “a viagem tornou-se viável/viabilizada” etc.; ou os verbos derivados podem admitir apenas a interpretação [“tornar-se X-ado”]: *localizar os dados* indica que “os dados tornaram-se localizados”, *hostilizar a funcionária* significa que “a funcionária tornou-se hostilizada”, *esterilizar os instrumentos* indica que “os instrumentos tornaram-se esterilizados” etc.

Os adjetivos predicativos ou atributivos internos às derivações denotam “modo ou maneira” (*ameno*, *bárbaro*, *concreto*, *fiel*, *idiota*, *solene*, *banal*, *fértil*, *fatal* etc.), doutrinas ou orientações (*católico*, *cristão*, *pagão*, *partidário*, *democrático*), possibilidades (*permeável*, *prestável*, *viável* etc.) ou são pátrios (*romano*, *lusitano*, *ibero* etc.).

As derivações pertencem à Classe II (adjetivos que denotam eventualidades predicativas ou atributivas) que, ao se concatenarem com o morfema -iz(ar), produzem verbos derivados que denotam *eventualidades de mudança de estado*, como se pode observar nos exemplos abaixo:

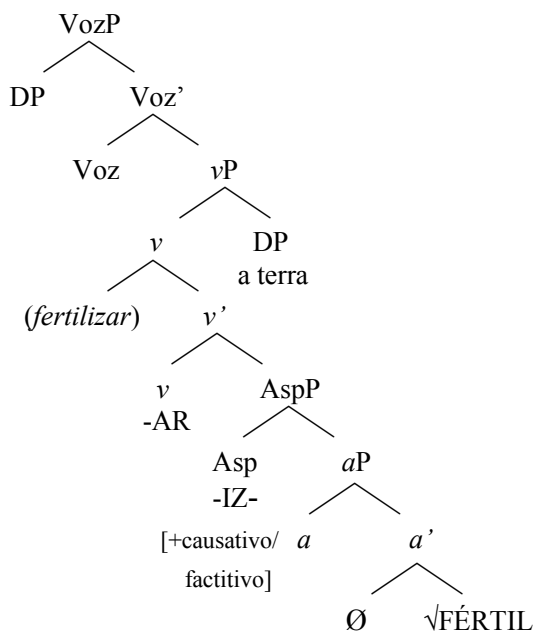
- (48) a. Maria quer *impermeabilizar* o sofá.
 b. O sofrimento o *humanizou*.
 c. Mauro conseguiu *concretizar* o sonho acalentado durante anos.
 d. A polícia o *responsabiliza* pelo acidente.
 e. Antes de plantar, o fazendeiro *fertiliza* a terra.
 f. Silvia comprou sachês para *aromatizar* o guarda-roupa.

Como podemos perceber nos exemplos acima, os argumentos internos dos verbos derivados passam por uma mudança de estado e passam a denotar “estado estável”. Em (48a), o sofá *tornar-se-á impermeável*; em (48b), (ele) *tornou-se humanizado*; em (48c), o sonho *tornou-se concreto/concretizado*, e assim por diante. O aspecto causativo/

factitivo atribuído pelo morfema *-iz(ar)* denota então um estado resultante da ação realizada pelo argumento externo do verbo – o causador – e o argumento interno do verbo é quem/o que adquire uma qualidade ou estado por iniciativa do argumento externo. Os exemplos em (48) evidenciam, portanto, que o morfema *-iz(ar)* contém o predicador CAUSA que toma dois argumentos: um causador, que pode ser um indivíduo ou um evento, e o evento causado, que é o evento realizado pela causação.

O diagrama em (49), abaixo, ilustra a estrutura formal e a representação sintática da estrutura de evento das derivações relacionadas em 6.3.2.1.2, que denotam causatividade e exibem o molde morfossintático descrito em (i), acima, como *amenizar*, *concretizar*, *rivalizar*, *atualizar*, *fertilizar*, *hostilizar*, *idiotizar*, *imunizar*, *masculinizar*, *suavizar* etc.:

(49) *fertilizar*

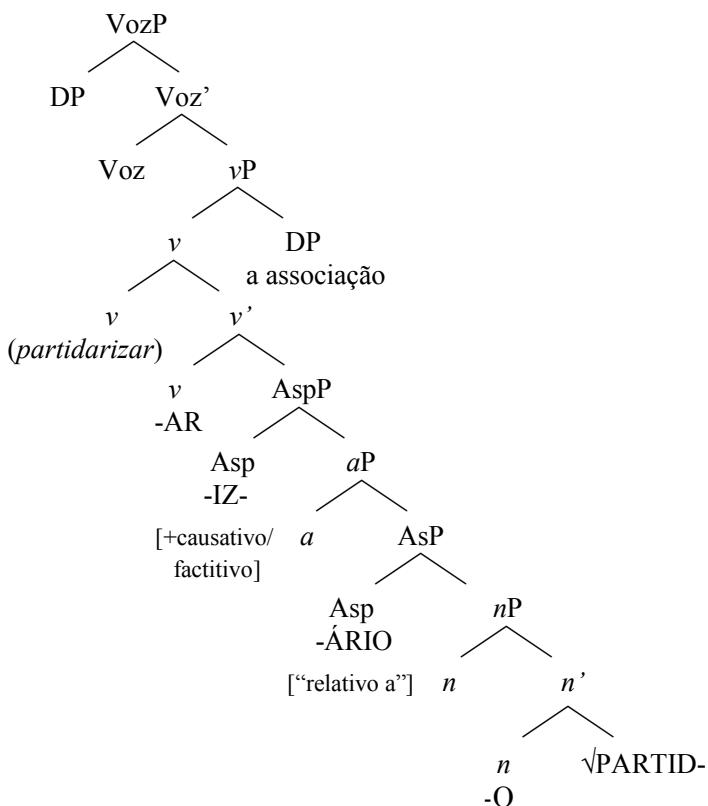


A representação acima mostra que o verbo derivado *fertilizar* tem duas fases (*a* e *v*), resultando no verbo causativo *fertilizar*, que significa

“tornar fértil”. A representação da estrutura de evento em (49) mostra que a interpretação agentivo-causativa é atribuída à forma *fertilizar*, que denota um evento, e o outro evento é o efeito causado, que legitima a interpretação causativa.

A representação estrutural e a representação sintática da estrutura de evento da derivação *partidarizar* (“O vereador quer *partidarizar* a associação dos moradores”), que denota causatividade e apresenta a configuração morfossintática descrita em (ii), está ilustrada em (50):

(50) *partidarizar*

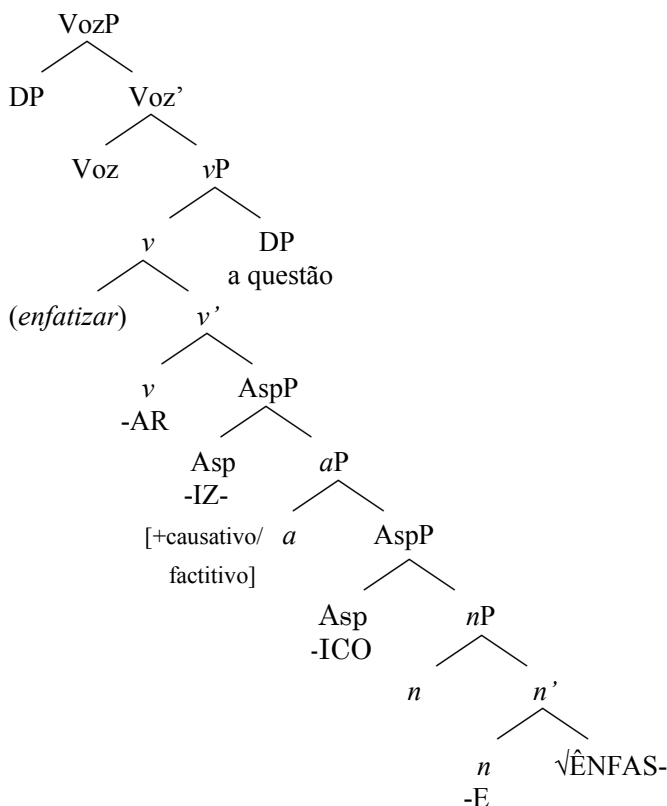


Partidarizar tem três fases (*n*, *a* e *v*), como mostra a representação acima. Esse verbo derivado denota duas eventualidades: há o evento

de “partidarizar” que é a causa, e o outro evento é o efeito causado no DP *a associação dos moradores*, que passa por uma mudança de estado de “não-partidarizada” para o de “partidarizada”. O efeito causado no DP legitima a interpretação causativa.

A árvore em (51), abaixo, ilustra a representação estrutural e a representação sintática da estrutura de evento da formação *enfaticizar* (“O governador *enfaticizou* a questão da não invasão de terras”), representando as formações causativas *aromatizar* e *democratizar*, que têm a configuração morfossintática descrita em (iii), acima:

(51) *enfaticizar*

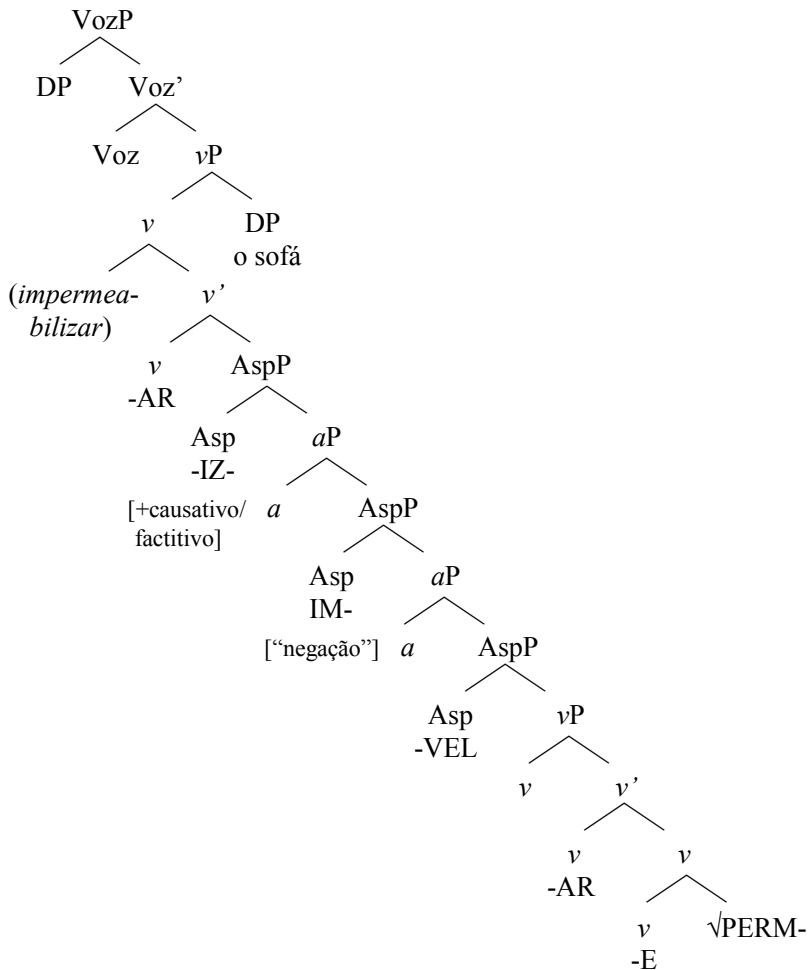


A representação em (51) mostra que *enfaticizar*, que significa “tornar enfático”, tem três domínios: *n*, *a* e *v*. A mudança de estado – mudança compatível com o processo denotado pelo verbo derivado – cau-

sada no DP *a questão*, deve-se ao traço ‘modificador de evento’ atribuído pelo *v* eventivo à forma *ênfatizar*, permitindo a interpretação causativa e revelando a ocorrência de duas eventualidades.

Para o verbo derivado causativo *impermeabilizar* (“*impermeabilizar o sofá*”), que exibe a configuração morfossintática descrita em (vii), proponho a representação em (52):

(52) *impermeabilizar*



Como se vê em (52), a constituição formal da derivação *impermeabilizar* tem quatro domínios sintáticos (*v*, *a*, *a* e *v*), resultando no verbo derivado *impermeabilizar*, que significa “tornar impermeável” ou “tornar não-permeável”. A estrutura de evento/argumento de *impermeabilizar* denota duas eventualidades: há o evento de “impermeabilizar”, que é a causa, e o evento de mudança de estado causada no DP *o sofá*.

Passemos ao segundo grupo das formações verbais que têm adjetivos como raízes internas:

6.3.2.1.3 Derivações com adjetivos que denotam eventualidades relacionais

brutalizar, centralizar, circularizar, comercializar, escolarizar, espiritualizar, familiarizar, federalizar, finalizar, formalizar, generalizar, idealizar, imortalizar, impessoalizar, individualizar, industrializar, infantilizar, integralizar, intelectualizar, internacionalizar, irracionalizar, internalizar, racionalizar, jovializar, labializar, legalizar, liberalizar, linearizar, materializar, nacionalizar, nasalizar, naturalizar, neutralizar, palatalizar, parcializar, parlamentarizar, particularizar, peculiarizar, penalizar, personalizar, pluralizar, popularizar, prodigalizar, racionalizar, radicalizar, regionalizar, regularizar, socializar, totalizar, velarizar, verbalizar, vitalizar, vocalizar, vulgarizar etc.

Os verbos derivados relacionados acima denotam *eventualidades de mudança de estado*, expressam causatividade [“tornar-se X-ado”], em que X representa o adjetivo interno ao verbo: *centralizar* significa “tornar-se centralizado”, *industrializar* indica “tornar-se industrializado”, *materializar* significa “tornar-se materializado” etc.

As derivações pertencem à Classe II (adjetivos que denotam eventualidades predicativas ou atributivas) e apresentam os seguintes moldes morfossintáticos:

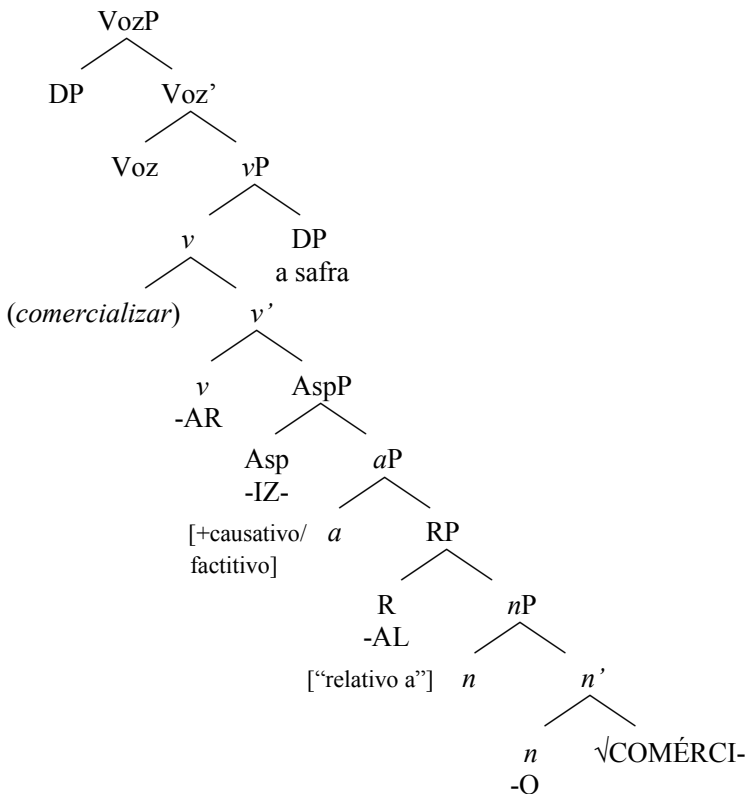
(i) [raiz + morfema nominalizador/adjetivador + morfema relacional *-al/-ar* + morfema *-iz-* + morfema verbal *-ar*], como *brutalizar, penalizar, nasalizar* etc.,

(ii) [morfema prefixal *i-/im-/inter-* + raiz + morfema nominalizador *-a/-e/-o* + morfema relacional *-al* + morfema *-iz-* + morfema *-ar*], como *imortalizar, impessoalizar, irracionalizar* e *internacionalizar*.

Os adjetivos relacionais internos às derivações, segundo McNally e Boleda (2004), modelam como entidades os nomes dos quais provêm. As formações derivadas têm majoritariamente origem denominal: *família/familiar*, *indústria/industrial*, *razão/racional*, *círculo/circular*, *escola/escolar* etc.; alguns têm origem deadjetival: *bruto/brutal*, *jovem/jovial*, *todo/total*, *neutro/neutral* etc.

As derivações listadas acima que apresentam o molde morfossintático descrito em (i) têm a representação estrutural e a da estrutura de evento em (53), que ilustra a estrutura do verbo derivado *comercializar* em “Pedro *comercializou* a safra”:

(53) *comercializar*

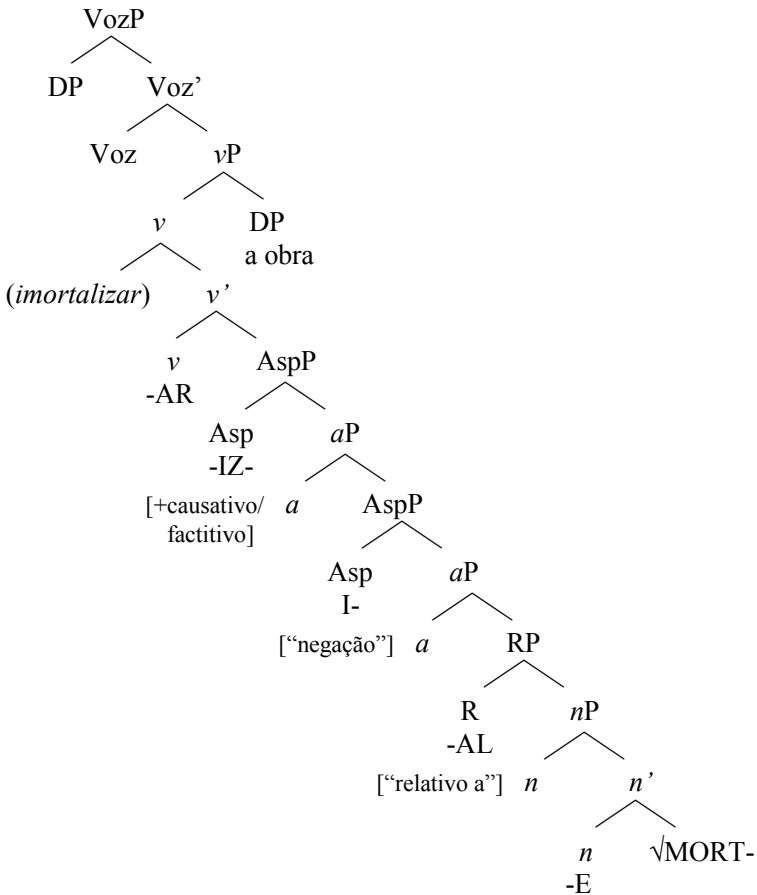


Na formação *comercializar* há três fases: uma para o núcleo funcional *n*, que se adjunge à raiz, outra para o núcleo funcional *a*, e outra

fase para o núcleo funcional *v*. A interpretação bi-eventiva resulta do evento de “comercializar”, que é a causa, e o outro evento é o efeito causado no DP *a safra*, que passa do estado de “não comercializada” para o de “comercializada”. O verbo derivado *comercializar* denota então uma *eventualidade de mudança de estado*.

Para os verbos derivados *imortalizar* (“O autor queria *imortalizar* a sua obra”), *impessoalizar* (“O diretor tentou *impessoalizar* o ambiente de trabalho”) e *internacionalizar* (Bruno atuou para *internacionalizar* a sua música”), que apresentam a configuração morfosintática descrita em (ii), acima, proponho a representação em (54):

(54) *imortalizar*



A representação estrutural em (54) mostra que a derivação *imortalizar* é composta de quatro fases (*n*, *a*, *a* e *v*). O argumento interno do verbo, *a obra*, é que adquire a propriedade introduzida pelo adjetivo interno à derivação (*imortal*). A estrutura bi-eventiva de *imortalizar* denota que uma eventualidade é a causação (“imortalizar”) e a outra eventualidade é a mudança de estado causada no DP (de “não-imortalizada” para o de “imortalizada”).

A seguir, serão examinadas as alternâncias morfossintáticas ocorridas no corpo fônico das raízes e afixos.

6.3.2.2 Regras de Reajustamento Fonológico

As Regras de Reajustamento Fonológico determinam as seguintes alternâncias no contexto morfossintático das formações derivadas:

a) elisão: da vogal *-i* do morfema *-iz-* com as vogais *-a*, *-e* e *-o* dos morfemas temáticos no momento da concatenação: *idiota* > *idiotizar*, *solene* > *solenizar*, *alfabeto* > *alfabetizar*, *romano* > *romanizar*, *gálico* > *galicizar*, *católico* > *catolicizar* etc.;

b) apócope: supressão do morfema *-ico* em contato com *-iz-*: *polêmico* > *polemizar*, *política* > *politizar*, *enfático* > *enfatizar*. Já em *pátria* > *patrizar* ocorre a supressão dos fonemas finais da raiz;

c) *haplogogia*: supressão da sílaba final ou dos fonemas finais da raiz quando esta contiver fonemas idênticos aos do sufixo *-iz-*: *verniz* > *envernizar* e *matriz* > *matrizar*;

A adjunção do morfema *-iz-* à raiz ocorre sem alteração morfofonológica se a raiz for destituída de morfema temático: *real* > *realizar*, *final* > *finalizar*, *escolar* > *escolarizar*, *circular* > *circularizar* etc.

Nas formações *flexível* > *flexibilizar*, *maleável* > *maleabilizar*, *responsável* > *responsabilizar*, *impermeável* > *impermeabilizar*, *prestável* > *prestabilizar* e *viável* > *viabilizar* ocorre alomorfia: *-vel* (final) e *-bil-* (medial) são contextualmente determinados, isto é, ocorrem em contextos exclusivos.

6.3.2.3 Raízes com semântica não compatível com o traço aspectual de *-iz(ar)*

O morfema *-iz(ar)*, por atribuir o traço aspectual [+causativo/factitivo] às suas derivações, só se combina com raízes de nomes e adje-

tivos que sejam compatíveis com a interpretação “estado estável” ou “aquisição de uma qualidade ou estado resultante da ação realizada pelo argumento externo do verbo”.

Por essa razão, nomes que designam seres ou animais (*homem, cavalo, Deus, sapo, jacaré* etc.), nomes de sentido locativo ou de espaço delimitado (*colégio, supermercado, bolso, garrafa, curral* etc.), nomes de inanimados (*terra, céu, ar* etc), nomes de estados psicológicos (*inveja, paixão, raiva* etc), e adjetivos atributivos que têm conotação valorativa (*bom, mau, bonito, feio, honesto* etc.) são alguns exemplos de raízes que não se combinam com o traço aspectual presente no morfema sufixal.

Os adjetivos que indicam cores, como *preto, branco, amarelo, verde* etc. também não se combinam com o traço causativo/factivo de *-iz(ar)*, mas sim, como vimos em 6.3.1, com o traço incoativo de *-ecer/-escer*.

Quanto às restrições morfológicas, *-iz(ar)* não se une a nomes derivados (*alagamento, distribuição, organização, competitividade, anuidade, complementaridade* etc.) e a adjetivos derivados em *-oso* (*majestoso, grandioso, gostoso* etc.).

6.3.2.4 *Resumo*

O morfema *-iz(ar)* contém o predicador CAUSA que toma dois argumentos: um causador, que pode ser um indivíduo ou um evento, e o evento causado. Ao se unir a nomes ou a adjetivos, *-iz(ar)* atribui ao argumento interno do verbo uma propriedade, um atributo ou um estado denotado pelo nome ou adjetivo interno à formação devido ao outro traço aspectual do morfema (além do traço causativo), que é o traço factitivo.

Esse sufixo é produtivo com nomes ou adjetivos que possibilitem a aquisição da propriedade denotada pelo substantivo ou adjetivo (*higiene, rubor, uniforme, mármore, verniz, ameno, bárbaro, divino, idiota, computador, alfabeto* etc), nomes ou adjetivos que se refiram a doutrinas (*dogma, cristão, católico, pagão* etc.), adjetivos pátrios (*romano, lusitano, ibero* etc.), adjetivos relacionais (*central, enfático, regular* etc.) e adjetivos que denotem “possibilidade” (*maleável, flexível, viável* etc.). O levantamento dos dados revelou que *-iz(ar)* se combina mais facilmente com adjetivos.

A semântica dos nomes ou adjetivos que se combinam com *-iz(ar)* é compatível com a idéia de “estado estável” ou “qualidade ou

estado resultante da ação realizada pelo argumento externo do verbo”. O argumento interno do verbo é quem/o que adquire uma qualidade ou estado por iniciativa do argumento externo do verbo; por isso, as derivações denotam eventualidades de mudança de estado.

Os verbos derivados, com exceção de *simpatizar*, *antipatizar* e *parabenizar*, expressam, via de regra, causatividade, e denotam duas eventualidades. As raízes, com o traço ‘modificador de evento’ (causa), modificam o DP complemento, que passa a denotar um evento de mudança de estado (efeito causado);

As formas internas às derivações são nomes ou adjetivos que pertencem:

a) à Classe I – nomes que expressam nomeação/designação, resultando nas derivações *alfabetizar*, *canalizar*, *aterrorizar*, *envernizar* etc. As árvores em (45), (46) e (47) ilustram a representação estrutural e a decomposição sintática das formações dessa Classe, que exibem dois diferentes moldes morfossintáticos;

b) à Classe II – (i) adjetivos que expressam eventualidades predicativas ou atributivas, produzindo *imunizar*, *partidarizar*, *aromatizar*, *flexibilizar*, *viabilizar*, *impermeabilizar* etc., Essas formações apresentam sete diferentes configurações morfossintáticas e têm a representação estrutural e a representação da estrutura de evento ilustradas nas árvores (49) a (52); (ii) adjetivos que denotam eventualidades relacionais, resultando nas derivações *brutalizar*, *penalizar*, *imortalizar*, *internacionalizar* etc. Essas derivações exibem dois moldes morfossintáticos e têm a representação estrutural e a representação da estrutura de evento ilustradas em (53) e (54).

O significado de uma forma derivada é composicional, pois é construído fase a fase, através da amálgama da semântica da raiz com os traços aspectuais inerentes aos morfemas derivacionais que compõem a derivação. A morfologia derivacional obedece, portanto, às restrições de combinação de ordem semântico-aspectual apresentadas pelas raízes e pelos morfemas derivacionais e isso se dá na construção de estruturas fase a fase.

6.3.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adjunção das raízes aos núcleos doadores de categoria morfossintática só ocorre se houver compatibilidade entre os traços semânticos das raízes e os traços aspectuais dos morfemas derivacionais.

Esta interação entre os traços é que explica por que raízes como *golp-*, *camp-* e *pedr-*, por exemplo, não se concatenam com o morfema verbal causativo/factitivo *-iz(ar)* – (**golpizar*, **campizar*, **pedrizar*) – e nem ao morfema verbal incoativo/inceptivo *-ec(er)/-esc(er)* – (**golpecer*, **campecer*, **pedrecer*) – e sim ao morfema verbal *ear/-ejar* (*golpear*, *campear/campejar*, *apedrejar*), que indica “continuidade da ação expressa”, visto que as raízes *golp-*, *camp-* e *pedr-* não admitem a interpretação “estado estável” ou “aquisição de uma qualidade ou estado resultante atribuída pelo morfema *-iz(ar)*, e nem de “início de processo” ou “mudança de estado” atribuída pelo morfema *-ec(er)/-esc(er)*.

As formações derivadas com o morfema *-ec(er)/-esc(er)* expressam incoatividade ou causatividade. As formas internas às derivações são raízes de nomes ou de adjetivos cujos traços semânticos são compatíveis com a idéia de “início de processo” ou “mudança de estado”. As derivações denotam eventualidades de mudança de estado porque expressam o evento de o complemento do verbo adquirir a propriedade expressa pelo nome ou adjetivo interno à formação. Os verbos assim derivados denotam, normalmente, duas eventualidades.

As formações derivadas com o morfema *-iz(ar)* expressam causatividade e denotam eventualidades de mudança de estado, pois *-iz(ar)* atribui ao argumento interno do verbo uma propriedade, um atributo ou um estado denotado pelo nome ou adjetivo interno à formação devido ao traço factitivo do morfema aspectual. Os verbos assim derivados denotam duas eventualidades.

O significado de uma forma derivada é composicional. Nas formações derivadas existe, portanto, uma correspondência entre a estrutura da formação e a significação das palavras resultantes.

7. CONCLUSÃO

Esta tese descreveu e analisou as formações derivadas com os prefixos *des-* e *re-*, os sufixos nominais *-nte* e *dor/-tor/-sor*, e os sufixos verbais *-ec(er)/-esc(er)* e *-iz(ar)*, por meio da interação entre a morfologia e a sintaxe, a semântica e a fonologia, usando para a análise o quadro formal da Morfologia Distribuída (HALLE e MARANTZ 1993, 1994; MARANTZ 1996, 1997), com o intuito de estabelecer alguns princípios que pautam a derivação, e representar e descrever as eventualidades que as formações derivadas denotam.

A análise das formações derivadas revelou que os prefixos selecionam a base com a qual se combinam e a seleção envolve tanto a categoria como certas características semânticas da base.

Des- é fundamentalmente um prefixo verbal e altamente produtivo quando se une a verbos que permitam que a ação ou o estado seja desfeito (*desmontar, desconstruir, desconfiar* etc.). Une-se mais comumente a verbos que tenham dois argumentos, adicionando-lhes o sentido de [“oposição/contrário de”]. Nas eventualidades que as formações derivadas denotam há o pressuposto de que uma ação foi praticada ou uma situação foi estabelecida anteriormente para então ser levada a efeito uma ação/situação contrária, que é denotada pelo morfema prefixal. *Des-* une-se a alguns substantivos primitivos abstratos e tem-se como resultado um substantivo derivado que expressa [“ausência ou falta de X”] (*deságio, desamor, desordem* etc.). Une-se também a alguns adjetivos primitivos (*desleal, descontente, deselegante* etc.) ou derivados em *-oso* ou *-eiro* (*desatencioso, desonroso, desordeiro* etc.), acrescentando-lhes o sentido de [“negação/contrário de”] e o adjetivo derivado tem o sentido de [“que não é X”]. Em suma, a idéia de negação expressa por *des-* assume a interpretação específica de [“oposição”] quando este afixo estiver no ambiente de um *v* que denote estados psicológicos ou mentais, (modos de) atividade, processos, eventos de criação, destruição ou de tema incremental, que permitam que o estado ou ação seja desfeito. Assume a interpretação de [“ausência ou falta de”] quando no ambiente de um *n* que denote estados emocionais, sentimentos, maneira/modo ou ato. Assume a interpretação de [“negação/contrário de”] no ambiente de um *a* que denote estado ou propriedade.

Re- é um prefixo eminentemente verbal. Com o traço aspectual de reiteração, une-se a formas verbais transitivas que admitam ou que sejam compatíveis com a possibilidade de repetir ou refazer a ação realizada. As formações derivadas denotam “ação refeita” ou “estado

resultante”. Com o sentido de reiteração, exhibe grande produtividade na língua portuguesa. Os verbos transitivos prefixados com *re-* não expressam a repetição da atividade descrita por toda a predicação, mas a reocorrência da mudança de estado ou a reocorrência do estado dentro do *vP*, ou seja, *re-* tem como alvo o evento interno e as formações derivadas denotam duas eventualidades. Já nos verbos mono-argumentais prefixados com *re-* (que são poucos), o traço [+iterativo] do afixo recai sobre a ação denotada pelo verbo e, neste caso, as derivações denotam eventualidades mono-eventivas. *Re-* impõe restrição categorial a nomes e a adjetivos, já que não se une a essas categorias - isto indica que as nominalizações e as formações adjetivais prefixadas com *re-* só são efetivadas porque existem os verbos prefixados correspondentes. *Re-* atribui o traço de [iteração] quando estiver no ambiente de um *v* que denote modos de atividade, processos, eventos de criação, destruição ou de tema incremental, que permitam que a ação seja repetida ou refeita.

O sufixo *-nte* é fundamentalmente um sufixo adjetival; isto é, exhibe sua máxima produtividade na formação de adjetivos. Expressa a possibilidade de um processo se desenvolver ou de um processo em curso e ainda inconcluso; por isso, nomes e adjetivos derivados com *-nte* têm um conteúdo dinâmico/cursivo. Este sufixo forma nomes agentivos quando se concatena com verbos que denotem (modos de) atividade ou processos (*assaltante, ajudante, traficante* etc.) e forma um grande número de adjetivos quando se adjunge a verbos que denotem principalmente processos (*agonizante, paralisante, dominante* etc). Os adjetivos deverbais têm o traço imperfectivo e fazem referência a um processo que decorre, produzindo um estado. Alguns dos adjetivos derivados com *-nte* podem ocorrer substantivados (*amaciante, calmante, nutriente* etc.). As formações derivadas com *-nte* denotam um nome ou um atributo relacionado ao verbo interno às formações. No momento da inserção dos itens de vocabulário, *-nte* vence a competição pela inserção se no nó sintático estiver o traço [+cursivo].

O morfema sufixal *-dor/-tor/-sor* é essencialmente um morfema [+N] agentivo. Imprime às suas formações um conteúdo habitual, atribuindo-lhes a idéia de atividades permanentes ou constantes. As derivações nominais denotam os agentes dos verbos internos às derivações, pois *-dor* se combina com raízes de verbos que tenham um papel de agente em sua estrutura de argumento (*lutador, jogador, adestrador* etc.). Para formar os nomes derivados, *-dor* é produtivo com verbos que denotem (modos de) atividade, processos e verbos de criação, destruição ou de tema incremental. Já as derivações adjetivais

denotam um atributo relacionado ao verbo interno às formações (*encantador, batalhador, embaraçador* etc.). Para formar os adjetivos derivados, *-dor* é altamente produtivo com verbos que denotem processos. As raízes internas às formações derivadas denotam [causação externa]; daí o porquê de selecionarem um morfema [+agentivo] com aspecto habitual. No momento da inserção dos itens de vocabulário, *-dor* vence a competição pela inserção se entre os traços contidos no nó sintático estiverem os traços [+agentivo/habitual].

O sufixo *-ec(er)/-esc(er)* é fundamentalmente um morfema incoativo. Une-se a nomes e principalmente a adjetivos, atribuindo-lhes o traço aspectual [+incoativo/inceptivo]. As formações derivadas expressam imperfectividade e podem ser incoativas ou causativas; alguns verbos derivados aceitam a alternância causativo-incoativa. As derivações denotam eventualidades de mudança de estado, pois expressam o evento de o argumento externo ou interno do verbo adquirir a propriedade expressa pelo nome ou adjetivo interno à formação. Os verbos derivados denotam, normalmente, duas eventualidades. Nos verbos que expressam incoatividade, o evento é interpretado como causado por uma atividade introduzida por *v* e o outro evento é a mudança de estado denotada pelo DP. Já nos verbos que expressam causatividade, as raízes modificam o DP complemento, que passa a denotar um evento de mudança de estado. Assim, no momento da inserção dos itens de vocabulário, este morfema vence a competição pela inserção se o traço [+incoativo/inceptivo] estiver contido no nó sintático.

O morfema *-iz(ar)* é essencialmente um sufixo causativo/factitivo. Contém o predicador CAUSA, que toma dois argumentos: um causador, que pode ser um indivíduo ou um evento, e o evento causado, que é o evento realizado pela causação. Ao se unir a nomes ou a adjetivos, *-iz(ar)* atribui ao argumento interno do verbo uma propriedade, um atributo ou um estado denotado pelo nome ou adjetivo interno à formação. Os traços semânticos das formas a que *-iz(ar)* se une são compatíveis com a idéia de “estado estável” ou “qualidade ou estado resultante da ação realizada pelo argumento externo do verbo”. O argumento interno do verbo é quem/o que adquire uma qualidade ou estado por iniciativa do argumento externo do verbo; por isso, as derivações denotam eventualidades de mudança de estado. Os verbos derivados expressam, via de regra, causatividade, e denotam duas eventualidades. O morfema *-iz(ar)* vence a competição pela inserção se no nó sintático estiver o traço [+causativo/factitivo].

O estudo das formações derivadas com os afixos acima revelou que a interação entre os traços semânticos das raízes e os traços semântico-aspectuais dos afixos é que permite a realização de uma derivação e que o significado de uma forma derivada é composicional, pois é construído fase a fase, através da amálgama da semântica da raiz com os traços aspectuais dos morfemas derivacionais. Nas formações derivadas existe, portanto, uma correspondência entre a estrutura da formação e a significação das palavras resultantes.

A morfologia derivacional, por conseguinte, obedece às imposições de ordem semântico-aspectual apresentadas pelas raízes e pelos morfemas derivacionais.

BIBLIOGRAFIA

ALCÂNTARA, Cíntia da Costa. *As classes formais do português e sua constituição: um estudo à luz da teoria da Morfologia Distribuída*. Porto Alegre: PUCRS, 2002. Tese de Doutorado.

ALSINA, Alex. On the argument structure of causatives. In: *Linguistic Inquiry*. Cambridge: MIT Press, 1992. v.23, n.4, p. 517-555.

ALVES, Ieda Maria. Prefixos negativos no português falado. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado: níveis de análise lingüística*. Campinas: UNICAMP, 1993a. v. 2. p. 99-109.

_____. Formações prefixais no português falado. In: CASTILHO, A.T. *Gramática do português falado: as abordagens*. Campinas: UNICAMP, 1993b. v. 3. p. 383-398.

_____. *Um estudo sobre a neologia lexical: os microsistemas prefixais do português contemporâneo*. Tese de livre-docência. São Paulo: FFLCH-USP, 2000. 2v.

ANDERSON, Stephen R. *A-morphous morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

_____. Syntactically arbitrary inflectional morphology. In: *Yearbook of morphology*, n.4, 1991. p. 5-19.

_____. Towards a less 'syntactic' morphology and a more 'morphological' syntax. Yale University. s/d. Manuscrito.

ARAD, Maya. Are unaccusatives aspectually characterized? In: HARLEY, Heidi (ed.). *Papers from the UPenn/MIT roundtable on argument structure and aspect. MIT Working Papers in Linguistics*. Cambridge: MIT Press, 1998b, v. 32, p. 1-20.

_____. What counts as a class? The case of psych verbs. In: *Papers from the UPenn/MIT roundtable on the lexicon. MIT Working Papers in Linguistics*. Cambridge: MIT Press, 1999a, n. 35, p. 1-23.

_____. On 'little v'. In: *Papers on morphology and syntax, cycle one. MIT Working Papers in Linguistics*. Cambridge: MIT Press, 1999, n. 33, p. 1-25.

ARONOFF, Mark. *Word formation in generative grammar*. Cambridge: MIT Press, 1976.

AZEREDO, José Carlos. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BACH, Emmon. Eventualities, grammar and language diversity. In: VERKUYL, Henk; SWART, Henriette; VAN HOUT, Angeliek (eds.). *Perspectives on aspect*. Dordrecht: Springer, 2005. p. 167-180.

BARBOSA, Juliana B.; COSTA, Daniel S. Os processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos *-s/ção* e *-mento*. *Estudos Lingüísticos*, Araraquara: UNESP, 2006, n. 35, p. 1043-1051.

BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. et alii. Prefixos: a controvérsia derivação/composição. In: *Cadernos de Lingüística e Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1989. v. 1. p. 3-13.

_____. O estudo da morfologia no português falado: condições de produtividade e condições de produção. In: CASTILHO, A.T. *Gramática do português falado: as abordagens*. Campinas, 1993. v. 3. p. 364-372.

_____. Formação e uso da nominalização deverbal sufixal no português falado. In: CASTILHO, Ataliba; BASÍLIO, Margarida (org.). *Gramática do português falado: estudos descritivos*. Campinas: UNICAMP, 1996a. v. 4. p. 23-33.

_____; MARTINS, Helena. Verbos denominais no português falado. In: KOCH, Ingedore (org.). *Gramática do português falado: desenvolvimentos*. Campinas: UNICAMP, 1996b. v.6. p. 371-391.

_____. *Teoria lexical*. 5 ed., São Paulo: Ática, 1998.

_____; GAMARSKI, Léa. Adjetivos denominais no português falado. In: NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do português falado: novos estudos*. São Paulo: Humanitas, 1999.

_____. O papel da metonímia nos processos de formação de palavras: um estudo dos verbos denominais em português. In: *Revista da Abralin*, v.6, n.2, p.9-21, jul./dez. 2007.

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. *Teoria lingüística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2 ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- BONET I ALSINA, María Eulália. *Morphology after syntax: pronominal clitics in romance*. Cambridge: MIT, 1991. Doctoral Dissertation.
- BORBA, Francisco da Silva. Fonologia. In: *Introdução aos estudos lingüísticos*. 14 ed., Campinas: Pontes, 2005. p. 114-142.
- BORER, Hagit. *Structuring sense*. Oxford: Oxford University Press, 2005. v. 1 e 2.
- BORGES NETO, José. Adjetivos e gerúndios: mais do que uma coincidência. In: *Estudos Lingüísticos*, Marília, 2001, n. 31, p. 1-4.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonológico*. 2 ed., Campinas: Edição do Autor, 1998.
- CAMACHO, Roberto Gomes. O caráter formalmente complexo das nominalizações. In: *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, 2008, n. 37, p. 177-192, v. 1. jan.-abr.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 33 ed., Petrópolis: Vozes, [1970], 2001.
- _____. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4 ed., Rio de Janeiro: Padrão [1976], 1985.
- _____. *Dicionário de lingüística e gramática*. 21 ed., Petrópolis: Vozes [1977], 2000.
- CANÇADO, Márcia. O papel do léxico em uma teoria dos papéis temáticos. In: *DELTA*, São Paulo, 2000, n. 2, v. 16, p. 1-16.
- _____. Posições argumentais e propriedades semânticas. In: *DELTA*, São Paulo, 2005, n. 1, v. 21, p. 1-18.
- CART, A. et alii. *Gramática latina*. Tradução de SOEIRO, Maria Evangelina Villa Nova. São Paulo: Editora da USP, 1986.

CASTILHO, Ataliba. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, Maria Bernadete; RODRIGUES, Ângela (org.). *Gramática do português falado: novos estudos descritivos*. Campinas: UNICAMP, 2002. v. 8. p. 83-121.

CHAFE, Wallace L. *Meaning and the structure of language*. Chicago: The University of Chicago Press, 1970. Trad. NEVES, Maria Helena Moura et al. *Significado e estrutura lingüística*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

CHIERCHIA, Gennaro. *Semântica*. Tradução de Luis Arthur Pagani, Lúgia Negri e Rodolfo Ilari. Campinas: UNICAMP, 2003.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. *The sound pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

_____. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. *Readings in English transformational grammar*. Waltham, Massachusetts: Ginn & Co., 1970. p. 184-221.

_____. *Aspectos da teoria da sintaxe*. 2 ed., Coimbra: Armênio Amado, 1978.

_____. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

_____. *The minimalist program*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1995. Tradução de Eduardo Paiva Raposo. Lisboa: Caminho, 1999.

_____. Minimalist inquiries: the framework. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, n. 15. Cambridge: MITWL, 1998.

_____. Derivation by phase. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, n. 18. Cambridge: MITWL, 1999.

COMRIE, Bernard. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COSTA, Iara Bemquerer. Processos morfofonológicos na morfologia derivacional. In: ILARI, Rodolfo. (org.). *Gramática do português falado: níveis de análise lingüística*. Campinas: UNICAMP, 1993. v. 2. p.135-147.

COSTA, Sônia B. Borba. *O aspecto em português*. 2 ed., São Paulo: Contexto, 1997.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CRYSTAL, David. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DI SCIULLO, Anna-Maria. *Projections and interface conditions: essays on modularity*. Oxford: University Press, 1997.

_____. *Asymetry in morphology*. Cambridge: MIT Press, 2005a.

_____; SLABAKOVA, Roumyana. Quantification and aspect. In: VERKUYL, Henk; SWART, Henriette; VAN HOUT, Angeliek (eds.). *Perspectives on aspect*. Dordrecht: Springer, 2005b. p. 61-80.

DOWTY, David R. *Word meaning and Montague grammar*. Dordrecht: Reidel, 1979.

_____. Thematic proto-roles and argument selection. In: *Language*. Santa Barbara: Linguistic Society of América, v. 67, n. 3, 1991. p. 547-619.

DUARTE, Paulo Mosânio T. *A formação de palavras por prefixo em português*. Araraquara: UNESP, 1995. Tese de Doutorado.

DUBOIS, Jean. et alii. *Dicionário de lingüística*. 15 ed., São Paulo: Cultrix, 1991.

EMBICK, David. Features, syntax and categories in the Latin perfect. In: *Linguistic Inquiry*. Cambridge: MIT Press, 2000, v.31, n.2, p.185-230.

_____. Locality, listedness, and morphological identity. In: *Studia Linguistica*, Oxford: Blackwell Publishing, 2003, n. 57, p. 143-169.

_____. Architecture, primitives, vocabulary insertion. Buenos Aires, UBA Seminar on Distributed Morphology, 2004a. Handout.

_____. Roots and features. Buenos Aires, UBA Seminar on Distributed Morphology, 2004b. Manuscrito.

EMBICK, David. Linearization and local dislocation: derivational mechanics and interactions. Philadelphia: University of Pennsylvania. Draft of May 4, 2006. p. 1-22. Manuscrito.

_____;HALLE, Morris. *Word formation: aspects of the Latin conjugation in Distributed Morphology*. Cambridge: MIT Press, 2004a.

_____;HALLE, Morris. On the status of *stems* in morphological theory. Philadelphia: University of Pennsylvania e MIT, 2004b. p. 1-31. Manuscrito.

_____;MARANTZ, Alec. Architecture and blocking. University of Pennsylvania and New York University. Draft of February 25, 2007. p. 1-48. Manuscrito.

_____; NOYER, Rolf. Movement operations after syntax. In: *Linguistic Inquiry*, Cambridge: MIT Press, 2001. v. 32, n.4, p. 555-595.

_____; NOYER, Rolf. Distributed morphology and the syntax/morphology interface. In: RAMCHAND,G.; REISS, C. (ed.). *The Oxford handbook of linguistic interfaces*. Oxford: University Press, 2004. p. 1-27.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: MEC, 1967.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI*. 3 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. *Novo dicionário Aurélio eletrônico*. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA NETTO, Waldemar. *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo: Hedra, 2001.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; MIOTO, Carlos. Considerações sobre a prefixação. In: *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v.7, n.12, mar. 2009.

FILIP, Hana. Prefixes and the delimitation of events. In: *Journal of Slavic Linguistics*, n. 11 (1), 2003. p. 55-101.

_____. On accumulating and having it all: perfectivity, prefixes and bare arguments. In: VERKUYL, Henk; SWART, Henriette; VAN HOUT, Angeliek (eds.). *Perspectives on aspect*. Dordrecht: Springer, 2005. p. 125-148.

FURLAN, Oswaldo Antônio. *Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2006a.

_____. *Latim para o português: gramática, língua e literatura*. Florianópolis; UFSC, 2006b.

GAMARSKI, Lea. Condições de estruturação sintático-semântica da nominalização em contextos situacionais específicos. In: CASTILHO, A.T. *Gramática do português falado: as abordagens*. Campinas: UNICAMP, 1993. v.3. p. 373-382.

_____. Efeitos da morfologia sobre a estrutura argumental: adjetivos deverbiais em *-nte*. In: KOCH, Ingedore G.V (org.). *Gramática do português falado: desenvolvimentos*. Campinas: UNICAMP, 1996. v.6. p.393-413.

GODOI, Elena. *Aspectos do aspecto*. Campinas: UNICAMP, 1992. Tese de Doutorado.

GONZÁLEZ, Paz. *Aspects on aspect: theory and applications on grammatical aspect in Spanish*. Utrecht: LOT, 2003.

GRIMSHAW, Jane. *Argument structure*. Linguistic Inquiry Monographs. Cambridge: The MIT Press, 1990.

_____. Semantic structure and semantic content in lexical representation. In: *Words and structure*. Stanford: CSLI Publications, 2005.

HAEGEMAN, Liliane. *Introduction to Government and Binding Theory*. 2nd ed. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.

HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay. Aspect and the syntax of argument structure. Cambridge: MIT, p. 1-54. s/d. Manuscrito.

_____. KEYSER, Samuel Jay. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay (eds.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge: The MIT Press, 1993, cap. 2, p. 53-109.

_____; KEYSER, Samuel Jay. The basic elements of argument structure. In: HARLEY, Heidi (ed.). *Papers from the UPenn/MIT Roundtable on Argument Structure and Aspect. MIT Working Papers in Linguistics*. Cambridge: MIT Press, 1998. v. 32, p. 73-118.

HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay. Bound features, merge and transitivity alternations. In: *Papers from the UPenn/MIT Roundtable on the Lexicon. MIT Working Papers in Linguistics*. Cambridge: MIT Press, 1999, n. 35, p. 49-72.

_____; KEYSER, Samuel Jay. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: The MIT Press, 2002.

HALLE, Morris. Distributed morphology: impoverishment and fission. In: *Current issues in linguistic theory*. Philadelphia, 1997, v. 20, p.125-149.

_____; MARANTZ, Alec. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, Kenneth.; KEYSER, Samuel Jay (eds.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge: MIT Press, 1993, cap. 3, p. 111-176.

_____; MARANTZ, Alec. Some key features of distributed Morphology. In: *Papers on Phonology and Morphology. MIT Working Papers in Linguistics*. Cambridge: MIT Press, 1994, n. 21, p. 275-288.

HARLEY, Heidi. Denominal verbs and Aktionsart. In: *Papers from the UPenn/MIT Roundtable on the lexicon. MIT Working Papers in Linguistics*. Cambridge: MIT Press, 1999, n. 35, p. 73-85.

_____. On the causative construction. Tucson: University of Arizona, 2006. Manuscrito.

_____; NOYER, Rolf. Licensing in the non-lexicalist lexicon: nominalizations, vocabulary items and the encyclopaedia. In: HARLEY, Heidi (ed.). *Papers from the UPenn/MIT roundtable on argument structure and aspect. MIT Working Papers in Linguistics*. Cambridge: MIT Press, 1998. v. 32, p. 119-137.

_____; NOYER, Rolf. State-of-the-article: Distributed Morphology. In: *Glott International*, 1999. v. 4.

HECKLER, Evaldo et alii. *Estrutura das palavras: famílias, morfologia, análise, origem*. São Leopoldo: UNISINOS, 1994.

HOVAV, Malka Rappaport. Lexicalized meaning and the internal temporal structure of events, 2007. Manuscrito.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IGNÁCIO, Sebastião Expedito. Ação, agentividade e causatividade em estruturas oracionais de ação-processo. In: *Estudos Lingüísticos*, Araraquara: UNESP, 2007, n. 36, v. 1, p. 126-132.

_____. Verbos de processo: causatividade e consecutividade. In: *Estudos Lingüísticos*, Araraquara: UNESP, 2008, n. 37, v. 1, p. 259-266.

JACKENDOFF, Ray. *Semantic structures*. Cambridge: The MIT Press, 1990.

KATAMBA, Francis. *Morphology*. Houndmills: The Macmillan Press, 1993.

KRATZER, Angelika. Severing the external argument from its verb. In: ROORYCK, J.; ZARING, L. (eds.). *Phrase structure and the lexicon*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996. p. 109-137.

_____. Building statives. University of Massachusetts, 2000. Manuscrito.

LARSON, Richard K. On the double object construction. In: *Linguistic Inquiry*, 1988, n. 19. p. 335-391.

_____. Events and modification in nominals. In: STROLOVITCH, Devon; LAWSON, Aaron (eds.). *Proceedings from semantics and linguistic theory VIII*. Ithaca: CLC Publications, 1998. p. 145-168.

LEMLE, Miriam. Sufixos em verbos: onde estão e o que fazem. In: *Revista Letras*, Curitiba: UFPR, n.58, p.279-324, jul/dez. 2002.

_____. Entre a semântica e a sintaxe: explorações no léxico. Rio de Janeiro: UFRJ, s/d. Manuscrito.

_____. Arbitrariedade saussureana: saltos e sobressaltos. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Manuscrito.

LEVIN, Beth. *Objecthood: an event structure perspective*. *CLS* 35, v.1, 1999.

_____. Aspect, lexical semantic representation and argument expression. In: *Proceeding of the 26th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 2000.

_____; RAPPAPORT, Malka. *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.

LIN, Jimmy. *Event structure and the encoding of arguments: the syntax of Mandarin and English verb phrase*. MIT, 2004. Tese de Doutorado.

LONGO, L.S.C. *A negação morfológica em português*. Rio de Janeiro: PUCRJ, 1980. Manuscrito.

LYONS, John. *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: USP, [1968] 1979.

MARANTZ, Alec. *On the nature of grammatical relations*. Cambridge: The MIT Press, 1984. Linguistic Inquiry Monographs, n. 10.

_____. Clitics, morphological merger and the mapping to phonological structure. In: HAMMOND, M.; NOONAN, M. (eds.). *Theoretical morphology*. San Diego: Academic Press, 1988, cap. 14, p. 253-270.

_____. 'Cat' as a phrasal idiom: consequences of late insertion in Distributed Morphology. Cambridge: MIT Press, 1996. Manuscrito. p. 1-24.

_____. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRIADIS, A.; SIEGEL, L. et al. (eds.). *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*. Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium, v.4, n.2, p. 201-225, 1997a.

_____. Morphology: blocking. 1997b. Handout.

_____. Blocking. 1997c. Handout.

_____. Words. MIT, 2001. Manuscrito.

_____. Morphology today. MIT, 2002. Handout.

_____. Argument structure. MIT, 2003. Manuscrito.

_____. Objects out of the lexicon: objects as events. MIT, 2005a. Handout.

_____. Rederived generalizations. MIT, 2005b. Handout.

_____. Argument structure and morphology: noun phrases that name events. MIT, 2006a. Manuscrito.

_____. Fusion, fission, [multiple exponence], blocking, and the connection between morphological feature geometry within and between terminal nodes in the syntax. MIT, 2006b. Handout.

MARANTZ, Alec. Phases and words. New York University, 2007a. Manuscrito.

_____. Restitutive *re-* and the first phase syntax/semantics of the VP. MIT, 2007b. Handout.

MARVIN, Tatjana. *Topics in the stress and syntax of words*. Cambridge: MIT Working Papers in Linguistics, 2002. Doctoral Dissertation.

MATTHEWS, Peter Hugoe. *Morphology*: second edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

MCNALLY, Louise; BOLEDA, Gemma. Relational adjectives as properties of kinds. In: BONAMI, Olivier; HOFHERR, Patrícia (eds.). *Empirical issues in formal syntax and semantics*. 2004, p. 179-196. Disponível em: <http://www.cssp.cnrs.fr/eiss5>. Acessado em 15/04/2009.

MEDEIROS, Alessandro Boechat. *Traços morfossintáticos subespecificação morfológica na gramática do português*: um estudo das formas participiais. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Tese de Doutorado.

MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; LOPES, Ruth E. Vasconcellos. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

NOYER, Rolf. Impoverishment theory and morphosyntactic markedness. In: LAPOINTE, S.; BRENTARI, D.; FARREL, P. (eds.). *Morphology and its relation to syntax and phonology*. Stanford: CSLI, 1998. p. 264-285.

OLIVEIRA, Solange Mendes. *Derivação prefixal*: um estudo sobre alguns prefixos do português brasileiro. Florianópolis: UFSC, 2004a. Dissertação de Mestrado.

_____. Prefixação: um caso de derivação ou de composição? In: *Eletras*, Curitiba, 2004b, v. 8, p. 15-33.

_____. Os sufixos nominalizadores -ção e -mento. In: *Estudos Lingüísticos*, Araraquara, 2007a, n. 36, p. 87-96, v. 1.

_____. O sufixo nominal agentivo -dor/-tor/-sor: uma análise à luz da Morfologia Distribuída. In: *Eletras*, Curitiba, 2007b, v. 15, p. 1-12.

OLIVEIRA, Solange Mendes. O sufixo nominal agentivo -nte. In: *Revista de Letras*, Curitiba, 2007c, v. 9, p. 1-13.

_____. Os sufixos verbalizadores -e(ar) e -ej(ar). In: *Anais do VIII Encontro do CELSUL*, Pelotas: EDUCAT, 2008, p. 1-11.

OLTRA-MASSUET, Isabel. *On the notion of theme vowel: a new approach to Catalan verbal morphology*. Cambridge: MIT, 1999a. Doctoral Dissertation.

_____. On the constituent structure of Catalan verbs. In: *Papers on morphology and syntax, cycle one. MIT Working Papers in Linguistics*. Cambridge: MIT Press, 1999, n. 33, p. 279-322.

_____; ARREGI, Karlos. Stress-by-stress in Spanish. 2001. Manuscrito.
PARSONS, Terence. *Events in the semantics of English: a study in subatomic semantics*. Cambridge: MIT Press, 1994.

PESETSKY, David. Russian case morphology and the syntactic categories. Cambridge: MIT, s/d. p. 1-10. Manuscrito.

PFAU, Roland. *Features and categories in language production*. Frankfurt: Johann Wolfgang Goethe-Universität, 2000. Doctoral Dissertation.

PYLKKÄNEN, Liina. Causation and external arguments. In: *Papers from the UPenn/MIT Roundtable on the lexicon. MIT Working Papers in Linguistics*. Cambridge: MIT Press, 1999, n. 35, p. 161-183.

_____. *Introducing arguments*. MIT Working Papers in Linguistics, 2002. Doctoral Dissertation.

PUSTEJOVSKY, James. *The generative lexicon*. Cambridge: MIT Press, 1996.

_____. The syntax of event structure. In: *Cognition*. Waltham: Elsevier Science Publishers, 1991, n. 41, p. 47-81.

RAMCHAND, Gillian. *First phase syntax*. Oxford University, 2003. Manuscrito.

REZENDE, Leticia Marcondes. Nominalização e valores referenciais. In: *Estudos Lingüísticos*, Araraquara: UNESP, n. 36, v. 1, p. 234-240, 2007.

- RIO-TORTO, Graça Maria. *Fonética, fonologia e morfologia do português: conteúdos e metodologia*. Lisboa: Colibri, 1998.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 43 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- ROCHA, Luiz Carlos A. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- ROTHSTEIN, Susan. *Structuring events: a study in the semantics of lexical aspect*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8 ed. rev. e atual. São Paulo: Melhoramentos, 2001.
- SANDMANN, Antônio José. *Competência lexical*. Curitiba: UFPR, 1991.
- _____. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. 2 ed., Curitiba: UFPR, 1996.
- _____. *Morfologia geral*. 3 ed., São Paulo: Contexto, 1997.
- SCHER, Ana Paula. A estrutura de eventos e as construções com verbo leve (CVLS) do PB. In: CASTILHO, Ataliba et al. (orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes Editores, 2007.
- SILVA, Thais Cristóforo. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 6 ed., São Paulo: Contexto, 2002.
- SPENCER, Andrew. *Morphological theory: an introduction to word structure in generative grammar*. Oxford: Blackwell, 1991.
- TEDESCHI, Philip; ZAENEN, Annie (eds). *Syntax and semantics: tense and aspect*. New York: Academic Press, 1981. v. 14.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 3 ed., Uberlândia: EDUFU, 1994.
- TRAVIS, Lisa. Event structure in syntax. In: TENNY, Carol; PUSTEJOVSKY, James (eds). *Events as grammatical objects: the converging perspectives of lexical semantics and syntax*. Stanford: CSLI Publications, 2000. p. 145-185.

VAN HOUT, Angeliek. Event semantics in the lexicon-syntax interface: verb frame alternations in Dutch and their acquisition. In: TENNY, Carol; PUSTEJOVSKY, James (eds.). *Events as grammatical objects: the converging perspectives of lexical semantics and syntax*. Stanford: CSLI Publications, 2000.

_____; ROEPER, Thomas. Events and aspectual structure in derivational morphology. In: HARLEY, Heidi (ed.). *Papers from the UPenn/MIT roundtable on argument structure and aspect. MIT Working Papers in Linguistics*. Cambridge: MIT Press, 1998, v. 32, p. 175-198.

VENDLER, Zeno. *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, 1967.

VERKUYL, Henk J. *A theory of aspectuality: the interaction between temporal and atemporal structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

_____. *Aspectual issues: studies on time and quantity*. Stanford: CSLI Publications, 1999.

_____. Aspectual composition: surveying the ingredients. In: VERKUYL, Henk; SWART, Henriette; VAN HOUT, Angeliek (eds.). *Perspectives on aspect*. Dordrecht: Springer, 2005a. p. 19-39.

_____.; VAN HOUT, Angeliek; SWART, Henriette. Introducing perspectives on aspect. In: VERKUYL, Henk; SWART, Henriette; VAN HOUT, Angeliek (eds.). *Perspectives on aspect*. Dordrecht: Springer, 2005b. p. 1-17.

WACHOWICZ, Teresa Cristina; FOLTRAN, Maria José. Sobre a noção de aspecto. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas: UNICAMP, 2007. v.2, n. 48, p. 211-231.

WILLIAMS, Edwin. Remarks on lexical knowledge. In: *Língua*, Princeton, n. 92, 1994, p. 7-34.

_____. Dumping lexicalism. Princeton University, 2004. Manuscrito.

_____. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. 7 ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, [1938] 2001.